

**Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-graduação em Cultura Visual/ Mestrado**

Quem sou eu

Autorrepresentações de travestis no orkut

[Aline Soares Lima]



Goiânia – Goiás
2009

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-graduação em Cultura Visual/ Mestrado

Quem sou eu
Autorrepresentações de travestis no orkut
Aline Soares Lima

Dissertação apresentada à banca examinadora da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Cultura Visual, sob orientação da Profa. Dra. Rosana Horio Monteiro.

Goiânia - Goiás
2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(GPT/BC/UFG)

Lima, Aline Soares.
L732q Quem sou eu [manuscrito]: autorrepresentações de travestis no
orkut / Aline Soares Lima. – 2009.
196f.: il., color., figs.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosana Horio Monteiro.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Fa-
culdade de Artes Visuais, 2009.

Bibliografia: f. 181-186.
Inclui índice de imagens.
Anexos.

1. Arte – Antropologia social 2. Cultura visual 3. Representação -
Gênero 4. Sexualidade 5. Travestis – Representações 6. Identidade I.
Título.

CDU: 396:7

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-graduação em Cultura Visual/ Mestrado

Quem sou eu
Autorrepresentações de travestis no orkut
Aline Soares Lima

Dissertação defendida em 07 de julho de 2009.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Rosana Horio Monteiro – FAV / UFG
Orientadora e Presidente da Banca

Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy – UFPA
Membro Externo

Prof. Dr. Raimundo Martins – FAV/ UFG
Membro Interno

Prof. Dr. Luiz Mello de Almeida Neto – FCHE/ UFG
Suplente do Membro Externo

Profa. Dra. Irene Tourinho – FAV/ UFG
Suplente do Membro Interno

À Maria Helena Soares Lima.

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-graduação em Cultura Visual pela possibilidade de ampliar conhecimentos e aprofundar meus estudos com o desenvolvimento da presente pesquisa. Aos professores do mestrado, por proporcionar a aproximação com teorias e assuntos tão instigantes e inquietantes que despertaram complexas e infindáveis reflexões capazes de tirar-me definitivamente da zona de conforto. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos.

Agradecimentos especiais à minha orientadora, professora Dra. Rosana Horio Monteiro, pelas orientações precisas e pela liberdade que me deu para buscar um caminho investigativo e construir uma linha de reflexão.

À Alzira, sempre tão simpática, prestativa e atenciosa.

Aos meus colegas de mestrado pelas discussões formais em sala de aula e as conversas informais que acabavam sempre virando boas contribuições para meus estudos. Às amigas Bárbara e Renata que compartilharam a jornada e as angústias.

Ao professor Dr. Luiz Mello pela valiosa contribuição em meu trabalho, sugerindo leituras, apontando equívocos e fazendo este estudo crescer, sobretudo pela sua participação na qualificação. Ao professor Dr. Raimundo Martins pelas críticas e olhares que ajudaram a construir esse trabalho mesmo antes de sua participação na qualificação.

Aos colegas de departamento da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG, pelo apoio, principalmente à professora Dra. Maria Luiza Mendonça, pelas palavras de incentivo e pela generosidade de sempre. Aos alunos e alunas pelo interesse em aprender e ensinar e por despertar em mim a cada dia a vontade de estudar, especialmente ao Vinícios Kabral, que pelas afinidades de interesses e pesquisas tornou-se um amigo.

Ao Ser-tão – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade da UFG, pela receptividade de tod@s, pela oportunidade de discutir assuntos tão complexos e sofisticados, e por me proporcionar a possibilidade de conhecer pessoas fundamentais para esse estudo.

À fotógrafa Simone Moralis pelas informações, presteza e interesse em participar desse estudo, e às t-gatas Danny e Carol que participaram diretamente dessa pesquisa com contribuições inestimáveis.

Às minhas amigas “mais que lindias” Ana Luiza e Sussy, ao Rildo e à Lilian, amigos sempre presentes, e a tod@s que tornaram essa jornada mais leve.

Ao meu companheiro Thiago Martins pelo interesse, críticas e questionamentos que sempre despertavam em mim a vontade de ao menos tentar responder, por me escutar sempre e tanto durante todos esses longos meses, pela compreensão, pelo amor e incentivo que me trouxeram serenidade para percorrer esse caminho.

Às minhas irmãs Fabrícia e Helany pelo apoio e amor incondicional e por compreenderem minhas constantes ausências e irritações, aos meus sobrinhos que dão graciosidade e leveza à vida, e em especial à minha mãe Maria Helena, por me fazer querer ser quem sou hoje.

Ao leitor ou leitora que por acaso se aventure pelas páginas despretensiosas que se seguem, e a tod@s aqueles que, sem saber, ajudaram a escrever cada uma dessas linhas.

**“una [persona] es más auténtica cuanto más
se parece a lo que ha soñado de sí misma”.**

Agrado, em “Tudo sobre mi madre”.

Esse estudo investiga as autorrepresentações de travestis no orkut e os elementos constitutivos de suas (ciber)identidades, tendo como foco e eixo determinante a sua visualidade. Para isso, a ênfase é dada aos retratos e autorretratos, presentes nos álbuns de seus perfis no site. Interessa-nos entender qual é a imagem que constroem de si a partir de reconstruções corporais, de formulações estéticas, vestimentas, cenários, performances e de toda uma rede de significação simbólica que para elas importa. O orkut, assim como tantos outros ambientes de sociabilidade na internet, comporta discursos e narrativas de indivíduos e grupos sociais que se descrevem, se identificam e se autorrepresentam das mais variadas maneiras e com os mais diversos objetivos e interesses. Para compreender como se constituem as autorrepresentações de travestis no orkut, investigou-se inicialmente algumas comunidades com temática trans, selecionando-se em seguida os perfis de duas travestis, com as quais foram realizadas também entrevistas. Embora esse estudo focalize as autorrepresentações presentes no orkut, outros ambientes no ciberespaço foram pesquisados, como blogs e sites de travestis, para estabelecer um diálogo mais abrangente. Assim, o que se pode perceber é que há uma pluralidade de existências e representações possíveis das travestilidades, diferentemente do que as representações estereotípicas, estigmatizantes e marginalizantes, provenientes de distintas instituições sociais, sobretudo das mídias, podem fazer crer.

Palavras-chave: cultura visual, gênero, sexualidade, autorrepresentações e travestilidades.

Abstract

This study investigates the self representations of transvestites in orkut and constitutive elements of their (cyber)identities, having the visuality as the focus and determinant axis. For this, the emphasis is given to pictures and self portraits, present in albums of their profiles on the site. We are interested in understanding what is the image they construct of themselves from physical reconstructions, aesthetic formulations, costumes, scenery, performances and a whole network of symbolic meaning which is important for them. Orkut, like many other social environments of the internet, comprehends speeches and narratives of individuals and social groups that describe, identify and represent themselves of the most varied ways and with the most diverse goals and interests. In order to understand how the self representations of transvestites are built on orkut, it was investigated initially some communities with trans thematic, then it was selected the profiles of two transvestites, with whom interviews were also conducted. Although this study focuses on the self representations in the orkut, other environments in cyberspace have been researched, as blogs and sites for transvestites. We conclude that there are multiple ways to represent transvestitely, not just the stereotypical, stigmatized and marginalized representations widespread by the media.

Keywords: visual culture, gender, sexuality, self representation, transvestitely.

Sumário

Lista de Imagens	02
Introdução	04
 Capítulo 1	
The outsiders: sobre a identidade travesti	14
Algumas reflexões sobre corpos, gêneros e sexualidades	14
Meninas de um lado, meninos do outro. E eu? Sobre cruzar fronteiras	27
Não se nasce mulher, torna-se travesti. Aproximações entre o queer o camp	36
 Capítulo 2	
Nos palcos e nas ruas: as imagens da travestilidade no cotidiano social	43
Olhares sobre as travestilidades	43
Nos palcos: do corpo espetacular entre plumas e paetês	50
Um close em Roberta	60
Entre a ficção e a vida real	66
Nas ruas: das bonecas e dos centauros urbanos	72
 Capítulo 3	
As representações do eu nas tramas do ciberespaço	80
Representações e autorrepresentações: da cultura da mídia à cibercultura	80
Representações do eu em comunidades virtuais e weblogs	86
O blog das bonecas	91
Nas calçadas do ciberespaço	99
As comunidades trans do orkut	107
 Capítulo 4	
Autorrepresentações de travestis no orkut: entre perfis, álbuns, retratos e autorretratos	118
Autorrepresentações: imagens e representações de si em retratos e autorretratos	118
Quem sou eu: os perfis	125
Quem é Dany Super	134
Quem é simply carol * : D	139
Os álbuns de retratos e autorretratos	143
Retratos e autorretratos: reincidências e representações possíveis	156
 Considerações finais	 177
Referências Bibliográficas	180
Glossário	190
Anexos	191

Lista de Imagens

Figura 1. Dança de hombres vestidos de mujer, Peru, 1782.	45
Figura 2. Laura de Vison ou Norberto David	55
Figura 3. Revista Playboy, edição especial: Ano 15, nº 177B, 1989.	60
Figura 4. Anúncio Duloren Roberta Close	62
Figura 5. Revista Manchete, edição nº 1698, 03 de novembro de 1984	63
Figura 6. Telma Lip	64
Figura 7. Rogéria	65
Figura 8. Sarita Vitti e Dona Roma	66
Figura 9. Anúncio da marca Bom Bril, uma sátira do caso Ronaldo	69
Figura 10. Revista Veja, edição nº 2059, 07 de maio de 2008	69
Figura 11. Rubi Navarro, A Trava Anã	74
Figura 12. Revista Travestis, edição nº 29, ano VI	75
Figura 13. Revista Transex, edição nº 01, ano I	75
Figura 14. Descrição de Angélica Castro	92
Figura 15. Blog de Angélica Castro	92
Figura 16. A boneca dos famosos	93
Figura 17. Camilla de Castro	94
Figura 18. Bárbara Kysivics em fotos para o seu blog	96
Figura 19. T-lovers famosos	97
Figura 20. Comunidade do orkut Fórum dos Hormônios	99
Figura 21. Site <i>Bananatrans</i>	101
Figura 22. Vitrine de modelos, <i>Bananatrans</i>	102
Figura 23. Home <i>Travesti Total</i>	103
Figura 24. Home <i>Bananatrans</i>	104
Figura 25. Ensaios Fotográficos de Simone Moralis para o site <i>Bananatrans</i>	106
Figura 26. Comunidade de Angélica Castro no orkut	108
Figura 27. Comunidade Travestis do orkut	109
Figura 28. Comunidade Transexuais	111
Figura 29. Comunidade Viciados em Travestis	113
Figura 30. Tópicos da Comunidade Travestis do orkut	114
Figura 31. Comunidade Homens que gostam de travestis	115
Figura 32. Comunidades Sou travesti, mas não sou puta	116
Figura 33. Perfil Social de Bárbara Kysivics	127
Figura 34. Perfil Profissional de Bárbara Kysivics	127
Figura 35. Perfil pessoal de Bárbara Kysivics	128
Figura 36. Página de recados de Bárbara	128
Figura 37. Depoimentos de Bárbara	129
Figura 38. Qualificações do perfil	129
Figura 39. Comunidades do perfil	129
Figura 40. Vídeos de Bárbara	130
Figura 41. Perfil público de Bárbara Kysivics	132
Figura 42. Descrição do perfil de Bárbara	132
Figura 43. Perfil “impróprio”	132
Figura 44. Página de aviso do orkut	132
Figura 45. Perfil com retrato de identificação impróprio	132
Figura 46. Perfil de Bárbara	133
Figura 47. Perfil de Dany	135
Figura 48. Perfil profissional de Dany	137
Figura 49. Comunidades de Dany	137
Figura 50. Retrato do perfil de Dany	138
Figura 51. Perfil de Carol	139

Figura 52. Retratos do perfil de Carol	141
Figura 53. Álbum de Bárbara Kysivics no orkut	145
Figura 54. Álbum “Novo Visual”	146
Figura 55. Álbum “Famosos”	146
Figura 56. Álbum “Trabalho”	147
Figura 57. Álbum “Eu”	147
Figura 58. Álbum do perfil público de Bárbara	148
Figura 59. Comentários do álbum de Bárbara	148
Figura 60. Comunidade de Bárbara, depoimentos sobre programas sexuais	150
Figura 61. Álbum de Dany	151
Figura 62. Retratos do álbum de Dany	152
Figura 63. Álbum de Carol	153
Figura 64. Retratos do álbum de Carol	154
Figura 65. Lovefoxx, semelhanças físicas com Carol	155
Figura 66. Os retratos de Bárbara Kysivics	156
Figura 67. O meio perfil de Bárbara Kysivics	157
Figura 68. Retratos do perfil pessoal de Bárbara Kysivics	157
Figura 69. Retratos do perfil público de Bárbara Kysivics	158
Figura 70. Bárbara comenta o desagrado com o corte de cabelo	159
Figura 71. Retratos de travestis no orkut, destaque para a bunda	160
Figura 72. Socializações das transformações corporais	160
Figura 73. A construção da aparência feminina e o desejo por ficar “gostosa”	161
Figura 74. A busca pelos padrões estéticos de beleza	162
Figura 75. Retratos de viagens: Campos de Jordão e Petrópolis	163
Figura 76. Retratos de ostentação: refinamentos à mesa	164
Figura 77. Retratos de ostentação: fundos suntuosos	164
Figura 78. Retratos em quartos de dormir	165
Figura 79. Trajes sumários: invocando o <i>sex appeal</i>	165
Figura 80. Bárbara: vida social agitada	165
Figura 81. Retratos fotográficos profissionais	166
Figura 82. Retratos fotográficos amadores	166
Figura 83. Os retratos de Dany	167
Figura 84. Retratos de Dany: destaque para a bunda	168
Figura 85. Poses para ressaltar a feminilidade	168
Figura 86. Mãos nos cabelos: repertório gestual feminino	169
Figura 87. Retratos de Dany, moça de família	169
Figura 88. Dany, protagonista e tema de seus retratos	170
Figura 89. O sorriso de Dany	171
Figura 90. Os retratos de Carol	171
Figura 91. Retratos de Carol: poses encenadas e referências da moda	172
Figura 92. Retratos em preto e branco	173
Figura 93. Destaque para o rosto	173
Figura 94. Retratos de festas	174
Figura 95. Retratos em clima de ostentação	174
Figura 96. Retratos encenados	175
Figura 97. Vestidos de noivas	176
Figura 98. Bárbara, Dany e Carol	179

A história da travestilidade² na sociedade brasileira é marcada pela significativa presença de transformistas e travestis nas calçadas noturnas das cidades, mas também, e com grande ênfase, nos palcos de espetáculos teatrais, eventos culturais e em casas de shows, sobretudo a partir da década de 1950. Entre 1980 e 1990, alguns programas de televisão de grande audiência em rede nacional tinham a participação constante de travestis e transformistas, e nos últimos anos a representação de travestis na mídia tem sido recorrente, com a presença de personagens *trans* em telenovelas, filmes, seriados de televisão, humorísticos, além da participação de travestis em programas de auditório ou na pauta dos jornais. E é, sobretudo, “a partir dessas travestis que se expõem, seja na rua, seja no palco, que a sociedade mais abrangente toma contato e lida com o fenômeno” (SILVA, H., 2007, p.29).

Embora seja possível registrar a presença de indivíduos transgêneros em vários países e em diferentes continentes e períodos históricos, a forma singular como a travestilidade se configura parece ser um fenômeno particularmente latinoamericano e, como observa Kulick (2008), em nenhum outro lugar a existência de travestis é tão numerosa e conhecida quanto no Brasil, sobretudo a partir da década de 1980.

O termo “travesti” remete imediatamente ao movimento transitório e farsesco de um gênero para o outro pelo ato de vestir-se com trajes típicos do sexo oposto. E é justamente devido à visualidade ambígua (ou seria híbrida?) de um feminino construído a partir de um corpo biologicamente masculino – desconstruído para ser reconstruído com aparatos, artifícios e elementos simbólicos e materiais convencionados femininos – que a travestilidade permeia a esfera da cultura e do cotidiano com uma imagem estigmatizada e degenerada.

Seres bizarros, exóticos, performáticos, centauros urbanos, aberrações, corpos-fetice reificados pelo sexo, macho-fêmeas, homens desavergonhados, pervertidos. Entre a imagem espetacularizada, risível ou erotizada, e marginalizada, são inúmeras as designações predispostas por discursos preconceituosos, generalizados e generalizantes, formulados com o argumento da naturalização da coerência entre corpo-sexuado e gênero, e por normas sexuais

² É adotado o termo travestilidade em vez de travestismo para distanciar a discussão das teorias patologizantes dos “ismos”. Da mesma forma, o substantivo travesti é empregado como pertencente ao gênero gramatical feminino, concordando com autores que o fazem em respeito às reivindicações dos movimentos organizados de travestis e transexuais como meio de valorizar e fortalecer, material e subjetivamente, o processo de construção do feminino.

e de gênero binárias e normalizadoras para um grupo plural, complexo e heterogêneo em suas formulações simbólicas.

As travestis imprimem em seus corpos a marca da subversão ao cruzar a fronteira dos gêneros e das sexualidades normatizadas e “legítimas”, fixando-se desse modo às margens que as segregam, pois toda a esfera social está imbricada por uma série de fatores culturais estabelecidos historicamente e que acabam por determinar o que deve ser aceito ou rejeitado. O imaginário popular sobre as travestis e o seu conhecimento e reconhecimento social parece ser, portanto, significativamente determinado pela transgressão de certos valores culturais que instituem e constituem a sua existência e imagem, em suma: corpos, gêneros e sexualidades dissidentes da lógica dominante, a lógica heteronormativa³. Assim, as travestis são comumente associadas à criminalidade, violência e perigo, e à anormalidade e exotismo, o que acaba por estabelecer espaços delimitados para sua permanência, restringindo, muitas vezes, a sua existência à marginalidade – como se esse fosse o espaço natural, ou o único possível, para sua existência “pervertida” – e sua representação ao estereótipo espetacularizado, risível ou erotizado.

Sob essa perspectiva, as noções que se têm de gênero e sexualidade são bastante pontuadas pela força das representações, entendidas como construções simbólicas e sistemas visuais historicamente constituídos e formulados através de mecanismos ideológicos capazes de apresentar, reproduzir e sedimentar uma determinada versão de realidade instituída a partir de uma visão de mundo fundamentalmente patriarcal e heteronormativa, pautando, assim, a existência social. Para Pesavento (2003), as representações, constituídas por normas e instituições sociais e expressas por códigos verbais e visuais, são construções históricossociais capazes de restringir e moldar as visões de mundo, assim como a maneira de perceber e conceber os indivíduos, a sociedade e a vida cotidiana, e conformar valores estéticos, éticos e morais, produzindo significados através dos quais podemos dar sentido às nossas experiências individuais e coletivas. Desse modo, pode-se dizer que as representações – presentes nas mídias de massa, nas artes e nas instituições sociais, como religião, escola e família –, têm o poder de instituir, reproduzir e assegurar a permanência de certas normas sociais e padrões culturais, fundamentando um olhar sobre o mundo, moldando a percepção e a compreensão

³ A heteronormatividade baseia-se na concepção binária do sexo, como acena Louro (2004), tomado como algo “dado” naturalmente, independente da cultura, limitando a concepção de gênero e de sexualidade, e tornando a heterossexualidade um destino inexorável, ou seja, a forma compulsória de sexualidade. Desse modo, institui-se e reitera-se historicamente a coerência e continuidade entre corpo/gênero/sexualidade, estabelecendo uma lógica dominante.

dos indivíduos sobre grupos e aspectos sociais, e determinando o modo como essa visão de mundo dialoga com as diferenças e estabelece relações de poder formuladas a partir de discursos hegemônicos capazes de definir o comportamento social.

Considerando que as representações dominantes, que seguem os padrões hegemônicos dos gêneros, das sexualidades e das identidades legítimas e normatizadas, são as que circulam nos espaços midiáticos oficiais – na mídia de massa e em seus produtos culturais, como telenovelas, filmes, publicidade, programas de televisão, revistas, jornais –, que têm grande abrangência e poder de penetração nas mais diversas esferas sociais, torna-se pertinente investigar os espaços tidos como não-oficiais para circulação de representações alternativas, e como estas se configuram. Nesse sentido, as novas tecnologias de comunicação e informação e os fenômenos culturais e sociais que se instauram a partir destas podem ser considerados fatores cruciais para que as representações formuladas a partir de discursos que fogem à lógica dominante das representações circulem e ganhem, então, visibilidade social. É nesse sentido também que o surgimento e popularização da internet se constitui como um marco fundamental para a criação desses espaços.

Assim, pode-se entender que a internet e o ciberespaço, em seus mais distintos ambientes, tornam acessíveis a produção e circulação de representações plurais, dando visibilidade a distintas experiências individuais, histórias de vida e visões de mundo articuladas a partir de imagens e escritas de si.

Os ambientes de sociabilidade virtual e as redes sociais presentes no ciberespaço, como blogs, fotologs, chats e sites de relacionamento⁴, comportam de modo “democrático”⁵ uma multiplicidade de discursos e representações, e um desses ambientes, que virou uma verdadeira epidemia no Brasil, é o orkut⁶, a maior rede de relacionamentos existente atualmente no país. A interface do orkut possibilita, com as ferramentas oferecidas em seu

⁴ Os blogs ou weblogs são páginas da web que permitem constante e rápida atualização pela sua estrutura. São uma espécie de diário virtual público, no qual pode-se abordar diferentes assuntos, incorporando textos, imagens e vídeos. Os fotologs são diários fotográficos, ou seja, são páginas criadas especialmente para publicação de imagens. Os chats são salas de bate-papo coletivas com conversação em tempo real, e os sites de relacionamento são comunidades virtuais e espaços de sociabilidade coletivos no ciberespaço.

⁵ Embora na segunda metade da década de 1990 o Brasil tenha vivido o grande “boom” da internet, e uma década depois se fale muito em inclusão digital, é importante destacar que ainda há uma considerável parcela da população brasileira que não tem acesso a computadores ou à internet. Contudo, a estimativa de que hoje há cerca de um computador para cada três habitantes, atingindo a marca de 60 milhões de máquinas em uso é positiva. Fonte: http://olhardigital.uol.com.br/digital_news/noticia.php?id_conteudo=8280

⁶ O orkut é uma plataforma de sociabilidade virtual, uma rede de relacionamentos coletiva. O nome do site é uma referência ao seu criador e, apesar de ser um nome próprio, a identidade visual do site foi desenvolvida com a inicial em letra minúscula e assim também será escrito aqui. Esse tema será retomado nos capítulos 3 e 4, quando se discutirá as comunidades virtuais e a configuração dos perfis dos usuários no site.

sistema, a construção de ciberidentidades, formuladas a partir da concordância, ou não, com as identidades offline, estabelecendo complexos diálogos entre o real e o virtual, entre a vida online e offline, entre realidade e ficção. O orkut se configura como uma tecnologia mediadora de imagens e discursos, e um terreno de questionamentos e problematizações e campo de interesse crescente para os pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento, particularmente pelo modo como tem se popularizado e se tornado parte do cotidiano de milhares de pessoas de diferentes perfis sociais.

Ao se registrar no orkut, os usuários criam perfis pessoais para interagir com outros usuários e participar das comunidades e fóruns de discussão que agrupam membros por afinidades de interesses. Entre uma infinidade de imagens e textos publicados em perfis e comunidades, o orkut comporta discursos e narrativas de indivíduos e grupos sociais que se descrevem, se identificam e se autorrepresentam das mais variadas maneiras e com os mais diversos objetivos e interesses.

Tendo isso em vista, esse estudo tem como proposta investigar as representações de travestis no orkut, entendidas nesse trabalho como autorrepresentações, pois elas as formulam espontaneamente a partir de aspectos materiais e subjetivos capazes de identificá-las, definindo o modo como desejam ser visualizadas e visibilizadas. Assim, são abordados nessa pesquisa as autorrepresentações de travestis no orkut e os elementos constitutivos de suas (ciber)identidades, tendo como foco e eixo determinante a visualidade – a imagem que constroem de si a partir de reconstruções corporais, de formulações estéticas, vestimentas, cenários, performances e de toda uma rede de significação simbólica que para elas importa. Para isso, dá-se ênfase às imagens, mais precisamente aos retratos e autorretratos presentes nos álbuns de seus perfis no orkut.

Paralelamente à pesquisa com os retratos e autorretratos, também são considerados as escritas e narrativas de si, legendas, depoimentos e diálogos publicados pelas travestis no orkut, ainda que o interesse maior recaia sobre as imagens. Ao observar os seus mecanismos de autorrepresentação e construção de autoimagem, deve-se atentar para uma possível concordância com as representações dominantes presentes nas diferentes esferas sociais, e em que medida estas são reiteradas ou apresentam novos discursos que fujam à lógica hegemônica das representações, dos gêneros e das sexualidades, lógica essa que dispõe de rígidos modelos e performances de feminilidade e masculinidade, anormalizando tudo e todos que estejam fora dessa ordem.

Para que se pudesse compreender a sistemática do orkut e ter uma visão mais ampla sobre as utilizações que as travestis fazem do site, realizou-se inicialmente uma pesquisa exploratória em busca de comunidades com temáticas trans para a partir daí identificar aspectos relevantes para a seleção de perfis à serem investigados. Desse modo, várias comunidades foram visitadas e observadas até que se chegasse aos critérios que delimitaram a escolha dos perfis. Por questões práticas para o desenvolvimento da pesquisa, optou-se por trabalhar em profundidade com dois perfis específicos, ainda que outros sejam utilizados para abordar e problematizar questões que apenas estes não abrangem. Depois de selecionados os perfis, foi estabelecido contato pessoal com as travestis para a realização de entrevistas em que se pudesse discutir suas autorrepresentações e buscar diálogos capazes de problematizar as diferentes representações presentes em outros perfis e no universo do orkut como um todo. Depois de investigar vários perfis de travestis no orkut, decidiu-se por estudar em profundidade dois perfis, o de Dany e o de simply carol * : D⁷. Os perfis foram definidos tendo em vista os seguintes aspectos: a localização geográfica, privilegiando-se os perfis de Goiânia e regiões próximas; a constância de acessos das travestis ao orkut; e o interesse das travestis em participar desse estudo. Conforme poderá ser observado nos capítulos iniciais, percebeu-se certa predominância de perfis de travestis com uma conotação sexual, destacando a sensualidade e a eroticidade em suas autorrepresentações, assim para que fosse possível discutir e dar visibilidade também a outras formas de representação e autorrepresentação optou-se por priorizar na investigação os perfis de travestis que não atuam no mercado sexual, embora os perfis de travestis profissionais do sexo sejam também abordados aqui, pois é impossível desconsiderar a relevância e a significação de sua predominância. Além disso, há uma série de questões que apenas os perfis de Danyelle e de simply carol * : D não são capazes de abranger. Nessa perspectiva, outros perfis serão abordados sempre que preciso para dar suporte às discussões.

Ao adentrar especificamente nas plataformas de sociabilidade virtual durante o desenvolvimento desse estudo, percebeu-se a importância, para a questão proposta, de investigar outros ambientes no ciberespaço. Desta forma, ainda que o foco recaia sobre o orkut, pesquisar outros sites, blogs e fotologs de travestis no orkut – como os blogs de Bárbara Kysivics e Angélica Castro – foi imprescindível para uma compreensão mais abrangente e aprofundada sobre como se constituem as autorrepresentações de travestis no orkut, e relevante até mesmo para estabelecer diálogos plurais e mais férteis. Além disso,

⁷ O uso de elementos gráficos para construir um sentido ou simbolizar algo é bastante utilizado na internet.

como será discutido, as restrições nas diretrizes do orkut limitam muitas vezes o modo como os indivíduos podem configurar suas autorrepresentações no site.

Sobre as questões éticas de revelar “quem sou eu”

Descrever-se e autorrepresentar-se implica em alguma medida em se identificar, se expor. Por isso, pensar nas questões éticas que envolvem e orientam esse trabalho é fundamental, e como a socióloga Larissa Pelúcio (2007) fez notar em sua tese, as exigências éticas são da ordem moral, mas também burocráticas. Assim, para que essa pesquisa pudesse ser desenvolvida foi necessário um parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, assegurando a proteção dos sujeitos participantes. O Comitê de Ética analisa a proposta do estudo e averigua, de acordo com as informações prestadas pelos pesquisadores, se há riscos, morais e físicos, aos quais os grupos envolvidos podem estar sujeitos, buscando preservar os seus direitos e os princípios capazes de garantir a total integridade dos participantes, acenando ainda para os benefícios que podem ser gerados.

Como foi percebido por Pelúcio, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLCE), documento que os sujeitos que aceitam participar da pesquisa devem assinar afirmando a ciência e o consentimento sobre uso das informações que serão fornecidas, algumas vezes parece mais constrangedor do que esclarecedor, podendo representar em alguns casos, como sinaliza Benedetti (2005 apud PELÚCIO, 2007), mais uma violência simbólica a oprimir as pessoas em estudo do que uma garantia de integridade, como acontece com grupos sociais pouco letrados ou em situação econômica precária, com poucas informações sobre procedimentos científicos ou reivindicações de direitos. Algumas vezes a assinatura parece ter um peso mais comprometedor para os sujeitos da pesquisa do que as informações que fornecem, não sendo raro gerar desconfiança em vez de confiança.

Seguindo as regras institucionais, e tendo em vista os objetivos aqui propostos, as travestis participantes foram suficientemente esclarecidas sobre as questões que envolvem e orientam essa pesquisa, e agindo em conformidade com as indicações do Comitê de Ética, as travestis diretamente envolvidas declararam consentir o uso do conteúdo das entrevistas, das imagens e dos textos publicados em seus perfis no orkut.

A sugestão do Comitê era de que as participantes não fossem identificadas, e que fossem usados codinomes e tarjas sobre seus rostos caso a pesquisa oferecesse algum risco à sua integridade moral. Contudo, considerando que as duas travestis que tiveram seus perfis investigados em profundidade e foram entrevistadas não reivindicaram o sigilo ou anonimato,

pelo contrário, concordaram plenamente com a exposição de suas imagens, indicando total compreensão da proposta desse estudo, não houve qualquer interferência para descaracterizá-las, pois elas avaliaram a partir do material coletado e das frequentes conversas sobre o desenvolvimento da pesquisa que nenhum dano moral seria oferecido.

No entanto, como já apontado, apenas esses dois perfis não abrangem todas as questões que envolvem e permeiam as problematizações a serem discutidas, e para não infringir as disposições do Comitê de Ética os demais perfis utilizados terão a identidade das travestis ocultada – pois em muitos casos utilizou-se de outros perfis apenas material suficiente para discutir ou corroborar alguma pontuação específica, não havendo contato com a travesti – embora se admita que alterar as imagens pode, em alguma medida, interferir na investigação.

Uma outra questão ética que envolve a presente pesquisa e que transcende o parecer institucional se refere ao uso de imagens da internet. Ao publicar conteúdos na internet, os usuários consentem sua circulação, de acordo com os termos de uso de cada provedor ou servidor da internet, não sendo possível controlar ou restringir os conteúdos, pois se tornam de uso público. Isso pode ser visto, por exemplo, nos termos de uso do Blogger, um dos principais provedores para a criação de blogs no Brasil:

2. Uso apropriado: você concorda em responsabilizar-se por seu próprio uso do Serviço, por quaisquer postagens que fizer e por quaisquer consequências delas⁸.

Desse modo, fica a cargo do usuário que publica os conteúdos a responsabilidade sobre seu uso por terceiros, e também cabe a ele licenciar o conteúdo. Embora a legislação de direitos autorais normatize o uso de conteúdos, a legislação específica e ampla para a internet brasileira ainda está se consolidando, com ênfase atualmente nos crimes virtuais, como pirataria e pedofilia.

Os dois blogs – de Bárbara Kysivics e Angélica Castro – investigados nesse estudo são de travestis que têm uma vida pública, são famosas por atuarem em filmes pornô e aparecerem com certa frequência nas mídias de massa, além de serem consideradas no mercado sexual, travestis tops, sendo assim conhecidas e reconhecidas. A identidade delas é revelada aqui por considerá-las personagens emblemáticas para a atualidade das discussões sobre as representações e autorrepresentações de travestis em ambientes virtuais, além disso, os conteúdos publicados não são sigilosos nem confidenciais, não havendo também licenciamento.

⁸ Fonte: <http://www.blogger.com/terms.g>

Caminhos investigativos e perspectivas teóricas

Quem sou eu? é a pergunta que os usuários do orkut respondem ao preencherem seus cadastros e se descreverem em seus perfis. E é a partir daí que se inicia o processo de autorrepresentação das travestis, e para que se possa compreender e abarcar toda a complexidade que essa pergunta envolve, é necessária uma fundamentação teórica interdisciplinar capaz de relacioná-la criticamente a um contexto sociocultural e histórico.

Assim, no primeiro capítulo são realizadas algumas teorizações e reflexões sobre corpos, gêneros e sexualidades a partir de uma perspectiva feminista e pós-estruturalista. Para tal, autores como Michel Foucault, Judith Butler e Gayle Rubin se mostram fundamentais, possibilitando também discutir as imbricações com as questões contemporâneas das identidades, trazendo a contribuição de Stuart Hall, Woodward e Guacira Louro. E para uma leitura mais específica acerca das transgeneridades, Berenice Bento, Marcos Benedetti, Don Kulick e Hélio Silva. A primeira parte do texto prepara o terreno das discussões que se apresentam ao longo do trabalho, posto que as questões sobre o corpo, gênero e sexualidade costumam e trespassam todo esse estudo.

No segundo capítulo, se fez oportuno registrar um breve panorama histórico do fenômeno das travestilidades, sobretudo no Brasil, além de rever as representações que acabaram por conformar uma visualidade travesti, consolidada particularmente pelas mídias. Por isso, revisitar ícones da cultura transex brasileira como Roberta Close, Rogéria, Laura de Vison e Telma Lip, assim como momentos emblemáticos que colocaram as travestis em evidência nas mídias se faz importante para averiguar em que medida essas representações influenciam na construção da autorrepresentação e da própria visualidade travesti, que códigos e símbolos são assimilados, valorizados ou descartados, ou seja, o que realmente importa para a composição da autoimagem das travestis. Da mesma forma, deve-se considerar as imagens erotizadas e sexualizadas presentes em revistas e filmes. Assim, neste capítulo é apresentado um rápido panorama do fenômeno da travestilidade na sociedade brasileira, especialmente a partir da década de 1980, discutindo e problematizando algumas representações midiáticas, assim como a imagem que se tem das travestis que fazem parte da paisagem urbana, principalmente noturna, das grandes cidades, enfatizando a visualidade. Para tal discussão, recorre-se às contribuições de Giuseppe Campuzano, Jorge Leite Jr, Marcos Benedetti e Hélio Silva.

Ainda que as representações presentes nas mídias sejam extremamente interessantes e apresentem férteis possibilidades de investigação, deve-se ressaltar que são

abordadas nesse trabalho para trazer contribuições aos objetivos aqui propostos, assim como os demais sites e blogs observados nesse estudo, que surgem, inclusive, como extensões do conteúdo presente no orkut, pois muitas travestis usam este como meio de divulgação de seus blogs e sites pessoais.

No capítulo seguinte, as questões referentes à cibercultura começam a ser abordadas para se discutir as representações e autorrepresentações, mas, para isso, é preciso remontar primeiramente aos arranjos sociais e culturais que possibilitaram o seu desenvolvimento, e para tal, as contribuições de André Lemos e Lucia Santaella são fundamentais. Na medida em que são discutidas teorias e conceitos, o campo de investigação é apresentado, abrangendo as representações no ciberespaço e as ciberidentidades, e a produção da autoimagem a partir de retratos e escritas de si, enfocando a autorrepresentação de travestis no site de acompanhantes travestis “Bananatrans”, em blogs pessoais de travestis e nas comunidades virtuais do orkut.

No capítulo final, as autorrepresentações de travestis são analisadas a partir dos perfis selecionados, com foco nos retratos e autorretratos, e, para isso, recorrem-se, sobretudo, às leituras de Annateresa Fabris e Beatriz Jaguaribe. Ao problematizar questões acerca de representações e visualidades entramos especificamente no campo de estudos da cultura visual, sobretudo quando se pensa na experiência visual cotidiana, e como essa experiência se relaciona discursivamente com o mundo e as formas de percebê-lo. Os estudos da cultura visual estão vinculados ao olhar e ao que denominamos como práticas da visualidade, compreendendo um amplo campo de estudos que tem emergido da confluência entre os estudos culturais, estudos de gênero, sociologia e arte, se ocupando das imagens e do seu contexto cultural e social, assim como dos aparatos, artefatos e suportes técnicos que conformam as tecnologias visuais para ser olhado, olhar ou facilitar a visão, abrangendo, de acordo com Hernandez (2005), desde um simples desenho até a televisão ou internet.

É importante frisar que não se pretende esgotar todas as problematizações acerca das possibilidades de autorrepresentação de travestis no ciberespaço ou mesmo no orkut, mas sinalizar o fato de que as representações nos permitem entrar em contato com experiências de vida, histórias e personalidades, tornando possível questionar e relatar posições e identidades hegemônicas desde outros lugares. Nessa medida, o processo social de atribuição de sentido é crucial na política cultural de representações, por isso, quando os indivíduos se autorrepresentam e narram suas histórias a partir do lugar em que se encontram tornam possível desconstruir os saberes que justificam o controle e a regulação, posto que quem narra

exerce o poder sobre quem é narrado (COSTA, 2002). Assim, ao construir suas próprias narrativas e representações sob a perspectiva da sua visão de mundo, as travestis saem do lugar de sujeição universal de quem é olhado para contar a sua versão de realidade, e é justamente nessa visão de mundo e de si, e nessa versão de realidade que recaem nossos interesses.

The outsiders: sobre a identidade travesti

Igual que el género, la sexualidad es política. Está organizada en sistemas de poder que alientan y recompensan a algunos individuos y actividades, mientras que castigan y suprimen a otros y otras (RUBIN, 1989, p.187).

Algumas reflexões sobre corpos, gêneros e sexualidades

A década de 1960 inaugurou um novo cenário social no Ocidente, especialmente após 1968 com as manifestações estudantis e as lutas pelos direitos civis, lançando novas perspectivas e olhares diferenciados sobre a cultura, em seu mais amplo espectro de significados e práticas que movem e constituem a vida cotidiana. A segunda onda do feminismo⁹ sublevou-se nesse contexto, impulsionando uma diversidade de movimentos contra-hegemônicos e estratégias discursivas provindas das minorias¹⁰, instaurando novos paradigmas sociais e culturais; e inaugurando também novas problematizações políticas e teóricas, sobretudo no âmbito das humanidades.

O conceito de gênero, como a mais forte e incontestável formulação do feminismo, foi desenvolvido nesse contexto a partir do fluxo de novas teorias, que tiveram na afirmação “*no se nasce mulher, torna-se*” de Simone de Beauvoir (1949), um de seus pontos seminais para que se discutisse e fosse colocado em xeque o corpo essencializado pelo sexo anatômico, assim como as argumentações científicas da diferença sexual que naturaliza a

⁹ Desde suas origens, o feminismo se revelou um movimento heterogêneo com distintas vertentes políticas, formado por grupos plurais de mulheres com diferentes necessidades. Contudo, há aspectos fundamentais que demarcam historicamente, no Ocidente, de modo geral, tanto a chamada primeira onda feminista, como a segunda. Na primeira onda, iniciada, no Brasil, no final do século XIX, as principais reivindicações do movimento eram o direito ao voto, à educação e a condições dignas de trabalho. A segunda onda refere-se ao período entre as décadas de 1960 e 1970, em que estudos e pesquisas foram sistematicamente desenvolvidos para desconstruir a ideia da superioridade masculina e o patriarcalismo; a liberação sexual da mulher e o surgimento da pílula anticoncepcional também foram um marco para o período (LOURO, 2007).

¹⁰ A ideia de minoria reporta imediatamente a argumentos quantitativos, no entanto, as minorias representam, num regime de democracia clássica, a voz qualitativa de diversas modalidades de atores sociais nas lutas contra-hegemônicas. Nesse sentido, Muniz Sodré (2005) nos aponta que as minorias representam fluxos de mudanças; impulsionam a transformação objetivando a redução do poder hegemônico. O autor pontua ainda que as minorias se caracterizam, entre outros, pela sua vulnerabilidade jurídico-social diante da legitimidade institucional e das políticas públicas, e pelas estratégias discursivas que, nas tecnodemocracias ocidentais, têm na mídia um de seus mais importantes territórios de luta.

desigualdade social e uma cultura ocidental prioritariamente androcêntrica (BOURDIEU, 2002).

O desenvolvimento do conceito de gênero marcou significativas transformações nas dinâmicas sociais e culturais, representando um rompimento com o pensamento biologista dominante. Aproximando-se desse conceito, a antropologia e as ciências sociais passaram a explorar e conquistar novos temas e objetos, buscando novas interpretações sobre as diferenças entre o masculino e o feminino, em contraposição aos discursos biologizantes que legitimaram o binarismo sexual baseado nas características físicas e anatômicas do corpo. A ideia de gênero, portanto, desarticula as desigualdades naturalizadas pelo dimorfismo sexual ao argumentar que as noções de masculino e de feminino são construções culturais, simbólicas, materiais e discursivas, que se articularam historicamente e se fixam pela sua reprodução social (BENEDETTI, 2005, p.26).

Na visão essencialista, biologista, as diferenças anatômicas dos sexos que têm no corpo o seu lugar de inscrição, são a base para a instituição de um binarismo que, como nos diz Pierre Bourdieu (2002), parece estar na “ordem das coisas”, dimensionando, de modo arbitrário, toda a ordem social, na medida em que constrói um sistema de aplicação universal baseado em oposições homólogas, objetivas e subjetivas, onde as noções de masculino e de feminino se relacionam inversamente e de modo assimétrico – positivo/negativo, fora/dentro, alto/baixo, duro/mole, ativo/passivo, público/privado.

Ao desestabilizar a desigualdade social fundamentada no essencialismo biológico e no dimorfismo sexual, o feminismo enfatizou a arbitrariedade da produção dos corpos generificados pelas práticas sociais, desvinculando a relação entre gênero e corpo/sexo como sendo algo que existe *a priori*¹¹.

Se a marca deixada no corpo pela vagina não naturaliza o feminino, nem o pênis naturaliza o masculino, tampouco determina a feminilidade e a masculinidade ou mesmo define a sexualidade dos sujeitos; o corpo deixa também de ser percebido como um projeto

¹¹ Tal abordagem só é possível a partir da incorporação do desconstrutivismo derridiano e de certas elucubrações foucaultianas às teorizações feministas. A abordagem de Jacques Derrida enfoca os aspectos socioculturais e linguísticos como o *locus* de produção das relações sociais de poder estabelecidas culturalmente. Enquanto Foucault, ao esquadrinhar sobre a *História da Sexualidade*, desvela os aspectos regulatórios de uma sexualidade inventada, normatizada, demonstrando o caráter antinatural do sexo. O desconstrutivismo é uma das correntes do pensamento crítico pós-estruturalista, concebida pelas formulações teóricas de Jacques Derrida. Ainda que Foucault seguisse uma linha estruturalista de pensamento em algumas de suas obras, é considerado um pós-estruturalista, sobretudo pela sua genealogia do poder, em que investiga os dispositivos da loucura e da sexualidade, o poder disciplinar e o biopoder (LOURO, 2007; BENTO, 2006).

acabado, que tem um desenvolvimento linear e “coerente” determinado por um sexo anatômico capaz de definir aspectos materiais e subjetivos da vida.

Como assinala Gayle Rubin (1989, p.130), os estudos acadêmicos sobre o sexo têm sido dominados durante mais de um século pela medicina, psiquiatria e psicologia¹², produzindo o essencialismo baseado no binarismo sexual e que está profundamente arraigado no saber popular das sociedades ocidentais, e que entende o sexo como algo eternamente imutável, natural e transistórico. “Dois corpos diferentes. Dois gêneros e subjetividades diferentes” (BENTO, 2006, p.71). É o que a concepção binária faz ao criar oposições baseadas na anatomia dos corpos, mais precisamente na sua genitalização, para estruturar as identidades dos sujeitos. Ou se é homem ou mulher, masculino ou feminino. Nessa perspectiva,

o gênero [é] deve ser compreendido então como uma lógica social que institui significados a corpos, práticas, relações, crenças e valores. Ainda que variável e diverso culturalmente, parece fazer parte de um princípio que confere sentido à realidade em que vivemos. Mais do que um fator cultural de diferenciação, deve ser entendido como as próprias condições de produção da lógica que institui as diferenças entre o masculino e o feminino (BENEDETTI, 2005, p.95).

Os estudos feministas desafiam o pensamento biologistas ao demonstrar a multiplicidade de dinâmicas que escapam ao esquema binário, embora certos traços do essencialismo persistam e sejam continuamente reafirmados hegemonicamente. Por isso, a discussão sobre o gênero desessencializado é substancial para que se reconheça o argumento de que o masculino e o feminino são construções culturais e que as relações de poder que se imprimem a partir daí são caracterizadas pela valorização de suas representações, constituídas secularmente por meio de discursos legitimadores, que determinam de modo restritivo os papéis e funções sociais de gênero baseados nas características anatomofisiológicas e suas imbricações entre corpo e sexo.

Por um lado, a diferença sexual é frequentemente invocada pelas diferenças materiais que conformam o corpo; por outro, estas são formadas e demarcadas por práticas discursivas que categorizam os sujeitos. Desse modo, o gênero é antes uma nomeação que se emprega, de modo convencional, a partir do reconhecimento e da identificação das diferenças materiais. Nesse sentido, o sistema sexo/corpo opera como uma norma, na medida

¹² Talvez a isso se deva o fato de os estudos sobre as mulheres terem sido, durante muito tempo, mais descritivos do que teóricos e analíticos, como afirma Joan Scott (1995). Segundo a autora, o conceito de gênero como uma proposta teórica feminista transforma fundamentalmente os paradigmas científicos de várias disciplinas, ampliando também suas temáticas e propondo analogias com termos como raça e classe.

em que circunscreve e diferencia os corpos que controla, criando um ideal regulatório (BUTLER, 2002). Assim, o corpo marcado por um órgão genital parece sugerir, no pensamento essencialista, uma conexão intrínseca entre gênero e sexo e, de modo normativo, também entre sexualidade, posto que fixa para o masculino o seu correspondente, o feminino, e define suas dinâmicas de interação sexual.

Entende-se, portanto, que embora o masculino e o feminino não estejam aprisionados no corpo-sexuado, podendo ser construídos de modo “descontínuo”, há uma ordem discursiva que busca harmonizar sexo, corpo e gênero, construindo uma relação inseparável – pênis/macho, homem, masculino; vagina/fêmea, mulher, feminino.

Como argumenta Judith Butler (2003), o gênero, entendido e empregado de modo distinto de sexo, é percebido de modo geral como identidade-chave para a construção da significação dos sujeitos, e fator determinante para sua qualificação e para a vida no interior da inteligibilidade cultural. Para Butler (Idem, p.200), a nomeação do sexo, pênis/masculino, vagina/feminino, é um ato performativo de dominação e coerção que institui uma realidade social através da construção e percepção da corporeidade de modo bastante específico e restrito. Essa realidade, apoiada numa visão de mundo essencialista, é incorporada pela reprodução de representações, discursos e performances que instituem o binarismo de gênero articulado de modo simplista, categorizando modelos de masculinidade e feminilidade, e descartando a pluralidade de suas possibilidades de articulação.

Com isso, há uma “recomendação” para o enquadramento das organizações e práticas sociais, afetivas, eróticas e sexuais, no modelo normativo do casal heterossexual reprodutivo – o masculino/macho e o feminino/fêmea, segundo o modelo binário – conformando hegemonicamente um regime heteronormativo.

As regras da heteronormatividade se constituem na própria sociedade e são reiteradas e naturalizadas pela sua repetição em diferentes esferas sociais, servindo para controlar e normatizar as condutas sexuais dos indivíduos, que devem estruturar seus desejos e práticas do único modo correto, são e sadio, segundo a norma dominante, ou seja, devem basear-se na heterossexualidade.

De acordo com Guacira Louro (1997), a heteronormatividade também instituiu políticas de identidade normalizadoras e binárias, constituídas pela continuidade e coerência entre corpo, sexo, gênero e desejo. Dessa maneira, os papéis de gênero são engendrados e estabelecidos socialmente por meio da construção das identidades e representações do feminino e do masculino, que seguem padrões específicos de comportamento, gestualidade,

posições políticas e sociais, falas, estilo e vestuário, composições que determinam seu modo de se relacionar com o mundo e com os outros, e também o que é adequado ou não para a mulher e para o homem numa determinada sociedade.

As novas dinâmicas, tanto nas relações sociais quanto na elaboração teórica sobre o social, refletiram as grandes transformações e deslocamentos culturais e identitários que vinham sendo encadeados por práticas discursivas e ações demonstrativas que desafiavam a lógica sexual dominante e as falas oficiais, sobretudo pelo desenvolvimento dos estudos feministas: começa-se a discutir a sexualidade, o feminino e o masculino, o corpo e as diferentes relações que se imprimem fora da ordem sexista e heteronormativa, ou seja, fora das regras que naturalizam o androcentrismo e normatizam a heterossexualidade como modelo inteligível e coerente do sexo, do gênero e do desejo; construções discursivas e simbólicas que estabelecem, regulam e legitimam as performances identitárias de gênero.

Judith Butler vai vincular a ideia de performances de gênero e performatividade às problematizações sobre as identidades de gênero, tendo como princípio uma interpretação construtora de significado presente no ato da linguagem e relacionando a produção das subjetividades de gênero por meio de discursos e representações. O conceito de performatividade fundado por Butler, no âmbito dos estudos feministas queer, é fundamental para que se compreenda como as práticas discursivas são capazes de produzir efeitos materiais.

O que Butler coloca é que o gênero não está simplesmente inscrito sobre o corpo, ele é continuamente elaborado e reiterado para sua identificação e reconhecimento, que se dá mediante a incorporação dos papéis de gênero masculino e feminino, cristalizados, na aparência, num conjunto de atos, performances e na interpretação e representação de si mesmo. Assim,

la performatividad no es pues um “acto” singular, porque siempre es la reiteración de una norma o un conjunto de normas y, en la medida en que adquiera la condición de acto en el presente, disimula las convenciones de las que es una repetición. Además, este acto no es primariamente teatral; na realidad, su aparente teatralidad se produce en la medida en que permanezca disimulada su historicidad [...]. En el marco de la teoría de acto de habla, se considera performativa a aquella práctica discursiva que realiza o producto lo que nombra (BUTLER, 2002, p.34).

Ao tratar do caráter performativo presente na nomeação dos corpos e dos gêneros, Butler (2002) chama atenção para a reformulação crítica que Derrida faz sobre a enunciação. A enunciação performativa, antes de “materializar” uma realidade pelo simples poder de um

sujeito ou por sua vontade, parece só ter êxito porque em sua formulação se repete uma enunciação previamente codificada, de modo que haja uma identificação para que esse discurso obtenha a autoridade necessária para tornar realidade o que nomeia. Assim, na enunciação: “eu vos declaro marido e mulher” está estabelecido previamente em que circunstância é proferida, o que significa, quem é autorizado a enunciar e todas as relações que se configuram a partir daí – demarcando intrinsecamente o que é ser homem e mulher, e aplicando as normas do sexo, do gênero e dos desejos, assim como reiterando valores morais e religiosos.

Da mesma forma, como assinala Bento (2006, p.88), quando na ultrassonografia vê-se um pequeno pênis no corpo do bebê, define-se seu sexo e gênero: “é um menino!”, a expectativa de esperar a chegada de um menino já é capaz de materializar a realidade e projetar uma trajetória de vida que pareça “naturalmente” mais adequada para aquele corpo-sexuado. O corpo com o pênis vai refletir o sexo, “e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação” (Ibidem, p.89), delimitando as margens traçadas pelas performatividades de gênero¹³.

Investimentos discursivos são dirigidos aos sujeitos continuamente, para reiterar as normas que definem as condutas e os papéis de gênero ao longo de toda a vida. Contudo,

a infância é o momento em que os enunciados performativos são interiorizados e em que se produz a estilização dos gêneros: “Homem não chora”, “Sente-se como uma menina!”, “Isto não é coisa de uma menina!”. Estes enunciados performativos têm a função de criar corpos que reproduzam as performances de gênero hegemônicas. Conforme sugeriu Butler, são performances ritualizadas da lei heterossexual (BENTO, p.90).

Ou seja, há uma pedagogia de gênero que condiciona a existência dos sujeitos para viver a experiência de identidades e papéis de gênero – masculinidade e feminilidade – “bem definidos” em coerência com o corpo-sexuado, tendo como referência a heterossexualidade.

Todavia, as mudanças estruturais e institucionais que configuram as sociedades ocidentais contemporâneas trazem a tona uma série de problematizações que se interseccionam, colocando em pauta como tema central para as práticas e teorias sociais a questão das identidades. Nessas novas dinâmicas sociais e culturais, as teorizações acerca das identidades trespassam as questões de gênero, sexualidade, raça, classe e se aproximam das formulações teóricas que desmantelam a noção de sujeito universal e das identidades

¹³ A performatividade, como aponta Butler (2002), sugere a reiteração de determinados atributos, atos e normas de gênero que pela sua reprodução são capazes de materializar o que nomeiam.

originadas num centro interior de um eu verdadeiro e único, passando a compreender os sujeitos de modo mais amplo, com identidades plurais e múltiplas, identidades essas que se formulam culturalmente, se deslocando e se rearranjando continuamente (HALL, 1997).

Essa nova concepção de sujeito se caracteriza justamente pela sua descentração, ocasionada por uma crise de identidade surgida pela ampliação da complexidade e dimensão das relações sociais. Nessa perspectiva, a identidade torna-se cada vez mais frágil e instável, e o sujeito, tido como “a realização final do indivíduo moderno” (KELLNER, 2001, p.298), se dissolve e desaparece em meio aos novos processos sociais, que o desestabilizam.

Assim, as identidades dos sujeitos se constituem de modo complexo, a partir de diálogos, confrontos e contradições, e pela identificação com diferentes instituições, posicionamentos e práticas sociais, mas que são, invariavelmente, marcadas pelas relações de gênero, pois estas, assim como etnias, classes sociais, orientação religiosa e política, entre outras, constitui e institui a identidade dos sujeitos (HALL, 1997)¹⁴.

As identidades, portanto, assim como os gêneros, os corpos e as sexualidades, são definidas e legitimadas historicamente e não biologicamente. Contudo, é interessante observar como a heteronormatividade – a lógica dominante dos gêneros e das sexualidades – parece investir em reivindicações essencialistas, consoante à concepção de um sujeito que tem sua identidade e sua vida já determinadas ao nascer pressupondo a coerência permanente entre corpo-sexuado, gênero e desejo. A propósito, uma das questões centrais acerca da concepção de identidade é justamente a tensão entre o essencialismo e o não-essencialismo, como sugere Woodward (2007). Nesse sentido,

o essencialismo pode fundamentar suas afirmações tanto na história quanto na biologia; por exemplo, certos movimentos políticos podem buscar alguma certeza na afirmação da identidade apelando seja à “verdade” fixa de um passado partilhado seja a “verdades” biológicas. O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade – por exemplo, a identidade sexual (Ibidem, p.15).

¹⁴ Na contemporaneidade, o sujeito tem a sua identidade fortemente influenciada por aspectos exteriores, presentes na esfera pública. Entretanto, as paisagens sociais que asseguravam a conformidade subjetiva dos sujeitos com os aspectos objetivos e o mundo social e cultural parecem ter entrado em colapso, arrastando os sujeitos para uma crise de identidade. Segundo Stuart Hall, é nesse processo que se baseia a concepção do sujeito pós-moderno que diferentemente do sujeito iluminista – um sujeito centrado, unificado e estável “com um núcleo interior que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que sua essência continuasse a mesma” (1997, p.11) – não tem uma identidade fixa, essencial, tampouco permanente. São identidades fragmentadas, plurais e fluidas que se transformam continuamente. O sujeito, dessa forma, se torna multifacetado, pois assume diferentes identidades, em diferentes momentos e de acordo com os circuitos culturais, assumindo inclusive identidades e identificações contraditórias.

O essencialismo, em grande medida, acaba operando sistemas classificatórios para as identidades, e estabelecendo os parâmetros para as práticas e subjetividades aceitas, ou não. As identidades se constroem a partir das diferenças, e a classificação ocorre justamente pela marcação dessas diferenças entre categorias, ou seja, as identidades são formadas relativamente a outras, se apresentando comumente também sob a forma de oposições binárias – negro/branco, homem/mulher, homossexual/heterossexual (WOODWARD, p.49). Com isso, instituem-se historicamente as identidades legítimas.

As discussões acerca de identidade e diferença instigam, nessa perspectiva, as questões sobre as distinções entre identidade sexual e identidade de gênero, e sobre as sexualidades dissidentes¹⁵.

Para Foucault (1985)¹⁶, a sexualidade suscitou a noção de sexo como elemento especulativo necessário ao seu funcionamento, tendo neste seu ponto de fixação para apoiar suas diferentes manifestações, ou seja, estabelece-se uma genitalização da sexualidade. Nesta ordem, a sexualidade se refere, então, às práticas sexuais dos sujeitos, aos seus desejos e performances. Todavia, junto à ideia de sexualidade, se instauram socialmente seus dispositivos, suas regras e mecanismos, constituídos para controlar, regular e normalizar o sexo e as identidades construídas fora do referencial biológico.

O dispositivo da sexualidade como articula Foucault, instaura ordens discursivas – no interior da pedagogia sexual, das ciências médicas e jurídicas, da esfera cultural e econômica – e implanta socialmente a ideia do sexo legítimo, regular, matrimonial e reprodutivo, logo, heterossexual. Foucault pontua a era vitoriana como o momento histórico, no Ocidente, em que o sexo é encerrado e a sexualidade passa a ser rigidamente controlada. Nesta mesma direção, Gayle Rubin (1989) também data a era vitoriana como o período em que surgiu a maior parte da legislação contra a sodomia utilizada para prender homossexuais. Como assinala a autora,

el reino de la sexualidad posee también su propia política interna, sus propias desigualdades y sus formas de opresión específica. Al igual que ocurre con nos otros aspectos de la conducta humana , las formas institucionales concretas de la sexualidad en cualquier momento y lugar dados son productos de la actividad humana. Están, por tanto, imbuidas de los conflictos de interes y la maniobra política, tanto los deliberados como los inconscientes. Em este sentido, el sexo es siempre político, pero hay

¹⁵ Identidades e sexualidades dissidentes podem ser entendidas como aquelas que fogem à lógica hegemônica heteronormativa.

¹⁶ A *História da Sexualidade* iniciada em 1976 por Michel Foucault é o texto mais influente e emblemático para um novo pensamento sobre o sexo e as condutas sexuais, influenciando sobremaneira os estudos feministas.

períodos históricos en los que la sexualidad es más intensamente contestada y más abiertamente politizada (1989, p.114).

A ordem classificatória das diferenças baseada na sexualidade legítima, mais do que sexualidades dissidentes, vai criar a imagem do “delinquente sexual”, termo esse que se aplicava, com efeito, para referir-se aos homossexuais.

Do mesmo modo como o sexo, o gênero e a sexualidade foram invenções baseadas em diferenças primárias e articuladas para dar significado às relações de poder, a homossexualidade foi inventada para nomear as sexualidades que se opõem à heterossexualidade. Práticas sexuais que antes do século XIX eram conhecidas por sodomia, e apesar de não recomendadas eram aceitas como um “deslize” ao qual qualquer um estava sujeito, passam a ser nomeadas e assim taxadas como um desvio moral, uma perversão ou doença (LOURO, 2001).

As ciências médicas e *psi* em seus discursos reguladores e normalizadores das sexualidades, apregoaram a patologização das práticas sexuais irregulares fundamentadas e subordinadas a uma moral puritana dominante. Durante todo o século XVIII, houve uma centralidade na genitalização reprodutiva do sexo legítimo, ou seja, o sexo matrimonial com fins estritamente reprodutivos. Todo discurso sobre a sexualidade era regido pelo direito canônico, pastoral cristã e lei civil; e ditava e fixava o que era lícito ou ilícito, controlando as sexualidades e implantando, com isso, a ideia de perversão e irregularidade sexual a qualquer prática fora da norma. Esses são alguns dos dispositivos de que fala Foucault quando discorre sobre a *História da Sexualidade*¹⁷ e que atuam no sentido de controlar o desejo e o saber sobre o sexo, e, desse modo, as práticas sexuais e as sexualidades constituindo uma economia restritiva até mesmo do vocabulário sobre o sexo.

Reservado à esfera do privado, o sexo é restringido coletivamente a um assunto de saúde pública e de economia política, e para controlar socialmente as sexualidades instaura-se uma pedagogia sexual para educar casais e filhos. Assim, o sexo é regido a partir de dispositivos discursivos institucionalizados, que autorizam ou desautorizam, tornando-se objeto de intolerância coletiva e ação judiciária. O sexo irregular é marginalizado e patologizado. Loucura moral, neurose genital, libertinagem, perversidade: assim são designadas as sexualidades periféricas, que incorporam ainda novas especificações aos indivíduos, disseminadores de doenças morais e físicas, das quais a ciência, em sua

¹⁷ História da Sexualidade I – A vontade de saber (1976).

perspectiva puritana, pretendia higienizar o mundo. Institucionaliza-se socialmente a classe dos perigosos, dos criminosos sexuais e dos transtornados sexualmente.

Formulada a partir da normalização das práticas sexuais, a homossexualidade é então tida como uma sexualidade não-normativa, e, por isso, patologizada e segregada. Ainda que a organização de movimentos e comunidades gays e lésbicas tenha criado, a partir da década de 1960, políticas de identidade homossexual, e os discursos das ciências psi¹⁸ venham considerando os fatores sociais e culturais que margearam as sexualidades tomadas como dissidentes, o discurso homofóbico é reiterado pelo senso comum, circulando e se perpetuando no imaginário social, com as reproduções de representações e narrativas provindas dos discursos oficiais baseadas nos modelos dominantes do gênero e da sexualidade.

É importante destacar, como salienta Rubin (1989), que embora desde o século XIX os homossexuais tenham vivido uma verdadeira caça às bruxas, se constituindo como o melhor exemplo de repressão sexual, o ataque a todo tipo de práticas sexuais não-normativas, aos materiais pornográficos, à prostituição, e à classe de “desviados sexuais” de todas as ordens também revelam uma severa perseguição.

Os dispositivos engendrados e empregados, assim como as relações sociais de poder que se instituíram a partir daí, corroboraram a visão de mundo heteronormativa, e as posições universalistas dominantes que reforçam a essencialização e a concepção binária dos gêneros e das identidades.

As ciências médicas, por sua vez, já haviam tratado de multiplicar as categorias sexuais desviantes, patologizando em grande parte as condutas sexuais sob a nomeação de desordens mentais, criando historicamente uma hierarquia moral de normalidade e de valorização sexual. E diferente das instituições religiosas, as condutas sexuais não surgem como categorias de pecado sexual, mas como desvios mentais e emocionais. Na hierarquia sexual, uma linha divisória separa o sexo bom do sexo mau, a sexualidade boa, normal e natural – ou seja, a sexualidade “idealmente heterossexual, marital, monógama, reprodutiva e não comercial” (RUBIN, 1989, p.140) –, da anormal, antinatural e danosa, categorizando travestis, transexuais, prostitutas e sadomasoquistas como espécies repulsivas com a pior das condutas sexuais.

¹⁸O termo psi é utilizado para designar os estudos da psicologia, psiquiatria e psicanálise.

As identidades sexuais dos sujeitos se constituem de acordo com o modo como estes exercem sua sexualidade, considerando as mais diversas possibilidades e combinações do prazer e do desejo corporal, ainda que tais formulações identitárias não sejam legitimadas ou valorizadas socialmente, por se construírem aquém da linha que define a boa sexualidade, ou a lógica dominante do “sexo são, sadio e recomendado”. Definem-se assim, as identidades sexuais dissidentes.

As identidades de gênero são construídas por meio de artifícios, elaborações simbólicas e discursivas, performances capazes de promover e de se fazer reconhecer o feminino e o masculino – considerando a ordem binária dos gêneros – de acordo com os padrões culturais legitimados. As identidades de gênero se legitimam pela sua visualidade e performatividade, e são asseguradas pela reprodução no interior das representações.

Ainda que, por vezes, sejam tratadas como a mesma coisa, as identidades sexuais e de gênero se distinguem marcadamente, mas se atravessam e se combinam de diversas formas; podem ser contraditórias ou “não correspondentes” à harmonia heteronormativa do sexo/corpo, e com isso serem tomadas como “incoerentes”, subversivas, irregulares ou ininteligíveis socialmente. Sobretudo, é importante lembrar que as dinâmicas de construção identitária, sexual ou de gênero, são instáveis e estão em constante transformação, ou seja, nem as identidades sexuais, nem as de gênero existem *à priori*.

Desse modo, as práticas sexuais tidas como normais e saudáveis, são construções discursivas e ideológicas, baseadas em referenciais biológicos e pautadas por relações sociais de poder¹⁹, pois tanto o gênero quanto o sexo são invenções sociais e culturais, assim como a sexualidade.

Nessa perspectiva teórica, os caminhos investigativos que abordam as questões de gênero e sexualidade consideram, assim, sua pluralização, rompendo com os binarismos. Os estudos pós-feministas²⁰, em consonância com as teorizações pós-estruturalistas, argumentam

¹⁹ Ao falar em poder e nas relações de controle que se estabelecem, Foucault (1985) nos aponta que não há um único foco de poder, pois o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis. O poder é uma situação estratégica e complexa que provém de todos os lugares, não está centralizado numa única instituição ou numa única fala oficial, está em todos os lugares e se produz a cada instante entre todos os tipos de relações, de um ponto a outro. Assim, o que há é uma linha de força geral tensionada que constrói alinhamentos homogêneos, com pontos de força ligados entre si, criando grandes dominações de efeito hegemônico, sustentado continuamente pela intensidade de todo tipo de afrontamento. Portanto, o que institui as minorias, sexuais, étnicas, culturais, sociais, não é uma relação binária entre dominados e dominante, mas focos locais de poder que se inter-relacionam e se costuram numa única linha de força, que vem sendo tecida e firmada historicamente por narrativas, representações e versões de realidades.

²⁰ O termo pós-feminismo apresenta variações em sua concepção, suscitando divergências entre as feministas, sobretudo em relação à sua proximidade com o discurso pós-moderno, ainda que ambos tenham como proposta

que sua tarefa teórica não é, unicamente, desconstruir a polaridade existente entre o feminino e o masculino em sua concepção universal, mas desnaturalizar o gênero, o que implica, entre outros aspectos, destituir todo tipo de oposição binária presente nessa lógica, para, enfim, compreender a fragmentação de conceitos e significações presentes nos sujeitos, e tentar abranger a complexidade dos arranjos sociais.

Não se trata, como já dito, de negar as diferenças anatômicas, corporais, do homem e da mulher, mas talvez de considerá-las para além do corpo, e para além do sexo e do gênero masculino e feminino, a partir de uma perspectiva plural de sexualidades e gêneros, pois problematizar tão-somente a diferença entre masculino e feminino é conceber os gêneros dentro da lógica binária, o que significa descartar as identidades sexuais e de gênero que não se enquadrem nestas (LOURO, 1997).

Como descendência teórica dessa corrente, foi desenvolvida a teoria queer abordando problematizações mais gerais em relação a gênero e sexualidade, e ultrapassando as oposições masculino/feminino, homossexual/heterossexual ao levantar questões sobre as práticas sexuais e sexualidades não-normativas, reavaliando e criticando políticas de identidade normalizadoras e binárias, que se estabelecem na coerência e continuidade entre sexo/corpo, gênero, práticas, desejo (BUTLER, 2003). Os estudos queer criticam e colocam em xeque as relações de poder que se estabelecem a partir dos processos de incorporação das identidades binárias e da naturalização dos gêneros e da sexualidade genitalizada, reprodutiva e heterossexual, assim como toda a rede discursiva normalizante e patologizante para as práticas sexuais, sexualidades e identidades tidas como “desviantes”. Dessa forma, os estudos queer objetivam desnaturalizar a identidade de gênero e a heteronormatividade para legitimar a pluralização das sexualidades.

Os estudos queer abrangem os estudos sobre as práticas sexuais tidas como subversivas, o fenômeno dos intersexos, transexuais, travestis e os processos sociais que produzem os discursos presentes numa rede de significação que reconhece, aceita ou rejeita, naturaliza ou estranha as identidades, agrupando e cruzando categorias sociais e culturais, como etnia, classe, gênero.

Não obstante, o termo queer é também uma autonegação identitária e uma nomeação para sexualidades “transgressoras”. Utilizado inicialmente para se referir

desestabilizar e desconstruir o gênero enquanto uma categoria fixa e imutável. Contudo, o conceito de pós-feminismo se traduz pela existência de uma “multiplicidade de feminismos, um feminismo plural, que reconhece o fator da diferença como uma recusa da hegemonia de um feminismo sobre o outro (MACEDO, 2006, p.814).

pejorativamente às identidades sexuais e de gênero dissidentes, adjetivando de bizarro, estranho, esquisito, sujeitos homossexuais e as sexualidades fora da norma, o termo queer foi reapropriado por movimentos gays e lésbicos, apoderando-se de sua força reiterada por discursos e insultos homofóbicos, revertendo o sentido a seu favor, ao caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação, de modo provocativo e debochado. Ser queer significa então colocar-se contra a normalização, e é nessa medida que se torna “um movimento que representa a diferença que não quer ser tolerada ou assimilada” (LOURO, 2001, p.546), se caracterizando pela explicitação dos insultos, convertendo-os para a construção de posições identitárias

Os sujeitos queer propõem a separação entre as noções de gênero e sexo, e criticam o binarismo identitário que qualifica os sujeitos como masculino ou feminino, buscando desconstruir e desnaturalizar a hegemonia heterossexual normalizadora. E é justamente nesse aspecto, como assinala Bento (2006), que radicalizam o projeto feminista, propondo, além da desnaturalização das identidades de gênero, a desnormalização da sexualidade, avançando em direção ao corpo e às subjetividades.

Tendo no corpo/sexo o eixo determinante de grande parte da existência do sujeito, e reconhecendo a constituição discursiva e performativa do gênero fundado sobre o corpo – que é moldável e ajustável – os estudos queer possibilitam, assim, interpretar a experiência de transformação de gênero fora dos marcos patologizantes das teses oficiais. Assim, são

esses estudos que habilitam as travestis, as drag queens, os drag kings, os/as transexuais, as lésbicas, os gays, os bissexuais – enfim, aqueles designados pela literatura médica como sujeitos transtornados, enfermos, psicóticos, desviados, perversos – como sujeitos que constituem suas identidades mediante os mesmos processos que os considerados normais (BENTO, 2006, p.70).

Contudo, pela lógica hegemônica – heteronormativa – as identidades ainda são essencializadas pelo corpo-sexuado e qualquer identidade construída fora dessa lógica é dissidente da natureza biológica dos corpos, que rege a vida dos sujeitos em toda esfera social e cultural, e é, por isso, tida como anormal. Portanto, essas identidades não se estabelecem como oficiais, pois há mecanismos e estratégias discursivas de controle social que se incubem de ainda mantê-las às margens, longe da fronteiras das identidades legítimas.

Meninas de um lado, meninos do outro. E eu?²¹ Sobre cruzar fronteiras

Ao tratar do caráter instável das identidades, a teorização sobre gênero e sexualidade, como bem assinala Tomaz Tadeu da Silva (2007), ganha centralidade na medida em que chama a atenção para o seu caráter cultural. Considerando corpo, sexo, gênero e sexualidade como modalidades distintas e que podem ser deslocadas, sem nenhuma relação “natural” intrínseca, as pesquisadoras feministas e os estudos queer contribuem, determinantemente, para o questionamento da arbitrariedade das oposições binárias, que fundam todo o processo de fixação das identidades de gênero e sexuais, e conformam idiosincrasias e relações sociais.

Enfatizar o caráter artificial dos corpos e identidades é afirmar também sua transitoriedade, sua possibilidade de transpor limites e mover-se entre os territórios simbólicos de diferentes identidades. Nesse sentido,

a possibilidade de “cruzar fronteiras” e de “estar na fronteira”, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter “artificialmente” imposto das identidades fixas. “O cruzamento de fronteiras” e o cultivo propositado de identidades ambíguas é, entretanto, ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade. A evidente artificialidade da identidade das pessoas travestidas e das que se apresentam como *drag-queens*, por exemplo, denuncia a – menos evidente – artificialidade de todas as identidades (SILVA, T., 2007, p.89).

Pontuar os dispositivos da sexualidade narrados por Foucault é remontar os processos de construção e disseminação dos discursos normalizadores e normatizadores das sexualidades, dos gêneros e das identidades no Ocidente. É refazer o caminho para tentar compreender os mecanismos de produção e sedimentação da hegemonia heteronormativa e da lógica hegemônica dos gêneros, da marginalização das identidades dissidentes, assim como as relações de poder que se estabelecem a partir daí em toda a esfera social.

A formulação das identidades é sempre dada por uma relação de alteridade que se estabelece, entre discursos e práticas, por meio de recortes de pertencimentos identitários e posições de sujeito, ou seja, pela identificação com aspectos sociais, culturais, ideológicos, pela assimilação de estilos, gostos, comportamentos, desejos, enfim. As identidades são engendradas a partir de mecanismos que conjunturam a aceitação ou negação do outro em si,

²¹No livro *A Princesa* (1995), a travesti Fernanda Albuquerque, ao narrar suas experiências numa prisão italiana, interroga-se quanto ao seu lugar no sistema carcerário e no mundo, por não ser nem homem, nem mulher com a questão: *Meninas de um lado, meninos do outro... e eu?*

e isso se dá através de uma rede de significação e valoração recíproca, criada a partir do que está estabelecido socialmente.

Nessa medida, outra perspectiva que se apresenta é discutir a questão das identidades tendo em vista as relações de poder que estabelecem como legítimas as identidades sociais forjadas a partir de convenções formuladas numa rede de significação baseada na lógica dominante. Certas identidades são capazes de conferir prestígio ao sujeito dentro de um dado contexto social, pois são assentadas por uma idiossincrasia que incita os indivíduos a se identificar e reproduzir as posições, representações e falas bem-sucedidas, aceitas e recomendadas, em suas sociedades.

Ao legitimar certas identidades – sexuais e de gênero, por exemplo – estabelecem-se os discursos que têm autoridade e influência, e fixam-se as margens que delimitam quem está dentro, e, portanto, quem representa uma superioridade moral e social; e quem está fora, ao que Norbert Elias (2000), em seus estudos antropológicos, vai denominar *outsiders*²².

As identidades *outsiders* podem ser entendidas, então, como as identidades que estão fora da situação estabelecida, abrangendo tanto a esfera material quanto subjetiva. Os estudos culturais vão se apropriar do conceito de *outsiders* para criticar e pontuar as dinâmicas de identidade que se instituem pela demarcação das diferenças por meio de oposições e divisões binárias entre sujeitos e grupos sociais, delimitando as fronteiras com posições de identidades *insiders* e *outsiders* (WOODWARD, 2007). É instigante observar como as relações entre *insiders*/estabelecidos e *outsiders* são capazes de representar um padrão nos processos sociais de estigmatização e marginalização de grupos sociais e identitários.

Os sujeitos *outsiders* têm sua imagem depreciativa reiterada pela interiorização do preconceito e do autorreconhecimento de inferioridade. Por sua vez, os grupos estabelecidos/*insiders* se vêem como humanamente superiores, e assim se autorrepresentam, construindo uma autoimagem coletiva de poder. Nesse sentido, “a exclusão e a estigmatização dos *outsiders* pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar” (ELIAS, 2000).

²² Os termos *outsider* e *established* foram conceitos-chaves desenvolvidos por Elias e Scotson para designar a configuração das relações de poder entre os habitantes de uma pequena comunidade inglesa (1965). Em sua etnografia, Elias tratava especificamente das relações entre a sociedade tradicional e um grupo de forasteiros, estigmatizados por esse status. Contudo, a teoria sobre os “estabelecidos e os *outsiders*” vem sendo aplicada para analisar as mais diversas relações de desigualdade humana, inclusive entre identidades sexuais e de gênero, como a relação entre homossexuais/heterossexuais.

Considerando a hegemonia heteronormativa e de acordo com os discursos oficiais, as identidades sexuais e de gênero dissidentes são diferenciadas como identidades outsiders em relação às identidades estabelecidas e concordantes com a lógica dominante, ou insiders. Assim, se institui uma ordem sexual fundamentada na oposição heterossexualidade/homossexualidade, identidades insiders e identidades outsiders, sendo a heterossexualidade percebida como um tipo de identidade coesa e homogênea, que impõe superioridade pela sua legitimação; e a homossexualidade um grupo identitário disforme, confuso e heterogêneo, fora da ordem.

A construção da autoimagem coletiva de inferioridade e a estigmatização dos grupos outsiders só se fixa com eficácia quando há outro grupo com uma posição de poder instituída. Reiterar a posição de poder por meio do discurso e de representações é uma arma para manter a posição social de superioridade e retidão.

Pensando na perspectiva das identidades sexuais e de gênero dissidentes, o sentimento de autorreconhecimento de inferioridade ou exclusão faz parte do cotidiano de muitos gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, entre outros – especialmente daqueles em que a discordância pode ser visivelmente percebida, como as travestis e transexuais que têm no corpo a marca da ambiguidade dos gêneros, o que implica numa agressão moral contundente – justamente por haver identidades sexuais e de gênero tão fortemente estabelecidas e convencionadas, baseadas e creditadas nos discursos oficiais e na inteligibilidade da “natureza” do corpo/sexo, ou seja, na dicotomia sexual.

A relação outsiders/insiders limita as fronteiras, constrói muros simbólicos que se propõem intransponíveis. Assim, cogitar a pluralidade das identidades é considerar a legitimação das identidades tidas então como dissidentes, e considerar a possibilidade de cruzar fronteiras, ou mesmo extingui-las. E, quando se trata das identidades de gênero e sexuais, extinguir fronteiras é desconstruir os binarismos que fixam as identidades, e destituir os corpos-sexuados de seu caráter essencial. Ou seja, é admitir que corpo, sexo, gênero, desejo e sexualidade são modalidades distintas e que podem se construir descontinuamente.

O sexo dos indivíduos entendido como um produto social e histórico é a relação entre “natureza” e estrutura social, e sua construção está profundamente relacionada com as ideias que existem nas culturas acerca do masculino e do feminino. De acordo com Butler (2003), as diferenças sexuais são percebidas e marcadas pelas diferenças materiais e também discursivas, e ambas estão direta ou indiretamente ligadas à questão da aparência, da estética corporal. A formulação de identidades que trazem à tona corpos reestruturados e re-

significados, em suas fronteiras e subjetividade, se coloca como uma possibilidade de transitoriedade que acaba por dissolver a rigidez essencialista dicotomizada entre masculino e feminino, revelando a instabilidade do gênero e seu caráter fabricado pelos usos e contornos possíveis dos corpos.

Revela-se, dessa forma, a possibilidade de construção do feminino sobre uma “matriz-macho”, por exemplo. Ou em outras palavras revela-se a possibilidade de transformação dos gêneros e, assim, a maleabilidade das identidades. E é nessa medida que o corpo, pelo seu caráter simbólico, subjetivo e material, torna-se o eixo determinante para a construção das identidades na contemporaneidade.

O binarismo de gêneros convenciona as performances de masculinidade e feminilidade pautadas na genitalização das subjetividades para diferenciar biológica, social e culturalmente homens e mulheres. Porém, ao convencionar as identidades de gênero em feminino e masculino, com base em modelos comportamentais, discursivos e estéticos restritivos, coloca-se à margem qualquer identidade que fuja desse binarismo.

Nesse sentido, as identidades *trans*²³ produzem uma relação instável entre gênero e corpo, sendo, por isso, marcadas pela incoerência com a ordem natural dos corpos e pela diferença. Contudo, é importante acentuar que essa diferença, além de ser produzida historicamente no plano das condições sociais da existência, é também forjada na percepção de quem vê e enuncia. Assim, o diferente é descrito e avaliado por discursos dominantes, oficiais, estabelecidos, que constituem identidades sociais que devem ser tidas como modelo, ou as identidades insiders.

É nesse sentido que as experiências de transformação de gênero realizadas por travestis, transexuais e transgêneros constituem identidades outsiders. Essas transformações implicam necessariamente na desconstrução do masculino (ou feminino), para que se possa construir o feminino (ou masculino). As travestis e transexuais têm a sua “matriz-sexual” modificada e ante a sociedade, sua identidade *degenerada*, se caracterizando como indivíduos anormais, com patologias morais, físicas ou psíquicas. Ainda que entre os sujeitos do universo trans exista uma rede de significação simbólica com valores e relevâncias diferentes e até discordantes, e os processos de construção corporal, cultural e subjetiva do feminino ou

²³ De acordo com Berenice Bento (2006), emprego o termo *trans* para designar um universo de sexualidades possíveis, e tentar abranger todas as personificações de gênero polivante, polissêmico, modificado ou transformado, considerando toda sua complexidade e heterogeneidade, e não categorizar, sistematizar ou sintetizar as diferentes manifestações das sexualidades e de construção dos gêneros.

masculino se dêem também de modo distinto, para a sociedade em geral se caracterizam sumariamente pelo o que têm de anormal e diferente em relação ao que está estabelecido, fazem parte da mesma categoria de dissidentes, mesmo que com interpretações variadas para o fenômeno.

Em sua obra *A reinvenção do corpo* (2006), Berenice Bento aborda a sexualidade e o gênero na experiência transexual e discute a sua despatologização. A autora fala sobre a patologização e medicalização atribuídas pelo saber oficial aos indivíduos transexuais. Como aponta Bento, “transexualismo é a nomenclatura oficial para definir as pessoas que vivem uma contradição entre corpo e subjetividade” (2006, p.44). O sufixo “ismo” presente em várias patologias demarca a experiência transexual como tal. Essa classificação e nomeação são atribuídas pelo saber médico que naturaliza a essencialização do corpo/sexo fundamentado nas normas que constroem os gêneros dimórficos, e “quando se definem as características dos transexuais, universalizando-os, determinam-se padrões para a avaliação da verdade, gerando hierarquias que se estruturam a partir de exclusões” (BENTO, 2006, p.46).

Dessa forma, estabelece-se, por meio de diagnósticos, quem são as/os transexuais legítimos, aptos então a viverem a experiência oficial de transformação do gênero através da redesignação do sexo, ou transgenitalização. E, assim, também se restringem as experiências de transformação de gênero possíveis, instaurando entre os sujeitos trans posições de identificação e de repulsa. Nessa mesma perspectiva, Bento fala sobre as práticas discursivas e performáticas de diferenciação empregadas pelas transexuais para se distanciarem das travestis:

Carla: Às vezes, eu estava dançando e pensava: “É bom eu parar, estou parecendo um travesti. Deixa eu dançar mais comportada, como uma mulher.

Kátia: Nota-se a diferença entre o travesti e o transexual no gesto. Eu noto nos gestos, porque o transexual não tem aquela desmunhecação de mão, sabe? (2006, p.211).

Elas também usam em suas falas, estratégias baseadas na essencialização biológica dos sexos e na patologização para então poderem negociar com as normas de gênero que determinam e legitimam as condutas tidas como normais:

Kátia: Eu dizia que nasci com dois sexos, que era hermafrodita. Mesmo depois que fiquei sabendo que existiam transexuais, eu continuei falando isso, porque é mais fácil de aceitarem quando a gente diz que tem um problema biológico (2006, p.63).

Percebe-se, com isso, que no interior de grupos identitários outsiders, há a reprodução das normas de gênero, assim como a interiorização da ideia de inferioridade expressa por sua “anormalidade”:

Bárbara: Como posso pedir para ele ser fiel. Eu, nesse estado? [...]

Kátia: Me senti várias vezes inferior, principalmente quando você sabe que o homem está te traindo com uma mulher. Eu pensava: gente, eu sou uma porcária, sou um lixo. Eu me sentia como um lixo [...] (2006, p.200).

Outro fator que se percebe é a hierarquização existente também entre membros de um mesmo grupo, assim as transexuais se utilizam de um discurso médico sofisticado para, fazendo uso dos argumentos patologizantes que normatizam os sexos e os gêneros, validar a sua experiência de transformação de gênero. Assim, ser “transexual” é ter uma posição identitária capaz de conferir um sentido provisório a suas vidas, até que se possa considerar uma “mulher de verdade, completa”, em outras palavras, até a cirurgia (BENTO, 2006, p.209).

Da mesma forma, entre as travestis há também uma hierarquização, de acordo com o seu processo de transformação corporal e os resultados conquistados, pois uma estética feminina bem sucedida confere um valor positivo às travestis. Nesse processo, o hormônio e o silicone parecem possuir um status privilegiado, de modo que “as travestis só reconhecem outras travestis nas pessoas quem fazem ou fizeram uso dessas substâncias” (BENEDETTI, 2005, p.80). Assim, só é travesti de verdade quem usa no mínimo hormônio. A propósito, este aparece, como acentua Benedetti (2005), como um instrumento num ritual de passagem porque é junto com os efeitos do hormônio que a travesti nasce para uma nova vida, é a porção que permite à travesti começar a cruzar a fronteira dos gêneros. Ao comentar sobre a naturalidade ou autenticidade da feminilidade das travestis conquistada com o silicone, Moema, travesti entrevistada por Hélio Silva (2007, p.170) em sua etnografia sentencia: “Travesti tem que ter silicone, hormônio. Não tem travesti sem hormônio”.

Muitos indivíduos transexuais reconhecem em si um gênero que se torna contraditório devido à sua formulação corporal e genital concebida como um “problema biológico de nascença”, atribuindo à natureza a sua condição de “anormalidade”. Essa estratégia biológica da fala é um dos mecanismos utilizados pelas transexuais para se posicionarem. A fala “sou uma mulher que nasceu no corpo de homem”, ou simplesmente “nasci no corpo errado”, se confronta com a ideia de “uma mulher com algo a mais”, muito usada pelas travestis. Embora essa seja uma das diferenças mais marcantes presente na fala de travestis e transexuais, é preciso destacar que não há como classificar ou categorizar de modo

engessado a travestilidade e a transexualidade, assim como a subjetividade dos sujeitos transexuais e travestis. Isso implica dizer, que transexuais e travestis, vivem, entre si, de modo variado a experiência de transformação de gênero e a sexualidade, da mesma forma assumem seus posicionamentos identitários.

Ainda que transexuais e travestis pautem suas identidades baseadas no modelo de feminilidade/masculinidade, não significa que suas sexualidades sejam assim também determinadas. Esse movimento se compõe no que Berenice Bento vai chamar de deslocamentos, que se apresentam em diferentes modalidades, como, por exemplo, os deslocamentos entre gênero e corpo-sexuado; ou entre gênero, corpo-sexuado e sexualidade (2006, p.106).

Contudo, as performances sexuais e de gênero que esperam de seus parceiros, assim como suas posições e reivindicações são, muitas vezes, determinadas pelo binarismo sexual. É por isso que uma travesti, que constrói material e subjetivamente o feminino, não aceita que seus parceiros (homens com quem namora) assumam a posição de passivo numa relação sexual²⁴, ou seja, queira ser penetrado. Como descreve Kulick em sua etnografia sobre as travestis de Salvador, para elas o homem na relação sexual é sempre aquele que assume a função de penetrar, ou seja, é sempre ativo:

Tina: [...] Porque tem homem que é homem e faz o quê? Chega no outro canto, dá o cu. Esse é o homem? Isso não é homem não. Isso é viado. [...] Porque um homem tem que ser um homem mesmo. Tanto na mulher como no viado na cama, que ele tem que ser homem, entendeu como que é? Porque não pode, não pode. Isso não pode (2008, p.138).

Entre as transexuais, esse movimento se repete:

Patrícia: [...] Nunca deixei eles verem a minha frente. Eles olhavam assim e falavam: “Deixa eu fazer na frente”. Quer dizer, pensavam que tinha vagina. [...] “Deixa?”, “Não, não! E se tiver outra coisa na frente, um pacote?” Os meninos falavam: “Não, negócio de pacote eu já tenho o meu.” Aí eu ficava alegre. Então quer dizer que esses meninos são machos. Agora teve uma vez que eu falei com um menino assim, um rapazinho: “Olha, eu não fiz cirurgia. Não sou uma mulher ainda. Que eu sou mulher, mas não completa.” Aí ele disse: “Tem nada não. Deixa eu ver, deixa eu pegar.” Falei: “Ah, é! Pode vestir sua calça que acabou, não quero papo, não. Eu gosto de macho, de homem.” O homem tem pavor de pênis de outro homem. Eu peguei e falei: “Não meu filho, pode vestir sua roupa. Acabou com meu tesão. Não, não, você não passa de um gayzão. Vai me desculpar, mas você é gay” (BENTO, 2006, p.212).

²⁴ Para uma discussão mais completa sobre os relacionamentos entre as travestis e seus namorados/maridos e clientes, ver Benedetti (2005); Pelúcio (2007); Silva, H. (2007); Kulick (2008).

Com isso, é comum ver as normas de gênero se reproduzindo mesmo entre grupos que pretensamente as subvertem.

De modo geral, as transexuais negam o seu corpo, mais especificamente sua genitália, e por mais que utilizem artifícios para reformulá-lo, só se sentem “mulheres de verdade” se tiverem uma vagina, ainda que geneticamente continuem sendo “XY”. Esse empenho de alguns/mas transexuais em reconstruir o corpo e o gênero envolve uma série de investimentos materiais e subjetivos, se configurando ao mesmo tempo como uma atitude transgressora, mas paradoxalmente conservadora na medida em que incorporam certas normas sexuais e de gênero e a reproduzem, seguindo, muitas vezes, a continuidade entre corpo/sexo, gênero e sexualidade.

É nesse sentido que a experiência travesti parece mais transgressora, pois estas reconstroem o seu corpo, mas mantém a ambiguidade dos gêneros e dos sexos pela presença e, por que não, pelo uso sexual de sua genitália – que é entendido como um recurso sexual e de prazer fundamental especialmente para as travestis que se prostituem, tendo em vista que, como elas mesmas apontam, os clientes as procuram em grande parte das vezes para serem penetrados (PELÚCIO, 2007; KULICK, 2008). Por isso, o movimento de “cruzar fronteiras” experienciado pelas travestis parece um projeto mais radical.

O termo travesti deriva do verbo “travestir”, que pode ser definido como o ato de vestir-se com roupas do sexo oposto. No entanto, ser travesti significa o emprego de uma série de outros esforços para construir o feminino. Os seios, a bunda, a pele, a voz, os gestos, o olhar, tudo é meticulosamente harmonizado para combinar atributos físicos e atributos subjetivos femininos. Tornar-se travesti implica em reconstruir-se continuamente, não apenas se vestir de mulher por algumas horas ou eventualmente, mas em “ser mulher” vinte e quatro horas por dia, ter um nome feminino, construir uma autoimagem feminina e assim ser percebida (PELÚCIO, 2007).

Geralmente esse movimento de “cruzar a fronteira dos gêneros” começa ainda na puberdade, mas as primeiras lembranças remontam à infância, com o interesse por brincadeiras de meninas, o uso escondido de maquiagem e roupas da mãe, os trejeitos efeminados, enfim. O desejo e a prática sexual homoerótica também são recorrentes na infância das travestis, assim como as histórias de relações sexuais com homens mais velhos (BENEDETTI, 2005). Da mesma forma, também afirma Kulick (2008), ao observar que a atração homoerótica parece ser o aspecto mais importante no processo de autodescoberta e constituição das travestis:

Cíntia: Desde os sete anos já gostava de coisas de menina. Brincava de boneca, brincava de... coisinhas de menina, só brincava com menina... [...] só brincava com esses dois meninos durante a tarde. Que de manhã eu estudava. De tarde eu brincava com eles... Aí pronto, era um roça-roça, um esfrega-esfrega, era um beija-beija na boca [risos]. Pronto.

Elisabeth: Ah, eu era criança... de criança mesmo, de pequeno mesmo, que eu gostava de ir com os meninos, né? Né? Ir brincar com os meninos. [...] Ah, gostava de fazer sexo com os meninos, né, de brincar de trocar com os meninos, entendeu? (2008, p.69).

Mesmo com os esforços para construir um corpo feminino e chegar a uma nova concepção de gênero, as travestis dependem da outorga social para serem identificadas como sujeitos do gênero feminino, como mulher. Por isso, há uma série de investimentos para que o masculino seja ocultado no corpo e o feminino tenha visibilidade e significação, mas ainda assim as travestis não concebem nem o masculino nem o feminino, não “se tornam nem mulheres, nem homens”, são na verdade reconhecidas e identificadas pela inteligibilidade social como uma identidade desviante, que se constitui pela ambiguidade dos sexos.

Nem mulher e nem homem, travesti: um gênero que não é nem masculino, apesar de ter o traço decisor da masculinidade em seu corpo – o pênis – nem feminino, apesar de construir simbólica e materialmente a noção de feminilidade e incorporá-la. Pois,

o feminino travesti não é o feminino das mulheres. É um feminino que não abdica de características masculinas, porque se constitui em um constante fluir entre esses pólos [...]. O gênero das travestis se pauta pelo feminino. Um feminino tipicamente travesti, sempre negociado, reconstruído, ressignificado, fluido. Um feminino que quer ser evidente, mas também confuso e borrado, às vezes apenas esboçado. O feminino das travestis é um constante jogo de estímulos e respostas entre contexto específico de determinada situação e os sentimentos e concepções da travesti a respeito dos domínios de gênero. É o feminino travesti (BENEDETTI, 2005, p. 96).

A experiência da transformação de gênero das travestis configura uma identidade outsider, que trespassa fronteiras simbólicas demarcadas pela fixidez das normas binárias e cruza as fronteiras materiais do corpo-sexuado sem, contudo, se fixar.

A identidade travesti pertence, assim, a um gênero que não é nem feminino, nem masculino, mas que transita entre estes. Localiza-se na fronteira entre os pontos opostos do binarismo biológico naturalizado socialmente, circula de modo instável, ainda sem lugar – ao menos um lugar fora da ordem estigmatizante ou espetacularizante que lhes apresenta a marginalidade como único lugar possível para sua existência.

Não se nasce mulher, torna-se travesti. Aproximações entre o queer e o camp

El travestismo es subversivo por cuanto se refleja en la estructura imitativa mediante la cual se produce el género hegemónico y por cuanto desafía la pretensión a la naturalidad y originalidad de la heterosexualidad (BUTLER, 2002, p.185).

A política queer é baseada na instabilidade das identidades. A ação política queer usa as performances como estratégia de visibilização irônica da realidade heteronormativa, mediante a sexualização paródica de realidades cotidianas. É desse modo que o queer pode ser entendido, então, como uma posição excêntrica, mas desde que critique ou denuncie as instâncias estigmatizadoras que podem oprimir indivíduos e grupos sociais.

Ao argumentar pela desnaturalização da heteronormatividade, o queer nos mostra que as reconstruções corporais realizadas nas transformações de gênero conferem ao sexo, e ao próprio gênero, um caráter artificial que abala a noção de feminino e masculino. Reconhece-se, desse modo, que a essência ou identidade dos sujeitos se revela e se expressa em atos performativos, fabricados e internalizados, enquanto querem denotar naturalidade. Nessa perspectiva, entende-se que

se os atributos de gênero não são expressivos, mas performativos, então constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam. A distinção entre expressão e performatividade é crucial. Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero se revelaria numa ficção reguladora (BUTLER, 2003, p.201).

Assim, como nos diz Berenice Bento, não existe um referente natural para que se possa vivenciar as performances de gênero. As mulheres incorporam o estereótipo do gênero feminino, e nessa perspectiva, as travestis e transexuais ao construírem o feminino em si, reproduzem e incorporam o estereótipo do estereótipo (BENTO, 2006). Entretanto, para a visão essencializadora a verdade dos gêneros se localiza no sexo, no pênis ou na vagina. Por isso, a ambiguidade presente no corpo de travestis e transexuais configura socialmente esses sujeitos como aberrações, como paródias do gênero feminino. E é justamente nesse aspecto que se pode aproximar o queer e o camp quando se fala de travestilidade.

As definições mais específicas sobre o camp insistem que se trata de uma manifestação do discurso queer frente à impossibilidade de assumir-se enquanto sujeito, sob a pressão compulsiva heterossexual e os vínculos enunciativos da lógica dominante. Susan

Sontag (1987) coloca em evidência a força contestatória da manifestação camp como atitude provocativa de uma minoria social. Assim como a política queer reverteu positivamente o uso do termo queer presente inicialmente nos discursos homofóbicos para denegrir a imagem de homossexuais, o camp usa características da cultura dominante para criticá-la.

A cultura ou estética camp tem suas reflexões e teorizações fundamentadas como subprodutos de batalhas e lutas discursivas de grupos e movimentos sociais emancipatórios da década de 1960, assim o camp tem uma função disparadora de impulsos vindos de um território marginal (AMÍCOLA, 2000).

No camp, a força do grupo é expressa pela estética e visualidade, que “responde em particular ao marcadamente atenuado e ao fortemente exagerado” (SONTAG, 1987, p.322). Assim, Sontag pontua em suas *Notas sobre o Camp* que este é justamente uma forma de esteticismo, um fenômeno estético que não se refere à beleza, mas ao grau de artifício e de estilização que ao privilegiar o estilo menospreza o conteúdo. Sontag localiza o camp nos espaços urbanos e o identifica em objetos e pessoas, sinalizado por um grande componente de artifício. Desse modo o camp pode ter sua essência conformada na predileção pela artificialidade e exagero.

Ao afirmar que a vida em si não tem estilo nem natureza o camp confere-lhe um alto grau de artificialidade e revela a fabricação de todas as coisas presentes nas esferas social e cultural e, ao negar a natureza da vida admite a não-naturalidade do gênero, da sexualidade e das identidades. É nessa medida que o camp se caracteriza, então, como uma nova forma de ver a realidade, de quebrar padrões e questionar comportamentos.

Do mesmo modo que os estudos queer possibilitaram a interpretação da experiência de transformação de gênero fora dos marcos patologizantes presentes nas falas oficiais, o camp conjuntura a autenticidade dessa transformação, tendo em vista a artificialidade da vida como um todo. Ou seja, a reconstrução corporal que possibilita aos indivíduos fabricar em si, a partir de uma matriz-sexuada, suas identidades de gênero masculinas ou femininas obedece aos mesmos mecanismos e estratégias discursivas, empregadas com maior ou menor grau de investimento.

Butler (2003, p.58) nos recorda, a partir da afirmação de Beauvoir, que *tornar-se mulher* implica num contínuo processo de fabricação e manutenção do feminino. A feminilidade da mulher é forjada, não é autêntica tampouco original, contudo, a sua coerência inteligível entre sexo/corpo e gênero concebe uma autonaturalização. Nesse sentido, o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura

reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser mulher ou do ser homem (Idem, p.59). O corpo da mulher, e a feminilidade impressa neste, corresponde a performances de gênero assimiladas e reproduzidas socialmente instituindo uma coerência normativa entre o corpo-sexuado e o gênero. Como aponta Benedetti (2005), as travestis constroem seus corpos e suas vidas na direção de um feminino ou de algo que elas chamam de feminino, com o objetivo e o desejo de se sentirem mulheres.

O feminino produzido pelas travestis, um feminino travesti como sugere Benedetti se apropria e enfatiza os aspectos e performances da “feminilidade da mulher”, de modo, por vezes, esteticamente exagerado. É um feminino estético marcadamente artificial pela incoerência com a “natureza dos sexos e dos gêneros”, se constituindo por uma visualidade fortemente vincada, pois o corpo é o lugar onde se constrói e se revela o gênero e para isso recebe altos investimentos (2005, p.96). A personagem travesti Agrado²⁵ ironiza no filme *Tudo sobre minha mãe* (1999), de Pedro Almodóvar, a autenticidade feminina num genuíno discurso camp, colocando em evidencia o caráter construído dos corpos e dos gêneros:

Me chamam Agrado, porque toda a minha vida sempre tento agradar aos outros. Além de agradável, sou muito autêntica. Vejam que corpo. Feito à perfeição. Olhos amendoados: 80 mil. Nariz: 200 mil. Um desperdício, porque numa briga fiquei assim [Agrado, mostra seu perfil e um desvio no nariz]. Sei que me dá personalidade, mas, se tivesse sabido, não teria mexido em nada. Continuando. Seios: dois, porque não sou nenhum monstro. Setenta mil cada, mas já estão amortizados. Silicone... Onde? [Um homem da platéia pergunta]. Lábios, testa, nas maçãs do rosto, quadris e bunda. O litro custa 100 mil. Calculem vocês, pois eu perdi a conta. Redução de mandíbula, 75 mil. Depilação completa a laser, porque a mulher também veio do macaco, tanto ou mais que o homem. Sessenta mil por sessão. Depende dos pelos de cada um. Em geral duas a quatro sessões. Mas se você for uma diva flamenca, vai precisar de mais. Como eu estava dizendo, custa muito ser autêntica, senhora. E, nessas coisas, não se deve economizar, porque se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma²⁶.

Da mesma forma como o “feminino mulher” é construído continuamente, o feminino travesti também o é. A performatividade dos gêneros é continuamente apreendida e reafirmada ao longo da vida, assim tanto a masculinidade quanto a feminilidade precisam ser reiteradas persistentemente. Usando as palavras de Butler,

²⁵ Interpretada pela atriz espanhola e transexual Antonia San Juan.

²⁶ Sônia Weidner Maluf (2000) analisa corporalidade, desejo e construção do sujeito em *Tudo sobre minha mãe*, de Almodóvar, discutindo as questões de gênero a partir da comparação com outros filmes que abordam as transgeneridades.

afirmar que todo género es como el travesti o está travestido sugiere que la “imitation” está en el corazón mismo del proyecto heterosexual y de sus binarismos de género, que el travestismo no es una imitación secundaria que supone um género anterior y original, sino que la heterosexualidad hegemónica misma es um esfuerzo constante y repetido de imitar sus propias idealizaciones (2002, p.184).

Ao passar pela experiência de transformação de gênero, as travestis fazem um duplo movimento: ocultam os traços físicos de seus corpos que remetem ao masculino para se aproximar do seu ideal de feminilidade, ao mesmo tempo em que expõem seu aspecto “fenomenal”. Contudo, ao tentar construir um ideal de feminilidade, acabam por reproduzir as normas de gênero binárias, nesse sentido, seu caráter subversivo pode ser questionado. O que muitas travestis e, em especial, os sujeitos transexuais mais querem é que sua subversão da norma passe despercebido, e nesse sentido eles são nem um pouco queer. Sua maior expectativa ao transformar o corpo é justamente não dar pistas de sua “condição”. Por isso, dedicam tanto investimento à transformação corporal.

As travestis, assim como as transexuais, desenvolvem uma série de “técnicas corporais”, como nomeia Mauss (2003), subjetivas e materiais. Os hábitos corporais se configuram segundo uma idiosincrasia social, e não por simples imitação dos atos de um indivíduo pelo outro, variando, sobretudo com o contexto social e cultural, com as pedagogias sexuais e morais, a moda, enfim. A imitação torna-se um ato de aprovação, ao que se pode denominar de imitação prestigiosa, posto que os atos imitados são os bem-sucedidos, aqueles efetuados por pessoas que possuem algum tipo de prestígio em um determinado grupo social. Segundo Marcel Mauss (Idem, p.405), “é justamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social”.

No início da experiência de transformação de gênero, ainda na infância ou na adolescência, os meninos, que já se sentem “diferentes dos outros meninos”, ao verem uma travesti nas ruas logo se identificam e se projetam na imagem daquela mulher bonita, mas estranha:

Magdala: Eu percebi algo demais nela. Era uma mulher, mas tinha um negócio diferente, que não se encaixava (Kulick, 2008, p.82).

E compreendendo, portanto, as possibilidades de se tornar uma travesti tratam logo de conhecer as técnicas corporais capazes de lhes possibilitar ser também uma travesti. As travestis mais velhas dão informações sobre as modificações corporais e encorajam as jovens a adquirir atributos femininos:

Banana: Eu estava com, já com 13 anos na época eu fui trabalhar nessa, aí eu vi um primeiro travesti. Lembro como hoje. Aí eu avistei uma bicha, o peito deste tamanho, era bonita mais ou menos. Aí eu perguntei. Eu sempre fui uma pessoa curiosa, né? Perguntei um amigo meu: “Que é aquilo?”. Porque eu vi o peito, mas não parecia, não parecia com mulher, ta entendendo? Era aquela coisa, peitão, mas, aí eu perguntei. O rapaz disse “É um viado”. Viado?

Aí eu, um dia desci, falei com ela, o que é, por que o peito é assim? Aí ela disse: “É hormônio, que eu tomo. “O que é hormônio?” Aí disse: “É remédio de evitar filho”. Tudo bem, aí pronto, daí em diante eu digo: “Eu vou ser um travesti como elas” (Kulick, 2008, p.81).

A iniciação da hormonização também é geralmente feita por uma travesti mais velha, e quanto antes se inicia o uso de hormônio, melhores são os resultados. De preferência que seja feito na época da puberdade. O hormônio faz parte da identidade social travesti, e como sublinha Benedetti na fala de uma de suas entrevistadas, opera a naturalização do ser travesti, diferenciando-as por exemplos das transformistas, que usam basicamente de artifícios externos para construir uma imagem feminina. Assim, para Gabrielle, travesti entrevistada por Benedetti:

o hormônio na vida de uma travesti é a feminilidade toda, tudo tá ligado ao hormônio. Inclusive, têm amigas minhas que, quando vão à farmácia comprar hormônios, elas costumam colocar assim, ó: “eu vou comprar beleza”; porque o hormônio é realmente a beleza na vida de uma travesti. Ele ajuda na pele, que fica mais macia (...), inibiu o crescimento de pelos, desenvolveu a glândula mamária, entendeu, arredondou as formas, e até a expressão do olhar de quem tomou hormônio é diferente (...). A gente fica mais feminina pra falar, pra sentar, e tudo isso é efeito do hormônio no teu organismo (2004, p.77).

Além do uso do hormônio, outras técnicas são empregadas, como o uso de silicone líquido industrial, produto que provoca mudanças irreversíveis no corpo. O silicone é comumente empregado, como indica Benedetti (Ibidem), por quem já tem um histórico de uso de hormônios. O silicone pode ser aplicado em todas as partes do corpo, desde a face e seios, até as coxas e joelhos. O silicone produz um efeito visual imediato, por isso é tão valorizado, além de dar formas que somente o hormônio não proporciona. A aplicação do silicone é uma das últimas etapas no processo de *tornar-se travesti*, e também a mais radical por ser quase impossível de removê-lo, representando um caminho sem volta.

Cuidar dos pelos do rosto, do corpo e dos cabelos, esconder o pênis, educar a voz, usar maquiagem, esmalte nas unhas, roupas femininas e saltos altos. Há uma pedagogia corporal que performatiza a travestilidade, e legitima e conforma sua identidade social na medida em que a diferencia de gays, transformistas e transexuais.

Nesse sentido, é importante sublinhar a paradoxal e complicada relação de aproximação e repulsa que as travestis estabelecem com os gays. Há um autorreconhecimento homossexual na fala das travestis ao afirmarem seu desejo homoerótico, contudo elas não admitem ver homens se relacionando entre si. As travestis materializam o gênero feminino em seus corpos, por isso sua experiência homoerótica parece validada. O mesmo se vê na fala de algumas transexuais entrevistadas por Bento:

Patrícia: Nossa, eu detesto gay. Não concordo com isso, não. Uma coisa muito aberrante, escandalosa. [...] Os gays não têm nada de mulher e ficam se beijando na frente de crianças. Eu queria que eles respeitassem, nem se beijassem e nem ficassem com aquele olhar de amor. Deixa pra fazer isso dentro de casa. [...] Travesti até que eu concordo de ficar pegando na mão. Porque o menino, a criança vai ver sentado na praça, vai ver que é mulher mesmo. Porque travesti parece mulher mesmo, de seios e tudo (2006, p.207).

Como assinala Kulick (2008, p.140), o desejo entre indivíduos homens masculinos, ou seja, o desejo homossexual, não é aceito e é até, para algumas, considerado repugnante. A configuração do desejo para elas tem como pressuposto a inteligibilidade da matriz-heterossexual, de modo que o desejo além de só fazer sentido em relação à diferença, também a produz. Assim, é necessário um homem para fazer uma travesti se sentir mulher, por isso também não cogitam se relacionar sexual ou afetivamente com um gay.

Percebe-se, portanto, que há uma sofisticada rede simbólica de significados que opera e redimensiona a vida material das travestis. Do mesmo modo, os investimentos contínuos para a transformação corporal e manutenção do feminino influenciam também na sua subjetividade.

As travestis se propõem a adquirir uma estética e aparência naturalmente feminina, embora o caráter construído e artificial do corpo e do gênero esteja bem demarcado. No entanto, elas não querem ser mulher e nem reivindicam uma vagina, formulam suas identidades na ambiguidade dos sexos. Todavia, a experiência de transformação de gênero das travestis demonstra a maleabilidade do corpo e a rigidez das normas que produzem performativamente o sexo natural e o gênero real de mulheres e homens. As travestis subvertem a ordem normativa do corpo-sexuado e do gênero para fabricar o feminino e uma identidade travesti, negociando com o binarismo sexual sua existência e percepção social. O corpo, nesse entremeio, se constitui como as identidades, numa “fronteira variável” (BUTLER, 2003, p.198).

Como coloca Butler, se o gênero é uma fabricação, a ideia de um gênero verdadeiro e legítimo é uma fantasia, uma ilusão inscrita sobre os corpos que querem

expressar uma verdadeira identidade de gênero. A identidade travesti é uma paródia dessa pretensa verdadeira identidade de gênero, e ao parodiá-la ironiza a identidade feminina da mulher como sendo verdadeira e natural. Assim, as travestis não nascem mulheres, nem reivindicam o direito de ser, mas o direito legítimo de produzir em si, material e subjetivamente, o feminino.

Nos palcos e nas ruas: as imagens da travestilidade no cotidiano social

É a partir do travesti que se expõe, seja na rua, seja no palco que a sociedade mais abrangente toma contato e lida com o fenômeno. E é particularmente a partir do contato na rua que o travesti penetra no cotidiano social (SILVA, H. 2007, p.29).

Olhares sobre as travestilidades

Os primeiros estudos antropológicos sobre as transformações de gênero surgiram ainda na primeira metade do século XX, com as tentativas de interpretar e descrever algumas sociedades simples da América do Norte. Os estudos sobre as berdaches – termo genérico usado para denominar os homens das sociedades primitivas norte americanas que adotavam comportamentos e vestimentas femininas e praticavam sexo com homens não-berdaches, de modo geral, no papel passivo – foram desenvolvidos por vários antropólogos, em especial até a década de 1950, de modo que o fenômeno das berdaches se tornou um caso etnográfico clássico para a antropologia e para os estudos de gênero (BENEDETTI, 2005, p.21). Porém, os primeiros estudos sobre os indígenas que se travestiam baseavam-se principalmente nas teorias das ciências médicas e psi, e focavam o exotismo e a excentricidade do “outro” presente em diferentes sociedades primitivas, acabando por adotar o discurso da “anormalidade”, contribuindo para que se consolidasse uma base biológica e uma visão essencialista para os estudos sobre as transformações de gênero. Nesse contexto, não se separava corpo/sexo/gênero em níveis físicos e simbólicos, e pouco se aproximava dos processos culturais que os conformam (Ibidem).

O antropólogo e sociólogo Marcel Mauss (2003)²⁷, em seus estudos sobre o corpo e as técnicas corporais, foi um dos primeiros estudiosos a observar o papel da cultura na

²⁷ A primeira edição de Sociologia e Antropologia foi postumamente publicada em 1950. No capítulo intitulado “As técnicas corporais”, o autor fala de sua especificidade e de seu aperfeiçoamento citando práticas esportivas, como o nado, a corrida, o hipismo, ou mesmo o andar. Com isso, ele demonstra como as técnicas se adaptam a novas circunstâncias, porém geralmente são comandadas e assimiladas por uma pedagogia corporal. Ou seja, certos movimentos corporais e certos modos de se fazer uso do corpo são adquiridos, e não naturais. E ainda,

construção corporal, e como esta interfere e determina a maneira como as pessoas se relacionam com o mundo, com os outros e com as coisas, tanto material quanto subjetivamente, despertando o olhar para o caráter idiossincrático do corpo e das técnicas corporais. Mauss divide, inclusive, as técnicas do corpo entre os sexos, argumentando que há uma sociedade de homens e uma sociedade de mulheres, cada uma com suas técnicas e práticas específicas, como, por exemplo, o uso do salto alto pelas mulheres nas sociedades ocidentais. As posições sexuais também são citadas, observando-se suas especificidades em diferentes culturas e como os atos sexuais são normalizados, estabelecendo uma estreita relação com a moral. Dessa forma, percebe-se com Mauss como a normatização do corpo e de suas técnicas conforma uma concepção acerca dos papéis sexuais e de gênero.

Os termos *travestismo* e *transexualismo* são nomeações carregadas de significação para categorizar as transformações de gênero e, assim como o *homossexualismo*, têm sua origem em práticas regulatórias normatizadoras e normalizadoras. Essas nomeações são invenções recentes das sociedades ocidentais estabelecidas para práticas sexuais, sociais e culturais desviantes e identidades dissidentes. Mais uma vez, é importante destacar o peso do sufixo *ismo*, típico das patologias, presente nessas nomeações, e como esse sufixo demarca sua biologização e psicologização. Assim, nomeiam-se práticas culturais com o peso simbólico da anormalidade imposta hegemonicamente.

Como pontua Benedetti (2005), somente a partir dos anos de 1990 começou-se a sistematizar uma nova perspectiva teórica para a interpretação das concepções de corpo, gênero e sexualidade, capaz de problematizar as experiências de transformação de gênero fora dos marcos patologizantes das ciências médicas e psi, possibilitando uma nova leitura e interpretação para o fenômeno²⁸ das travestilidades nas sociedades contemporâneas ocidentais.

O pesquisador e historiador peruano Giuseppe Campuzano (2008) documentou de forma inédita a história do travestismo²⁹ no Peru – a partir de arquivos históricos, jornais, obras de arte, peças de artesanato, entre outros – propondo um novo olhar sobre a história tradicional do país ao reivindicar os direitos das travestis de recuperar a memória e a tradição

cada sociedade tem seus hábitos próprios, por isso as técnicas corporais seguem fatores culturais, sociais e históricos.

²⁸ Utilizo o substantivo *fenômeno* não para expressar um acontecimento anormal ou extraordinário, mas sim para designar um fato social observável e perceptível sobre algo em especial.

²⁹ Campuzano utiliza em seus estudos e projetos artísticos o termo travestismo e não travestilidade, e diz ter se surpreendido com a preponderante associação entre o termo *travestismo* e patologia no Brasil. Ele destaca que pensa o *ismo* em sua dimensão artística, como estética e expressão (em entrevista concedida à pesquisadora em 26 de setembro de 2008).

histórica e simbólica das identidades transgêneros³⁰ na sociedade peruana, e desse modo validá-las como identidades legítimas, já que no Peru a prática de travestir-se foi reprimida e proibida por lei durante o século XVI.



Figura 1. Dança de Homens vestidos de mujer, Peru, 1782.
Aquarela pintada pelo sacerdote Martínez Compañón como documento etnográfico da época.
Imagem em CAMPUZANO, 2008, p.63.

Campuzano remonta a tradição pré-hispânica dos sujeitos que transitavam entre os gêneros, denominados maricones, para discutir os efeitos e prejuízos sociais contemporâneos causados pela colonização. O termo maricón tanto sugere um ato torpe e nefando ao ter sua concepção associada à sodomia pelos representantes do poder regulatório que puniam os “criminosos” sodomitas, quanto se refere à identidade social de homens que se vestiam com trajes femininos, mas que não necessariamente mantinham relações sexuais com outros homens (CAMPUZANO, 2008, p.88). O maricón, portanto, representa a tradição pré-hispânica da identidade travesti contemporânea.

³⁰ O termo transgênero, segundo Campuzano (Ibidem, p.89), é abrangente e plural, pois passa de uma identidade baseada na vestimenta à outra que possibilita discutir o gênero de modo a incluir toda pessoa que transcenda as definições normatizadas e tradicionais de masculino e feminino. Contudo, o prefixo *trans* teria perdido seu caráter nômade, deixando de designar quem transita entre os gêneros para concordar com o binarismo permanente, características do gênero dominante.

Ao contextualizar os complexos processos históricos de colonização que acabaram por reprimir e proibir a travestilidade no Peru, Campuzano aponta alguns marcos históricos e suas implicações para as formas de permanência das identidades travestis:

He logrado ubicar tres grandes colonizaciones en la historia peruana: la cruzada española del siglo XVI que posicionó lo español viril-indígena afeminado reiterando aquellos patrones desarrollados contra el Islam; el despotismo ilustrado del XVIII que pretextando una razón contingente como trascendente, negó lo indígena y mestizo como parte del proyecto de la República; y el mercado que en el XX y el XXI reduce la diversidad cultural a mero artículo comercial. Tres complejos procesos que se superponen y tienen como síntoma común la represión del travestismo. El travestismo mismo como síntoma en el sentido que suplantó un sinsentido – la androginia indígena – dentro de aquella visión binaria, excluyente y fija del colonizador. Este proceso tan sostenido como contundente cruza la historia peruana, su percepción misma, generando en el discurso «verdades»: civilizado-salvaje, ilustrado-ignorante, demócrata-totalitario, mientras genera violencia al interior y entre nuestros cuerpos y lógicas mestizos (CAMPUZANO, em entrevista concedida à pesquisadora em 26 de setembro de 2008).

O historiador Luiz Mott (1988), em seus estudos sobre a história da homossexualidade no Brasil colonial e na Bahia, argumenta que não se pode falar na história do Brasil, ou de Salvador, sem falar de homossexualidade, travestilidade e dos registros que a história oficial fez questão de suprimir de suas narrativas. O autor cita relatos de denúncias registradas por volta de 1590, em Salvador, contra Francisco Manicongo, um escravo africano que se vestia com trajes femininos e que teria sido a primeira travesti do Brasil. Assim, a existência e a repressão de homossexuais e transgêneros estão documentadas nos arquivos manuscritos do período quinhentista ao setecentista da Inquisição. Mott, assim como Campuzano, discorre sobre a existência pré-colonial tanto de práticas homoeróticas quanto de ameríndios que adotavam performances tipicamente femininas e pecaminosas aos olhos etnocêntricos de seus colonizadores, sendo, portanto, criminalizados, perseguidos e condenados. Entre 1853 e 1885, como assinala Santos (1997, p.145), há inúmeros registros de prisão de “homens que se vestiam de mulher”, e de “mulheres que se vestiam de homem” na Bahia, confirmando no Brasil implicações semelhantes às descritas por Campuzano sobre o processo histórico de marginalização e estigmatização das pessoas transgênero no Peru.

É possível registrar a presença de transgêneros em vários países de diferentes continentes, contudo a América Latina parece despertar um interesse especial nos antropólogos europeus e americanos para investigar as transformações de gênero, sobretudo devido à forma singular como estas se configuram. A travestilidade parece ser um fenômeno

típico dos países latino-americanos e, como afirma Kulick (2008), em nenhum lugar a existência de travestis é tão numerosa e conhecida quanto no Brasil.

Em sua pesquisa etnográfica com as travestis de Salvador, Kulick (2008)³¹ observa que a identidade social das travestis brasileiras parece ser única no mundo, pois não se encaixa com as tipologias sexuais correntes do universo euro-americano, pela forma complexa como se formula, sobretudo subjetivamente: as travestis brasileiras não são nem transvestidos e nem transexuais. O desejo homoerótico despertado ainda na infância das travestis brasileiras é um aspecto dissonante para o transgênero na Europa e Estados Unidos, assim também a autopercepção como transgênero que procede de uma autopercepção como homossexual:

Elizabeth: Eu não sabia o que era um travesti, né? Eu sabia que eu gostava de dar e sabia que era homossexual. Dava, né? [...] Mas que eu nunca vi um travesti antes, entendeu? E quando vi a primeira vez – eu vi muitos travestis em Recife, né? – eu fiquei assim, apavorada, de boca aberta, até quando eu vi. Eu falei: “É isso aí que eu quero ser, travesti”. Eram bonita, né? Grande, bonita. Então eu queria ser igual a elas... Eu falei: “É assim que eu quero ficar”. E fiquei (KULICK, 2008, p.231).

Nos relatos de memórias das travestis brasileiras, Kulick observa que o sexo, de modo geral, está no centro da cena, e a atração homoerótica aparece como o aspecto mais importante no processo de autodescoberta, ressaltando a identificação com papéis femininos. Em sua etnografia com as travestis de Porto Alegre, Benedetti (2005) também observa que a homossexualidade é um dos argumentos mais presentes para a definição e constituição da identidade das travestis, pois para elas quem tem desejo sexual por homem, seja mulher ou homem, está diretamente associado ao pólo feminino.

As travestis cruzam as fronteiras dos gêneros, reconstroem seus corpos para produzir um corpo de mulher, sem, contudo, reivindicar ser mulher, mas sim se sentir mulher. Essa parece ser uma das diferenças mais marcantes entre as travestis brasileiras e os indivíduos de outras culturas que transformam seus corpos e seus gêneros. As travestis não são “mulheres num corpo de homem”, como afirma Banana, travesti entrevistada por Kulick: “Eu nasci homem e vou morrer homem. Como eu posso ser mulher um dia, se eu nasci homem? Se eu por acaso me castrasse e pusesse uma buceta, isso faria de mim uma mulher?” (2008, p.101). Assim, elas também se autodenominam *bichas* e *viados*, reiterando o autopercepção homossexual. Inclusive, para algumas “a única homossexualidade verdadeira é

³¹ As pesquisas de campo foram realizadas entre 1996 e 1997, com publicação original em inglês no ano de 1998. Somente em 2008 o livro foi traduzido para o português.

a que elas encarnam” (Ibidem, p.234), pois ao reconstruírem seus corpos, sentem na pele, entre curvas e sinuosidades, o peso de assumir e ostentar sua homossexualidade.

Com esse tipo de argumento, as travestis expressam rejeição e incompreensão pelos sujeitos transexuais que passam pela cirurgia de redesignação sexual, inclusive porque para as travestis, retirar o pênis seria perder em definitivo qualquer possibilidade de experiência sexual prazerosa. Ter prazer sexual com o pênis, gozar desempenhando diferentes papéis, ativo/passivo, faz parte da ambiguidade que, de certa forma, particulariza a experiência de transformação de gênero das travestis. Da mesma forma, ter um pênis num corpo de mulher, cheio de curvas, com bunda e seios arredondados, ou seja, agregar a ele atributos ditos femininos é deixar a marca dessa ambiguidade expressa materialmente: “mulheres com pau” ou “homens com peito”? Como problematiza Kulick (2008, p.203).

Se as travestis, em geral, não “se sentem mulheres aprisionadas num corpo de homem”, duas motivações são observadas por Kulick para que elas reconstruam, então, seus corpos: despertar maior desejo nos homens – para as que se prostituem esse desejo é revertido em dinheiro –, e também para se sentirem femininas. Assim, enquanto as transexuais se sentem mulheres num corpo de homem, reconstruindo seus corpos, muitas vezes, para estabelecer uma coerência com sua subjetividade, as travestis, na medida em que transformam seus corpos, se sentem “mais mulher”, e quanto menos artificiais e mais permanentes forem suas mudanças corporais, tanto melhor. Com isso, há uma espécie de hierarquização entre as travestis, de *gayzinho*, *bicha-boy* ou *bichinha*³², até chegar à “travesti de verdade”, hormonizada, com silicone, cabelos e unhas naturais, travesti em tempo integral.

Abrem-se, aqui, parênteses para salientar que nem tudo que foi observado por Kulick entre as travestis de Salvador se repete da mesma forma em outras etnografias com travestis brasileiras, devido entre outros fatores, às características regionais, culturais, sociais e econômicas, e ao período de realização. Assim, o que Hélio Silva³³ observou entre as travestis cariocas na Lapa, em 1992, em alguns momentos pode não ser consoante com as características das travestis de Porto Alegre, na etnografia realizada em 1994 por Benedetti, ou com as impressões mais recentes de Larissa Pelúcio (2007) e Jorge Leite Jr (2008) sobre as

³² Classificações êmicas que se referem a diferentes etapas no processo de transformação de gênero das travestis. Como assinala Pelúcio (2007), ainda que para ser travesti seja necessário um trabalho contínuo, é possível observar algumas etapas, demonstrando o caráter construído gradativo do corpo e do gênero.

³³ Em seu texto, Hélio Silva utiliza o termo *travestismo*, possivelmente evidenciando um período em que os movimentos sociais, as reivindicações políticas e as práticas discursivas das travestis ainda não estavam tão bem articuladas na luta pela legitimação do processo de construção do feminino. Nas entrevistas e conversas transcritas por Kulick é também comum que as próprias travestis ora utilizem o substantivo no masculino, ora no feminino.

travestis de São Paulo. Todavia, há de se destacar também o próprio olhar do pesquisador e o que ele focaliza. Da mesma forma, é importante destacar que, quando se esboça alguma analogia entre transexuais e travestis não é no sentido de rivalizar posições de sujeito, ou tentar categorizar as identidades, mas sim problematizar as diferentes formas de percepção de si no processo de transformação de gênero e da configuração dessas identidades.

Em sua pesquisa com pessoas transexuais brasileiras e espanholas, Berenice Bento (2006) chama atenção para as diferentes reivindicações e subjetividades dos/das transexuais. Enquanto muitas/os lutam pelo direito de ter uma identidade legal de gênero, condizente com sua subjetividade, prescindindo a cirurgia, outras a reivindicam energicamente, como se esta fosse consertar o erro outrora operado pela natureza. A propósito, muitas travestis têm dúvidas se são ou não transexuais, e volta e meia se questionam se teriam ou não coragem de realizar a cirurgia, como se querer ou ter coragem para realizá-la fosse um autodiagnóstico para se reconhecer transexual. Desse modo, não se pretende universalizar os comportamentos, as condutas, os aspectos físicos e subjetivos, nem mesmo os processos de transformação corporal que conformam as identidades de travestis e transexuais, mas discutir aspectos que se apresentam relevantes, sobretudo pela sua recorrência.

Mesmo as travestilidades não sendo recentes, somente em meados de 1980, com os movimentos sociais, as lutas pela liberação sexual e o fim do regime militar, a figura das travestis começou, de fato, a fazer parte do imaginário popular brasileiro e da paisagem urbana das grandes cidades, sobretudo noturna, e a prostituição travesti se instituiu como uma prática que demarca suas identidades. O aparecimento dos hormônios e a descoberta do silicone na década de 1970 foram significativos para o aumento do número de travestis nas ruas das grandes cidades, representando a possibilidade de uma transformação corporal “mais natural” e melhor sucedida, ainda que tais técnicas corporais não fossem populares à época (KULICK, 2008; BENEDETTI, 2005). Nesse contexto, o fenômeno da travestilidade na sociedade brasileira é pontuado pela significativa presença de transformistas, travestis e transexuais nas calçadas noturnas das cidades, mas também, e com grande ênfase, nas mídias. A presença de travestis no cotidiano social, muitas vezes mediada por representações, é que faz com que uma população mais abrangente mantenha relações sociais e desenvolva uma concepção sobre elas, tornando-as, como sugere Hélio Silva (2007), atores sociais reconhecidos, ainda que não plenamente aceitos.

Nos palcos: do corpo espetacular entre plumas e paetês

Os shows em boates são o primeiro passo a caminho da fama e também na procura de um companheiro. A verdade é que o sonho da maioria dos travestis é ser tão famoso quanto a Roberta Close, e o caminho mais fácil para chegar lá é participar dos shows em boates e teatros.

Documento Especial. TV Manchete, 1989³⁴.

Em 1900, nasce no Rio de Janeiro João Francisco do Santos, uma das mais emblemáticas transformistas brasileiras, um homossexual negro parrudo, forte e valente que brilhava nos palcos da noite gay carioca, mais conhecido na vida noturna e marginal da Lapa boêmia como Madame Satã, considerada uma das pioneiras travestis artistas. Entre os palcos e as ruas, Madame Satã sintetizou, de certa forma, a vida de boa parte das travestis que viveram nas décadas seguintes, levando uma vida marginal, entre os palcos e as ruas³⁵.

Desde a década de 1950, as travestis já eram atração em espetáculos teatrais e casas de shows, contudo sua presença era absolutamente restrita aos guetos, em lugares muito específicos e em pontos de prostituição, atraindo olhares pelo enigma que simbolizavam (SILVA, H., 2007, p.65). Ser travesti nesse contexto ainda tinha a conotação artística do sujeito que se traveste de mulher em paródias e apresentações musicais e humorísticas, remetendo mais à figura da transformista do que da prostituta, associação muito comum hoje em dia. Mas antes mesmo dos anos 50 no Brasil, o travestimento já era uma prática corriqueira no teatro – onde os atores representavam papéis femininos farsescamente, sem muita preocupação em se parecer de fato com uma mulher³⁶ –, e especialmente popularizada durante o período do carnaval em blocos de rua.

A propósito, desde o início do século XX, o período carnavalesco no Brasil parece assegurar sazonalmente a legitimidade do travestir-se publicamente, porém, muitas das vezes, como uma mera brincadeira zombeteira de animados blocos de carnaval espalhados por todo o país. A presença de homens travestidos durante o carnaval não representa propriamente a

³⁴ Desconheço a data da primeira exibição. Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=PahHrAzVZeg&feature=Playlist&p=08182DF61F7CBE42&index=18> Acesso: 21/12/2008

³⁵ Em 2002, foi realizado um filme inspirado na vida de Madame Satã, com roteiro e direção de Karim Aïnouz, a personagem de Satã foi interpretada pelo ator Lázaro Ramos.

³⁶ Sobre esse aspecto, é importante ressaltar que desde a Grécia antiga até o século XVII as encenações teatrais eram realizadas exclusivamente por atores masculinos, pois as mulheres eram proibidas de representar no palco. Ainda no começo do século XX no Brasil a profissão de atriz era marginalizada e muito ligada à prostituição, pois era comum que as atrizes de pequenas trupes se prostituíssem, prática mais tarde incorporada também pelas travestis artistas (LEITE JR, 2008, p.200).

celebração da travestilidade como uma identidade social, embora possa sugerir, equivocadamente, uma maior abertura do povo brasileiro às chamadas transgressões de gênero. Ainda que tenha observado um grande número de bailes e concursos de beleza *gay* no carnaval de Salvador, Kulick (2008) destaca que durante as festividades as travestis evitam sair às ruas junto a grandes multidões, pois a exposição pública acaba por aumentar os riscos de violência e agressão. Sobre isso, o autor relata:

Eu mesmo pude comprovar isso, de maneira indesejável, quando caminhava em direção à Rua São Francisco com um grupo de travestis que haviam participado de um concurso de beleza gay e usavam trajes sumariíssimos. Em certo momento passamos do lado de um bloco de travestidos – homens que desfilam fantasiados de mulher. Talvez o encontro com travestis de verdade tenha dado uma nova dimensão à performance feminina daqueles homens. Talvez o encontro tenha sugerido a eles que suas figuras, lado a lado com as travestis, pudessem ser interpretadas pelo público não como paródia burlesca da feminilidade, mas como um desejo autêntico de ser mulher. Fossem ou não esses os motivos, o fato é que um grupo de homens – todos usando vestidos –, ao perceber o grupo de travestis começou a insultá-las aos berros, lançando mão dos mesmos xingamentos e ofensas que estas estão acostumadas a ouvir em qualquer época do ano (2008, p.55).

A palavra *travesti* teve sua origem na língua francesa e designava o ato de disfarçar-se, sendo facilmente associada ao campo teatral. Apenas a partir do século XVII passou a ser utilizada como um substantivo para referir-se a sujeitos que se vestem com roupas típicas do sexo oposto, sem, no entanto, ter uma conotação sexual (LEITE JR, 2008).

Segundo Leite Jr (2008), o emprego dos termos *travestismo* e *travesti* relacionando o uso de roupas do sexo oposto a um sentido sexual foi inaugurado nos escritos de Magnus Hirschfeld, desenvolvidos em 1910. Contudo, no Brasil, até a década de 1960 a noção de travestilidade não tinha uma associação intrínseca, como hoje, com uma orientação homossexual. Aos poucos esse sentido foi absorvido e disseminado, tornando corrente a assimilação também com a ideia de prostituição e criminalidade. Hoje, no dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, *travesti* designa tanto pessoas que se vestem com roupas do sexo oposto em espetáculos teatrais, quanto homossexuais que também se trajam inversamente ao seu sexo.

Até o começo dos anos 70 as travestis artistas que dublavam e interpretavam famosas cantoras do rádio e divas hollywoodianas eram popularmente conhecidas como transformistas. Todavia não só as travestis desempenhavam esse tipo de performances; outros artistas, inclusive heterossexuais, também faziam shows de transformismo, musicais de teatro e concursos de fantasia, conferindo ruidosa visibilidade aos sujeitos que se travestiam. A

propósito, como assinala Araújo Júnior (2006), foi num desses concursos tradicionais do Rio de Janeiro, em 1938, que Madame Satã ganhou como a melhor fantasia e recebeu também sua alcunha.

Entretanto, travestis e transformistas já se diferenciavam devido aos processos de transformação corporal. As transformistas são pessoas que se travestem do sexo oposto – comumente mais praticado por homens, não necessariamente homossexuais – principalmente à noite, se caracterizando para fazer shows artísticos, dançando, dublando ou cantando travestidos de mulher, para frequentar boates gays, ou mesmo para se prostituir, criando performances femininas, mas utilizando técnicas de transformações corporais provisórias para esconder os traços masculinos durante as aparições. As transformistas, portanto, promovem leves intervenções corporais que podem ser facilmente revertidas ou mesmo suprimidas, assumindo apenas em momentos específicos uma identidade e aparência feminina sobre as formas masculinas do corpo. Assim, não faz parte de sua vida cotidiana circular “montada” durante o dia, ou seja, com uma caracterização feminina. Esses valores e práticas que sugerem uma produção permanente do feminino estão relacionados ao universo das travestis e transexuais.

Não obstante, até a década de 70, as travestis ainda tinham escassos recursos para uma transformação corporal mais sofisticada, por isso tinham acesso a quase os mesmos artifícios que as transformistas para dar formas femininas ao corpo. Porém, ser travesti já envolvia um investimento contínuo, elaborado num nível cotidiano para ter o máximo possível uma aparência de mulher, de modo a se “passar por mulher”, incorporando a ideia feminilidade às suas vidas e vivendo como pessoas do gênero feminino de dia e de noite, ainda que não pudessem andar nas ruas livremente devido à grande perseguição, principalmente no período da ditadura militar (BENEDETTI, 2005, p.18).

Como no início da década de 70 o uso de hormônios ainda era novidade no Brasil, e o silicone só foi incorporado às formas das travestis na década de 80³⁷, é interessante observar como o surgimento e uso desses recursos vai representar um marco para a estruturação física e a conformação de uma pretensa identidade travesti, ao produzir tanto efeitos de ordem física quanto moral, diferenciando-as dos demais sujeitos transgêneros,

³⁷ Como salienta Hélio Silva (2007), o enxerto de silicone, a cirurgia plástica, o uso de anabolizantes, entre outros são recursos empregados em diferentes esferas sociais na realização de modificações corporais. Assim, tais tecnologias chegaram às travestis residualmente, não sendo de uso exclusivo delas.

como transformistas, drag queens e crossdressers³⁸. Desse modo, o consumo desses elementos baliza simbolicamente o ingresso na experiência e construção da travestilidade, servindo de parâmetro para o reconhecimento e identificação de quem é uma “travesti de verdade”.

Diferente das travestis, as transformistas, de modo geral, não constroem uma identidade feminina, nem elaboram fisicamente ou subjetivamente uma feminização em si, mas sim mimetizam a feminilidade. Nesse sentido, as drag queens³⁹ talvez sejam, enquanto proposta, a representação mais paródica da noção de feminino, por serem assumidamente caricaturais. Como observa Vencato (2005), as drags não querem ficar parecidas com mulheres, e esse é um dos pontos que irá diferenciá-las de travestis e transformistas. Os sujeitos drag não mudam sua conformação física de modo permanente, se “montam” para tornarem-se drags, representando para o público performances de personagens femininas estilizadas, o que seria de certa forma uma versão exagerada do transformismo.

Assim, para tornar-se drag⁴⁰ exige-se um exagero que nem sempre é encontrado em transformistas e travestis. A transformação, ou a incorporação da personagem drag, se dá entre as quatro paredes do camarim, envolta por um ritual que tem como instrumentos mágicos muito brilho, maquiagem, plumas e paetês. No entanto, há diferentes níveis de entrelaçamento e identificação do sujeito com sua personagem drag, de modo que alguns a encarnam e a assumem também em seu cotidiano. Assim é a drag Nany People, famosa na TV brasileira e nos palcos paulistanos, tendo surgido na década de 90, no auge do fenômeno das drag queens e cuja verdadeira identidade nunca foi revelada, criando uma aura de mistério e curiosidade.

Como pontua Campuzano (2008), as drag queens se distinguem das travestis, entre outros, por seus fins estéticos: enquanto as travestis mimetizam o feminino, as drags o dramatizam. É importante salientar que, assim como as transformistas, as drags não são necessariamente homossexuais. Como parece ficar evidente, os limites da concepção entre transformistas, drag queens e mesmo travestis, não são bem definidos; os próprios sujeitos se

³⁸ Crossdressers são pessoas que se travestem do sexo oposto em ocasiões esporádicas e, por isso mesmo, na maioria das vezes não fazem alterações permanentes em seus corpos. O crossdressing não está associado à orientação sexual, podendo se apresentar como um fetiche sexual. No ambiente da internet o termo é usualmente abreviado para CD.

³⁹ O termo drag provém de uma sigla equivalente à expressão “*enter dressed as a girl*” (entrar vestido como garota), que Shakespeare anotava nas margens de seus textos teatrais, quando os papéis femininos eram representados por homens (CAMPUZANO, 2008).

⁴⁰ Anna Paula Vencato desenvolveu, em sua dissertação de mestrado, uma interessante etnografia com drag queens da Ilha de Santa Catarina entre os anos 2000 e 2002, onde problematiza, entre outros, a corporalidade e o processo de “montaria” das drags.

assumem ou se definem a partir de uma série de identificações, experienciando a construção da alteridade e configurando o caráter fluido das identidades. Nesse sentido, um dos principais fatores de diferenciação entre uma figura e outra é o corpo, seus usos e formas, assim como as práticas e relações sociais que se estabelecem (BENEDETTI, 2005, p.18). Porém, para transformistas e drags queens há algo fundamental sem o qual talvez não houvesse o porquê de ser: o público. Desse modo, não se pode categorizar ou engessar tais concepções, tampouco generalizá-las; há uma e outra característica, em graus distintos, que acaba por delinear as diferenças.

Laura de Vison, ou Norberto David, é uma figura que expressa bem esse movimento, no qual diferentes identidades e identificações se trespassam, e também ilustra o alto grau de identificação do sujeito com sua personagem drag. Por volta de 1960, Noberto iniciou sua carreira como transformista e manteve por alguns anos uma vida dupla, lecionando história de dia e fazendo shows na noite carioca. O criador da emblemática personagem Laura de Vison escondia sua homossexualidade e sua identidade noturna por medo de represálias da família de classe média e da escola onde trabalhou por 18 anos. Demarcando diferentes momentos, Laura narra uma vida em trânsito e um constante cruzar de fronteiras, como no início da vida artística quando se autodenominava travesti e atuava como transformista⁴¹: [...] “Naquela época (anos 60), travesti era coisa rara, as pessoas se amontoavam na porta do teatro para nos ver passar e aplaudir”; ou quando começou a usar hormônios no processo de transformação corporal: “Eu sempre tive peito natural, só quando eu já tinha uns 38 anos, já nos anos 70, colocaram os hormônios no mercado, e as bibas começaram a aparecer de peito. Aí eu falei “ah então é a guerra dos peitos? E comecei a tomar hormônios”; e no final da sua carreira, com 200 quilos e um corpo extravagante, quando se autodenomina drag queen, e também assim a ela se referem mais comumente.

A personagem Laura de Vison fez grande sucesso desde a década de 1960 até final de 1980, com aparições festejadas durante o carnaval do Rio de Janeiro, e apresentações em boates, teatros e casas de shows com esquetes teatrais, musicais e shows de dublagens. Como assinala Hélio Silva (2007), as performances de Laura de Vison tinham um viés mais crítico em relação à dublagem feita pelas travestis e transformistas, sendo uma proposta caricata, mas não necessariamente um contraponto da dublagem séria, e sim uma acentuação dos traços, expressões e trejeitos. Nos anos seguintes continuou com suas apresentações, sem

⁴¹ Em entrevista ao site Mix Brasil em: <http://mixbrasil.uol.com.br/cultura/entrevis/entrev/laura/laura.asp>
Acesso em 16 de novembro de 2008. Laura de Vison faleceu em 08 de julho de 2007, aos 68 anos.

tanta repercussão como antes, participando também de programas de televisão exibidos em cadeia nacional. Atuou também em vários longas e curta-metragens, dentre eles um filme sobre a vida de Cazuza, “Cazuza, o tempo não pára”, 2004, onde fazia parte da cena gay carioca⁴².



Figura 2. Norberto David, professor de história e Laura de Vison, personagem ícone da cultura gay carioca.

Laura de Vison foi uma personagem desenvolvida, vivida e celebrada por Norberto David ao longo de cinquenta anos de vida artística que lhe renderam diversos prêmios, inclusive recorde do show business gay como o espetáculo que mais tempo ficou em cartaz. Todavia, as performances dos últimos anos eram chamadas de trash⁴³ pela irreverência das temáticas e o apelo kitsch com que os shows eram elaborados, sem, no entanto deixar de lado a percepção artística das performances. Laura defendia a carreira de drag ou de transformista enquanto profissão do show business, criticando a situação atual que desvaloriza os shows de drag, “Tinha que ter talento, hoje em dia é fácil, basta colocar uma peruca e bancar a drag queen, sem nem saber o que está fazendo”⁴⁴.

⁴² O filme é uma produção brasileira, foi lançado em 2004 com direção de Sandra Werneck e Walter Carvalho. O ator Daniel de Oliveira interpretou Cazuza e a atriz Marieta Severo, sua mãe Lucinha Araújo.

⁴³ O termo trash nesse contexto designa todo tipo de produção de baixo custo, ou que aparenta ser, pelo uso de uma estética amadora, equipe não especializada e materiais baratos. O *trash* é entendido também como um culto ao lixo estético, surgido no cinema com os chamados filmes B. A discussão sobre esse tipo de estética pode ser refletida em Sontag (1987).

⁴⁴ Fonte: http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/3_47_53559.shtml

A corpulenta forma de Laura de Vison conferia um tom freak aos seus shows, complementado pelas performances formuladas com uma estética grotesca que muitas vezes deixava o público entre o riso e a repulsa. Como assinala Leite Jr (2006, p.175), em muitos contextos culturais o grotesco aparece como sinônimo de algo bizarro, agradavelmente ridículo e extravagante, se tornando uma proposta estética que se opõe ao sublime, e abrangendo o disforme e o burlesco. Segundo o autor, a exposição do fantástico, extraordinário ou anormal não é algo recente no universo da cultura popular, já que desde a Antiguidade tudo que fugia do cotidiano e do comum, causando espanto e curiosidade, tornava-se motivo de demonstração pública⁴⁵. Mas foi a partir do século XVIII que essas demonstrações se consolidaram enquanto espetáculo da cultura de massa, dando origem aos chamados freak shows e à apreciação pública de todo tipo de aberração, coisa ou pessoa estranha, esquisita ou bizarra, sobretudo das anomalias físicas humanas, em diferentes graus.

É nesse sentido que as apresentações de Laura de Vison poderiam ser consideradas uma espécie de freak show cômico, pela espetacularização do estranho, tanto de um corpo obeso de homem com grandes seios, por vezes à mostra, caracterizado parodicamente de mulher, quanto das performances que esse corpo desenvolvia. Em uma de suas famosas apresentações, Laura de Vison, vestida de médica, encena uma cirurgia em que abre o crânio de um figurante e come os seus miolos, ingerindo algumas vísceras de animal em pleno palco⁴⁶.

A partir dos anos de 1980, os shows de transformismo foram para a televisão, sendo exibidos em programas populares de grande audiência em rede nacional. O “Clube do Bolinha”, programa de auditório apresentado nas tardes de sábado na rede Bandeirantes durante a década de 80 até 1994, lançou o antológico quadro “Eles e Elas”, onde travestis e transformistas dublavam com muito glamour divas do rádio, cantoras nacionais e internacionais que faziam sucesso na época, desenvolvendo performances irrepreensíveis, com figurinos ricamente elaborados com plumas e paetês. Hélio Silva (2007), em sua pesquisa etnográfica com as travestis da Lapa, realizada em 1992, acompanhou a participação

⁴⁵ Leite Jr, em sua obra “Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento” (2006), faz uma abordagem histórica sobre os freak shows e a espetacularização de “anomalias humanas”, dedicando uma parte ao corpo das travestis, que segundo o autor “parece ser um dos poucos corpos transgressivos da atualidade”.

⁴⁶ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=QoWvhjzR14M>
Acesso em 07/12/2008.

da travesti Helena no “Clube do Bolinha”⁴⁷, fazendo uma dublagem da cantora pop Patrícia, famosa no começo dos anos 90. O autor pontua a eventual atividade artística de algumas travestis e como tais programas permeavam o imaginário delas. Sílvio Santos, em seu “Show de Calouros” apresentado aos domingos no SBT no mesmo período, também levava ao palco, no quadro “Os transformistas”, travestis e transformistas em concursos nos quais se disputava o prêmio pela melhor dublagem.

O “Cassino do Chacrinha”, exibido pela Rede Globo de Televisão durante a década de 1980, trazia no corpo de jurados dos concursos de calouros, climatizado pelo universo erótico criado pelas suas famosas dançarinas “chacretes”, as travestis Rogéria e Roberta Close. Como observou Silva (2007), as travestis viam com bons olhos tais programas, pois consideravam que as aparições na mídia movimentavam o chamado show business gay e lhes abriam portas para a vida artística. Assim, os quadros “Os transformistas” e “Eles e Elas” geravam grande repercussão entre as travestis, que criticavam ou elogiavam a beleza, as roupas ou performances das participantes, o que acabava por suscitar uma espécie de reflexão sobre suas próprias autorrepresentações.

Mais do que as performances artísticas em si, o que atraía de fato a audiência para esses quadros era a confusão e curiosidade que a impressionante beleza feminina das travestis gerava. Os trajes sumários instigavam o público a decifrar se aquele corpo de fato era de “homem”, e se era como podia ser tão feminino, e, ainda, onde se escondia o pênis? Questionamento esse, aliás, dos mais inquietantes, considerando os minúsculos biquínis que usavam. Assim, aqueles corpos se tornavam verdadeiros enigmas, uma aberração que colocava famílias inteiras na frente da televisão em plena tarde de sábado ou domingo para conferir suas apresentações⁴⁸.

A exibição do corpo e o impacto pela sua revelação era uma estratégia comum em várias performances. Muitas começavam o show totalmente encobertas por uma capa ou casaco, que logo era desprezado expondo os corpos seminus, e levando o público ao clímax do espetáculo. Outras vezes faziam uma transformação em pleno palco, iniciando as

⁴⁷ A presença da travesti Helena no Programa do Bolinha pode ser assistida em: <http://www.youtube.com/watch?v=K-81NI-cSck&feature=related>
Acesso em 20/11/2008.

⁴⁸ A percepção social de travestis e transexuais como uma aberração humana moral ou física, ou como uma anormalidade, é muitas vezes interiorizada por elas e incorporada aos seus discursos: “Quando eu vi que eu não era um homem normal, eu tive que cair na vida mesmo, eu não tive outra opção” (travesti em entrevista ao Documento Especial, 1989, TV Manchete). Nesse contexto, Berenice Bento cita o desejo de algumas transexuais de realizar a cirurgia para deixarem de ser uma aberração (2006).

performances com figurinos e acessórios monstruosos que iam sendo retirados até desvelar as belas formas corporais, remetendo à clássica transformação do patinho feio num belo cisne⁴⁹.

Era comum que os apresentadores chamassem as travestis exclusivamente pelo seu nome civil masculino, e quando não o faziam, citavam-no logo após apresentarem as travestis pelo nome artístico, o que causava mais estranheza e impacto no público ao ver um corpo, feições e performances totalmente femininas contrapostas à “verdadeira identidade”, a masculina. Geralmente, os apresentadores faziam alguma galhofa, chamando atenção para o aspecto “extraordinário” daquelas pessoas, além de vez ou outra fazerem perguntas embaraçosas às travestis⁵⁰:

Sílvio Santos: Mas o Luis Carlos é do sexo masculino?

Travesti/ Luis Carlos: Sou.

Sílvio Santos: E é nascido em São Paulo?

Travesti/ Luis Carlos: Não, Rio de Janeiro.

Sílvio Santos: E trabalha lá como artista?

Travesti/ Luis Carlos: Também...

Sílvio Santos: Tá fazendo que casa?

Travesti/ Luis Carlos: Tô fazendo na boate Casa Grande, no Boêmio, e no Batom Vermelho⁵¹. [...]

Sílvio Santos: Mas me diz uma coisa, você tá sem meias, não tá?

Travesti/ Luis Carlos: Tô sem meias...

Sílvio Santos: E por que a sua pele é tão bonita e tão lisa sem meias? Você atribui a que isso?

Travesti/ Luis Carlos: Porque... muito tempo tomando hormônio, né?

Sílvio Santos: E os olhos azuis são seus ou são lentes?

Travesti/ Luis Carlos: São lentes...

Sílvio Santos: A parte sua de cima, o busto, também é normal, não tem nenhum artifício?

Travesti/ Luis Carlos: Hormônios...

Sílvio Santos: E o cabelo?

Travesti/ Luis Carlos: É o meu cabelo com aplique...

As perguntas do apresentador expõem e revelam o caráter construído daquele corpo, desmascarando seu “verdadeiro sexo” e suprimindo a sua própria curiosidade e também a de seus telespectadores, conferindo um ar de façanha e anormalidade ao que é apresentado, ao mesmo tempo em que as travestis socializam os processos de transformação corporal que empregam.

⁴⁹ Algumas performances podem ser assistidas em:

<http://www.youtube.com/watch?v=hhlok8SyuK8&feature=related>

⁵⁰ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JxN->

[IMox5K0&feature=PlayList&p=A67DAB3773A31DEC&playnext=1&playnext_from=PL&index=31](http://www.youtube.com/watch?v=JxN-IMox5K0&feature=PlayList&p=A67DAB3773A31DEC&playnext=1&playnext_from=PL&index=31)

Acesso em 08/12/2008.

⁵¹ Casas de espetáculos famosas na cidade do Rio de Janeiro entre a década de 1980 e começo de 1990. Laura de Vison por muitos anos apresentou seus espetáculos no Boêmio.

Revelar aspectos da vida pessoal das travestis, principalmente das mais famosas desses programas, é também uma estratégia para chamar a atenção para a “verdade de seus corpos-sexuados” e assim despertar a curiosidade e o interesse da audiência. Após uma das apresentações do quadro “Eles e Elas”, Bolinha, o apresentador do programa, abre um jornal e mostra ao público e à caloura Gabriela uma notícia sobre um soldado que havia pedido demissão da Polícia Militar para se casar com uma travesti⁵²:

Bolinha: É você a dita cuja?

Gabriela: [risos tímidos]... Sim.

Bolinha: Bem, sem comentários... [balança a cabeça] Só faltava essa... Soldado dá no pé do quartel pra ficar com um... com a moça.

Os programas de auditório da década de 80 e 90 deram inédita visibilidade às travestilidades, espetacularizando as transformações corporais e seus complexos processos, tornando as travestis conhecidas e reconhecidas na cultura de massas brasileira, e intensificando o exotismo que já parecia inerente à condição de ser travesti. Nesse contexto, o universo das travestis é popularizado e aparece associado ao glamour e à diversão que servem a um tipo de entretenimento burlesco.

⁵² Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=hhlok8SyuK8>
Acesso em 08/12/2008

Um close em Roberta

Nesse período, várias travestis e transformistas fizeram sucesso, mas nenhuma como Roberta Close. A propósito, foi justamente a partir das suas aparições na mídia que as travestilidades passaram de fato a ser exploradas como um espetáculo na televisão e se tornaram populares. As manchetes dos jornais e revistas transformaram Roberta Close em um mito sexual e um mistério a ser desvendado na década de 1980 ao anunciar que a “mulher mais bonita do Brasil é um homem”. Em 1981, Roberta fez uma das suas primeiras aparições na mídia, posando para a capa de uma revista chamada Close, de onde saiu seu nome artístico, e transformou-se em fenômeno como vedete do carnaval no mesmo ano. Modelo, atriz e sex symbol nacional, Roberta Close foi a primeira travesti a posar nua na revista Playboy⁵³, sendo capa por duas vezes, em 1984 e 1989 após a cirurgia de redesignação sexual, estampando também outras capas de revistas famosas, como Contigo e Manchete, além de ser uma presença constante em programas de televisão, atraindo grande audiência (RITO, 1998).

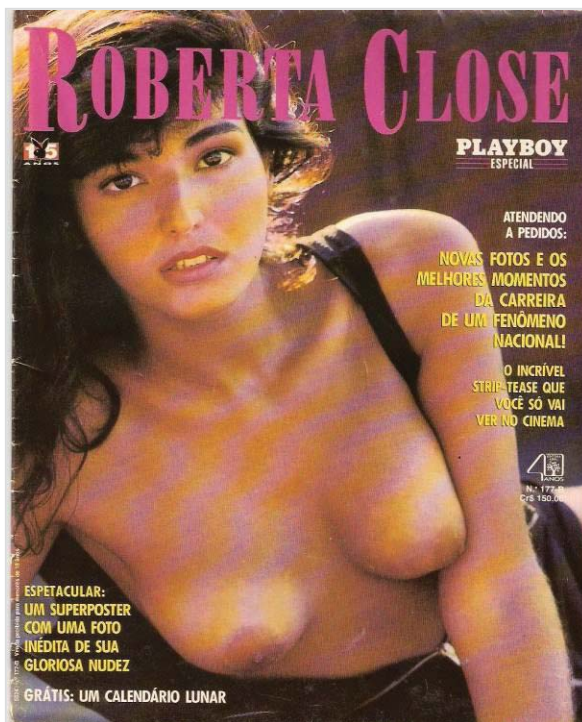


Figura 3. Revista Playboy, edição especial, Ano 15, nº 177B, 1989. Roberta Close, na capa pela segunda vez.

A presença de Roberta Close causava e ainda causa perplexidade, pela sua beleza feminina num “corpo biologicamente masculino”, especialmente se contrastada com outras

⁵³ A Playboy é uma revista masculina considerada no mercado sexual como soft core. De origem americana, é publicada no Brasil pela editora Abril, e teve sua primeira edição no país em agosto de 1975. Depois de Roberta Close, outra travesti – Telma Lip – também posaria nua para a revista em 1986.

travestis não tão bem sucedidas em seu processo de transformação corporal, pois Roberta tinha, como ela afirma em sua biografia escrita em 1998, uma aparência de “mulher de verdade”. Aliás, foi exatamente devido a essa aparência “naturalmente feminina” que Roberta fez tanto sucesso, pois ao se encaixar perfeitamente no modelo binário dos gêneros, tornava-se um mistério ao ter revelado o seu “verdadeiro sexo”. Assim, a mídia se utilizou do discurso dominante sobre os gêneros e as sexualidades binárias para demonstrar a “anormalidade” da “mulher que é um homem”, pasteurizando em boa parte os complexos processos que o “tornar-se mulher” implicam, para não perder o caráter espetacular e cair nas graças populares sem precisar discutir ou problematizar a condição social e cultural dos sujeitos que transformam seus corpos e suas identidades. Dessa forma, mistifica-se a travestilidade e estigmatiza-se a diferença, demarcando-a como algo excepcional, extraordinário e invariavelmente desviante do padrão de normalidade.

Roberta Close apareceu na mídia brasileira como travesti e depois de se submeter à cirurgia de redesignação sexual, em 1989, passou a ser tratada como transexual. No entanto, em sua biografia se autodenomina hermafrodita, utilizando-se do discurso médico e de argumentos baseados no dimorfismo e binarismo sexual para comprovar sua condição:

Roberta Close: Além de não ter testículos aparentes, nunca tive sêmen, nem mesmo ereção. O que eu tinha era um pênis do tamanho do de um recém-nascido pelo qual urinava. Com 12 anos, com alguma ajuda de hormônios, meus seios começaram a se desenvolver. Nunca tive pelos nas pernas, nem barba, nem bigode, nem pomo-de-adão. A minha voz nunca mudou [...] Não tenho sinais masculinos no meu corpo [...] Sempre fui uma menina. A minha história não é a de um homem que virou mulher como a mídia insiste em contar (RITO, 1998, p.164-166).

Nessa tentativa de desconstruir a imagem de travesti ou homossexual que a mídia vinculava a ela, Roberta Close cita uma série de características equivocadas ou ao menos fragmentárias de drag queens e travestis para se diferenciar. Segundo ela,

as travestis só querem ser mulher no momento em que estão se maquiando e fazendo shows. E mesmo que queiram, não têm atributos femininos para serem mulheres. No ato sexual, se comportam como homem (Ibidem, p.170).

Indiferentemente de como se autoidentificava, suas aparições na mídia eram sempre precedidas de algum enunciado sensacionalista capaz de demonstrar sua singularidade: “Agora vocês vão conhecer uma garota que é um garoto”⁵⁴, e assim apresentavam Roberta Close como um prodígio da natureza. Esse tipo de enunciação

⁵⁴ Rito (1998) faz uma referência ao apresentador Flávio Cavalcanti, que levou Roberta Close ao palco de seu programa “Boa Noite Brasil!”, na TV Bandeirantes, apresentando-a dessa forma.

demarca, em boa parte, o modo como a sociedade brasileira, muita influenciada pela televisão e as mídias em geral, vai perceber sua existência. Assim, Roberta Close foi tratada pelas mídias como um fenômeno extraordinário e inexplicável pela sua exuberante beleza feminina num “corpo que na verdade era de homem”.

A travestilidade de Roberta também serviu de mote para diversas campanhas publicitárias em que ela aparecia como garota propaganda, como em um anúncio para a marca de armários embutidos Casas Gelli “Tem coisas que a gente pensa que é, mas não é”⁵⁵; ou mesmo depois de realizar a cirurgia de redesignação sexual, estampando em 1995 uma campanha polêmica para a marca de Lingerie Du Loren – “Se uma pessoa que se chama Luiz Roberto se transforma numa mulher maravilhosa, imagine uma mulher normal” (RITO, 1998, p.111). No anúncio, o passaporte com o nome masculino de Roberta que aparece em destaque é a antítese de sua imagem feminina, vestida numa lingerie preta sensual.

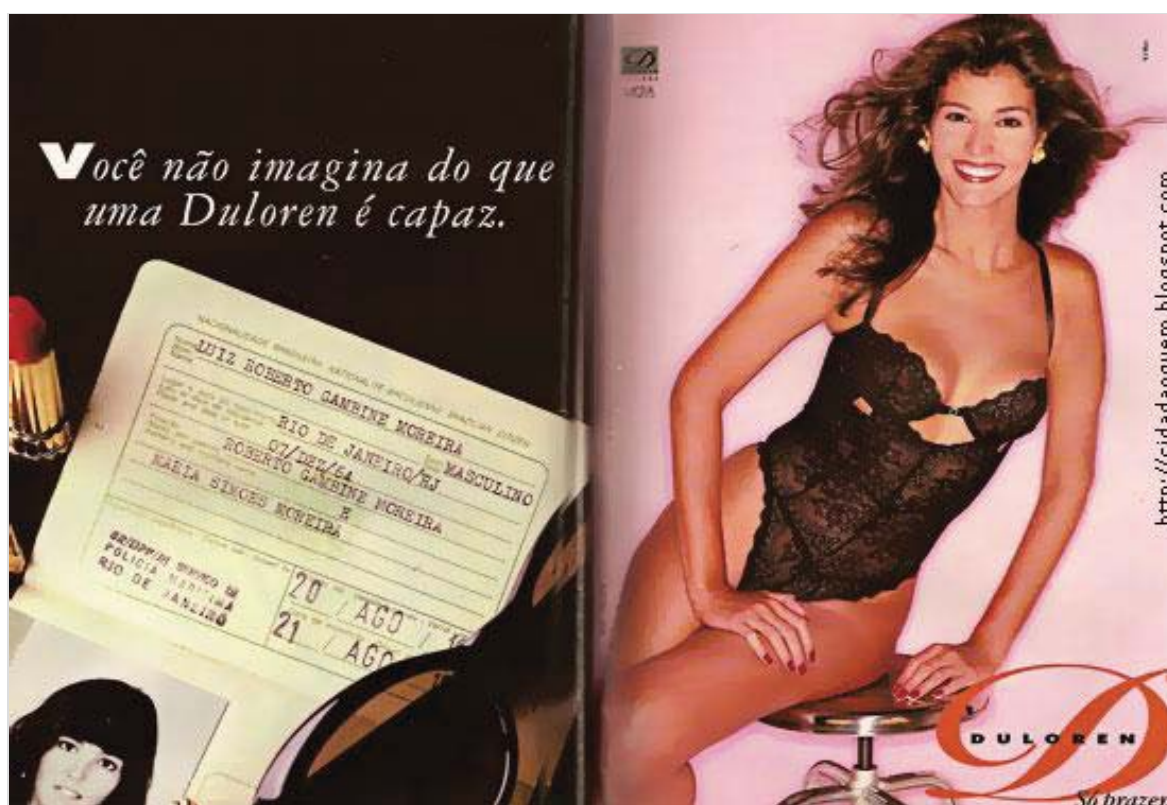


Figura 4. Anúncio da campanha com Roberta Close para a marca de lingerie DuLoren.

Em muitos momentos, Roberta Close foi tratada pela mídia brasileira como um mito, um verdadeiro enigma e um mistério a ser desvendado: “para os brasileiros eu não sou

⁵⁵ Segundo Rito (1998), o anúncio para a marca Gelli foi veiculado em 1984 na revista Playboy, despertando grande interesse dos leitores e resultando no convite para posar nua e ser capa da revista.

homem, não sou mulher, não sou travesti, nem homossexual. O que sou? Um ET?” (Ibidem, p.22).

Em um documentário sobre travestis exibido pela TV Manchete em 1989, Roberta Close é citada como a travesti mais famosa do Brasil. Enquanto a câmera enquadra suas curvas e seu rosto, ela fala com olhar lânguido:

Roberta Close: O que eu sou? Eu sou uma mulher! Eu tô aqui de saia, cabelo grande, batom na boca, blusa decotada. Só posso ser uma mulher, né?! Seria muito engraçado se eu chegasse aqui pra você e dissesse que sou um homem⁵⁶.



Figura 5. Revista Manchete, edição nº. 1698 de 03 de novembro de 1984.

Roberta Close se tornou uma celebridade nacional pela repercussão gerada na mídia. Trabalhou como modelo, atriz, jurada no “Cassino do Chacrinha” e apresentadora num programa próprio de televisão, despontando também como modelo na Europa, quando decidiu deixar o Brasil para fazer a cirurgia de transgenitalização e tentar se livrar do “estigma de travesti” e de toda a perseguição vivida no país, pois apesar de ser considerada uma paixão nacional, sua vida foi marcada por escândalos, e assim continuou após a cirurgia, que

⁵⁶ Disponível em:

<http://br.youtube.com/watch?v=PahHrAzVZeg&feature=Playlist&p=08182DF61F7CBE42&index=18> Acesso: 21/12/2008

despertou maior curiosidade sobre seu corpo. Roberta Close foi inspiração para músicas⁵⁷, poemas, filmes e para muitas travestis e transexuais. Em certa perspectiva, suas aparições na mídia e seu sucesso construíram um imaginário popular brasileiro sobre as travestis, tornando uma febre os quadros de transformismo na televisão, e também encorajando várias outras travestis a “se assumir” e iniciar o processo de transformação corporal.

Enquanto Roberta fazia sucesso no Rio de Janeiro, em São Paulo Telma Lip brilhava mais discretamente como sua “rival” paulistana. A modelo e atriz também fez sucesso na TV nas décadas de 80 e 90, como jurada do quadro “Eles e Elas” apresentado por Bolinha e foi a segunda travesti a posar para a revista Playboy. Telma Lip e, principalmente, Roberta Close se tornaram padrões de beleza para as travestis e transexuais. Bonitas e famosas elas representavam o que quase todas queriam ser, e assim planejavam suas transformações corporais projetando nelas suas imagens.



Figura 6. Telma Lip, a "rival" paulistana de Roberta Close.

⁵⁷ Em 1984, Erasmo Carlos compôs uma música para Roberta Close, “Dá um Close Nela”. Logo saiu na mídia o boato de que os dois estavam tendo um caso. Seu nome foi envolvido em mais um escândalo quando, em junho do mesmo ano, a mulher de Erasmo Carlos sofreu um acidente doméstico com um revólver e as mídias anunciam tentativa de suicídio devido ao caso do marido com Roberta (RITO, 1998, p.121).

Outra travesti que fez muito sucesso na TV, no cinema e nos palcos brasileiros foi Rogéria, que iniciou sua carreira na década de 1960 e ainda hoje é presença constante na mídia. Performer, transformista e atriz, Rogéria se autoidentifica como “um travesti homossexual”, e reforça o aspecto artístico do travestir-se⁵⁸:

Rogéria: ser um travesti eu acho... que qualquer gay hoje em dia consegue ser, inclusive as caricatas imperam. Mas tornar-se um travesti de prestígio é que é difícil, porque você tem que ser considerada artista. Se você tem talento como travesti, você vê. Mas se você é apenas uma perua, não acontece nada.



Figura 7. A travesti Rogéria.

Contudo, como lembra Kulick (2008), o fato de algumas poucas travestis conseguirem se sobressair socialmente, conquistando admiração e acumulando riquezas quase em nada interfere na vida real e cotidiana de uma grande maioria delas, que continuam marginalizadas e discriminadas pela sociedade, permanecendo nos guetos escuros e esquinas violentas das grandes cidades, e tendo como principal meio de sobrevivência a prostituição.

⁵⁸ Documento Especial, TV Manchete, 1989. Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=PahHrAzVZeg&feature=Playlist&p=08182DF61F7CBE42&index=18>. Acesso: 21/12/2008

Entre a ficção e a vida real

Entre os palcos e as ruas, a ficção e a vida real, a televisão brasileira leva às telas com certa frequência representações de travestis e transexuais. A teledramaturgia sempre dá vida a uma ou outra personagem travesti e talvez a mais emblemática delas tenha sido Sarita Vitti, interpretada pelo galã Floriano Peixoto na novela de Glória Perez “Explode Coração”, que foi ao ar entre 1995 e 1996 na Rede Globo. A personagem Rose, vivida por Paula Burlamaqui, símbolo sexual da época, se viu em conflito ao apaixonar-se por Sarita, criando uma conturbada relação de amizade que foi um dos pontos fortes da novela. Entretanto, Sarita não foi bem recebida pelos grupos gays e movimentos sociais LGBTT, pois estes argumentavam que ela tinha um comportamento indefinido e não caracterizava propriamente nem uma travesti, transexual, transformista ou drag queen.



Figura 8. Sarita Vitti e Dona Roma.

Em 2005, na novela “A Lua Me Disse”, escrita por Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa, também exibida pela Rede Globo, Miguel Magno representava a personagem Dona Roma, na verdade um homem sem qualquer identificação de orientação sexual, chamado Amoroso. A personagem surgiu na novela já travestida e pouco era falado sobre suas origens, não se assumindo nem como transexual, travesti, ou transformista, e ainda que todos os demais personagens da novela soubessem de sua condição, quase nada era comentado.

No ano seguinte, na novela “Cobras e Lagartos”, de João Emanuel Carneiro, o ator Luis Melo representava o crossdresser Orã. Um homem heterossexual casado, pai de dois filhos, que tinha um fetiche por se vestir de mulher, desenvolvendo uma espécie de dupla identidade durante a trama ao se travestir de Conchita: as cenas se desenrolavam sempre com uma veia cômica. A propósito, é muito comum também em telenovelas a presença de personagens travestidos como forma de disfarce sempre com uma proposta grotesca capaz de conferir comicidade às cenas. Na novela “Beleza Pura”, exibida em 2008 na Rede Globo, a atriz Mônica Martelli vivia Helena, personagem que se disfarçava de homem para ocupar o lugar de Mateus, o marido morto num acidente. Como Mateus, Helena desperta o interesse de várias mulheres e até mesmo de um médico, que se apaixona por ele/ela e luta contra esse amor, por se recusar a acreditar que estava “virando um gay”. No meio da trama, Mateus, interpretado por Rodrigo Veronese, reaparece e assume a identidade da mulher, sendo mais um travestido da novela. Tal abordagem cômica dessas personagens não faz qualquer aproximação com as discussões sobre travestilidade, tampouco ilustra ou representa as travestis da vida real, surgindo tão somente como um recurso cênico.

A minissérie brasileira “Ó Paí Ó”, produzida em 2008 também pela Rede Globo, é baseada num filme homônimo e apresenta personagens gays, lésbicas e travestis como coadjuvantes nos episódios. A minissérie se passa no centro histórico de Salvador, na mesma ambientação narrada por Kulick (2008) em sua pesquisa de campo, expondo, sobretudo, as tumultuadas e miseráveis moradias no Pelourinho e proximidades. A travesti Yolanda, papel de Lyu Arisson, é uma travesti desbocada e provocante que seduz Reginaldo, um homem casado interpretado por Érico Brás. O velho clichê de abordar assuntos polêmicos de forma leve, humorada e descontraída é empregado na minissérie, pulverizando qualquer tentativa de problematização em torno dessas representações. Outra minissérie televisiva que também foi ao ar em 2008 pela Rede Globo e teve a presença de personagens travestis foi “Queridos Amigos”, de Maria Adelaide Amaral, ambientada nos anos 70, 81 e 89. Duas travestis, Cínthia e Brenda, têm presença marcante na minissérie e são inspiradas nas famosas travestis Telma Lip e Vera Abelha.

No cinema brasileiro recente, como já destaquei anteriormente, teve bastante visibilidade a co-produção francesa produzida em 2002, Madame Satã, que retratou a vida polêmica de João Francisco dos Santos, interpretado pelo ator Lázaro Ramos. No cinema

estrangeiro tido como convencional⁵⁹, as travestilidades foram abordadas também por Pedro Almodóvar em alguns de seus filmes, especialmente em “Tudo Sobre Minha Mãe” (1999) e “A Lei do Desejo” (1987). “Traídos pelo Desejo” (1992), de Neil Jordan, é outro filme antológico sobre essa temática, e na mesma corrente pode-se citar “Meninos Não Choram” (1999), “Transamérica” (2005), “Tirésia” e “Xuxu”, ambos de 2003⁶⁰. Obviamente, as obras citadas apenas ilustram uma extensa filmografia que em menor ou maior grau, enfoca as travestilidades ou traz alguma personagem travesti.

Nos últimos anos, tem-se visto com certa frequência a presença de travestis e transexuais em programas de TV, em situações diversas. Aliás, o quadro “Os transformistas” foi novamente incorporado à grade da programação dominical do SBT desde o início de 2009, no Show de Calouros apresentado por Sílvio Santos. No programa humorístico estilo chanchada “A Praça é Nossa”, também do SBT, Vera Verão foi uma personagem interpretada durante anos por Jorge Lafond, e era muito criticada por representar uma travesti escandalosa, encrenqueira, invejosa e mau caráter, produzindo uma imagem negativa para as travestis. Em 2004, nessa mesma emissora a travesti Bianca Soares participou do reality show “Casa dos Artistas”, sem revelar de imediato sua “identidade travesti” ao público telespectador ou aos outros participantes do reality, que ficavam confinados numa casa.

A travesti dançarina Lacraia, famosa pela sua coreografia do funk carioca “Eguinha Pocotó”, hit musical do ano de 2003, criado por Mc Serginho, teve aparições frequentes em diversos programas; e, ainda, seguindo a moda funk e o fenômeno atual das “mulheres frutas”, surge nesse contexto a mulher banana, uma travesti que brinca com os desejos masculinos. Mais uma vez o apelo é a estética do grotesco.

No Programa Super Pop, da Rede TV, apresentado por Luciana Gimenez é muito comum entrevistas com travestis, principalmente as que estão envolvidas em alguma polêmica. A travesti Patrícia Araújo, considerada por alguns “a nova Roberta Close”, eleita Miss Universo Transex em 2008, na Itália, já esteve algumas vezes no programa, falando sobre seus relacionamentos com homens famosos, atuação em filmes pornô e reportagens em

⁵⁹ O cinema convencional pode ser entendido como o cinema proveniente da indústria cinematográfica que atende a um público mais geral, servindo, sobretudo de entretenimento. Mais adiante, será brevemente discutida a presença de travestis também em filmes pornô.

⁶⁰ “Meninos Não Choram” teve direção de Kimberly Peirce; “Transamérica”, de Duncan Tucker; “Tirésia”, de Bertrand Bonello; e “Xuxu”, de Merzak Allouache.

revistas sobre sua beleza⁶¹. Em 2008, alguns escândalos envolvendo atores globais levaram a travesti Angélica Castro ao palco do mesmo programa para contar a sua versão da história. Por duas vezes, ela teria “feito programa”⁶² com os famosos atores contratados pela Rede Globo de TV Rômulo Arantes e Gabriel Braga Nunes, que se recusaram a pagar e a acusaram de extorsão, argumentando que a teriam confundido com uma mulher. A história acaba em agressão física contra a travesti, que foi à mídia denunciar os atores.

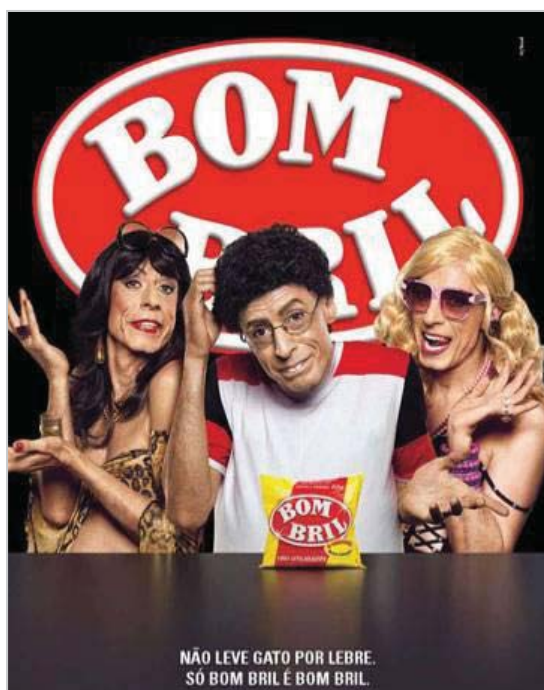


Figura 9. Campanha publicitária para a marca Bom Bril, uma sátira do caso Ronaldo.



Figura 9. Revista Veja, edição n°. 2059 de 07 de maio de 2008.

Assim como Angélica Castro há muitas outras travestis que ganham visibilidade na mídia devido a escândalos e polêmicas envolvendo políticos, cantores, atores e personalidades públicas em geral. Um exemplo é o caso envolvendo a travesti Andréia Albertini⁶³ e o jogador de futebol Ronaldo “Fenômeno” em abril de 2008, que desencadeou

⁶¹ Patrícia Araújo atuou em quatro filmes pornôns pela produtora Brasileirinhas, a maior produtora de vídeos pornô do Brasil. Em janeiro de 2008, na edição de n°.202, a revista feminina Marie Claire dedicou uma reportagem a Patrícia, com o título “Essa mulher esconde um segredo”.

Disponível em: <http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML1666417-1740,00.html>
Acesso em 08/11/2008.

⁶² Fazer programa é uma expressão utilizada para se referir a relações sexuais pagas, no mercado sexual. Angélica Castro é atriz pornô e profissional do sexo conhecida como a “Boneca dos Famosos” por assegurar ser bastante requisitada por estes.

⁶³ O escândalo envolvendo a travesti Andréia Albertini rendeu-lhe um filme pornô produzido pela Ícaro Studios, produtora especializada em filmes pornôns GLS no Brasil, lançado em 2008 e intitulado “Andréia Albertini: ela é um fenômeno”. Na capa Andréia segura uma bola de futebol.

um escândalo com repercussão internacional e promoveu discussões acerca da masculinidade e da “real preferência sexual do jogador”. A edição de sete de maio da revista *Veja*⁶⁴ trouxe na capa o rosto de Ronaldo estampado sobre a legenda: “A Escolha de Ronaldo”, fazendo referência ao recente acontecido e comparando sua trajetória com a do jogador argentino Maradona, frequentemente envolvido em escândalos, principalmente pelo seu vício em drogas. A reportagem sentencia o fim da carreira do jogador devido ao escândalo com as travestis: “A imagem de um Ronaldo descabelado e destruído, ao lado de travestis em uma delegacia carioca, rodou o mundo. No Brasil, virou a piada da semana”. Assim, não apenas as travestis são ridicularizadas, mas quem se envolve com elas também, e mais uma vez o riso, agora entoadado tragicomicamente, posiciona o imaginário social sobre o fato. Contudo, a versão oficial diz que o jogador de futebol – profissão que é um símbolo nacional de virilidade – teve sua imagem manchada por um deslize moral: Ronaldo foi às ruas em busca de um programa com uma prostituta mulher, mas acabou se tornando uma vítima ao ser enganado pela má fé das travestis que, ao perceberem tratar-se do jogador, fingiram-se de mulher para depois extorqui-lo. E, assim, por esse deslize moral Ronaldo deveria ser julgado pela sociedade⁶⁵.

A série de humor “A Grande Família”, inspirada no caso de Ronaldo, levou ao ar em agosto de 2008 um episódio em que uma travesti escandalosa e golpista, interpretada pela atriz Leona Cavalli, tenta extorquir Agostinho, personagem de Pedro Cardoso. E desse modo, a mídia brasileira foi se posicionando sobre o assunto, e conformando em boa medida a opinião da população sobre o caso, ora de modo sutil, ora nem tanto. A mídia brasileira, destacando a televisiva em particular, mais uma vez reproduz a imagem das travestis no âmbito da marginalidade, e desse modo ao longo de anos, sua imagem vem sendo atravessada pelas marcas da violência e da criminalidade, e no contexto do humor, estigmatizando todo um grupo plural a partir da homogeneização de representações e narrativas simplistas⁶⁶.

Como postula Debord (1997, p.14), nas sociedades atuais tudo que era vivido tornou-se representação, e a vida virou um espetáculo, onde a relação social entre as pessoas é mediada por imagens, constituindo por meio destas o modelo de vida social dominante. É

Fonte: www.icarostudios.com.br

⁶⁴ Disponível em http://veja.abril.com.br/070508/p_132.shtml

Acesso em: 06/08/2008.

⁶⁵ Para uma crítica do caso envolvendo Ronaldo e as travestis, ver:

<http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>. Acesso em 22 de setembro de 2008.

⁶⁶ É importante destacar que os programas de televisão citados são produtos culturais da mídia de massa brasileira, voltados para grandes audiências, particularmente para as classes populares.

desse modo que as imagens que a mídia veicula fornecem símbolos e mitos, recursos que contribuem para que se constitua uma cultura geral para a maioria dos indivíduos, ainda que em distintos graus. Nesse sentido, a mídia se configura enquanto espaço das construções simbólicas e das representações sociais, e devido à sua amplitude e poder de penetração, atua hoje como o principal agente de assujeitamento e de agenciamento para a construção das identidades, fornecendo, desse modo, boa parte do material simbólico com que se molda o imaginário social sobre as travestilidades, assim como os valores a elas atribuídos, estabelecendo uma relação indissociável, por vezes equivocada, entre representações, indivíduos e identidade social.

Nas ruas: das bonecas e dos centauros urbanos

Neste universo do chamado terceiro sexo, movido pela fantasia, as alternativas de sobrevivências são reduzidas. Para sobreviver com dignidade é preciso, antes de tudo, ser artista. Mas para a maioria o que prevalece é a realidade sombria das esquinas, onde a prostituição acaba se transformando na única forma de relacionamento com o mundo (Documento Especial, TV Manchete).

Como foi assinalado anteriormente, o imaginário popular sobre as travestis e o seu conhecimento e reconhecimento no cotidiano social é significativamente marcado pela espetacularização de sua imagem. Nesse contexto, as travestis tornam-se um espetáculo na medida em que são retratadas e representadas associadas à anormalidade e ao exotismo, como aberrações físicas – metade macho e metade fêmea, mulher de pau ou homem de peito –, ou como um prodígio devido à incrível façanha de ser uma mulher que é um homem.

Assim, a imagem das travestis na mídia, o modo como são retratadas e representadas, o que dizem sobre elas e o status social a elas atribuído interfere sobremaneira no modo como são percebidas e como se relacionam na esfera pública. O cronista Arnaldo Jabor, em comentário ao *Jornal Nacional*⁶⁷ sobre o escândalo envolvendo Ronaldo “Fenômeno” e as travestis reitera, em boa medida, a imagem de animais mitológicos urbanos no imaginário popular brasileiro:

Como escrevi uma vez, os travestis são centauros urbanos. Duas vidas num corpo só. Não confundi-los com a caricatura das drag queens. O travesti tem orgulho de ser quem é. Ele não é uma decaída, ele é uma afirmação de identidade. Ele não é da área moral, ele é da área artística. Há algo de clone nos travestis porque eles nascem de si mesmos. Quem está nu ali na esquina? O homem ou a mulher nele? O que oferece um travesti ao homem que o procura? A chance de ser a mulher de uma mulher. O travesti não é simples e doce. Há um lado criminal no travesti. Ele tem coragem de ser duplo, tem coragem de viver o terror e a glória no centro da madrugada. O homem que se casa com a prostituta se acha um bem-feitor; humilha a mulher que ele salvou. O travesti nunca será grato a você. Você é que terá de lhe agradecer. O travesti não dá uma boa esposa, você é quem poderá virar esposa dele. ‘Querida, já lavei a sua mini-saia de oncinha’. O travesti tem algo de cowboy, corajoso como um John Wayne de biquíni e fio-dental. Você passa no carro e o vê: uma Marilyn de botas, no meio dos faróis. E lá se vai o pai de família, perdido de loucura. O travesti é um fenômeno que nos fascina porque assume a verdade da sua mentira⁶⁸.

Na vida prática de grande parte das travestis e no cotidiano das ruas, o principal palco são as calçadas onde expõem seus corpos como em vitrines para a prostituição. Em

⁶⁷ Programa jornalístico de grande audiência nacional, exibido pela Rede Globo de Televisão.

⁶⁸ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=zgXiAmN2bik>. Acesso em 27 de novembro de 2008.

trajes sumários e estratégicos, as “bonecas”⁶⁹ fazem parte da paisagem noturna dos que trafegam pelas cidades na alta madrugada. Contudo, as imagens da prostituição travesti não são vistas somente por quem transita pelas noites, pois elas chegam também por meio de representações midiáticas e narrativas visuais e orais. Com a repercussão gerada pela fama de Roberta Close e a constante presença de travestis na TV entre a década de 80 e 90, as travestis ganharam considerável visibilidade na mídia, inspirando, entre outros, a produção de um vídeo documentário sobre as travestis brasileiras realizado pelo Programa Documento Especial da TV Manchete, abordando além das famosas travestis e transformistas, as travestis que se prostituem com relatos e depoimentos sobre a vida na noite. Os escândalos envolvendo travestis profissionais do sexo também as colocam de modo recorrente nas pautas dos jornais e programas de TV. Desse modo, a sociedade em geral vai construindo, a partir de representações fragmentadas, um imaginário acerca das travestis, associando-as de um lado aos palcos, à vida artística e ao glamour; e de outro à violência, ao crime e à prostituição. No entanto, a diversão, o prazer e o espetáculo parecem invariavelmente fazer parte de suas vidas.

Nesse sentido, há um público específico que busca prazer sexual e diversão com as travestis, com um tipo de sexo espetacularizado vendido como “entretenimento para adultos”. Como assinala Jorge Leite Jr (2006b, p.02), o chamado “entretenimento para adultos”, conhecido também como pornografia foi criado pela cultura de massas como mais um de seus espetáculos, convertendo relações sexuais ordinárias num sexo fantástico e a realidade num show⁷⁰. Os primeiros filmes pornográficos surgiram no início do século XX, consolidando na década de 70 um mercado de público próprio, gerando altos lucros para seus realizadores. Ainda conforme Leite Jr (2006b), uma das mercadorias mais comuns encontradas sob o rótulo de filmes pornô é o sexo com travestis, muitas vezes classificado como bizarro ou fetichista, apresentando uma ampliação das possibilidades de prazer a partir da corporalidade das travestis, caracterizada por uma intenção de provocar o desejo associando diversão e excitação sexual em seu público consumidor com performances eróticas e cenas “excêntricas” de sexo, consideradas pornografia bizarra.

⁶⁹ Termo utilizado para se referir às travestis, empregado tanto entre elas quanto pelas pessoas que se envolvem sexual e afetivamente.

⁷⁰ Para uma leitura mais aprofundada sobre pornografia e sexo como uma forma de entretenimento, ver ABREU (1996) e LEITE JR (2006).



Figura 10. Rubi Navarro no filme “A Trava Anão”. Produção Ícaro Studio, 2008.

As características físicas consideradas aberrantes são atrativos dos filmes pornôs classificados como bizarros, assim como práticas sexuais não convencionais⁷¹. Os filmes de Rubi Navarro – uma travesti anã que tem um membro sexual super avantajado⁷² –, ilustram o que se poderia entender por sexo bizarro com travestis, sendo o contraste e desproporcionalidade entre sua estatura e o tamanho de seu pênis sua característica mais chamativa, atribuindo um aspecto grotesco às performances e configurando uma espécie de freak show pornô.

A “versatilidade” proporcionada pela corporalidade “ambígua” das travestis em suas performances sexuais também se revela excitante para o público, sendo comum ver orgias entre travestis e mulheres, travestis e homens, travestis com homens e mulheres, e travestis com outras travestis, atuando como ativas e passivas nas relações em diferentes situações⁷³. Nesse contexto, para Leite Jr,

⁷¹ Segundo Jorge Leite Jr (2006), considera-se sexo não convencional no mercado pornográfico práticas sexuais sadomasoquistas e hard core, como o fist fuck (penetração do punho na vagina ou ânus), chuva de ouro (urinar no parceiro durante a prática sexual), ou zoofilia (relações sexuais com animais), por exemplo.

⁷² A Trava Anão, volume 1 e 2. Filmes produzidos e lançados em 2008, pela Ícaro Studios.

⁷³ Travestis Versus Ninfetas, 2009; Aventuras Transexuais, 2008; Minha Namorada Tem Algo a Mais, 2008; Duplo Prazer, 2008. Todos produzidos pela Ícaro Studios.

a representação sexual “bizarra/ fetichista/ She-male” possui uma forte herança dos espetáculos de “aberrações humanas” e freak shows, pois ela também, à sua maneira sexualizada, espetaculariza os corpos em situações extremas, nas quais eles fazem ou são “maravilhas” e “prodígios” (2006b, p.04).

Muito mais do que representar uma relação sexual habitual ou convencional, esses vídeos rotulados como bizarros e fetichistas se propõem a apresentar os prazeres sexuais de uma forma estranha e inusitada, e muito por isso, o corpo das travestis tem tanto destaque, pois, nas palavras de Leite Jr, representa “uma maravilha, um verdadeiro prodígio da natureza que tanto pode causar repulsa como provocar o riso ou a excitação” (2006b, p.04). Desse modo, o universo travesti parece estar intrinsecamente ligado ao universo do espetáculo grotesco e do riso. Nesse sentido, as travestis tanto são motivo de risadas preconceituosas, que as humilham e as ridicularizam em suas aparições públicas, apresentações e representações, como utilizam sua gargalhada e humor ferino para defender-se desses ataques, rindo sarcasticamente da sociedade que as condena, mas que vez ou outra acabam por sucumbir em distintos níveis aos seus encantos e atrativos, seja em busca de prazer ou lazer.



Figura 12. Revista Transex, edição nº. 01, ano I. Na capa, Rosana Star, travesti que iniciou sua carreira artística como um dos “paquitos” no programa apresentado por Xuxa.



Figura 12. Revista Travestis, edição nº. 29, ano VI. Na capa, a travesti Daniela di Biagio, cover da dançarina Joana Prado, a Feiticeira.

Assim, há uma grande quantidade de catálogos produzidos por diferentes estúdios que colocam nas prateleiras de locadoras especializadas imagens de sexo com travestis, espetacularizando seus corpos e o prazer sexual. As publicações impressas voltadas para esse público também representam um mercado significativo. No Brasil, a partir da década de 1980, surgiu uma série de títulos de revistas que apresentavam fotografias eróticas e de sexo com travestis. Dentre elas, as mais emblemáticas são as revistas “Travestis”, da editora Ondas publicada de 1994 a 2005 com um total de 48 edições, oferecendo além da revista, fitas de vídeo com ensaios sensuais, e a “TranSex”, uma publicação da editora Fractal, que teve a primeira edição nas bancas em março de 2002. Ambas apresentam ensaios eróticos, assim como nas publicações mais comuns de modelos mulheres, como as revistas “Playboy” e “Sexy”⁷⁴.

Muitas travestis que posam para essas revistas atuam como profissionais do sexo, fazendo filmes pornô e programas de prostituição, construindo uma carreira no mercado sexual e consolidando um star system pornô. Nesse sentido, a internet, atualmente, se apresenta também como uma importante mediadora dessas imagens, na medida em que se constitui como um canal tanto de visualização quanto de comercialização. Através da internet é possível assistir ou comprar os vídeos pornô, ver e comprar fotos ou mesmo marcar um programa com as travestis mais famosas, consideradas Top⁷⁵.

Todavia, ao se consolidar no mercado pornográfico da cultura de massas as travestis têm sua imagem cada vez mais associada à perversão, promiscuidade, delinquência sexual e espetacularização dos prazeres eróticos, reforçando a estigmatização e o preconceito. De acordo Leite Jr,

ao encarnarem para o imaginário social as estigmatizadas associações entre perversidade sexual, delinquência, espetacularização dos prazeres eróticos e pornografia num único corpo conscientemente forjado, esta “intolerável ambiguidade” paga o terrível preço de conviver com o fascínio carregado de ódio, a desqualificação de seus desejos e a inferiorização de seus gozos. Como a própria pornografia e as práticas sexuais não convencionais, o “corpo que é uma maravilha”, o da travesti, especialmente a que trabalha com prostituição, encara a violência cotidiana de quem assume uma vida e um físico modelados pelo desejo e o prazer eróticos, questionando, mesmo que sem intenção, o discurso do “verdadeiro sexo” (2006b, p.06).

Assim, no contexto das ruas, as travestis surgem no cotidiano como sinônimo de prostituição e perigo. Sua figura predominante noturna circula em territórios delimitados,

⁷⁴ A revista “Sexy” tem um conteúdo similar à “Playboy”, porém com conteúdo mais explícito. Suas edições são mensais, com publicações pela Editora Rickdan Ltda.

⁷⁵ Alguns sites: <http://www.travestitotal.com.br>; www.bananatrans.com.br; <http://www.shemaleglobal.com>

demarcando uma espacialidade e temporalidade específicas. O dia é período de reclusão, sobretudo para as travestis que se prostituem, pois além do preconceito e violência que sofrem à luz do dia, precisam descansar para enfrentar a noite. E também para estas, a ideia de diversão, prazer e glamour disputam espaço com trabalho, preconceitos e violência na labuta diária da alta madrugada.

Como assinala Pelúcio (2007), é nas esquinas das ruas que as travestis testam o sucesso de seus esforços para construírem uma aparência feminina e sedutora, é nas calçadas que sentem o prazer de serem desejadas, que são admiradas e elogiadas. E é na rua também que aprendem a ser travesti, pois como observou Kulick (2008) em relação às travestis de Salvador, um dos primeiros passos para se construir uma identidade travesti é o abandono da família e da casa – impressão confirmada por Benedetti (2005) com as travestis de Porto Alegre – e a busca pela liberdade nas ruas para viver a transformação corporal e assumir-se travesti, pois na medida em que revelam sua homossexualidade e ensaiam iniciar alguma transformação corporal são hostilizadas no ambiente familiar. Nesse contexto, a casa se torna uma ameaça e a rua mais acolhedora.

Nas ruas, convivendo e observando outras travestis, aprendem quais transformações corporais são mais valorizadas e também como realizá-las, além de técnicas corporais para ocultar o pênis ou “acuendar a neça”, para depilar os pelos do corpo, cuidar dos cabelos, unhas, maquiagem, vestuário e uma série de outras técnicas para “se passar por mulher”. É nas ruas também que aprendem as habilidades e mistérios da prostituição e muitas vezes iniciam o uso de drogas, lícitas e ilícitas (BENEDETTI, 2005, p.103). É desse modo que as ruas e as zonas de prostituição representam espaços de sociabilização e um dos principais lugares sociais para a construção e aprendizado do feminino entre as travestis. Elas constroem sua autoimagem baseadas em referências que lhes parecem positivas e prestigiosas. Todavia, hoje pode ser comum que a primeira imagem ou referência de travestilidade venha da televisão, e nem tanto das ruas, mas ainda é nesses espaços que elas fazem os primeiros contatos com outras travestis e vivem as primeiras experiências de transformação corporal⁷⁶.

De acordo com Kulick (2008), a prostituição não é apenas uma fonte de renda para as travestis, mas também de experiências prazerosas, pois o mercado sexual é praticamente a única esfera em que as travestis são reconhecidas, admiradas e desejadas.

⁷⁶ Duas travestis (Dany e Carol), entrevistadas pela pesquisadora durante o presente estudo, afirmaram ter suas primeiras referências de travestilidades no ambiente televisivo, citando principalmente Roberta Close. O mesmo pode ser notado nas falas da Bárbara Kysivics e Angélica Castro, travestis investigadas nessa pesquisa.

Assim não é pensada por todas elas como uma atividade degradante, como é vista pela sociedade brasileira em geral, mas como uma atividade profissional que lhes garante às vezes mais dinheiro do que ganhariam em outros tipos de atividades profissionais que poderiam ter as portas abertas para elas, como em salões de beleza por exemplo.

É desse modo que iniciar-se na atividade da prostituição, ou “cair na vida” ou “na batalha”, representa um marco simbólico na vida das travestis; é nas ruas e nas calçadas que as travestis se relacionam socialmente, vivendo um cotidiano de prazeres, diversão, mas também de humilhações, preconceitos, crimes e violências. E nesse sentido, como afirma Silva, H. (2007, p.65), foi justamente pela violência que as travestis se impuseram na recente história brasileira realizando um duplo movimento, pois ao reagir violentamente à sociedade em resposta à intolerância, preconceitos e agressões, interiorizando a violência muitas vezes como uma necessidade de sobrevivência, elas têm sua imagem associada ao perigo no imaginário popular. Desse modo, as histórias de roubos aos clientes, escândalos e brigas são relatos comuns nas etnografias sobre travestis que se prostituem, da mesma forma as prisões e agressões realizadas pela polícia, sem falar nos assassinatos⁷⁷. E ainda que a violência contra as travestis seja mais numerosa e grave, com casos de execução coletiva, torturas, espancamentos e estupros, muitas das vezes realizados por policiais, as notícias que mais chegam à mídia são de crimes cometidos por travestis. Nesse contexto, observa Kulick (2008), que a violência é o eterno pano de fundo de suas vidas e, ainda que de dia sejam hostilizadas, insultadas e por vezes agredidas fisicamente, é à noite que os perigos são maiores, pois estão mais expostas e vulneráveis devido às condições de seu trabalho como profissionais do sexo.

Nas ruas a imagem das travestis está intrinsecamente associada à prostituição e à violência, remetendo também à noção de desvio moral e aberração física. Numa perspectiva, seus corpos criam a imagem mitológica do ser “metade homem, metade mulher”, ou o centauro urbano a que se referiu Arnaldo Jabor, configurando seres abjetos, repudiados e excluídos da vida social, aos quais cabem somente as zonas invisíveis e inabitáveis. Por outro lado, para tantos que buscam sexo com as “bonecas”, são corpos esculpidos para o prazer que despertam o desejo e a excitação sexual.

Assim, a imagem das travestis no cotidiano social está associada a uma série de fatores culturais e sociais estabelecidos, que fixam uma fronteira que as segrega reservando

⁷⁷ Ver KULICK (2008); Pelúcio (2007); SILVA, H. (2007); BENEDETTI (2005).

alguns poucos lugares possíveis e papéis restritos para sua existência: nos palcos vigora o corpo espetacular, ora cômico, ora e(r)xótico; nas ruas, o corpo abjeto, mas que é uma “maravilha” sexual.

Depois de apresentar uma discussão acerca de algumas questões teóricas e conceituais sobre gênero, sexualidade e transgeneridades no primeiro capítulo, e realizar um breve panorama histórico das travestilidades, particularmente no Brasil, abordando as representações da mídia de massa e problematizando aspectos específicos dessas, o capítulo terceiro deve dar continuidade à questão das representações no âmbito da cultura da mídia, abrangendo e enfocando também a cibercultura e o ciberespaço para introduzir, de fato, o que foi proposto nesse estudo. Assim, o próximo capítulo irá apresentar o campo de investigações no ambiente da internet e se aproximar das discussões sobre autorrepresentações de travestis.

Representações e autorrepresentações: da cultura da mídia à cibercultura

Desde os anos de 1950, o cotidiano social brasileiro vem sendo fortemente influenciado pela cultura midiática, sobretudo a cultura audiovisual televisiva (JAGUARIBE, 2007, p.87). Como foi sinalizado no capítulo anterior, a cultura veiculada pelas mídias conforma em boa medida a vida cotidiana, o comportamento social e a percepção da sociedade em geral sobre o mundo e determinados fenômenos sociais. Os meios de comunicação de massa e os produtos culturais midiáticos são mediadores de uma dada realidade – construída historicamente a partir de representações e discursos visuais e verbais tidos como oficiais provindos de diferentes instituições sociais – e ajudam a modelar uma visão predominante de mundo (KELLNER, 2001).

Embora seja inegável a influência que as mídias exercem sobre as sociedades contemporâneas, é interessante precisar as mudanças provenientes do surgimento de novas tecnologias de informação e comunicação, sobretudo nas três últimas décadas, que acabaram por trazer consequências para a compreensão dos arranjos socioculturais. Durante quase todo o século XX, a cultura de massas⁷⁸ instituiu uma lógica na qual o discurso e o conteúdo presente nos produtos culturais midiáticos tendiam à padronização dos saberes e dos gostos, configurando, como argumenta Lucia Santaella (2003, p.16), um tipo de inércia social na qual a recepção de mensagens é estabelecida pelos meios de comunicação de massa, de modo a conformar e treinar o desejo dos indivíduos por determinado tipo de informação e entretenimento. Entretanto, desde os anos 80, o surgimento de tecnologias e meios cujas mensagens apontam para a segmentação e diversificação ou ainda para a hibridização, constituídas no âmbito das “mídias desmassificadoras” – o aparelho de videocassete é um

⁷⁸ Diferente do que o termo possa sugerir “cultura de massas” não é um tipo de cultura que surge espontaneamente das próprias massas, e nada tem a ver com as manifestações artísticas e sociais genuinamente populares. A cultura de massa é a consequência dos processos de produção industrial da cultura – aos quais os membros da Escola de Frankfurt nomearam “Indústria Cultural” – que é transformada em mercadoria, padronizada e amplamente veiculada para a sociedade em geral pelos meios de comunicação de massa, como televisão, cinema, rádio e jornal (KELLNER, 2001).

exemplo – delineou um cenário capaz de propiciar o consumo individualizado e personalizado, em detrimento do consumo massivo. Inaugura-se uma nova dinâmica na qual os consumidores podem escolher entre diferentes produtos simbólicos alternativos. Esse movimento transitório de inovações tecnológicas e transformações socioculturais, Santaella (2003) vai chamar de “cultura das mídias”, uma cultura intermediária entre a chamada cultura de massas e a cibercultura. Contudo, é importante ressaltar que uma não sucede a outra, e sim se trespassam e se sobrepõem, constituindo tecidos culturais híbridos, ainda que se deva pontuar diferenças para que se possa discutir e problematizar suas implicações sociais e culturais.

Para Kellner (2001), o termo cultura das mídias assinala tanto as formas de produção da indústria cultural quanto seu modo de distribuição, ou seja, as tecnologias. Destarte, a cultura da mídia abrangeria as interconexões entre a cultura e os meios de comunicação, designando a colonização da cultura pela mídia e constituindo-se como o principal meio para sua circulação e disseminação. Assim como para Santaella (2003), a cultura das mídias acarreta para Kellner (2001) uma série de transformações no âmbito cultural devido principalmente ao desenvolvimento dessas novas tecnologias midiáticas que conferem mais autonomia aos indivíduos, porém, ainda que isso implique numa interferência da produção e disseminação da cultura por parte da sociedade em geral, a cultura das mídias não deixa de ser “a forma dominante e o lugar da cultura nas sociedades contemporâneas” (Ibidem, p.54), continuando por conformar e legitimar as representações e os discursos oficiais sobre o mundo, sobre as coisas do mundo, os indivíduos e os grupos sociais.

Nesse contexto, a cibercultura tem como um de seus traços mais marcantes a convergência das mídias, e como sugere André Lemos (2003), esta se configura a partir da junção entre as novas tecnologias de informação e comunicação na conjuntura cultural contemporânea. Tal convergência e fusões principalmente entre informática e telecomunicações vão originar uma revolução microeletrônica e o surgimento de mídias digitais, multiplicando e prolongando as mídias tradicionais e criando também novas tecnologias, na maioria das vezes híbridas, como os computadores e celulares (LE MOS, 2002, p.84). Essas novas tecnologias inauguram um modelo descentralizado e universal de circulação de informações, permitindo uma comunicação individualizada que vem causando também, como sinalizam Santaella (2003) e Lemos (2002), mudanças estruturais mais significativas na produção e distribuição de informações, pois as tecnologias digitais tanto alteram de modo relevante os padrões de produção quanto de difusão da cultura midiaticizada.

Na cibercultura as mídias não simplesmente convivem, mas convergem na coexistência de uma cultura de massa que permanece e da cultura das mídias ainda em plena atividade (SANTAELLA, 2003). Com isso, pode-se dizer que há também uma maior variedade e diversidade de produtos culturais circulando na esfera midiática.

Desse modo, das mudanças tecnológicas ocorridas nas últimas décadas, as tecnologias da informática foram as mais representativas, provocando um forte impacto cultural, social e econômico no cotidiano, sobretudo devido à confluência entre as linguagens do computador e as telecomunicações. Como diz Santaella (2003, p.20), o computador, unido às redes telecomunicacionais, revolucionou as mídias tecnológicas originando um sistema digital amplamente disseminado que possibilita ao usuário não somente consumir, mas também produzir, distribuir e receber conteúdos audiovisuais num só equipamento⁷⁹. Assim, as tecnologias da informática “desestabilizam as teorias da absorção passiva, na medida em que a interatividade dos usuários com outros usuários e com as próprias tecnologias digitais promove agenciamentos” (JAGUARIBE, 2007, p.36).

Se por um lado a televisão é o símbolo da cultura massificada, por outro, o computador conectado à rede parece ser a essência da cibercultura, e seja nas telas da televisão ou nas telas do computador, a cultura midiaticizada interfere sobremaneira no cotidiano social, mediando as relações sociais e construindo percepções de mundo e subjetividades⁸⁰. Entretanto, com a introdução e popularização dos computadores pessoais no cotidiano doméstico e profissional, os indivíduos saem da posição de passividade comum à relação receptiva unidirecional com a televisão diante dos conteúdos veiculados, e passam a aderir ao modo interativo bidirecional exigido pela interface com os computadores (SANTAELLA, 2003, p.22). E na medida em que os meios interativos foram gradativamente introduzidos e incorporados às práticas da vida cotidiana, os hábitos de consumo dos produtos culturais midiáticos foram se modificando. Porém,

⁷⁹ As redes telemáticas, que representavam a fusão entre os recursos da informática e da telecomunicação num conjunto de tecnologias para transmissão de dados, começaram a ser utilizadas ainda na década de 1970, mas foi na metade dos anos 90 que a internet começou a se popularizar, dando origem a um sistema de comunicação mundial (SANTAELLA, 2003, p.83).

⁸⁰ Subjetividade nesse contexto pode ser compreendida como o caráter singular e pessoal do indivíduo de perceber e de conceber, a partir dos entrecruzamentos dos valores presentes nas esferas sociais e de sua psique, a si mesmo, os grupos sociais, e as coisas do mundo. Assim, pode-se entender que a subjetividade se configura pela multiplicidade e pluralidade de fatores que conformam a existência social, considerando-se seu caráter idiossincrático e abrangendo inclusive aspectos materiais. Sobre isso, Miskolsci (2006) nos diz que a subjetividade está diretamente associada à materialidade do corpo, e que a história da construção das identidades sociais é também a história dos modos de produção das subjetividades.

o que hoje está nitidamente acontecendo com as redes e deverá prosseguir com a TV interativa, as “mídias desmassificadoras” (TV a cabo, videocassete) já haviam introduzido, isto é, minar os fatores de centralização, sincronização e padronização característicos dos meios de massa, ao promover maior diversidade e liberdade de escolha (Ibidem, p.82).

Como postula Santaella (2003, p.128), se a natureza da cibercultura é essencialmente heterogênea, a realidade, nesse contexto, se torna múltipla posto que a mídia sempre modifica aquilo de que ela trata e a maneira como é percebido, embaralhando identidades e referencialidades, e tornando a cultura crescentemente representacional. No entanto, dizer que no âmbito da cibercultura a realidade se torna múltipla não significa propriamente dizer que as representações difundidas por esta nova configuração delineada pelas tecnologias da informática abrangem igualmente as diversidades e pluralidades socioculturais, pois essa Torre de Babel que parece ser o ciberespaço dialoga com as mídias tradicionais e instituições sociais e está impregnada pelos valores estabelecidos historicamente e reproduzidos em diferentes instâncias, ainda que possibilite novas imbricações.

O ciberespaço é uma parte vital da cibercultura, e, como aponta Lemos, podemos compreendê-lo como “o lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado (realidade virtual), e como conjunto de redes de computadores, interligados ou não em todo o planeta, a internet” ((2002, p.137). Assim, o ciberespaço não é uma realidade à parte, ou um não-lugar desconectado da realidade, mas uma expansão e um complexificador do real, e se constitui como uma tecnologia produtora e mediadora de informação, discursos e representações que dialoga com as outras mídias e é influenciada do mesmo modo que influencia seus conteúdos.

Se numa perspectiva, a cultura das mídias germina uma maior diversidade de produtos culturais e aponta para a possibilidade de escolha do público de acordo com interesses pessoais e alternativos, personalizando o consumo simbólico; noutra perspectiva, opera ainda reproduções de representações dominantes para uma cultura geral abrangente que também se reproduz inclusive no âmbito do ciberespaço. Utilizando-se correntemente de códigos de domínio geral que possam ser facilmente decodificados e apreendidos pelo maior número de pessoas, os produtos culturais midiáticos continuam por conformar o interesse, a opinião, o gosto e a percepção dos indivíduos. Por isso, as representações presentes nas diferentes mídias são em boa parte das vezes estereotípicas, apresentando imagens preconcebidas e simplificadas dos acontecimentos sociais em diferentes esferas da vida cotidiana, assim como das identidades culturais, condensando a diversidade de possibilidades

de experimentar a vida e a pluralidade das identidades, limitando as possibilidades de identificação ao dar visibilidade a determinados “modelos sociais” (KELLNER, 2001).

As representações, constituídas por normas e instituições e expressas por códigos verbais e visuais, são construções histórico-sociais capazes de restringir e moldar as visões de mundo, assim como a maneira de perceber e conceber os indivíduos, a sociedade e os fenômenos sociais. Dessa maneira, “a representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão” (PESAVENTO, 2003, p.40), produzindo significados através dos quais podemos dar sentido às nossas experiências individuais e coletivas. Contudo, como já foi ressaltado, são as representações construídas a partir de discursos hegemônicos que circulam nos espaços ditos oficiais e se fixam, sendo reproduzidas em diferentes esferas e incorporadas socialmente. E é nesse sentido que as representações midiáticas se configuram como modalidades produtoras de discursos e versões de realidade arbitrárias e normatizantes na medida em que disciplinam e homogenizam, reprimindo ou incitando determinados comportamentos, vontades, gostos e desejos, sob a ameaça da rejeição social, enfraquecendo a legitimidade da pluralidade. Essa realidade orienta o olhar classificador e normalizador das identidades e institui uma rede semântica que restringe as representações válidas, categorizando e conformando as identidades. Para Pesavento,

a força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social. As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade [...]. As representações apresentam múltiplas configurações, e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos do social (2003, p. 41).

Para compreender as representações e como estas se estabelecem hegemonicamente, deve-se compreender o seu processo de construção e conhecer os mecanismos ideológicos de produção de sentido que compõem os processos de significação, mas para tal é necessário inscrever o discurso que conforma as representações num quadro mais amplo, pois há todo um espaço social que significa. Isso implica relacioná-lo criticamente ao contexto sociocultural e histórico que permitiu a sua configuração atual e ainda, como sugere Woodward (2007, p.17), deslocar o foco dos sistemas de representações para as identidades produzidas por estes, pois é por meio dos significados produzidos pelas representações que nos posicionamos enquanto sujeitos e damos sentido às nossas experiências.

Pode-se considerar, portanto, que o contexto da cibercultura torna as condições para produção e circulação de uma maior variedade de discursos mais acessíveis e traz à tona novos ambientes de sociabilidade e uma modalidade de construção de “narrativas do eu”, que torna possível não somente novas formas de representação, mas, sobretudo, torna visíveis representações que nos permitem entrar em contato com experiências de vida, histórias e pessoalidades⁸¹, proporcionando também a possibilidade de questionar e relatar posições e identidades hegemônicas desde outros lugares. Nesse panorama, a internet pode ser percebida como um fator de ruptura com as formas tradicionais de comunicação e interação, inaugurando um novo ambiente na esfera das relações humanas, na medida em que as relações que se estabelecem no ciberespaço se tornam mais complexas, permeando e trespassando o domínio do real e do virtual e intermediando os modos de perceber o mundo, indivíduos e grupos sociais. Por isso, “mais do que um fenômeno técnico, o ciberespaço é um fenômeno social” (LEMOS, 2002, p.148).

Como nos diz Rüdiger (2002, p.101), se a televisão nos permite ver os acontecimentos e serve de referência para a nossa consciência, apresentando e disponibilizando representações e modelos de estilos de vida e papéis sociais com os quais podemos nos identificar, a cibercultura possibilita que nos tornemos protagonistas, ou seja, parte-se das narrativas e representações padronizadas de acontecimentos, indivíduos e grupos sociais para a possibilidade das autorrepresentações e das narrativas de si.

⁸¹ Pode-se entender o termo personalidade, no contexto de subjetividade, como aspectos individuais e singulares que conformam a identidade e a vida dos sujeitos.

Representações do eu em comunidades virtuais e weblogs

O advento e popularização da internet possibilitaram a criação de ambientes de sociabilidade virtual coletivos que subverteram os parâmetros da comunicação à distância, inaugurando uma era em que os contatos interpessoais podem ser travados em tempo real, de qualquer lugar, virtualmente. Os correios eletrônicos ou e-mails, chats, programas de conversação instantânea eletrônica como ICQ e Messenger⁸², sites de relacionamento como o Facebook⁸³ ou orkut⁸⁴, entre outros sites, weblogs e fotologs são instrumentos de comunicação no ciberespaço, mas também recursos de agregação social comunitários, podendo configurar as chamadas comunidades virtuais. Como assinala Lemos (2002, p.93), “as comunidades virtuais eletrônicas são agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas”. Nessa perspectiva, o ciberespaço torna-se um território simbólico de vínculos sociais, um ambiente de trocas de informações, textos, imagens, experiências de vida e um meio de contato e relacionamento social. É interessante destacar o caráter agregador que tem o ciberespaço, considerando que na cibercultura os usuários são autônomos e navegam na rede em busca de seus interesses pessoais – escolhem o que querem ver, ler, ouvir, ou sobre o que querem saber, enfim, são eles que definem seus caminhos para a informação e entretenimento –, se agrupando a outros usuários na rede, principalmente pelas afinidades. Assim, as comunidades virtuais configuram-se como espaços de agregação social de múltiplos interesses e também como redes de comunicação coletivas, por meio de listas e fóruns de discussão, emails, videoconferência, entre outros, e, desse modo, remetem à noção de um espaço simbólico de

⁸² Programas de mensagens instantâneas que permitem conversar em tempo real e a qualquer distância com outros usuários que estejam cadastrados no programa.

⁸³ O Facebook é uma rede de relacionamentos, aos moldes do orkut, criada em 2004. Hoje possui cerca de 60 milhões de usuários em todo o mundo, sendo a maioria dos Estados Unidos. O Facebook é hoje o maior site de fotografias do país, com algo em torno de 1,7 bilhões de imagens.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>

⁸⁴ O orkut foi criado em 2004 nos Estados Unidos, mas se tornou tão popular entre os brasileiros que em 2005 foi criada uma versão em português para o site. Até março de 2008 havia cerca de 23 milhões de perfis brasileiros cadastrados no orkut, representando 54% do número total de perfis. O segundo país com maior número de usuários atualmente é a Índia, com 16,98% de perfis. Sobre esse aspecto é importante frisar que o número de perfis não designa precisamente o número de usuários, pois é possível criar mais de um perfil no site. Devido à grande quantidade de usuários brasileiros e a diversas questões legais que vêm se desenrolando especialmente no país, como casos de pedofilia, racismo, homofobia e pirataria, em agosto de 2008 o Google, empresa responsável pelo orkut, decidiu que sua sede seria transferida da Califórnia para o Brasil.

Fonte: <http://www.orkut.com.br> e http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut#cite_note-1
Acesso em 08/10/2008.

partilha e a um sentimento de pertencimento a determinados agrupamentos sociais (LEMOS, 2002, p.153).

Seja nas comunidades virtuais, em salas de bate-papo ou em weblogs pessoais, os indivíduos se apresentam e interagem no ciberespaço forjando uma determinada identidade, ainda que seja anônima. Essa construção das identidades no ciberespaço se processa de modo complexo, fragmentado e muitas das vezes dissociado do mundo “real”, ainda que mantenha diálogos com este. Nessa medida, a questão contemporânea das identidades culturais e as discussões acerca de sua fragmentação (HALL, 1997) se entrecruzam também no âmbito do ciberespaço, instaurando ainda novas problematizações considerando-se as características da internet e as relações sociais on e offline que se estabelecem a partir desta.

Como nos diz Rüdiger (2002, p.116), a possibilidade de viver “vários eus”, de manipular as identidades individuais, e a extensão com que se controla o seu reconhecimento no ciberespaço não se distingue muito do modo como esse processo se desenvolve na vida cotidiana, assim também se reproduz boa parte das estruturas sociais e das relações de poder existentes. Diferentemente do que pode sugerir, o ciberespaço não é um outro mundo, mas um campo social no qual se pode encontrar problemas semelhantes aos que encontramos hodiernamente. Do mesmo modo, a construção das identidades no ciberespaço tem como complexificador a questão das representações e os sistemas simbólicos que as constitui. Como citado anteriormente, na cibercultura os usuários têm acesso a recursos e ferramentas que os habilitam a produzir seus próprios discursos, representações e narrativas, e assim publicam imagens, textos, sons, vídeos, narrando outras visões de mundo e de si mesmos, se posicionando enquanto sujeitos, conformando ciberidentidades, construindo e dando visibilidade às suas autorrepresentações, fazendo-o a partir de referencialidades que estão nas mídias, nas ruas, nas instituições sociais e no próprio ciberespaço. Nesse sentido, a construção das ciberidentidades e das autorrepresentações se configura a partir das relações sociais tanto dentro quanto fora do ciberespaço, num processo cultural *continuum* de identificação com outras identidades, posições de sujeito, papéis sociais e representações, dos quais os indivíduos podem se apropriar fragmentariamente. Dessa maneira, percebe-se como a reincidência de certas representações estabelecidas culturalmente e presentes nos discursos e narrativas das telenovelas, dos filmes e da publicidade funda, de modo geral, parâmetros sociais para a aceitação ou rejeição dos sujeitos, e como, por outro lado, influenciam na construção das ciberidentidades. Por isso, diz-se que “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis, por um

modo específico de subjetividade” (WOODWARD, 2007, p.18), tal como a beleza magra e loira e a feminilidade das modelos e atrizes das capas de revistas, ou a masculinidade ativa hegemônica dos astros de cinema, pois somos de alguma forma impelidos pelas relações sociais a construir identidades que tenham como referência representações prestigiosas ou, no mínimo, aceitas socialmente.

Como sugere Woodward (idem, p.49), as identidades são construídas relativamente a outras identidades, baseando-se comumente nas diferenças e tendo como marco essencial para a produção de significados as oposições binárias – como os insiders em relação aos outsiders, o branco em relação ao negro, o homem em relação à mulher, o/a heterossexual em relação ao/a homossexual, o magro em relação ao gordo, enfim. Esses sistemas de significação das representações acabam por deslegitimar a pluralidade das representações e das identidades. Nesse contexto, Rüdiger (2002, p.125) nos diz que “as concepções tradicionais acerca dos papéis sociais, apesar de esvaziadas de conteúdo, são reinscritas ao invés de subvertidas nas práticas mais comuns em curso no ciberespaço, ainda que se abram várias vias para a experimentação das identidades”.

Se em certas vezes as ciberidentidades se apresentam como um *continuum* da identidade dos sujeitos na vida cotidiana, apenas quem sabe numa versão melhorada de si mesmo, noutras elas são manipuladas de modo a reconstruir completamente a autoimagem dos usuários, podendo dar origem inclusive a algumas ciberidentidades fakes⁸⁵ propositadamente, embora de modo geral se reproduza os modelos sociais estabelecidos. De fato, o que parece é que o ciberespaço e as tecnologias da informática e da comunicação tornam o processo de construção e representação do eu mais reflexivo e pessoal, sem, contudo desprezar as ações da cultura da mídia (RÜDIGER, 2002, p.131).

Como postula Goffman (1985), as representações do eu se configuram como uma *mise en scène*, na qual a partir de uma gama de ações, expressões, símbolos verbais e visuais o indivíduo disponibiliza informações sobre si, causando certa impressão, ainda que não plenamente correspondente com o que o sujeito é⁸⁶. Instaura-se, então, um duplo movimento da representação de si, que configura a expressão que o indivíduo transmite para os seus

⁸⁵ Fake é um termo em inglês utilizado nas redes de relacionamento do ciberespaço para designar perfis falsos, como a própria palavra já indica, criados pelos usuários que não querem se revelar ou ser reconhecidos pelo seu “verdadeiro nome e identidade”.

⁸⁶ Goffman aborda as representações do eu a partir da metáfora de teatralização da vida, conferindo ao indivíduo dois papéis fundamentais: como ator, fabricante de impressões, envolvido na tarefa de encenar uma representação; e como personagem, uma figura representada que tem como finalidade evocar admiração pelas suas qualidades (1985, p. 231).

observadores e a impressão que ele desperta. Nessa dinâmica há uma intencionalidade no modo como o indivíduo se apresenta e disponibiliza fontes de informação sobre si e indícios que evidenciem determinadas características sobre sua conduta e aparência. E toda essa “informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar” (GOFFMAN, 1985, p.11). Na vida cotidiana ou no ciberespaço, quando os indivíduos se apresentam perante os outros, emitem certa impressão e, para isso, constroem uma autoimagem a partir de estratégias de representação de si, articulando significados simbólicos que passem uma ideia tal, de acordo com suas intenções e expectativas naquele ambiente. Como sugere Lemos (2003, p.17), as comunidades virtuais, os weblogs e fotologs, os chats, as salas de conversação, entre outras possibilidades de interação coletiva no ambiente virtual, se constituem enquanto “um novo fenômeno de (re)apresentação do eu na vida cotidiana”, transportando a teatralização de que fala Goffman para o ciberespaço, com o surgimento das novas relações mediadas pelas tecnologias da cibercultura.

Em tal contexto, Paula Sibilia (2003, p.139) observa uma tendência ocidental contemporânea para a produção de biografias e relatos da “vida real”, popularizada pelos diários pessoais publicados na internet, conhecidos como weblogs ou simplesmente blogs, e os fotoblogs ou fotologs, uma versão ilustrada dos blogs, dando visibilidade às narrativas autorreferentes como uma modalidade de escrita íntima desenvolvida especialmente para se tornar pública, constituindo as narrativas do eu também em autorrepresentações. É interessante pensar essas “escritas de si” como uma prática introspectiva de autorreflexão, mas numa outra perspectiva também como escritas íntimas e secretas convertidas em confissões inconfessáveis em outras instâncias. Nesse sentido, a possibilidade de anonimato encontrada no ciberespaço também estimula a “escrita de si” como uma modalidade de confissão, ou “um desabafo”, tornando acessível o compartilhamento de experiências de vida, práticas e sentimentos que tenham um status social negativo, ou que sejam alvo de perseguição, preconceito e discriminação. Por exemplo, “sair do armário” num ato de autorrevelação ou “confissão” no ciberespaço, assumindo publicamente a homossexualidade, ainda que de modo anônimo, é uma maneira de compartilhar e coletivizar experiências individuais⁸⁷.

⁸⁷ Para uma reflexão acerca do “armário”, ver Sedgwick (1993).

A “espetacularização da vida íntima”, como nos diz Beatriz Jaguaribe (2007, p. 152), e a demanda por narrativas e imagens que retratam a “vida real”, atingem todos os circuitos midiáticos, seja no meio editorial com as biografias e autobiografias de personalidades, na televisão com os reality shows, no cinema com os filmes documentários e biográficos, ou na internet com os vídeos caseiros de sexo, por exemplo. E

essa exacerbação da individualidade e do privado adquire potencialidade porque se nutre de um vasto repertório ficcional disponibilizado por romances, filmes, seriados televisivos e programas de auditório. Tornou-se um lugar-comum assinalar como na modernidade tardia as fronteiras entre o real e o ficcional se esvaem, na medida em que assimilamos imaginários ficcionais para tecer as narrativas do nosso próprio cotidiano (JAGUARIBE, 2007, p. 154).

Dessa forma, as invenções e reinvenções do eu se baseiam em representações e imaginários específicos, revelando ao mesmo tempo as circunstâncias de fabricação do eu a partir de modalidades ficcionais e também ancoradas em experiências individuais reais não mediadas. Como também pontua Jaguaribe (2007, p.157), tornar o individual público por meio de “narrativas do eu” ou escritas de si em blogs e fotoblogs é expor as experiências cotidianas individuais, sedimentando assim uma acumulação de individualidades que podem inspirar identificações coletivas. Tornar público as minúcias da vida privada cotidiana é dar visibilidade a um tipo específico de subjetividade, é possibilitar o consumo simbólico de pequenos fragmentos da vida banais e dos sutis modos de ser.

Para ilustrar algumas das problematizações apresentadas e prosseguir a discussão, tendo em vista a proposta desse estudo, serão apresentados a seguir o blog pessoal da travesti Angélica Castro, o site de acompanhantes “Bananatrans” e o site de relacionamento orkut, que opera a partir da ideia de comunidades virtuais vinculadas a uma rede social no ciberespaço.

O blog das bonecas

Angélica Castro é uma travesti carioca de 23 anos, profissional do sexo e atriz pornô. Ela circula com certa frequência nas mídias e ficou conhecida por se envolver em escândalos com artistas famosos, popularizando sua imagem como “a boneca dos famosos”. Além do blog, Angélica Castro possui um fotolog, vários perfis e algumas comunidades no site de relacionamentos orkut⁸⁸. Entre textos e imagens, ela constrói uma representação de si, produzindo narrativas adaptadas aos diferentes ambientes virtuais e uma imagem persuasiva que parece convencer sobre quem ela é, ou quem pretende parecer ser.

Como foi assinalado anteriormente, o weblog⁸⁹, ou simplesmente blog, é uma espécie de diário pessoal atualizado constantemente e publicado na internet em ordem cronológica. Comporta além de textos e imagens, áudios e vídeos ou qualquer tipo de arquivo multimídia, permitindo a interação com os visitantes e leitores por meio de um espaço dedicado aos comentários dos internautas. Contudo, hoje os blogs ultrapassam a proposta inicial de ser um diário virtual e se apresentam com uma variedade infinita de temáticas com diferentes objetivos, proliferando inclusive os blogs com fins comerciais, e os que servem de apêndice aos meios oficiais de informação, como jornais e emissoras de televisão, configurando uma blogosfera ampla e plural (FOSCHINI, 2006).

O blog de Angélica Castro, mais do que um diário é uma vitrine do seu trabalho. Ela divulga telefones de contato para agendamento de programas sexuais, faz publicidade dos filmes em que atuou, posta⁹⁰ vídeos de suas participações em programas de televisão, entrevistas, ensaios fotográficos, imagens do seu cotidiano, comentários diversos sobre sua vida pessoal, destacando as aparições na mídia e os casos com “os famosos”.

No espaço destinado à descrição do perfil, Angélica diz quem ela é:

⁸⁸ www.bonecaangelicacastro.blogspot.com; www.fotolog.com/angelcastro; <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=1256710094493264307>

⁸⁹ O termo weblog é uma contração de world wide web e log, significando assim um registro de algo na web. O primeiro weblog foi criado em 1994, mas sua ideia e tecnologia só se popularizaram a partir de 1999, vivendo seu ápice em 2001. Os blogs deram origem também aos fotologs, que são uma versão ilustrada, e aos videologs, destinados aos arquivos audiovisuais (FOSCHINI, 2006).

⁹⁰ Termo proveniente da palavra de língua inglesa “post”, utilizado para se referir à prática de registrar e publicar arquivos em blogs, fotologs e videologs.

Angélica Castro a carioca transex mas famosa do RIO DE JANEIRO agora está em SÃO PAULO Sou Ativa, Passiva, totalmente liberal. Atendo Homens e Casais em Hotéis, Motéis, Flats e Residências, Sou quente, gostosa e paciente. Beijo na boca. Vou fazer você delirar de tanto prazer. Para pessoas de extremo bom gosto, que procuram uma verdadeira fêmea. Atendo todos os dias 24 hs Me ligue e não se arrependerá !!

postado por **AnGéLiCa CasTro** - 08:18

7 comments

[Terça-feira, 9 de Setembro de 2008]

NOME: ANGÉLICA CASTRO
 CONTATOS
 São paulo (11) 7017-3833
 Rio de janeiro (21) 9121-7071
 idade: 23 anos
 altura: 1,75
 peso: 65 kg
 signo: Leão
 hobby: compras, viajar, sexo, namorar e internet

Cidade natal: Rio de janeiro

Uma Boneca linda , gostosa, meiga angelical, feminina, doce, safada, 100% liberal, meus programas são gostosos, porque não sou mecânica, sou espontânea em minha profissão e faço porque gosto***** para fazer progamas comigo é so me ligar e agendar

Figura 13. Descrições de Angélica Castro em seu blog.

Como Angélica Castro enfatiza no blog, uma de suas referências femininas é a atriz americana Audrey Hepburn, a antológica “Bonequinha de Luxo” do cinema. O principal ensaio fotográfico de seu blog é nas palavras da própria Angélica uma releitura “mais atual e sexy” da personagem Holly Golightly. Evidencia-se também tal influência para a produção de sua autoimagem pela aproximação que estabelece com a personagem do filme, ao se autoneamar a “boneca dos famosos”.

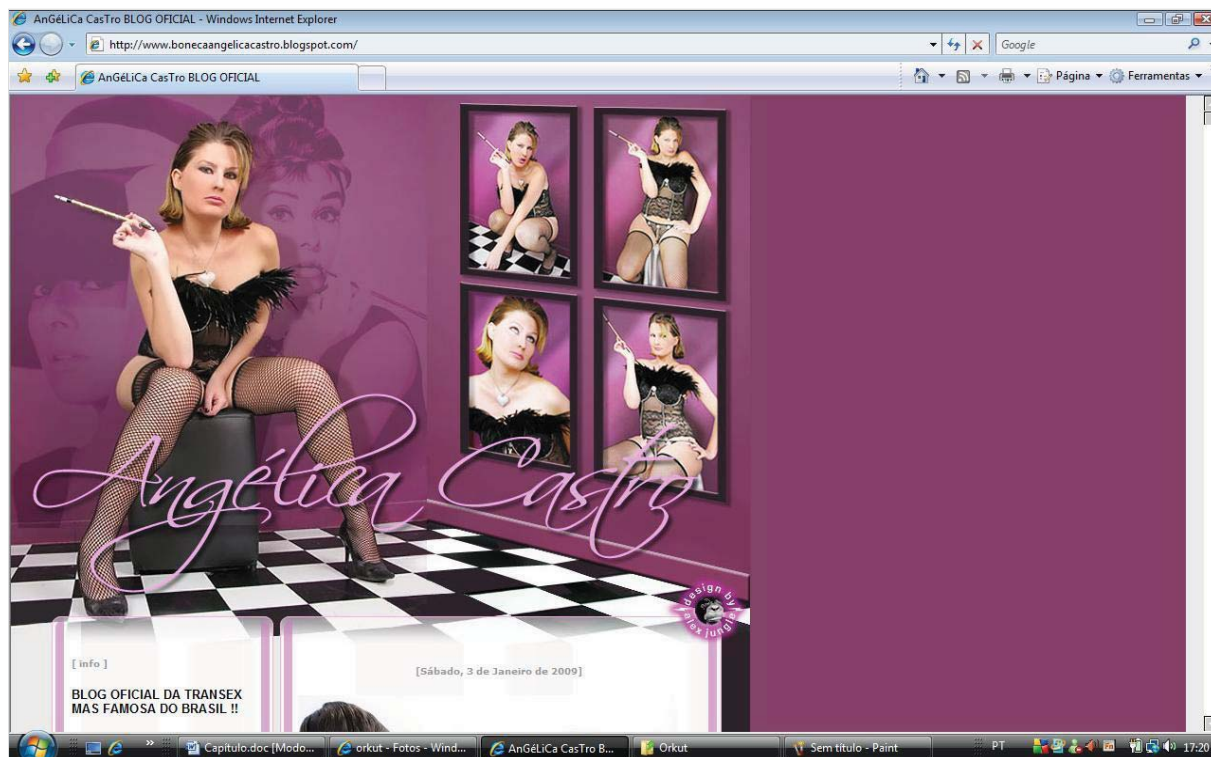


Figura 14. Blog de Angélica Castro.



Figura 16. A "Boneca dos Famosos".

Assim como Holly, personagem de Audrey Hepburn no filme “Bonequinha de Luxo”⁹¹, Angélica Castro se apresenta como uma garota de programa de luxo, uma acompanhante de alto nível, associando sua imagem ao glamour e se posicionando no mercado sexual como uma profissional do sexo meiga, delicada, feminina e liberal.

Outra referência para a construção de sua autoimagem, como Angélica também revela num post do blog, é a travesti Camilla de Castro⁹², que a inspirou inclusive na escolha de seu nome.

postado por **AnGéLiCa CasTro** - 18:25

11 comments

Quem nunca teve uma Diva transex inspiradora bem lá no início de tudo?? antes mesmo de você ser uma transex, alguém que você via admirava e desejava ser tão bela e feminina quanto ela, eu a tempo atrás antes de me formar completa vivia navegando pela internet eu era pré adolescente ainda, foi quando eu vi ela divina, delicada, e muito linda, a cada foto que eu via dela ficava horas admirando , foi uma das primeiras fotos de travestis que eu vi na internet e logo me simpatizei com Camilla ou seja virei fan rss, comecei depois de um tempo a me harmonizar e começar minha transformação e me espelhando sempre na beleza transex de Camilla, Em 2005 fui ao scala gay e quem eu encontro lá ?? a própria Camilla de Castro tratei logo de registrar o momento, tirei uma foto com minha Diva.

Post de 02/06/2008.

⁹¹ Bonequinha de Luxo, 1961. Direção de Blake Edwards.

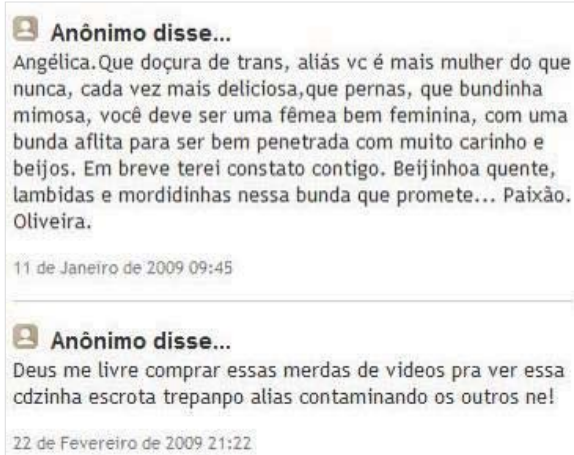
⁹² Camilla de Castro ficou conhecida ao protagonizar o quadro “Camilla quer casar” do programa Super Pop, da Rede TV. Ela faleceu em julho de 2005, ao se jogar do 7º andar do edifício em que morava no centro de São Paulo.

Fonte: <http://www.espacogls.com/noticias/?noticia=450>



Figura 17. Camilla de Castro.

O ciberespaço possibilita, como já assinalado, a interação anônima em diferentes ambientes. Nesse sentido, Rüdiger (2002, p.122) observa que a rede parece tender a uma liberação dos sujeitos de certas coações sociais internalizadas, o que torna possível ver declarações, testemunhos e confissões diversas de pessoas que revelam seus desejos, mas não revelam quem são, encontrando nesse meio de interação uma forma de assumir uma faceta latente de sua identidade que é ocultada por distintos motivos, como os restritos e limitados padrões para se viver a sexualidade impostos pela lógica heteronormativa. Assim é com internautas que se dizem apaixonados por travestis, dando vazão aos seus desejos, ou mesmo às manifestações agressivas:



Como Beatriz Jaguaribe observa (2007, p.156), os blogs “permanentemente atualizados absorvem e depuram os comentários dos internautas”, promovendo a interação entre o público e o autor que tem o controle sobre a produção e é muitas vezes influenciado pelo que dizem seus leitores. Bárbara Kisyvics⁹³, travesti paulistana profissional do sexo, utiliza em seu blog, além de imagens, uma estratégia narrativa, na qual descreve em pormenores os encontros com seus clientes, se utilizando de uma rede semântica que transforma seus relatos em narrativas eróticas, nas quais ela é a protagonista, gerando manifestações diversas dos leitores que se revelam nos comentários excitados e desejosos por um programa com a travesti. Entretanto, Bárbara explica em seu blog que não tinha a intenção de detalhar seus programas sexuais, pois a ideia, quando criou o blog em 2006, era narrar o cotidiano de uma travesti, contar suas histórias de vida, mas passou a fazê-lo a pedido dos clientes:

Comecei bem animada, relatando detalhadamente meu dia e contando por alto sobre meus atendimentos, mas os leitores começaram a pedir para contar por alto meu dia e detalhar os programas, como se fosse um conto erótico... Foi um caminho que não me agrada, mas tenho de reconhecer que é o que amantes de travestis gostam, é difícil assumir, mas só interessa nosso sexo mesmo... E escondido, ou virtual!!!

Post de 13/12/2007.

Nos primeiros posts do blog, Bárbara conta sua história de vida, suas primeiras experiências sexuais, ainda aos seis anos de idade, e o momento em que se assumiu travesti, iniciando as transformações corporais e a construção de uma identidade de gênero feminina, desenvolvendo uma narrativa muito semelhante aos diversos relatos etnográficos sobre travestis (SILVA, 2007; KULICK, 2008; BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2007). Mas como observa Bárbara, são os seus relatos sexuais que realmente interessam aos leitores, e, assim, ainda que vez ou outra conte algum fragmento de sua vida cotidiana, expressando conflitos existenciais pela própria condição de ser travesti, as narrativas sexuais prevalecem.

Rapaz de altura mediana, gordinho, rosto bonito, seus 30 anos, de BH. Estava cheio de sacolas, uma me deu com uma blusinha e um chocolate, e as outras levou consigo para o banheiro após pedir permissão para usar. Depois de alguns minutos ele aparece de vestido, calça legging por baixo, scarpin e peruca!!!
Eu já estou acostumada a atender clientes com essa fantasia e tudo rolou naturalmente. Me beijou, chupou meu pau, tirou a roupa e ficou só de calcinha, fio dental, e scarpin... Tirei a minha e meti pica nele de 4, sentou no meu pau, em pé, de lado e por último de frango assado que foi como ele gozou, comigo fudendo seu cu...
No final papeamos bastante e ele me deu de presente tudo que usou pois disse que teria de matar a personagem naquele dia... Opções que se faz na vida e como sabemos, cada escolha uma renúncia!!!

Trecho do post de 13/11/2008.

⁹³ <http://barbarakisyvics.blogspot.com>

Assim como acontece com o teor dos textos, acontece também com as imagens, por isso é comum que Bárbara Kysivics poste fotos sensuais e eróticas a pedido dos visitantes do blog, que pedem principalmente fotos do seu “dote”⁹⁴.



Figura 18. Bárbara Kysivics, em fotos para o seu blog.

Essa dinâmica entre os visitantes do blog e o autor também pode ser comumente percebida no blog de Angélica Castro. Por exemplo, quando ela se envolveu em escândalos com atores da rede Globo e foi se pronunciar em outras emissoras de televisão sobre o acontecido, ela utilizou seu blog para divulgar os horários e dias em que iria ao ar e postou também os vídeos de suas participações nos programas “Super Pop”, apresentado por Luciana Gimenez, e “A Tarde é Sua”, de Sônia Abrão, ambos exibidos pela Rede TV, recebendo muitas visitas no seu blog e vários comentários de apoio de pessoas dizendo que a haviam visto na televisão.

A “boneca dos famosos”, Angélica Castro, também teve sua presença bastante requisitada na televisão para comentar o escândalo envolvendo o jogador de futebol Ronaldo, devido ao seu *know-how* no assunto, e gerando comentários sobre suas entrevistas na televisão e sobre o texto em que se posicionava a respeito do acontecido em seu blog. Nesse

⁹⁴ Termo utilizado para se referir ao pênis ereto.

sentido, é possível perceber os fluidos diálogos entre a cultura da mídia e a cibercultura, e como seus conteúdos se trespassam, sobretudo porque as audiências podem ser mensuradas tanto no ciberespaço quanto nas mídias tradicionais, identificando interesses por determinados tipos de informação e entretenimento, que são então explorados em diferentes meios. Depois de ter um vídeo, em que aparecia fazendo sexo com um ex-namorado, altamente divulgado na rede, e da visibilidade que conquistou com as aparições na mídia, Angélica Castro começou a atuar também em filmes pornôs.

T-LOVERS FAMOSOS



RÔNALDO RÔMULO ARANTES NETO GABRIEL BRAGA NUNES

Rá Rá ora francamente, você pensa que é só você que gosta de travesti ?? errado os apreciadores de travestis "T-LOVERS" estão se multiplicando "GRAÇAS A DEUS" agora é facil achar esses t-lovers famosos, a cada semana aparece um na midia nunca se falou tanto sobre travestis e transexuais na midia, bom para quem não sabe o significado da palavra T-LOVER e T-GIRL eu explico.

T-LOVER é chamado o homem que aprecia uma transexual ou travesti.

T-GIRL somos nós travestis e transexuais

Ultimamente tenho visto muitos barracos na midia envolvendo travestis e famosos, e a seguinte frase que ouço desses t-lovers famosos é "eu não sabia que era travesti" pelo amor de Deus vamos parar de hipocrisiae principalmente parar de falar mal das travestis na midia pois eu to de olho.

Em entrevista ao jornal extra sou considerada a pioneira entre confusão envolvendo travesti x famoso ,fui entrevistada sobre a nova confusão envolvendo o jogador Ronaldo, eu respondi que repudiava essas travestis que armaram está confusão e segundo uma delas teria dito a minha amiga do banheiro do hotel onde estava com ronaldo que iria dar uma de " Angélica castro " ou seja deprimente pois diferente delas eu realmente fui agredida e pude provar isto na justiça com meu exame de corpo de delito e com a ajuda do meu advogado Marcelo bettamilio, tanto que hoje eu ganhei a causa contra o ator.

Lucas disse...
você na Luciana gímenez foi um luxo Angel

2 de Junho de 2008 19:41

Fabio disse...
vc é linda Angélica

9 de Junho de 2008 19:04

Anônimo disse...
ola angelica..na minha opinião vc foi muito certa em desmarcarar esses artistas que curtem bonecas e ficam falando que não sabiam de nada,, esses caras curtem bonecas e ficam camuflados por isso acho que devem ser desmascarados por vcs e acabar com essa hipocrisia so porque e artista da globo!! eles gostam da fruta..rssss assumam de vez ...que curtem uma boneca,,,, rss foi esta certissima em falar tudo.... afinal de contas travesti e cultura tb.... e merecem nosso respeito.. bjs angelica continue sempre assim...rambo xp de sp;;

22 de Junho de 2008 18:33

Figura 19. Post de 23/05/2008

Assim, é na medida em que Angélica Castro narra suas aventuras cotidianas e experiências de vida em escritas e imagens do “eu” que constrói suas autorrepresentações no ciberespaço. Particularmente influenciadas pela profissão no mercado sexual, sua imagem precisa ser sexy, precisa provocar excitação e atestar os seus dotes, e é nessa medida que o blog se apresenta como uma vitrine para a profissional do sexo Angélica Castro. Desse modo ela expõe um fragmento de sua vida, escolhendo ainda fatos e fotos capazes de forjar uma imagem coerente com esse personagem. Assim, espetaculariza-se a vida íntima cotidiana,

socializando experiências individuais e conferindo visibilidade às autorrepresentações de “anônimos”, transformando as escritas e imagens de si em produtos midiáticos.

Ademais, o que se percebe é que o ciberespaço comporta, nos seus mais variados ambientes, diferentes discursos, narrativas e representações, se configurando como um espaço alternativo para circulação de informações, estilos de vida e experiências individuais, que talvez de outro modo não pudessem ser amplamente visibilizados e tornados acessíveis.

Nas calçadas do ciberespaço

Como já sugerido, o ciberespaço abriga uma diversidade de narrativas e discursos, atendendo a distintas demandas sociais, e dando visibilidade a representações, estéticas e experiências de vida antes pouco acessíveis. Amplia-se, desse modo, o repertório cultural e visual dos usuários da internet, possibilitando, quem sabe, novas identificações. Além dessa inclusão visual e narrativa de experiências de vida que não são comumente abordadas pelas mídias tradicionais, a internet também viabiliza a vivência de novas experiências. Hoje, os ambientes virtuais são, muitas vezes, o campo dos primeiros contatos sexuais ou de novas experiências sexuais e identitárias.

Como Angélica Castro relata em seu blog, uma das primeiras imagens de travestis que ela viu foi na internet, e as primeiras socializações sobre transformações corporais também foram feitas no ciberespaço, diferentemente do que acontece com a maioria das travestis que, ainda boyzinhos, têm os primeiros contatos com outras travestis nas ruas, e nas ruas também aprendem a ser travesti. É comum ver em algumas comunidades virtuais fóruns sobre os processos iniciais de hormonização, informações detalhadas sobre aplicação de silicone industrial, fóruns sobre beleza com dicas de cuidados corporais, como depilação, cabelos, unhas, truques para a voz e acender a neca, além de orientações sobre prevenção contra DSTs, e ensinamentos sobre higienização corporal, como, por exemplo, “fazer a chuca”⁹⁵.

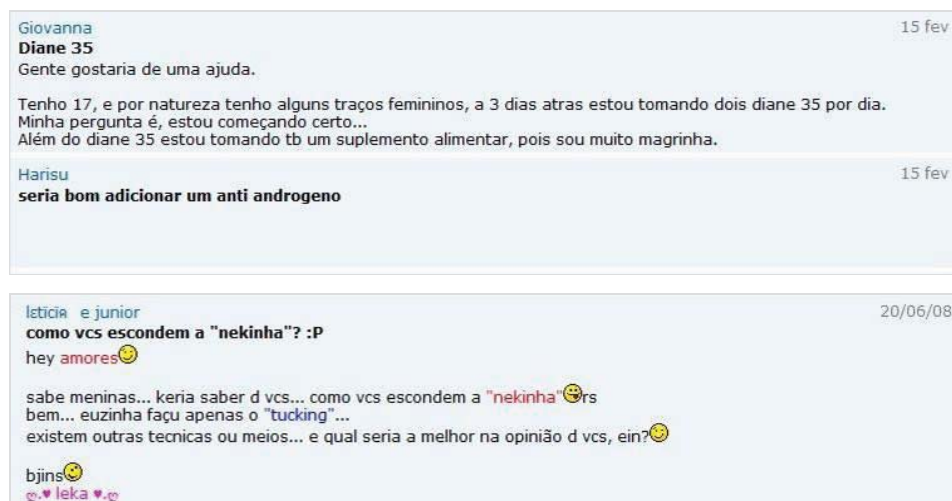


Figura 20. Tópicos de discussão da Comunidade “Fórum do Hormônio e Mundo TS” no orkut⁹⁶.

⁹⁵ Expressão êmica que designa uma técnica corporal específica para praticar sexo anal que consiste numa lavagem do ânus para evitar o constrangimento de, na hora de relação sexual, sujar de fezes o pênis do parceiro, ou numa outra expressão êmica “passar cheque”.

⁹⁶ <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=629144>

Como André Lemos (2002, p.176) sugere, a internet aumentou a fascinação e a possibilidade de experimentar novas formas de sexualidade, seja assumindo novos papéis sexuais, seja se excitando sexualmente por meio de conversas no Messenger, em chats, com leituras de narrativas eróticas em blogs, estimulação visual com fotos, vídeos e webcam, entre outros. O cibersexo constitui-se nesse contexto como uma apropriação erótica das novas tecnologias digitais, servindo de intermédio para alguma experiência sexual, e hoje está popularizado principalmente em sites com fotografias e vídeos, representando uma ampliação da pornografia da cultura de massa. Não obstante, o cibersexo torna também possível realizar fantasias sexuais diversas, sem, contudo, significar um contato ou envolvimento real: pode-se permanecer na tranquilidade e segurança do lar, experimentando uma relação erótica com um outro imaginário, porém presente, e ter orgasmos anonimamente. Dessa forma, assim “como as antigas histórias literárias, o sexo em rede é um mundo imaginário, construído pelas fantasias e desejos escondidos dos internautas que se revelam, escondendo-se” (LEMOS, 2002, p.175).

Além da possibilidade de interação sexual bidirecional em diversos ambientes virtuais, há no ciberespaço uma abundância de imagens eróticas e pornográficas⁹⁷ que podem ser visualizadas gratuitamente ou mesmo comercializadas, configurando um estímulo sexual solitário, mas que por outro lado pode servir de canal para uma futura relação sexual real, corpo a corpo. Nesse contexto, pode-se citar também os sites, blogs, chats, comunidades virtuais, entre outros espaços criados especialmente para que profissionais do sexo exponham sua imagem, seus corpos e performances de modo sexualmente persuasivos, como uma espécie de calçada virtual, onde em vez de os clientes transitarem de carro nas ruas em busca de um programa sexual, navegam pelas páginas da internet.

Diane 35 é uma marca de anticoncepcional. Tucking, a técnica citada no post sobre como esconder a neça é bastante usada por travestis, transexuais e crossdressers, e consiste em esconder o pênis por entre as pernas, puxando-o para trás por cima dos testículos que são colocados para dentro da cavidade abdominal (SILVA, 2007).

⁹⁷ De acordo com Leite Jr (2006, p.32), os termos erotismo e pornografia descrevem uma série de sensações, ideias e atitudes relacionadas à temática sexual e suas figurações em representações imagéticas e narrativas textuais, contudo há entre estes consideráveis diferenças conceituais que persistem, sobretudo, no imaginário ocidental. Assim, nos diz Leite Jr que o termo pornografia originou-se do grego *pornographos*, significando “escritos sobre prostitutas”, e se refere hoje àquilo que transforma o sexo em produto de consumo e está associado ao mundo da prostituição e às práticas sexuais mais “desregradas e imorais”, denotando algo mais carnal, comercial e explícito. O erotismo, derivado de erótico, adjetivo do deus grego do amor e da paixão, Eros, tende ao sublime, com a representação da tensão sexual implícita, apenas sugerida e insinuada. Como bem aponta Leite Jr essa diferenciação entre pornografia e erotismo acaba representando também uma separação entre o sexo ilegal, ilegítimo, sujo, pesado e o sexo bom, leve e sadio. Em outras palavras, legitima a pornografia como a representação do sexo outsider e o erotismo como a representação do sexo estabelecido.

Atualmente no Brasil o principal site de acompanhantes – como se costuma chamar tais espaços virtuais – especializado em sexo com travestis é o “Bananatrans”. Há quatro anos no ciberespaço, o “Bananatrans” agrupa travestis de diferentes localidades, inclusive de fora do país. Traduzido para seis línguas, o site promove uma espécie de agenciamento entre as travestis e os clientes, que não são apenas brasileiros, assim é possível agendar programas com as t-girls que estão fora do Brasil também. No site, as travestis cadastradas podem publicar seus vídeos, fotos, descrições e informações para agendamento de programas sexuais.

Além de ser essa espécie de calçada virtual, o “Bananatrans” também disponibiliza para os assinantes, ou seja, usuários que pagam uma taxa mensal, vídeos pornográficos com travestis e ensaios fotográficos eróticos. Atualmente, há cerca de 490 travestis cadastradas e quase mil ensaios com aproximadamente 42 mil fotos. O “Bananatrans” começou como uma iniciativa de alguns colaboradores de blogs e fóruns, e acabou virando um site de acompanhantes, e assim como tantos outros representou consideráveis transformações para a vida prática cotidiana das travestis profissionais do sexo.

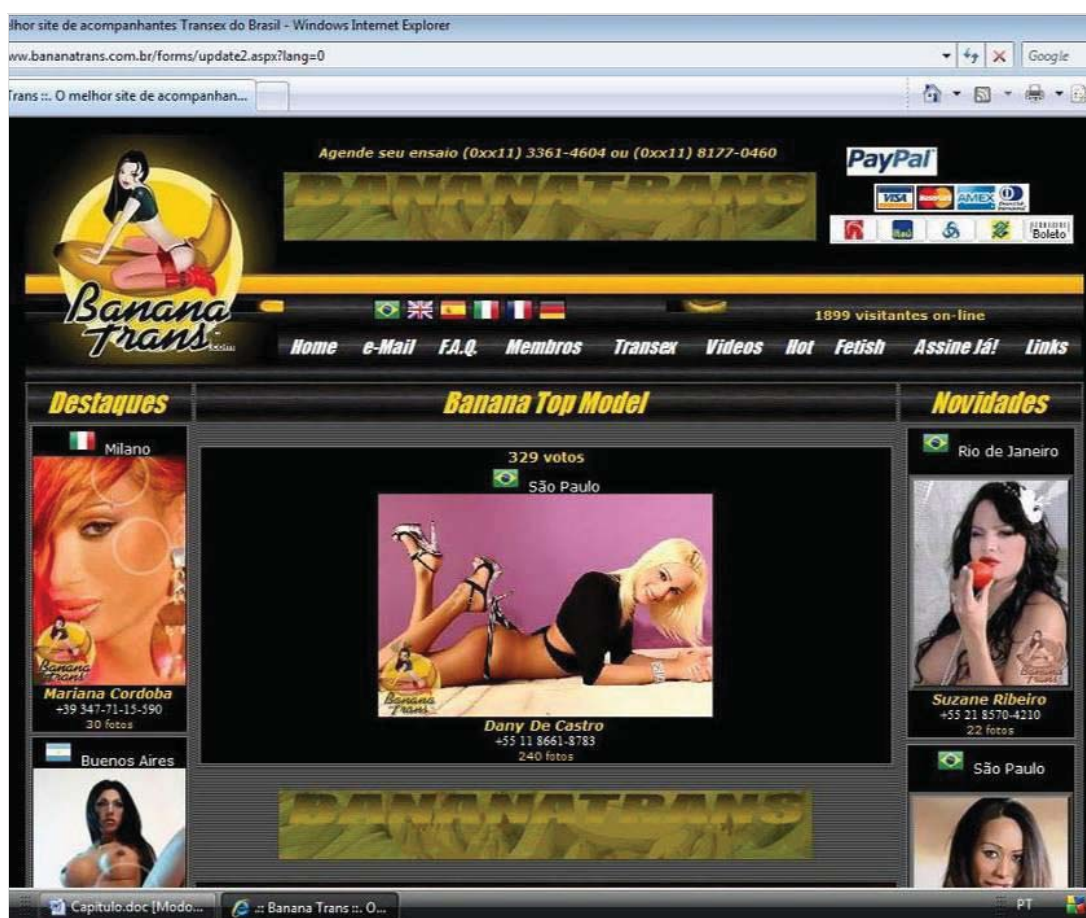


Figura 21. Home do site “Bananatrans”.

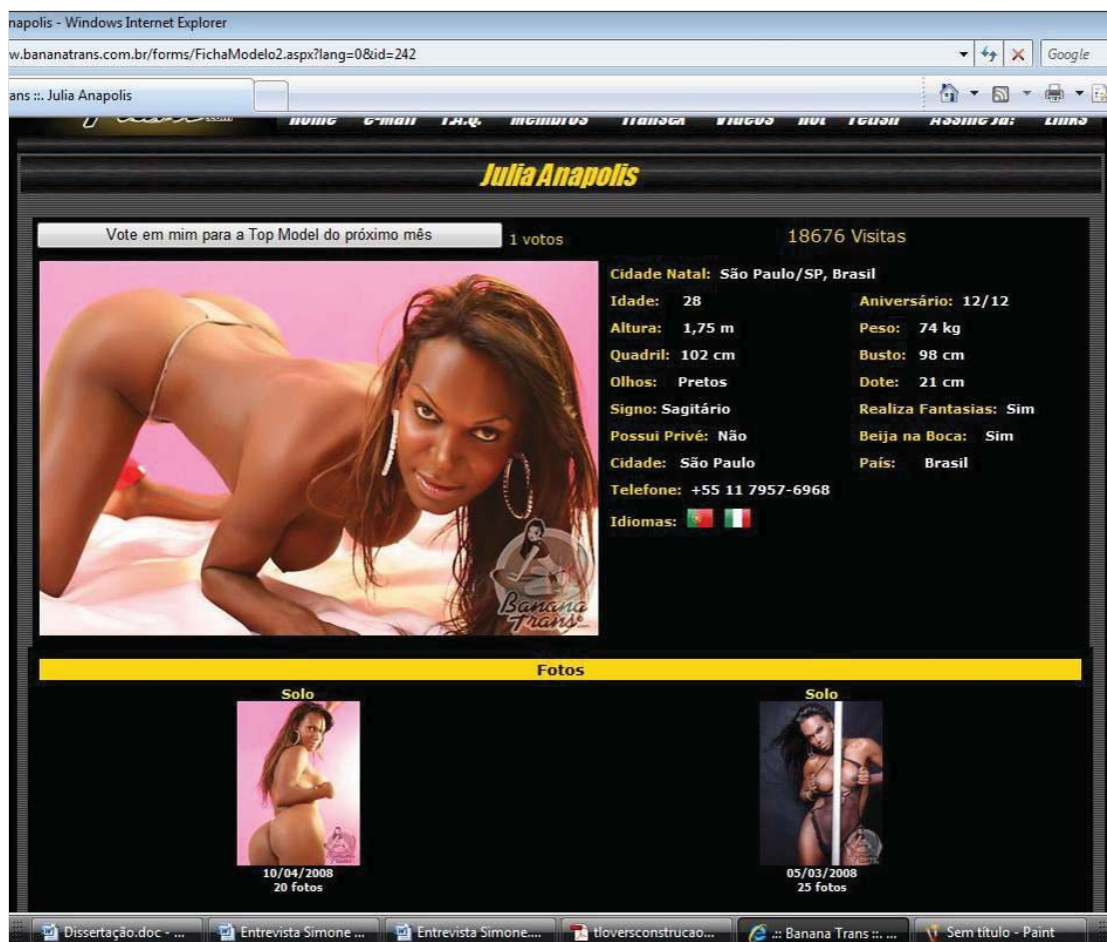


Figura 22. Página com a descrição da modelo.

Em entrevista com a fotógrafa oficial do “Bananatrans”, Simone Moralis⁹⁸, pode-se perceber como o tipo de imagens publicadas no site vem mudando a percepção dos clientes e as relações que se estabelecem entre estes. Simone nos diz que quando começou a fotografar travestis tinha uma proposta diferente do que comumente se via nos sites de acompanhantes transex, principalmente os estrangeiros. Esses sites apresentam as travestis sempre em cenas pornográficas, muitas das vezes em fotos produzidas durante as gravações de algum filme, ou em outros momentos quando as travestis posam inserindo nelas próprias algum objeto, ou durante relações sexuais em dupla ou grupo. Sobre isso, Simone conta⁹⁹:

Bananatrans diz:

qdo eu tava ralando pra fazer um nome etc, tava sem grana, sem equipamento legal e tal apareceu uns gringos preu fazer ensaios pra eles... blz, iam pagar uma grana boa e eu fui

⁹⁸Entrevistas online realizadas via Messenger e e-mail, entre dezembro de 2008 e fevereiro de 2009. Simone Moralis, 28 anos, é paulistana e em 2001 começou a fotografar travestis, sendo hoje na cidade de São Paulo a fotógrafa mais requisitada por estas.

⁹⁹Em entrevista via Messenger, Simone utiliza o nick (termo correntemente utilizado em inglês para um pseudônimo), “Bananatrans”, não por não querer se identificar, mas por ser este seu contato profissional. Mantive a grafia típica dos diálogos na internet e as abreviações.

Bananatrans diz:
 isso tem uns 7 anos já
 Bananatrans diz:
 Po aline, fiz umas fotos muito foda
 aline soares diz:
 hum
 Bananatrans diz:
 foi recusado e os viados dos gringos não quiseram nem me pagar
 Bananatrans diz:
 falaram q as fotos eram profissionais demais e q eles queriam outro tipo de produção
 aline soares diz:
 como assim???
 Bananatrans diz:
 q são aquelas produções imundas aline, q eu não consigo fazer
 Bananatrans diz:
 onde elas enfiam coisas nelas mesmas, fazem ensaios de cenas de filme, coisa beeeem pornográfica

Simone se refere precisamente às fotos pornográficas, com uma estética amadora, sem praticamente qualquer tipo de produção, que durante muito tempo preponderaram em sites e revistas transex, uma estética utilizada até hoje por muitos sites, inclusive brasileiros, como o “Travesti Total”¹⁰⁰, também um site de acompanhantes especializado em travestis e que atua na mesma linha do “Bananatrans”.



Figura 23. Página de divulgação de modelos no site “Travesti Total”.

¹⁰⁰ Site: www.travestitotal.com.br



Figura 24. Página de divulgação de modelos no site “Bananatrans”.

A proposta de Simone Moralis, segunda ela, era fotografar as travestis com um apelo erótico, mas tratando-as como modelos, com produção, figurino e cenário em ensaios temáticos, passando beleza, sensualidade e glamour. E esse foi o tipo de ensaio recusado pelos “gringos”, ao qual se refere a fotógrafa. De acordo com Simone, em suas fotos ela se propõe a construir uma imagem que não marginalize a nudez das travestis, e ainda que faça “fotos de dote” não faz imagens pornográficas. Esse novo estilo de fotos proposto por Simone somente tornou-se funcional para as travestis profissionais do sexo quando a internet, de fato, se consolidou como um espaço de agenciamentos do mercado sexual no Brasil. Como ela mesma relata, as travestis sempre gostaram do seu estilo de fotografá-las, pois se sentiam bonitas e valorizadas, no entanto, assumiam que para o trabalho as fotos não eram muito úteis, pois não mostravam o que os clientes queriam ver.

Com o uso cotidiano da internet e a ampliação dos sites de acompanhantes, muitas travestis saíram das ruas e pararam de fazer pista¹⁰¹, transferindo-se para o ciberespaço, ambiente onde estão menos expostas às violências, porém algumas dessas continuam atuando nos dois espaços. Simone conta que sua aproximação com as travestis paulistas se deu a partir

¹⁰¹ Termo usado para se referir à prática de prostituir-se nas ruas, transitando pelas noites das cidades em busca de programas.

de sua tia, que era travesti – há alguns anos fez cirurgia de redesignação sexual e hoje mora na Itália –, e mesmo antes do “Bananatrans” existir ela já as fotografava fazendo esses ensaios estilo “modeletes”. Em 2006, ela foi convidada para ser fotógrafa do site devido principalmente a sua rede de relacionamento com as travestis, que pressionaram os responsáveis para sua contratação sob a condição de que ela pudesse fotografar à sua maneira. Inicialmente, seus ensaios causaram estranhamento, mas logo obtiveram grande aceitação dos usuários, de modo que fotógrafos de outros sites de acompanhantes travestis passaram a seguir o estilo de Simone fotografar. Um aspecto interessante que a fotógrafa destaca é que esse novo estilo de representação das travestis, com a produção profissional das fotos, valoriza o trabalho delas no mercado sexual, conferindo-lhes status, assim elas passaram a cobrar mais caro pelo programa sexual e hoje, em vez das ruas, becos escuros, pequenos quartos de motéis, ou mesmo dentro dos carros, muitas delas atendem praticamente apenas em hotéis de luxo, flats e clubes.

No processo de produção dos ensaios fotográficos, as travestis opinam, escolhem seus figurinos, lugares, poses, tudo sob a supervisão e direção de Simone. Os ensaios são produzidos especialmente para o “Bananatrans”, mas as travestis também compram as fotos para divulgarem seu trabalho em outros sites de acompanhantes; assim, além da influência das fotos de Simone nesse meio, também se pode ver as suas fotos em outros ambientes, além do “Bananatrans”, como em blogs pessoais das travestis – por exemplo, o ensaio de “Bonequinha de Luxo”, de Angélica Castro, dentre tantos outros.

Simone faz ainda uma observação sobre a manipulação e tratamento das imagens, dizendo que faz correções em “pequenos defeitos” corporais das travestis, limpando as imagens e tirando as imperfeições, tais como estrias, celulite ou espinhas, a pedido das próprias travestis ou por iniciativa sua, pois, como ela afirma, “isso todo mundo tem e todos sabem que tem, mas não vejo necessidade de mostrar”. Por outro lado, ela fala das reclamações dos clientes, que muitas vezes dizem que elas ficam “irreais”, com uma beleza plastificada demais. Essa manipulação das imagens das travestis, em certa medida, dá continuidade às transformações corporais realizadas pela hormonização, implantes de silicones, entre outros artifícios utilizados para conferir uma aparência mais feminina ao corpo, realçando atributos que elas mais valorizam, como a bunda e os seios.

Simone também possui um perfil no orkut, onde publica os ensaios fotográficos que faz. A seguir (figura 25) podem ser vistos alguns retratos da fotógrafa.



Figura 25. Ensaios fotográficos de Simone Moralis para o site “Bananatrans”.

As comunidades trans do orkut

Um dos ambientes de sociabilidade virtual que virou um grande sucesso no Brasil foi o orkut. Com aproximadamente quarenta e cinco milhões de perfis cadastrados, é atualmente a maior rede de relacionamentos no país, e uma grande vitrine e canal de circulação de discursos e representações. Entre uma infinidade de imagens, fotos e vídeos, além de textos publicados em perfis e comunidades, o orkut comporta narrativas de indivíduos e grupos sociais que se descrevem, se identificam e se autorrepresentam das mais variadas maneiras e com os mais diversos objetivos e interesses, disponibilizando também uma diversidade de ferramentas para a construção de ciberidentidades. Projetado em 2004, nos Estados Unidos, pelo engenheiro Orkut Buyukkokten como uma rede social de relacionamentos¹⁰², o site tomou proporções inesperadas, principalmente no Brasil¹⁰³.

Ao se cadastrar no orkut, o usuário registra um perfil com informações pessoais, profissionais e sociais, criando uma ciberidentidade para interagir com outros usuários por meio de uma rede de relacionamentos ou em comunidades virtuais, o que acaba agrupando os indivíduos por áreas de interesses e afinidades. Em cada perfil, é possível publicar fotos com legenda, imagens, vídeos, textos diversos, descrições pessoais além de visualizar depoimentos de amigos virtuais, diálogos dos scrapbooks¹⁰⁴ e as comunidades e rede de amigos cadastrados do “dono” do perfil¹⁰⁵.

¹⁰² A sistematização do orkut foi baseada na teoria dos seis graus de separação, a qual pressupõe que uma pessoa pode estar ligada a qualquer outra por uma rede de até seis amigos intermediários, por isso o famoso slogan “Who do you know?” (Quem você conhece?). Um projeto criado inicialmente para reaproximar antigos amigos e parentes distantes, o orkut acabou virando um fenômeno, atingindo um milhão de usuários em menos de um ano e hoje tem milhões de usuários, de diferentes perfis sociais, em vários países. Contudo, dados demográficos a respeito dos usuários do orkut não são confiáveis, pois muitos mentem a idade, sexo, nacionalidade e outros dados ao se cadastrarem. Há ainda os usuários que possuem mais de um perfil, pois o sistema permite um número máximo de mil amigos adicionados por membro, um dos motivos para que haja mais de um perfil para um mesmo usuário, que também pode criar diferentes perfis e se identificar como outras pessoas, da maneira que desejar. Fonte: www.orkut.com.

¹⁰³ Até março de 2008 havia cerca de 23 milhões de perfis brasileiros cadastrados no orkut, representando 54% do número total de perfis. O segundo país com maior número de usuários atualmente é a Índia, com 16,98% de perfis, mas sobre esse aspecto é importante frisar que o número de perfis não designa precisamente o número de usuários. Devido à grande quantidade de usuários brasileiros e a diversas questões legais que vêm se desenrolando especialmente no país, como casos de pedofilia, racismo, homofobia e pirataria, em agosto de 2008 o Google, empresa responsável pelo orkut, decidiu que sua sede seria transferida da Califórnia para o Brasil. Fonte: <http://www.orkut.com.br> e http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut#cite_note-1. Acesso em 08/10/2008.

¹⁰⁴ Página de recados onde é possível estabelecer diálogos, postar textos, imagens e links para outros perfis, comunidades, ou mesmo endereços fora do ambiente do orkut.

¹⁰⁵ Vários usuários criam perfis “fakes” ou alteram aspectos em suas identidades, seja utilizando um pseudônimo, manipulando sua imagem em fotos para ganhar um aspecto que possa ser considerado mais atraente ou adicionando informações inverídicas, como profissão, descrições físicas, sexo, história de vida, enfim. Além disso, há usuários que possuem mais de um perfil, criando ciberidentidades de acordo com diferentes interesses e

As comunidades do orkut possuem uma estrutura padrão e são categorizadas por temáticas, com sessões de enquete, fóruns de discussão, divulgação de eventos, comunidades relacionadas, grupo de membros, e as ferramentas de configuração, agrupando usuários por áreas de interesse e afinidades entre temas e perfis dos membros.

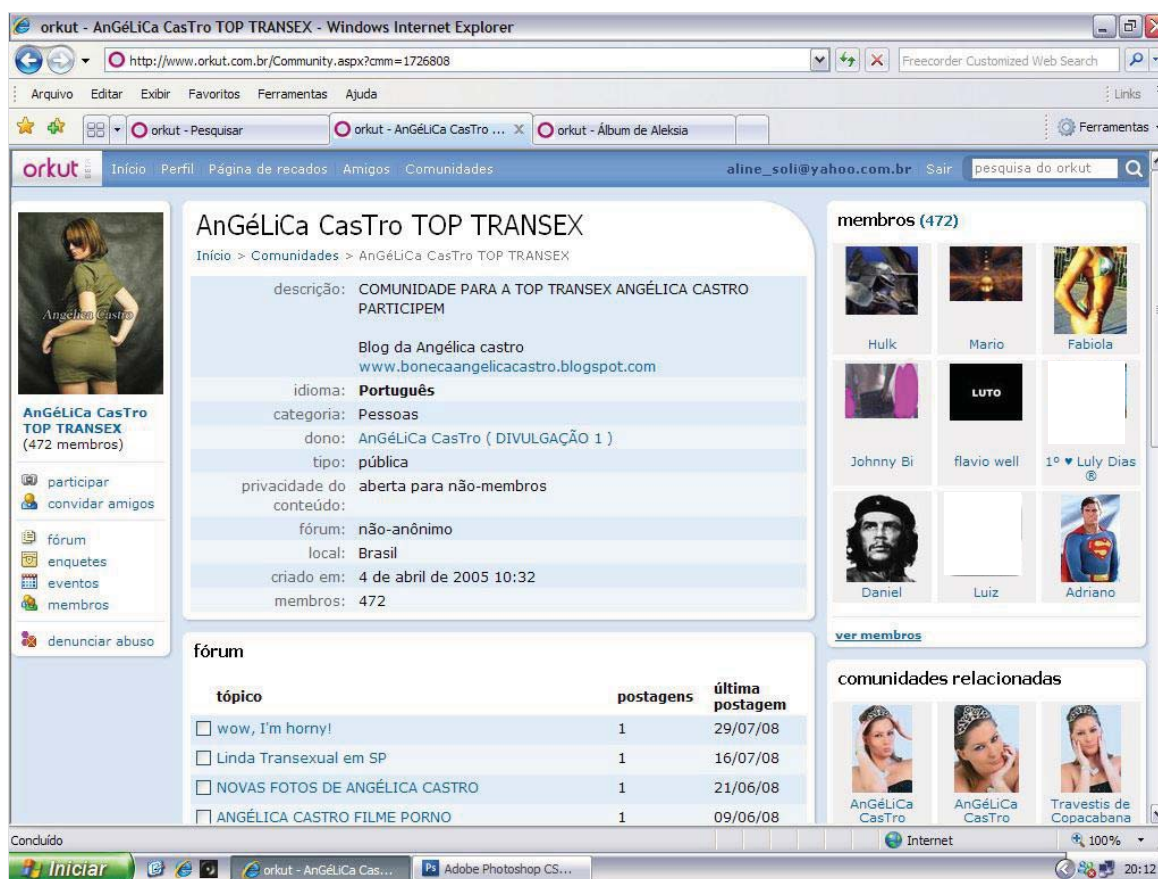


Figura 26. Comunidade da travesti Angélica Castro.

Qualquer usuário do orkut pode criar uma comunidade que será gerenciada apenas por ele ou por membros moderados, ou seja, outros usuários responsáveis por administrar os tópicos, moderar a publicação de mensagens, recados e enquetes, participação de membros, e aceitar ou rejeitar novos cadastros. As comunidades são identificadas por uma imagem e um nome, geralmente relacionados ao seu tema, podendo ser livremente alterados pelo dono ou moderadores. Na página principal há sempre uma descrição formulada pelo criador da comunidade, com um resumo da temática, dos interesses e das características dos participantes, pontuando as afinidades e estabelecendo regras. É a partir dessa descrição, que delineia o perfil da comunidade, que os usuários se identificam e têm o interesse

objetivos no site, podendo interagir em espaços completamente diferentes ou nos mesmos espaços sem serem reconhecidos como um só indivíduo, e há ainda a possibilidade de interagir anonimamente.

despertado para entrar na comunidade. A participação direta somente é permitida, na maioria dos casos, para perfis cadastrados e, uma vez membro de uma comunidade, os usuários podem interagir, discutindo abertamente variados assuntos dentro da temática e das propostas da comunidade, com comentários em tópicos que ficam arquivados e disponíveis para serem lidos posteriormente.



Figura 27. Comunidade "Travestis do Orkut".

As comunidades se apresentam como ambientes coletivos de sociabilidade, que tornam possível conhecer e visitar o grupo de membros, e, com isso, estreitar laços entre usuários, seja em diálogos estabelecidos nos tópicos de discussão da própria comunidade, ou nos scrapbooks pessoais. A interface¹⁰⁶ do orkut foi criada numa sistemática de hiperligação, assim, cada perfil tem sua página pessoal, que pode acessar rapidamente comunidades e perfis de outros membros bastando clicar sobre um nome ou imagem para entrar em novos ambientes pessoais ou coletivos. Assim, as comunidades virtuais presentes no ciberespaço

¹⁰⁶ Segundo Santaella (2003, p.91), no contexto da cibercultura, interface refere-se à conexão humana com as máquinas e à entrada humana no ciberespaço, indicando por um lado os periféricos e a tela do computador, e por outro as atividades humanas conectadas aos dados por meio da rede.

atuam como ferramenta de vínculos sociais, ou um “ambiente midiático de contato” (LEMOS, 2002, p.152).

Através de uma pesquisa exploratória foi possível identificar cerca de 170 comunidades com temática “trans” no orkut – uma referência a travestis e transexuais. Essas comunidades se tornam espaços de aproximação, integração e interação social, principalmente entre t-lovers e t-girls, com objetivos que vão desde aumentar a rede de amigos, manter contatos profissionais, estabelecer relacionamentos afetivos e sexuais, marcar encontros, relatar experiências, até anunciar shows performáticos e programas sexuais.

Não só no orkut, mas no ciberespaço em geral há uma série de nomeações para diferentes ciberidentidades que refletem categorias existentes no mundo offline. O termo t-lover, por exemplo, designa homens que se sentem atraídos por travestis e se relacionam afetiva e sexualmente com elas, utilizando o ciberespaço como um meio de aproximação, agrupamento e discussão. Larissa Pelúcio (2005)¹⁰⁷ assinala que tal termo chegou ao Brasil via rede mundial de computadores e surgiu como uma derivação de t-girl, termo usado para se referir a transgêneros nos Estados Unidos. Assim, t-lover, t-girl ou ainda t-gata, acabaram por se constituir como termos próprios do ambiente sexual virtual, sendo assimilados pelas travestis que têm acesso mais frequente à internet e também utilizados fora do ciberespaço. Nesse contexto, a renomeação das travestis no âmbito do ciberespaço parte também de uma reconstrução das relações entre as próprias travestis e os t-lovers, pois a

prostituição e a vinculação com uma figura masculina são dois elementos cercados de questões morais que pesam sobre a palavra travesti. Enquanto o termo t-gata pede o artigo feminino, e traz o valor positivo da gíria “gata”, usada inicialmente por jovens das classes médias urbanas, para se falar de mulheres bonitas. Renomear as travestis, é assim, mais do que reavaliar a relação que esses homens têm com elas, mas se desassociar de uma identidade cercada de estigmas (PELÚCIO, 2005, p.2).

Nessas comunidades há muitos usuários que se autoidentificam como pertencentes ao universo trans, se autodenominando como transex. Contudo, é interessante notar que o termo transex é correntemente utilizado pelas travestis no ambiente do orkut, não enunciando diferenças entre travestis, transexuais ou crossdressers – ainda que comumente sejam pontuadas diferenças, sobretudo nos estudos científicos e acadêmicos. Talvez, como nos aponta Benedetti (2005), isso se deva ao fato de que, em certas condições, poucos são os traços diferenciadores, corporais e identitários, capazes de fazer sentido em seu universo, e

¹⁰⁷ Para um estudo aprofundado sobre a construção da ciberidentidade dos t-lovers ver Pelúcio (2005).

mesmo há muitas travestis que se questionam se são ou não transexuais, se fariam ou não uma vaginoplastia, reconhecendo na cirurgia o maior indício da transexualidade.

Em contrapartida, as transexuais emitem discursos que as distanciam das travestis, tanto pela linguagem quanto pelas temáticas das comunidades criadas por usuárias transexuais. No orkut, de modo geral, elas não se referem a si mesmas ou a outras transexuais apenas como “transex”; além disso, suas comunidades tratam sobre assuntos que envolvem aspectos sociais, políticos, psicológicos, médicos, debatem sobre o uso de hormônios, ou sobre resultados de cirurgias de redesignação sexual.



Figura 28. Comunidade “Transexuais”.

Nesse contexto, Benedetti (2005, p. 113), nos diz que

as transexuais dominam uma linguagem médico-psicológica refinada, apóiam-se em escritos científicos dessas disciplinas (muitos deles já desacreditados nos seus próprios campos acadêmicos) para explicar as diferenças entre sua condição e a das travestis por meio de argumentos e razões fundamentadas nas noções de patologia e desvio [...]”.

É por meio de escritas pessoais, relatos de experiências de vida, descrições, fotos e vídeos que os usuários constroem no orkut uma imagem individual, mas que acaba de

alguma forma por representar coletivamente as ciberidentidades a partir de aspectos fragmentários reincidentes de indivíduos e grupos sociais. Assim, a partir de identificações dos usuários com as temáticas e posicionamento das comunidades a respeito de determinado assunto, vão se formando agrupamentos de indivíduos que possuem algum tipo de afinidade, ser transexual ou travesti, por exemplo, ou, ainda, enquanto travesti ou transexual se perceber de uma determinada maneira no mundo. Nesse sentido, ao se falar em comunidades virtuais, o que se têm são autorrepresentações coletivas, ou um grupo social que constrói uma imagem de si, por meio de ideias, opiniões, textos e imagens. Contudo, é importante destacar que se percebe uma pluralidade dos indivíduos pertencentes a esses agrupamentos, não se tratando, portanto, de um grupo homogêneo, mas sim de usuários que possuem afinidades e alguns traços em comum, e é justamente a partir daí que se pode conformar uma representação coletiva. Por exemplo, na comunidade “Viciados em Travestis”, com cerca de 1.500 membros, a proposta de acordo com a sua descrição é agrupar travestis e seus admiradores, mas com a importante ressalva de que a comunidade se destina a homens ativos nas relações sexuais, excluindo a participação dos “rapazes passivos”, como é frisado. Desse modo, os assuntos dos tópicos de discussão, a descrição da comunidade, as comunidades relacionadas e as próprias fotos do perfil dos membros constroem um sentido e uma percepção sobre aquele grupo de homens que são ativos e que se interessam afetiva e sexualmente por travestis.

Nesse sentido, é interessante observar a flexibilidade e a multiplicidade das ciberidentidades no orkut, pois um mesmo indivíduo pode ser um homem – ativo ou passivo – , uma mulher, ou uma travesti, enfim, basta apenas que crie um perfil ou uma ciberidentidade para tal, podendo ter inclusive vários perfis, viver várias ciberidentidades, transitar em diferentes comunidades, interagindo com diferentes perfis de usuários e adquirindo também novas facetas a cada nova comunidade que visita.

Algumas comunidades têm a privacidade do conteúdo aberta apenas para membros, de modo que não é possível visualizar perfis e fóruns de discussão, somente a descrição e as comunidades relacionadas, não sendo possível também interagir. Mas de modo geral, na primeira página da comunidade, pode-se ver a foto da comunidade e sua descrição, categoria ou temática, os membros, as comunidades relacionadas e o fórum com a lista de tópicos e enquetes criadas pelos membros da comunidade.

Entre as comunidades criadas por e/ou para travestis, pode-se perceber duas vertentes temáticas que acabam por pontuar distintas posturas e posicionamentos entre grupos de travestis, ainda que sutis, e que, por vezes, se trespassem. Há, em grande maioria, as

comunidades que exaltam a eroticidade das travestis, mantendo-se na esfera dos prazeres sexuais e do entretenimento, com fóruns de discussão sobre sexo, anúncios de programas sexuais, depoimentos sobre relações sexuais com as t-girls, práticas sexuais mais apreciadas. Algumas dessas comunidades são, em boa parte das vezes, criadas pelas próprias travestis para se autopromoverem, como as várias comunidades das travestis Angélica Castro e Bárbara Kysivics.



Figura 29. Comunidade “Viciados em Travestis”, com privacidade de conteúdo para membros.

Desde o início de 2008, denúncias do Ministério Público Federal contra o orkut fizeram com que fossem instaurados recursos de segurança mais rígidos no site para coibir conteúdos ilegais ou considerados “agressivos ou repulsivos”, assim há um monitoramento que se dá a partir de denúncias dos usuários. Segundo as novas diretrizes,

as imagens exibidas no orkut.com não podem conter nudez, obscenidade, nem material com apelo sexual. Atualmente, isso inclui, entre outros itens, nudez frontal masculina ou feminina, bem como representações de atos sexuais. [...] Perfis ou comunidades com esses tipos de imagens serão permanentemente removidos sem aviso ou notificação prévia¹⁰⁸.

Por isso, muitas travestis que costumavam usar as comunidades explicitamente para se promover enquanto profissionais do sexo, postando principalmente fotos de “dotes”

¹⁰⁸ Fonte: <http://help.orkut.com/support/bin/answer.py?answer=61746>. Acesso em 10/01/2009.

ou de sexo explícito na comunidade e em seus perfis no orkut, passaram a deixar links para seus blogs e fotologs, onde podem exibir seus dotes físicos e performances sexuais livremente, contudo o “teor sexual” das comunidades se mantém, ainda que mais sutil, não aparecendo nas descrições, mas aflorando nos tópicos.



Figura 30. Tópicos da comunidade “Travestis do Orkut”.

As travestis membros das comunidades interagem nesses espaços, respondendo a perguntas, criando novos tópicos de discussão, deixando número de telefone para contato, endereço de Messenger para conversas online ou sexo virtual com webcam. As discussões entre as travestis envolvem também comentários sobre outras travestis, sobre seus corpos, beleza, ou mesmo assuntos polêmicos ou manchetes que colocam alguma travesti na mídia, como os escândalos que envolveram as travestis Angélica Castro e Andréa Albertini com personalidades famosas, comentando sobre a repercussão desses casos para suas imagens pessoais, e ainda se posicionando a favor ou contra as posturas dessas travestis. Sobre isso, houve certo consenso nas comunidades em dizer que Andréa Albertini de fato agiu de má-fé com o jogador Ronaldo. Não que ele não soubesse se tratar de travestis, mas que as travestis envolvidas tentaram realmente extorqui-lo, e por isso foram repudiadas em várias comunidades.

Hoje, a comunidade transex com o maior número de membros é “Homens que gostam de travestis”, com 6.064 perfis cadastrados. A comunidade foi criada pela socióloga Larissa Pelúcio, e se propõe a discutir questões diversas do universo trans, mas principalmente agrupar t-lovers em geral.

A outra vertente temática, com um número bem inferior de comunidades, aborda assuntos relacionados à afetividade, vida profissional, militância, discriminação e preconceito, dificuldades cotidianas enfrentadas pelas travestis na sociedade, relatos de casos pessoais, histórias e experiências de vida. Os tópicos levantam questões sobre o relacionamento familiar das travestis, a coragem de se assumir, os conflitos pessoais, relacionamentos amorosos, casos de violência e agressão moral e física, entre outros. Há a participação tanto de travestis, como também de t-lovers, crossdressers, transexuais e mesmo usuários que não fazem parte diretamente do universo trans, percebendo-se uma postura diferente dos

membros, que vez por outra reivindicam respeito e direitos. Não existe, contudo, uma divergência rígida entre os diferentes posicionamentos nas comunidades nem entre os membros, havendo inclusive muitas transex e outros membros que fazem parte de comunidades com diferentes abordagens.



Figura 31. Comunidade "Homens que gostam de travestis".

A comunidade “Sou travesti, mas não sou puta!”, que possui algo em torno de 2.000 perfis cadastrados, tem como proposta desconstruir a imagem estigmatizada das travestis que, como aparece na descrição, parece ser indissociável da ideia de prostituição. Para tal, há regras impostas pela dona¹⁰⁹ e moderadora da comunidade, restringindo as discussões a assuntos relacionados à vida prática de travestis que não se prostituem, discutindo ainda preconceito, violência, oportunidades de trabalho, relacionamentos afetivos, casamento, sonhos, enfim. Embora nessa comunidade haja uma moderação bastante atenta, ainda é possível ver tópicos relacionados a sexo ou à prostituição, criados muitas vezes pelas

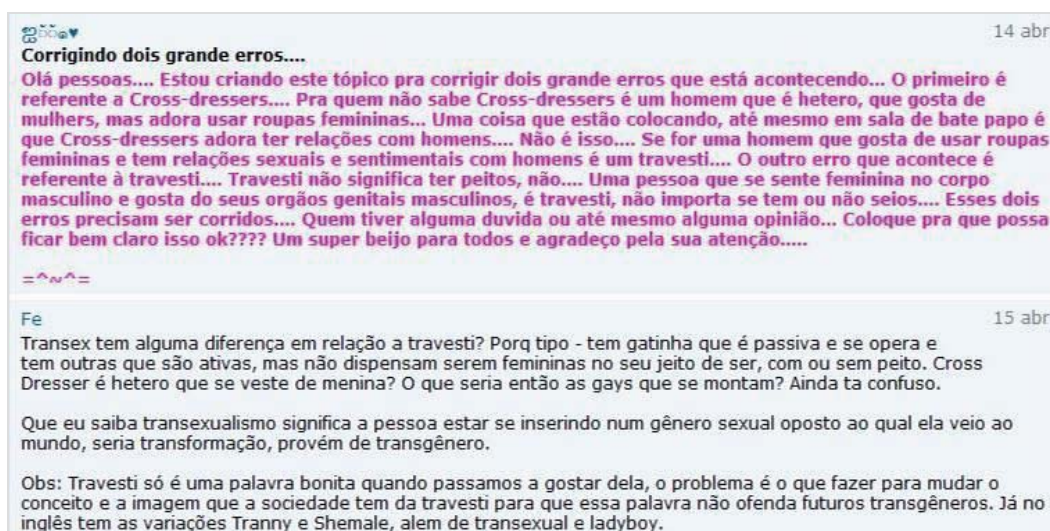
¹⁰⁹ É comum o usuário que criou a comunidade se autodenominar, e a ele se referirem, como o dono ou dona da comunidade, da mesma forma acontece com os perfis.

próprias travestis que se cadastram na comunidade e estão cientes dos propósitos e regras estabelecidas.



Figura 32. Comunidade "Sou travesti, mas não sou puta".

Outro aspecto interessante é a constante discussão nos tópicos sobre o que é ser travesti, qual a diferença entre travestis, transexuais e crossdressers, como saber se autorreconhecer como tal, e se de fato há diferenças entre estas:



Assim como as “classificações” das identidades é um tema recorrente, as fotos e a imagem que as travestis constroem de si por meio destas também são. Em um tópico criado pela moderadora da comunidade “Sou travesti, mas não sou puta”, ela questiona as travestis participantes da comunidade sobre as fotos que elas utilizam para se autorrepresentarem em seus perfis, apontando para a importância de suas imagens no ciberespaço para que se constitua uma percepção geral sobre elas:

Edna Luiza 12/10/06
Não somos putas , mas por que nas fotos parecemos
Amigas se queremos não ser tartadas como putas deveríamos nos apresentar melhor em nossas fotos, me desculpem se ofendi alguém, mas por que a foto dos nossos orkuts temos que mostrar nosso corpo de uma forma oferecida e não simplesmente nos mostrarmos como damas que somos? Se não queremos ser tratadas como putas temos que começar mudando nossa imagem, vcs não acham? Beijós pra todas.

Nessa perspectiva, as imagens são carregadas de sentidos, levando inclusive ao questionamento de si a partir de imagens que predominam enquanto representações de um pretense grupo:

Krystinne 14/01/08
Existe uma diferença entre tentar ser sexy e ter fotos explícitas ou semi-explícitas no orkut e ficar procurando sexo em comunidades...
Praticamente sempre que vejo alguma outra transex no orkut, é em um perfil sexual... Nunca em um perfil "normal"
Talvez nos tacham de putas pq somos...?

Nesses dois posts fica bastante evidente a preocupação com o modo como a maioria das travestis se autorrepresenta por meio de fotos no orkut, problematizando os efeitos dessas imagens para a construção de uma autorrepresentação coletiva. E dentre outros, percebe-se nessa comunidade o constante debate sobre quem afinal são as travestis, como são, como se diferenciam de outras “categorias identitárias” e que imagem passam para o mundo, numa tentativa talvez de se chegar, afinal, a um consenso sobre uma identidade coletiva.

No capítulo seguinte, será possível compreender como se dá a construção das ciberidentidades e visualizar algumas autorrepresentações de travestis nos perfis do orkut, a partir de ferramentas disponibilizadas em sua interface que possibilitam a sua configuração, como foi acenado anteriormente, a ênfase será dada às imagens, em particular ao álbuns de retratos e autorretratos.

Autorrepresentações de travestis no orkut: entre perfis, álbuns, retratos e autorretratos

Autorrepresentações: imagens e representações de si em retratos e autorretratos

A autorrepresentação se refere aqui, precisamente, a um modo particular de construção de uma autoimagem para dar-se a ver, ou, nos termos de Goffman (1985), para “emitir uma expressão” por meio de artifícios simbólicos e performáticos, considerando-se uma determinada intencionalidade presente nesse processo de se autorrepresentar. Pensando então nas autorrepresentações como construções baseadas em determinados fatores que, de alguma forma, fazem sentido para quem transmite tal expressão de si, poder-se-ia compreender que os indivíduos e grupos sociais as formulam espontaneamente a partir de aspectos materiais e subjetivos capazes de identificá-los, inclusive visualmente, determinando em certa medida o modo como querem ser visualizados e visibilizados. No entanto, é válido observar que na medida em que o olhar se ativa e é lançado sobre as representações, múltiplos movimentos se instauram, pois não se trata somente da construção de sentidos presente nas autorrepresentações ou de como estas se conformam – não se trata apenas de quem eu sou, ou de quem eu quero parecer ser e como me apresento –, mas sim de estabelecer conexões também com quem olha¹¹⁰. Pode-se dizer, com isso, que o que vejo e como interpreto e compreendo o que vejo me diz também sobre quem eu sou, revelando traços de subjetividades, visões de mundo e de realidade, histórias de vida, percepções sobre as coisas e pessoas e tudo o mais que em alguma medida possa reger o olhar. Portanto, o repertório

¹¹⁰ Tais investimentos do olhar fundamentados pela experiência visual, sobretudo no âmbito da arte, são discutidos em Didi-Huberman (1990); uma outra perspectiva baseada na dimensão visual da cultura e da estética na pós-modernidade pode ser encontrada em Jameson (2006); Barthes (1984) fala das dinâmicas do olhar no âmbito da fotografia; e a questão do olhar, das técnicas e tecnologias do olhar, a visualidade humana e as formas de subjetivação são abordadas por Hernández (2005) ao discutir os diferentes conceitos e definições da cultura visual.

cultural e social do indivíduo acumulado ao longo de toda sua vida o habilita também a ver, e não apenas o órgão sensorial da visão, assim cabe dizer que o olhar também é cultural.

Como Maffesoli (1996) destaca, afirmar que a imagem está onipresente no social revela-se uma constatação um tanto banal. No entanto, reconhecer que essas imagens se apresentam imbuídas por uma pretensa autenticidade não é tão trivial assim; é comum deixar-se levar pelas “verdades” impressas nas fotos, por exemplo, ou na simples aparência das coisas e das pessoas. Nesse sentido, as diversas configurações da aparência, ou da superfície do que está aparente, segundo Maffesoli (1996), formam um conjunto capaz de exprimir bem uma dada sociedade, ainda que haja uma multiplicidade de imaginários provindos de diferentes estímulos visuais e representações. Contudo, é preciso discutir a questão da aparência para além da superficialidade, e para isso o autor propõe uma reflexão sobre a forma¹¹¹, insistindo na “profundidade” da aparência, por mais paradoxal que pareça, integrando o conjunto da vida social e estabelecendo “uma estreita conexão entre o conteúdo e o continente, entre a forma exterior e a forma interior” (MAFFESOLI, 1996, p.127).

Assim, compreender a estrutura orgânica da sociedade, considerando sua teatralidade cotidiana como um vetor de conhecimento, é identificar e reconhecer os fatores que caracterizam as relações sociais, observando as interações entre as imagens do eu e as imagens do ambiente e conformando, como diz Maffesoli, “um mundo das imagens” que habilita os indivíduos à compreensão das experiências da vida cotidiana. Destaca-se, desse modo, o poder da imagem no processo de construção de sentidos, para expressar e transmitir significados que fundam desde grandes obras da cultura até objetos simplórios cotidianos que criam conjuntos sociais e constituem uma cultura mais ou menos generalizada. Com isso, sugere-se que

em seu aspecto repetitivo, seus costumes, seus rituais, a vida cotidiana organiza-se em torno de imagens a partilhar; sejam as imagens macroscópicas, ou as que modelam a intimidade das pessoas e de seus microagrupamentos. O mundo imaginal seria, de certo modo, a condição de possibilidade das imagens sociais: o que faz com que se qualifique dessa ou daquela maneira um conjunto de linhas, de curvas de formas mais ou menos arbitrárias, e que, contudo é reconhecido como sendo uma cadeira, uma casa ou uma montanha (MAFFESOLI, 1996, p.130).

¹¹¹ Maffesoli (1996, p.128) chamou de “formismo” essa reflexão sobre a forma, acentuando a dupla função de limitação e vitalidade desta, que atua como uma matriz que preside ao nascimento, ao desenvolvimento e à morte dos diversos elementos que caracterizam uma sociedade. Segundo o autor, a aparência ou a superfície da forma mostra a experiência que condiciona o desenvolvimento vital, e embora de modo limitador, permite apreender a coerência profunda da existência social.

Mais do que classificar nominalmente, a qualificação das formas e das imagens, contextualizando conjunturalmente os arranjos sociais e culturais, remete também à atribuição de qualidades ou à adjetivação de coisas, pessoas e fenômenos sociais a partir do que está estabelecido e legitimado. Ou seja, não se trata apenas de nomear, mas de atribuir valor e sentido a essa nomeação, tendo em vista os ideais culturais arraigados.

Trazer a contribuição de Maffesoli ainda que de modo bastante pontual para essa discussão faz parte da tentativa de enfatizar a abordagem da imagem sob uma perspectiva sociocultural, enfocando a visualidade. De acordo com Hernández (2005), as práticas da visualidade são as formas culturais vinculadas ao olhar. Desse modo, o autor nos diz que

la visualidad presenta un discurso y particulariza los hábitos culturales del arte de ver. Desde este enfoque, la visualidad puede caracterizarse como activa, performativa y productiva, em contraste com el modelo moderno cartesiano de visualidad que se nos presenta como pasivo y mecânico (2005, p.18).

Quando Barthes, em “A Câmara Clara” (1984), fala do seu espanto diante da fotografia em que ele pode ver “os olhos que viram o Imperador”, quando revela o seu incômodo interesse diante de certas imagens fotográficas, ou o seu desconforto frente à câmera ao ser fotografado, e ainda quando declara sua angústia em “querer uma história dos olhares”, ele parece reivindicar elementos teóricos que legitimem a discussão sobre as dinâmicas de olhar e ser olhado numa esfera mais ampla de significados e subjetividades – algo para além da estética, da história da arte ou das análises formais da imagem – fundamentada, sobretudo, no interesse particular de quem olha. Barthes se coloca diante das fotografias com olhar desarmado para observar, refletir, interpretar e desvendar, quem sabe, a vida social da foto, do momento do recorte no espaço-tempo, do que está aquém e além da imagem, de seu referencial, trespassando o papel de registro de uma realidade forjada ou verídica, e tentando identificar sua inquietação e os motivos de atração e interesse do seu olhar diante de algumas imagens fotográficas e de certos detalhes¹¹².

¹¹² Nesse contexto, Barthes (1984) nomeia dois focos distintos do olhar: o *studium*, com uma conotação cultural, onde se é possível contextualizar historicamente a imagem, assim como as intenções do fotógrafo, desvendando, sob vários aspectos, a vida social e cultural da imagem fotográfica e da fotografia em si. Assim, a foto pode ser percebida enquanto artefato da memória, registro documental ou ficção. O *punctum*, outro foco do olhar, aparece no *studium*, quebrando-o, desestabilizando-o. É como uma picada, um corte, uma marca sensível, detalhe sutil que flecha o olhar. De acordo com Barthes, o *punctum* de uma foto é um acaso que nela punge, mortifica, e em nada se relaciona com as intenções do fotógrafo ou com a cultura, dependendo unicamente do olhar sentir-se picado, ferido por um interesse particular.

Nesse momento específico em que Barthes volta seu olhar e suas reflexões para a imagem fotográfica, propondo transcender a mensagem codificada ou o registro “realista” e buscando se aproximar de um diálogo com a cultura, mas sem deixar de lado a subjetividade – e o repertório cultural e visual – de quem olha a imagem, remete mais uma vez à perspectiva sociocultural da imagem, se alinhando ao que se chama hoje de estudos da cultura visual. Esses estudos buscam abordar a imagem e as representações visuais das artes, das mídias ou da vida cotidiana a partir da confluência de diferentes disciplinas e perspectivas teóricas e metodológicas, como mediadores de significações culturais, constituindo posições e discursos através de atitudes, crenças e valores. Assim, discutir as imagens no campo da cultura visual constitui-se em uma tentativa de compreender a visualidade e isso implica abranger o contexto da cultura e da sociedade a que estão vinculadas, observando os momentos em que o visual é contestado, debatido e transformado, ao mesmo tempo em que configura um lugar de interação, intersecção e definição do que se entende por classe social, gênero e identidades sexuais e raciais, e como estas são qualificadas no interior da inteligibilidade cultural (HERNÁNDEZ, 2005, p.12-14). Pode-se dizer, portanto, que os estudiosos da cultura visual refletem sobre a construção social do campo visual, sem, contudo deixar de considerar a construção visual do campo social (MITCHELL, 2003).

Ao apontar tais perspectivas teóricas, o que se pretende é enfatizar o modo como as imagens são abordadas aqui. Assim, ao observar as autorrepresentações de travestis no ambiente do orkut, é crucial relacionar as questões culturais e sociais que trespagam as travestilidades, ou uma pretensa identidade travesti, para que se possa compreender como se engendram suas ciberidentidades e os elementos que as constituem, como elas representam a si mesmas, que imagem de si elas constroem e a rede de significação simbólica que se instaura a partir daí. Tendo isso em vista, deve-se, portanto, frisar que a ênfase é dada às imagens presentes no site, ou seja, ao processo de construção da autoimagem e às representações de si expressas nos retratos e autorretratos publicados nos álbuns do orkut.

Como imagens produzidas e reproduzidas a partir de diferentes recursos técnicos do equipamento fotográfico¹¹³, os retratos e autorretratos estampam a figuração de indivíduos que se articulam a partir de um repertório codificado de atitudes, gestualidades, elementos materiais e simbólicos que sugerem identificações e um determinado posicionamento social.

¹¹³ Há de se considerar também os recursos de manipulação das imagens fotográficas, sobretudo hoje quando se fala em imagens produzidas digitalmente e dos recursos que transcendem as capacidades do equipamento fotográfico, como as ferramentas de edição disponíveis aos usuários e produtores de tais imagens disponibilizadas em softwares ou nos próprios ambientes virtuais.

Nesse sentido, “o retrato fotográfico é uma afirmação pessoal, moldada pelo processo social no qual o indivíduo está inserido e do qual derivam diferentes modalidades de representação” (FABRIS, 2004, p.35). Assim, Fabris (2004) argumenta que o retrato torna-se uma fotografia de identidade, pois possibilita ao indivíduo identificar o grupo social ao qual pertence e aspectos subjetivos de sua identidade.

Entender o autorretrato fotográfico como uma autorrepresentação, “uma encenação de si para o outro, como um outro” (LEJEUNE, 1986 apud FABRIS, 2004, p.67), implica pensar em como se opera a produção da imagem e nesse sentido a primeira ideia que surge é a do sujeito que fotografa a si mesmo, ele próprio manipulando a câmera¹¹⁴. No entanto, dirigir-se perante à objetiva, embora focado pelos olhos de um outro sujeito, decidindo pose, expressão facial, vestimenta, paisagem, é um modo de se autorrepresentar também. Destarte, quando se fala de retrato ou autorretrato, é interessante pensar que ambos podem se configurar enquanto formas de autorrepresentação, sobretudo quando o sujeito diante da câmera se deixa fotografar conscientemente, se posicionando para que a sua imagem passe a ideia de quem ele é, tentando fazer, como diz Barthes (1984), com que sua imagem coincida consigo mesmo. Sobre isso, Barthes (1984, p.22) declara: “Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a ‘posar’, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem”.

Essa tentativa de estabelecer um *continuum* de si na imagem fotográfica pode se dá pela idealização da própria imagem de si, como sugere Fabris (2004, p.21), com a escolha de determinada atitude mais característica do indivíduo, enfatizando detalhes do conjunto que lhe pareçam mais significativos e remetam uma impressão particular que pretende passar, ou seja, articula-se uma projeção de si na imagem fotográfica a partir do que o indivíduo quer parecer ser e da aparência que constrói para si, provocando, quem sabe, um cruzamento de imaginários entre aquele que ele acredita ser e aquele que gostaria que os outros vissem, como aponta Barthes (1984, p.27).

Desde o seu surgimento, no século XIX, a fotografia exerceu um papel fundamental no processo de desvelamento do mundo, sendo percebida “não apenas como um meio de representar o mundo visível, mas de tornar o mundo visível” (JAGUARIBE, 2007, p.43), dando visibilidade a realidades e mundos antes pouco ou nada vistos. Mas,

¹¹⁴ Não se pretende discutir a qualidade técnica da imagem fotográfica, nem precisar os recursos tecnológicos utilizados para a produção da imagem, contudo quando se mostrar relevante, tal tema poderá ser abordado.

se por um lado, ela [a fotografia] tem valor incontestável por proporcionar continuamente a todos, em todo o mundo, fragmentos visuais que informam das múltiplas atividades do homem e de sua ação sobre os outros homens e a Natureza, por outro, ela sempre se prestou e sempre se prestará aos mais diferentes e interesseiros usos dirigidos (KOSSOY, 2002, p.19).

O que Kossoy postula é que a imagem fotográfica acaba atuando como um instrumento ideológico capaz de conformar os saberes e a opinião social, principalmente a partir dos avanços tecnológicos que possibilitaram a multiplicação e circulação massiva de imagens pelos meios de comunicação e informação (2002, p.19). Contudo, ainda que a credibilidade e veracidade atribuída à fotografia sejam comumente questionadas, de forma mais acentuada com o surgimento das tecnologias digitais para produção, manipulação e difusão das imagens¹¹⁵, não se pode negar que estas, manipuladas ou não, habilitam novos olhares sobre as coisas, as pessoas e o mundo, atuando como uma forma de inclusão visual, tornando visíveis representações distintas da cultura midiática dominante – nas palavras de Jaguaribe (2007, p. 83), aquela que exclui ou estigmatiza – ampliando os repertórios culturais e visuais e dando margem às contestações, debates e transformações sociais¹¹⁶.

A revolução que significou o advento da fotografia para o mundo das imagens talvez se compare em alguma medida ao que hoje a internet representa para a produção e circulação de imagens e representações. Pode-se dizer, nesse sentido, que a internet promove a sociabilização de realidades e experiências de vida antes muito restritas, como as imagens das travestilidades que permeiam a esfera do ciberespaço, por exemplo. Sob essa perspectiva, consideram-se, sobretudo, como já assinalado no capítulo anterior, as múltiplas possibilidades de construção e circulação de representações e autorrepresentações.

Essa breve discussão acerca dos olhares possíveis sobre as imagens é uma maneira de apontar como as autorrepresentações de travestis presentes no orkut serão abordadas. Desde o início desse estudo vem-se partindo de aspectos mais gerais para os mais particulares, buscando contextualizar histórica, social e culturalmente o fenômeno das travestilidades na sociedade brasileira e pontuando questões fundamentais, sem as quais pouco se poderia compreender acerca dos mecanismos de autorrepresentação e da construção

¹¹⁵ Como sugere Kossoy (2002, p.55), as infinitas possibilidades de manipulação e “operações de falsificações” das imagens fotográficas, como retoques, alterações no contraste, tonalidades, aplicação de texturas, introdução de elementos em cena, entre outros meios tecnológicos de montagens estéticas e ideológicas, acabam por criar ou representar novas realidades.

¹¹⁶ Há de se ressaltar que essa discussão acerca da veracidade e credibilidade das imagens fotográficas já existia no século XIX: essas “manipulações” já eram possíveis – e realizadas –, contudo com outros recursos.

das ciberidentidades travestis. Assim, só é possível se aproximar dos objetivos propostos nesse estudo na medida em que diálogos são estabelecidos com diferentes disciplinas, todavia não se pretende esgotar – e nem parece possível – os entrecruzamentos teóricos.

Quem sou eu: os perfis

“Quem sou eu” é a primeira pergunta respondida ao se registrar no orkut, e a tentativa de respondê-la parece permear toda a formatação do perfil dos usuários no¹¹⁷, sendo, portanto, a partir desta que se começa a delinear o processo de autorrepresentação.

Tentar descobrir quem são as pessoas nos perfis do orkut é um trabalho de investigação em terreno movediço – é uma busca por informações fragmentadas que se transmutam com grande frequência já que o conteúdo é volúvel, podendo ser editado, apagado e acrescentado constantemente – e uma tentativa de estabelecer leituras a partir de pistas fornecidas pelas imagens e textos postados pelos usuários. A cada novo dia a pergunta “*quem sou eu*” pode ser respondida de uma maneira diferente e o retrato do perfil pode transmitir distintas impressões sobre a mesma pessoa, ou, ainda, o perfil pode simplesmente deixar de existir para que o usuário ressurgja diferente com outro nome, outra cara e outra ciberidentidade, sem, contudo, deixar de ser ele mesmo.

Depois de realizar a pesquisa exploratória nas comunidades com temáticas trans e de visitar, a partir destas, vários perfis de travestis no orkut, decidiu-se por estudar em profundidade dois perfis, o de Danyelle (Dany) e o de simply carol * : D, cujos critérios para escolha foram definidos tendo em vista os seguintes aspectos: primeiramente, considerou-se a possibilidade de realizar entrevistas pessoalmente e assim ter uma maior aproximação e estabelecer diálogos frequentes com as travestis, por isso a localização geográfica foi relevante, privilegiando-se os perfis de Goiânia e regiões próximas. Além disso, a constância de acessos das travestis ao orkut também foi considerada e, obviamente, o interesse destas travestis em participar desse estudo. Conforme apresentado em outros capítulos, percebeu-se certa predominância de perfis de travestis com uma conotação sexual, destacando a sensualidade e a eroticidade em suas autorrepresentações e para que fosse possível discutir e dar visibilidade também a outras formas de representação e autorrepresentação optou-se por priorizar na investigação os perfis de travestis que não atuam no mercado sexual, pois as profissionais do sexo são as que geralmente apresentam a conotação sexual mais fortemente vinculada e exploram fundamentalmente o sex appeal. Todavia, é importante frisar que tais perfis não serão ignorados, pois é impossível desconsiderar a relevância e a significação de sua predominância. Além do mais, há uma série de questões que apenas os perfis de Danyelle e de simply carol não são capazes de abranger. Nessa perspectiva, o perfil da travesti Bárbara

¹¹⁷ O perfil do orkut é uma página pessoal, assim cada usuário registrado tem seu próprio perfil no site.

Kysivics¹¹⁸ será utilizado como uma estratégia para situar o leitor acerca da interface dos perfis e da sistemática do orkut, servindo também de eixo condutor para algumas reflexões em particular, sendo, portanto, frequentemente mencionado, embora não tenham sido realizadas entrevistas com a travesti. Da mesma maneira, outros perfis serão abordados sempre que preciso para dar suporte às discussões.

A partir de uma série de informações pessoais – verídicas ou não – o perfil delineia quem é o usuário, possibilitando sua identificação e reconhecimento e a busca por afinidades com outros usuários membros do site. O perfil é dividido em três momentos específicos em que os usuários se descrevem objetivamente: o perfil social, o profissional e o perfil pessoal. O perfil social oferece uma ideia geral de quem é o usuário, identificando idade, relacionamentos, interesses no orkut, etnia, sexo, orientação sexual, visão política, religião, cidade, estado e país onde vive, se tem filhos, animais de estimação, estilo de se vestir, questões sobre os hábitos cotidianos, se é fumante, se consome bebida alcoólica, preferências em relação à comida, músicas, filmes, livros, enfim, um tipo de questionário semiestruturado em que a interface do usuário oferece algumas opções de respostas e deixa algumas em aberto, sendo que há perguntas básicas para o registro no sistema e que devem ser obrigatoriamente respondidas, como nome e sexo, e outras que são optativas. É no perfil social que os usuários começam a responder a difícil pergunta “quem sou eu”, e delinear sua autorrepresentação no site.

É possível visualizar (figura 33) o perfil social de Bárbara, onde logo na descrição ela restringe a interação ao seu círculo de amigos e conhecidos, mas disponibiliza os endereços de outros perfis onde interage com seus clientes e fãs e divulga seu trabalho. Como foi assinalado anteriormente¹¹⁹, o sistema do orkut permite que um usuário registre mais de um perfil e Bárbara Kysivics possui cinco, um pessoal e outros quatro públicos onde divulga suas atividades profissionais, além de várias comunidades com esse mesmo fim.

No perfil profissional (figura 34) são descritas as informações referentes à escolaridade e profissão, como o local em que trabalha e o contato. Como Bárbara descreve, suas atividades profissionais são de acompanhante, modelo e atriz, e ao indicar seu cargo de vendedora e a empresa onde trabalha como sendo a sua casa, ela faz uma referência à atuação como profissional do sexo, ainda que de modo sutil, divulgando seu número de contato para programas sexuais e o endereço de seu blog.

¹¹⁸ Ver capítulo 3, p.95.

¹¹⁹ Ver capítulo 3, p.107.



Figura 33. Perfil social de Bárbara Kysivics¹²⁰.

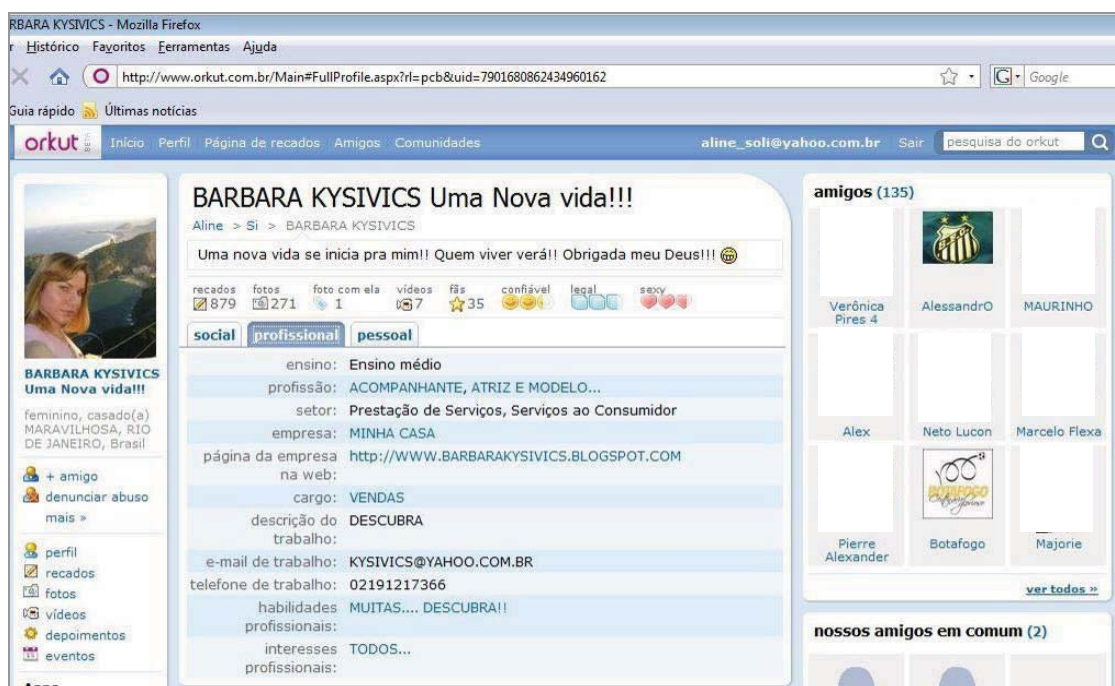


Figura 34. Perfil profissional de Bárbara Kysivics.

¹²⁰ <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=7901680862434960162>



Figura 165. Perfil pessoal de Bárbara Kysivics.

No perfil pessoal (figura 35), o usuário pode descrever suas características físicas e detalhar aspectos referentes aos relacionamentos afetivos, como, por exemplo, características particulares que podem despertar interesse ou mesmo demonstrar afinidades com outros usuários. Além dessas descrições, outros elementos fazem parte do perfil dos usuários, como a página de recados onde é possível visualizar as mensagens deixadas por outros membros.

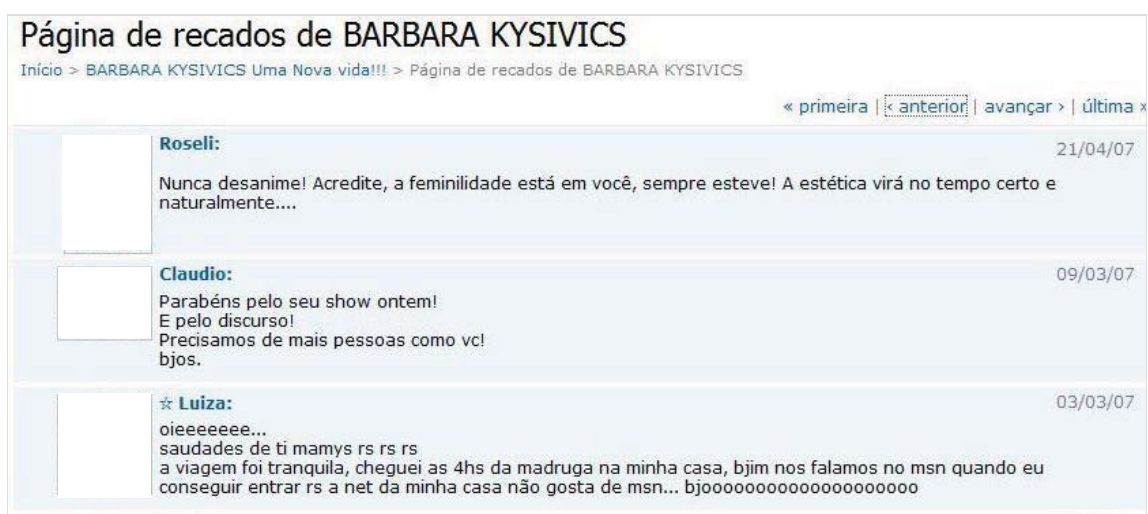


Figura 36. Página de recados de Bárbara.

Os recados podem ser apagados ou arquivados em ordem cronológica para posterior visualização. Há configurações no sistema do orkut que possibilitam optar por restringir a visualização do perfil e dos conteúdos apenas para membros que fazem parte da rede de amigos do dono do perfil, da mesma forma, pode-se restringir o recebimento de mensagens. Os depoimentos também são mensagens escritas pelos membros do orkut, geralmente amigos do dono do perfil, expressando sentimentos em relação a este, fazendo declarações, revelações, lembrando de fatos passados, enfim.



Figura 37. Depoimentos de Bárbara.

Na interface do orkut há uma série de aplicativos e ícones visuais que servem para personalizar e qualificar o dono do perfil, pelo voto de outros usuários. Outros conteúdos visualizados são as comunidades que o dono do perfil faz parte e a rede de amigos, inclusive os amigos que os membros têm em comum. As comunidades que Bárbara participa são, em sua maioria, comunidades criadas e moderadas pela própria travesti para divulgar o seu trabalho no mercado sexual, ou por clientes e fãs.



Figura 38. Qualificação do perfil.



Figura 39. Comunidades do perfil.

Os álbuns de fotos e os vídeos publicados pelo dono do perfil também podem ser visualizados. A seguir (figura 40), pode-se ver dois dos sete vídeos que Bárbara publica no

seu perfil¹²¹. Os vídeos são de clipes musicais ou vídeos com algumas cenas em que a travesti aparece fazendo figurações em programas de televisão ou em edições de fotos.



Figura 40. Vídeos de Bárbara Kysivics.

O perfil visualizado abaixo (figura 41) e que Bárbara chama de público, como fica evidenciado na descrição, tem como objetivo divulgar seu trabalho como profissional do sexo e está em consonância com seu blog pessoal. Nesse sentido, observam-se duas abordagens distintas em seus perfis, onde ela destaca aspectos diferentes de sua vida, sem, contudo, criar ciberidentidades divergentes ou mesmo ocultar informações, tanto que no perfil de uso pessoal Bárbara não deixa de divulgar sua profissão.

Na descrição do seu perfil público, Bárbara Kysivics se identifica como transex (figura 10), “uma mulher que nasceu no corpo errado”. A partir dessa frase, mais do que perceber os deslocamentos de identificação nos diferentes perfis e no seu blog – em alguns momentos ela se identifica como travesti, em outros como transexual e correntemente também como transex – percebe-se a pluralidade das travestilidades e das percepções de si e do processo de transformação de gênero. O que se nota pelos textos nos perfis de Bárbara, assim

¹²¹ Esse perfil foi acessado entre os meses de novembro de 2008 e abril de 2009. Como dito anteriormente, os perfis podem ser reconfigurados continuamente, por isso é possível que outros vídeos, retratos e informações tenham sido adicionados desde o término da presente pesquisa.

como em perfis de outras travestis, é que para algumas, ser travesti parece ser uma fase da transformação de gênero que antecede a decisão de realizar a cirurgia de redesignação sexual e o tornar-se uma transexual. Bárbara, em alguns momentos fala sobre a vontade de fazer a cirurgia e também sobre a intenção de parar de trabalhar como profissional do sexo e atuar em outros mercados profissionais, como, por exemplo, em salões de beleza. Sob essa percepção, ser transexual não se apresenta como um estado provisório, resoluto após a cirurgia, mas como uma identidade; tal ideia entra em conflito com a visão de tantas transexuais que aguardam pela cirurgia, ansiosas pelo dia em que ganharão uma vagina, deixarão de ser transexuais e se tornarão “mulheres de verdade” (BENTO, 2006).



Figura 41. Perfil público de Bárbara Kysivics¹²².

¹²² <http://www.orkut.com.br/Main#profile.aspx?uid=11276824315992327492>

ESTE É O PROFILE PARA VOCÊ QUE EU NÃO CONHEÇO, E QUE CONHEÇO TAMBÉM, HEHEHE, MAS GOSTA DE MIM, DO MEU TRABALHO E DO MEU BLOG!!!
QUERENDO, SÓ ENTRAR!!!
E NÃO ESQUEÇA DE ACESSAR,
WWW.BARBARAKYSIVICS.BLOGSPOT.COM
OBRIGADA, BJS

NÃO USAREI FOTOS MUITO OUSADAS AQUI NO ALBUM DO ORKUT PARA NÃO TER PROBLEMAS, VISTO QUE O ORKUT ESTÁ PEGANDO PESADO NESSE PONTO, MAS NO MEU BLOG TEM VÁRIAS PARA VOCÊS SE DELEITAREM...

www.barbarakysivics.blogspot.com

EU SOU UMA TRANSEX, OU SEJA, NÃO NASCI MULHER MAS SOU UMA NUM CORPO ERRADO.
EU TENHO UM BLOG-DIÁRIO, ACESSA NÃO CUSTA VAI, ONDE VOCÊ PODERÁ LER SOBRE MIM, SOBRE TUDO QUE FAÇO NOS MÍNIMOS DETALHES, E AI TIRAR SUAS CONCLUSÕES DE QUEM SOU, O PERGUNTINHA DÍFICIL..

Figura 42. Descrição de Bárbara Kysivics.



Figura 43. Perfil "impróprio".

Também na descrição, Bárbara cita a já comentada diretriz do orkut que regulamenta as imagens e os conteúdos publicados. É oportuno acrescentar que a partir dessas medidas tomadas pelo gerenciamento do site os perfis considerados “impróprios” passaram a ter sua foto de identificação pública automaticamente substituída por um ícone especial, uma silhueta anônima, e a exibir um aviso em relação ao conteúdo antes de ser acessado. Entretanto, ao se acessar o perfil todo o conteúdo pode ser visualizado.

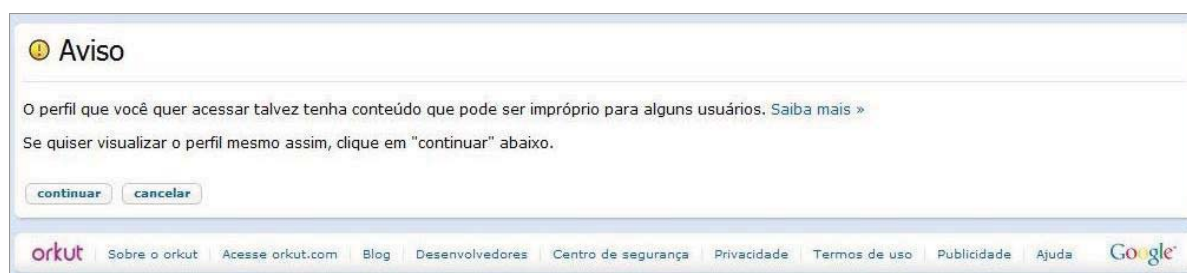


Figura 44. Página de aviso do orkut.

Apesar do monitoramento, dos recursos de segurança e da política de remoção de imagens consideradas impróprias, obscenas, abusivas ou repulsivas – como as pornográficas ou pedofílicas – alguns usuários ainda publicam imagens com esse teor, inclusive no retrato de identificação do perfil, podendo ser visualizadas até que o gerenciamento de violação de conduta do site receba uma notificação de abuso e o perfil passe pelo filtro de segurança.



Figura 45. Perfil com retrato de identificação imprópria.

Era muito comum ver esse tipo de perfil no orkut antes das diretrizes de segurança. Muitas travestis que atuam como profissionais do sexo e que tem ou tinham perfis no site publicavam imagens de seus corpos nus, seminus ou praticando sexo, sempre dando ênfase ao “dote” e à bunda, fatores de interesse dos clientes.

O retrato de identificação do perfil obviamente também deve ser observado nesse processo da construção da autorrepresentação. O retrato do perfil, além de identificar e permitir o (re)conhecimento, diferencia e personaliza os usuários, conferindo-lhes um aspecto singular a partir de elementos visuais e simbólicos que constroem uma percepção sobre si, e que é capaz de transmitir aos visitantes do perfil uma impressão sobre quem é o dono. O retrato do perfil comumente focaliza o rosto, embora outras modalidades apareçam. Não é raro, por exemplo, usuários colocarem em seus perfis fotos de artistas e celebridades para criar um perfil fake, para fazer uma homenagem, ou como uma tentativa de estabelecer algum vínculo entre aquela personalidade e a sua por meio de uma rede de transferência de valores simbólicos. De qualquer modo, o retrato do perfil, geralmente, está ancorado na corporeidade, na representação visual da pessoa, formulada a partir de mecanismos culturais que asseguram a construção e a identificação identitárias. Assim, o retrato permite uma leitura e uma interpretação da pessoa, podendo-se ver algumas características físicas, como tom da pele, cabelos, idade, estilo, e deduzir outras subjetivas, como expressão de sentimentos, como tristeza, alegria, preocupação, apatia.

Os retratos de identificação dos perfis de Bárbara, por exemplo, demarcam duas diferentes abordagens. No primeiro, uma imagem casual que não explora seu sex appeal. A própria Bárbara, loura, se fotografa, enquadrando seu rosto e tendo ao fundo a paisagem litorânea do Rio de Janeiro. Enquanto no perfil público o retrato estampa sua imagem sensual. Bárbara, agora de cabelos longos e negros, sem blusa, apenas com um lenço vermelho em volta do pescoço, tem os mamilos escondidos por estrelas que os censuram, enquanto lança seu olhar fatal ao visitante, sinalizando o teor dos conteúdos.



Figura 417. Retratos dos perfis de Bárbara.

Quem é Dany

Danyelle é uma travesti de 21 anos, solteira, de classe social baixa, nascida na cidade de Goiás¹²³. Como relatou em entrevista concedida à pesquisadora, Dany assumiu sua travestilidade aos 15 anos de idade, e daí em diante iniciou-se nos processos de transformação corporal.

Dany: Eu falo que a transformação começa como o processo da infância, aí vai crescendo, e vai se tornando tipo uma menina adolescente, né, primeira roupa, primeiro soutien... Aquela bobeirada toda! [risos] Aí foi transformando... comprei um aplique de cabelo, já pus, fui maquiando a primeira vez... Você já se espelha em alguém, Britney... aquelas cantoras, atrizes... você vai se espelhando, já vai transformando, até chegar um ponto que você chega e ah... agora eu já tô bem resolvida. [...] Eu modéstia a parte, até tive sorte de já parecer um pouco com mulher, mas tem gente que é triste! [risos] Aquela coisa né, já chamei muito atenção, esse negócio de aparência... já fui chamada já pra ramo de prostituição, aquela coisa de dançar em boate, até pra fora do país já me chamaram...¹²⁴.

Sobre a reação de sua família quando se assumiu travesti, Dany diz que foi, na medida do possível, tranquila,

só minha mãe que não aceita muito bem, mas só que ela nunca me criou né, então ela não tem noção das coisas. Mas meu pai... minha vó, eu morava com minha vó, né, minha vó, nossa, compra roupa de mulher pra mim, vai na loja, ela sabe do que eu gosto...

Dany criou seu primeiro perfil no orkut ainda em 2004, no ano que o site foi desenvolvido, acessando-o com frequência principalmente em lan houses¹²⁵, e desde então já “deletou” vários perfis, mas sempre criando um novo logo em seguida.

Dany: Eu delete... Eu coloco o meu perfil de acordo com o que tá acontecendo no momento, quando eu tô bem eu coloco coisas lá referente a isso, quando eu tô mal porque aconteceu alguma coisa eu já mudo.

Quando Dany criou o primeiro perfil no orkut buscava conhecer pessoas para se relacionar afetivamente, mas após algumas experiências sem muito sucesso mudou suas expectativas em relação ao site:

Dany: você vai vendo tanta coisa que não é nada daquilo que você imagina... porque lá a pessoa mente e fala o que ela quer, cabe a pessoa acreditar ou não. Aí fui buscando alguém, você vai conhecendo, tendo experiência com

¹²³ A cidade de Goiás, primeira capital do Estado, fica a 148 km de Goiânia, a atual capital.

¹²⁴ Em entrevista realizada em dezembro de 2008. O tom informal e coloquial das falas das entrevistadas será mantido.

¹²⁵ Rede local com vários terminais de computadores interligados com acesso à internet, esse serviço é oferecido a preços razoáveis que variam de um real a dois reais por hora. Dany usa lan houses por não ter computador em casa.

as pessoas que você conhece assim, não é nada daquilo que você imagina, você vai deixando aquilo de lado. Voltando pra outro lado, agora busco mesmo é só oportunidade de trabalho e amizade que eu tenho lá mesmo, manter contato.

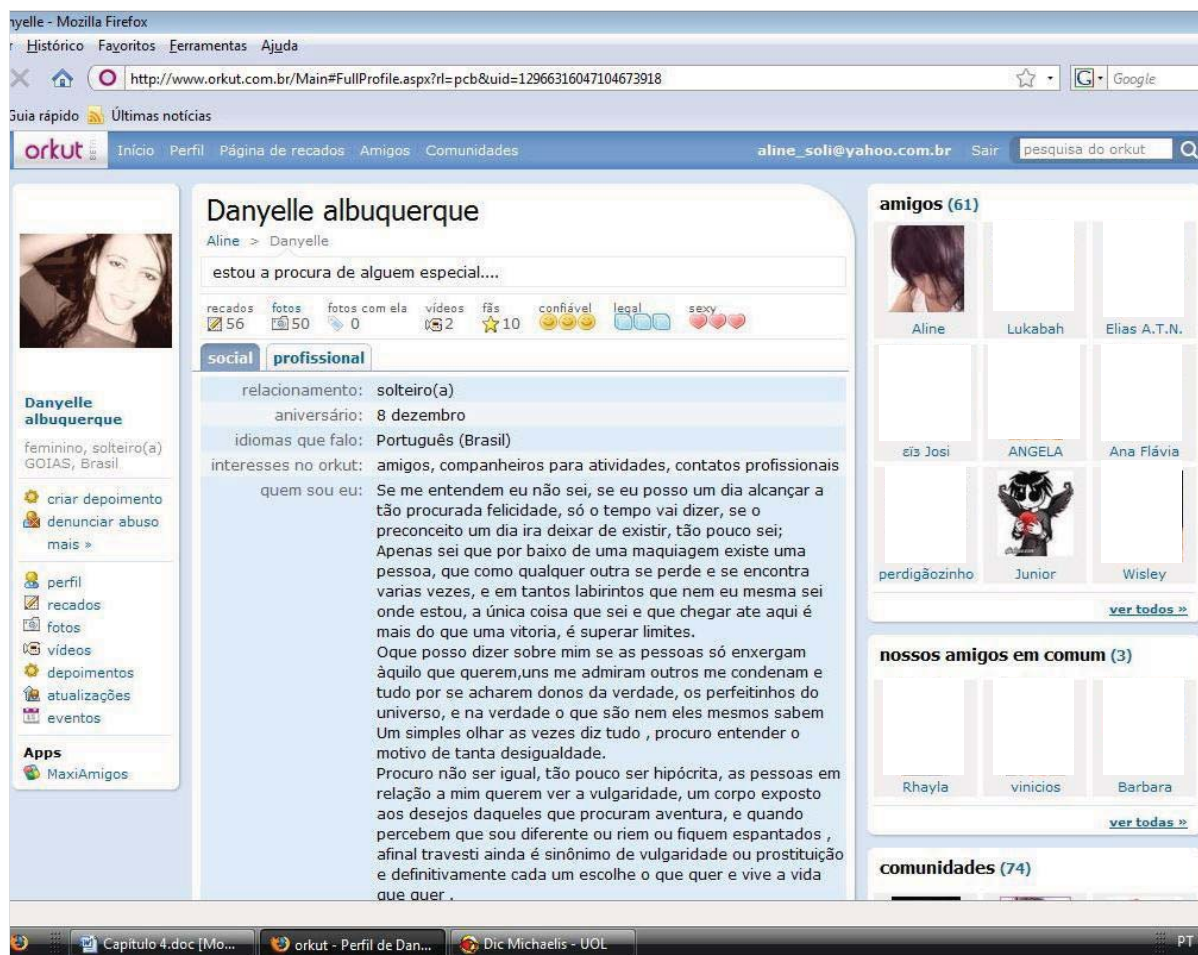


Figura 47. Perfil de Dany¹²⁶.

Em seu perfil social Dany frisa os seus atuais interesses no orkut e responde à pergunta “quem sou eu” se identificando como travesti e desabafando sobre as dificuldades e preconceitos sofridos com a frequente associação entre travestilidade, prostituição e vulgaridade.

Dany terminou o ensino médio em 2008, num curso supletivo feito por correspondência. Nesse mesmo ano, morou durante dez meses em Goiânia, num bairro da periferia, enquanto se preparava para participar do processo seletivo para o curso de Biblioteconomia da UFG. Durante as conversas e entrevistas concedidas para essa pesquisa, Dany sempre fez questão de enfatizar sua busca por oportunidades profissionais, sua vontade

¹²⁶ <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?origin=is&uid=12966316047104673918>

de estudar e de ocupar um lugar legítimo na sociedade, embora reconheça os entraves que permeiam sua vida. Sobre isso, Dany comenta:

Eu morei em Itaberaí¹²⁷... trabalhei numa indústria lá. Foi a melhor época da minha vida foi quando morei em Itaberaí, que eu trabalhei sendo o que eu sou, sendo da forma que eu sou, e sendo respeitada por isso. As pessoas estavam olhando o meu trabalho lá, não a aparência, nem o que eu deixava de fazer na rua ou fazia [...] Aí todo mundo respeitava, chamava pelo nome... assim... Danyelle mesmo, né. Não tinha aquele preconceito, aquela bobeira, é preconceito mesmo. Aí fora de lá, lá dentro tinha uniforme, tudo limpo. Aí, fora de lá, já saia, já maquiava, já... supervisores, encarregados... donos da indústria me via na rua, me tratavam super bem, nunca houve nada em relação à sexualidade. Eles olhavam mesmo era o trabalho, eu achei assim, nossa... eu sou um ser humano normal! Eu sou um ser humano normal, só que parece que você se sente tão bem assim, naquela situação... que parece que... não precisa de mais nada.

Na fala de Dany é possível perceber um conflito com a internalização da ideia de “anormalidade”, tão apregoadada socialmente nos discursos normatizantes sobre os gêneros e as sexualidades, o que remete também à conformação de identidades outsiders a partir do reconhecimento de superioridade e legitimidade das identidades socialmente estabelecidas (ELIAS, 2000).

Diante da expectativa de aprovação no concurso vestibular, Dany revela temer a discriminação e o preconceito dos outros alunos e mesmo dos professores. Embora estivesse se esforçando para ser aprovada, não queria passar pelo constrangimento de ser chamada pelo seu nome civil, incoerente com a sua identidade de gênero, em sala de aula, confessando, inclusive, ser capaz de desistir do curso¹²⁸. No decorrer da pesquisa, Dany participou do processo seletivo e foi aprovada no vestibular, mas não se matriculou, segundo ela, por motivos pessoais, e voltou para a cidade de Goiás, onde mora com a avó e pretende estudar Direito no núcleo da UFG, o que ela registra em seu perfil profissional no orkut e também cita em uma das entrevistas:

Dany: Profissionalmente, se um dia tiver jeito, eu quero ser formada em Direito, ser advogada, promotora, do jeito que eu sou... vestida de mulher, de blazer, tudinho... ser respeitada pelo que eu sou, não precisar cortar cabelo, vestir roupa de homem, precisar fazer aquela coisa toda pra precisar trabalhar, porque o direito de todo ser humano é o trabalho, independente do que ele é, se é branco, gay, lésbica...

¹²⁷ Itaberaí é um município de Goiás que fica a 90 km da capital.

¹²⁸ Em 2008 a Universidade Federal de Goiás aderiu à resolução aprovada pelo Conselho Estadual de Educação que permite que travestis e transexuais utilizem oficialmente seu nome social nas faculdades e escolas particulares ou privadas, sendo a segunda universidade do país a adotar a medida. Fonte: <http://www.mp.go.gov.br/porta/web/conteudo.jsp?page=1&base=1&conteudo=noticia/cb75bedd5c2e38df4b12ba3b0427a1fc.html>



Figura 48. Perfil profissional de Dany.

Dany optou por não descrever seu perfil pessoal, apenas o social e o profissional, como ela mesma disse, porque não tem interesse em conhecer pessoas para relacionamentos amorosos, somente para manter contato com os amigos e conhecidos e buscar oportunidades profissionais, ainda que revele na frase inicial do seu perfil que está “em busca de alguém especial”.

Embora o perfil de Dany não tenha qualquer conotação sexual, exibe a página de aviso do orkut sobre os conteúdos impróprios. Esse aviso atua como um filtro de segurança, sinalizando perfis possivelmente ofensivos, mas não significando precisamente a existência de conteúdos que violem as diretrizes do site.



Figura 49. Comunidades de Dany.

Dany está cadastrada em 74 comunidades, mas diz não participar efetivamente de nenhuma, contudo é interessante notar que essas comunidades de alguma forma representam certas opiniões e o posicionamento dos usuários em relação a diferentes assuntos, formando

um mosaico de identificações que também constroem uma percepção sobre o dono do perfil, independente de sua participação efetiva nos fóruns de discussão, fazendo, assim, parte do processo de autorrepresentação. Das 74 comunidades vinculadas ao perfil de Dany, cinco são de temática trans, “Sou travesti, mas não sou puta”, “Travestis que se valorizam”, “As travestis mais lindas do orkut”, “Trans e travestis também amam” e “Travestis carinhosas”. As outras comunidades são de temáticas diversas, como as comunidades sobre religião¹²⁹, “Eu leio a Bíblia” e “Eu confio e tenho fé em Deus”, ou sobre relacionamentos amorosos, “O destino nos separou”, “Estou apaixonada(o)”, entre outras. Sobre as comunidades, Dany diz ainda que participava das comunidades de Roberta Close e da travesti Bianca Soares, mas diz que excluiu esta última e justifica:

Porque tem muita associação com prostituição... Mas eu acho a Bianca Soares linda, eu acho ela uma das travestis mais perfeitas que existe aqui no Brasil. E ela entrou no Casa dos Artistas como mulher, as pessoas só descobriram que ela era travesti quando ela saiu, aí quando ela saiu o Silvio Santos fez ela retornar pra ela contar... Eu acho que a produção, todo mundo sabia, só os integrantes da Casa que não sabia né. Tanto que era... dentro da Casa dos Artistas ela era protagonista de novela, e beijou um rapaz lá... aí depois ficou aquele clima sabe?! Até eu mesma, até eu mesma ela me enganou, a primeira vez que eu vi ela eu pensei que era uma mulher mesmo, quando eu fui descobrir eu pensei, nossa tem jeito não...¹³⁰

No retrato de identificação do seu perfil, Dany sorri, em preto e branco, levantando os cabelos. O rosto maquiado e a sobrancelha muito bem delineada não conferem à sua feição sensualidade, ou qualquer traço de eroticidade – o que talvez fosse o esperado ou o mais comum de ser dentre tantos outros perfis de travestis visitados no orkut. Dany tem um rosto jovial, de aparência feminina, sem exageros ou algo que chame a atenção, tem uma fisionomia que facilmente a possibilita “se passa por mulher”.



Figura 50. Retrato do perfil de Dany.

¹²⁹ Pode-se perceber a devoção de Dany também pelas imagens de Nossa Senhora Aparecida expostas na parede de sua casa, ao lado de suas fotos nos desfiles de carnaval da cidade de Goiás e de um pôster da dupla de cantores Sandy e Júnior (observações da pesquisadora durante entrevistas realizadas na casa de Dany em dezembro de 2008).

¹³⁰ Ver contextualização sobre Bianca Soares e sua participação no programa “Casa dos Artistas” no capítulo 2, p.68 e capítulo 3, p.94.

Quem é simply carol * : D

“simply carol * : D” é o nickname que a travesti Carol utiliza no orkut. Ela tem 26 anos, é arquiteta recém formada pela Universidade Estadual de Goiás¹³¹. Como ela relata em entrevista¹³², iniciou a faculdade ainda com identidade de gênero masculina:

Tenho certeza que se tivesse assumido uma identidade de gênero feminina muito cedo, estaria fora do sistema educacional. Saio da universidade com a certeza de querer viver como uma mulher e me apresentar como uma, apesar de que em contatos profissionais e qualquer coisa mais burocrática eu tenha que usar meu nome de batismo.



Figura 51. Perfil de Carol¹³³.

Carol vem de uma família de classe média, conservadora, de descendência japonesa e estrutura tradicional: pai, mãe e dois irmãos mais novos que, segundo ela, são

¹³¹ Carol nasceu no município de Barra do Garças em Mato Grosso, mas atualmente reside na cidade de Anápolis Município a 48 km de Goiânia.

¹³² Realizada entre novembro e janeiro de dezembro de 2008.

¹³³ <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?origin=is&uid=33281841323439592>

muito machistas. Assim como Dany¹³⁴, Carol também se diferencia de boa parte das travestis brasileiras que têm os estudos interrompidos ainda muito cedo, sendo que poucas chegam a concluir o ensino médio¹³⁵.

Carol: Venho de uma família de modos simples, mas que faz parte da classe média brasileira. Sempre estudei em escolas particulares, fiz cursos de línguas, viagens com amigos, sempre participei de eventos sociais nas cidades onde morei... Me mudei muito por ter pai bancário.

Quando se registrou no orkut, ainda em 2004, Carol diz ter ficado impressionada com a facilidade de comunicação e de encontrar amigos e antigos conhecidos que havia perdido o contato. Desde então, mantém seu perfil e acessa-o, geralmente de casa, com certa frequência. Seu principal interesse é manter contatos com os amigos e participar de alguns fóruns de discussão, principalmente em comunidades relacionadas à sua profissão.

No seu perfil social, Carol não faz nenhuma referência ao fato de ser travesti e uma das razões, segundo ela, se deve ao fato de não haver tal opção de respostas para a configuração do perfil; além disso, também não fez questão de revelar ser travesti na sua descrição porque afirma que se relaciona na rede social apenas com pessoas que a conhecem pessoalmente. Assim, algumas pessoas que não a conhecem, mas que visitam seu perfil podem perceber ou não que ela é transex. Nesse sentido, ela afirma¹³⁶:

No meu orkut não está claro que eu não nasci mulher, não sei porque, mas acho que lá não é o local, além do mais não tem ninguém no meu orkut que não saiba disso. Nossa nunca tinha parado pra pensar nisso [risos]! A vida social é muito diferente da real, na virtual eu só encontro quem eu quero... na rua não, todo mundo me vê, e é obrigado a isso, tento parecer o mais mimética possível, sei que é meio heteronormativo, mas é assim que me sinto bem.

Como é possível notar, Carol domina um sofisticado vocabulário para referir-se a si mesma e aos processos que envolvem a sua transformação de gênero, sendo extremamente

¹³⁴ Nesse contexto, é interessante observar que, embora tenha concluído o ensino médio, Dany não o fez no sistema regular de educação com aulas presenciais, e sim em um curso à distância, não precisando se submeter aos olhares preconceituosos de outros alunos e professores. Carol, como afirmou, manteve sua identidade de gênero masculina durante a realização do ensino médio.

¹³⁵ Tais dados podem ser observados nas etnografias de Benedetti (2005); Silva, H. (2008); Kulick (2008) e Pelúcio (2007).

¹³⁶ A pesquisadora tomou conhecimento do perfil de Carol no orkut por meio da mesma, que se habilitou para participar desta pesquisa durante um grupo de trabalho sobre travestilidade e transgeneridades promovido pelo “Seminário Nacional das Margens aos Centros”, realizado pelo Ser-tão – Núcleo de Estudos e Pesquisas de Gênero e sexualidade da UFG, em 2008. Possivelmente, se o perfil de Carol tivesse sido visualizado anteriormente no orkut não se teria percebido que se tratava de uma transex, e por isso mesmo o seu perfil pareceu interessante para esse estudo.

consciente em relação aos entrelaçamentos sociais que a construção de uma identidade de gênero feminina desencadeia nesse contexto.

Em alguns momentos, durante as conversas e entrevistas, Carol se autoidentifica como travesti, em outros como transexual, mas, como ela destaca, o mais importante é realmente a sua identidade de gênero feminina, independentemente da categoria identitária na qual possa ser classificada. E para ela ser feminina é

se encaixar nos padrões que a sociedade nos impõe, andar falar, sentar comer como mulher, agir diferente de homens em tudo... Eu sempre fiz isso de forma natural, mas observo muito as mulheres, como outras mulheres também... Eu construo minha feminilidade com observação... No perfil profissional de Carol ela apenas indica sua formação superior, sem mais informações. Também como Dany, ela optou por não se descrever no perfil, pois os membros de sua rede de relacionamentos são, em maioria, seus amigos e a conhecem pessoalmente, sendo, portanto desnecessária tal descrição. Carol tem 341 amigos em sua rede social, um número bastante significativo para quem interage em comunidades virtuais.

Carol está cadastrada em 129 comunidades, com as mais variadas temáticas, predominando as comunidades relacionadas à moda, como as comunidades sobre o estilista Alexandre Herchcovitch, John Galiano e o designer de sapatos Manolo Blahnik, e comunidades sobre sapatos altos em geral. Há também comunidades sobre arquitetura, maquiagem, música, cachorros da raça pug e entretenimento, expressando gostos, preferências e interesses variados. Das 129 comunidades, há duas específicas com temáticas trans, a comunidade “Colcha de Retalhos”, de um grupo de estudantes da UFG que promove discussões sobre gênero e sexualidade, e “Cultura Crossdresser”. Sobre essa comunidade, Carol diz:

No começo eu me considerava crossdresser, participava de várias comunidades, hoje tenho clara a diferença, já tentei procurar uma comunidade com temática trans para participar, mas nunca achei nenhuma que me representasse.



Figura52. Retratos do perfil de Carol.

Com certa frequência Carol muda o retrato de identificação do seu perfil, mas geralmente são imagens que tem como inspiração o mundo da moda. Carol aparece sempre bem produzida e maquiada, em poses descontraídas e expressão alegre, “fazendo um carão”¹³⁷ em referência às poses comumente vistas em revistas e sites de moda.

¹³⁷ Termo êmico que designa fazer pose, esnobar. Outra variação é usar a expressão “ter carão”, como referência a uma pessoa bonita.

Os álbuns de retratos e autorretratos

A descoberta da fotografia ampliou as possibilidades de representações e também de circulação de imagens, dando um impulso decisivo à personalização das representações e autorrepresentações de indivíduos e grupos sociais. Como assinala Fabris (2004), o retrato, que tinha como proposta fundamental representar a aparência visual dos sujeitos, realçando também aspectos morais e sociais, até meados do século XIX era um sinal de distinção acessível apenas à aristocracia e à alta burguesia, o que o colocava num âmbito social bastante restrito. Somente a partir da década de 1850, particularmente devido à invenção do formato de cartão de visita por André Adolphe Eugène Disdéri, que o retrato consolidou sua função social de representação. O fato é que o retrato fotográfico no formato de cartão de visita era mais acessível economicamente, e a sua popularização estendeu o direito de representação não só à pequena burguesia, mas ao proletariado também (FABRIS, 2004, p.28).

Mais do que o barateamento da produção do retrato fotográfico no formato de cartão de visita, baseado em imagens de proporções menores, o retrato de Disdéri, como sugere Fabris, cria e difunde “estereótipos sociais que se sobrepõem ao próprio indivíduo, destacando o personagem em detrimento da pessoa” (2004, p.29). Trata-se de um modelo de retrato burguês, em que as vestimentas e os cenários se constituem enquanto aparatos ostensivos, instaurando um padrão de representação inspirado nos retratos da aristocracia e na arte pictórica.

O indivíduo a ser fotografado constrói antecipadamente ante a câmera fotográfica uma representação de si, idealizando sua imagem projetada num determinado modelo social. As poses, o figurino e o cenário configuram a teatralização das identidades sociais, valorizando a figura e a posição social do indivíduo fotografado. Nessa perspectiva,

a pose é sempre uma atitude teatral. Colocar-se em pose significa inscrever-se num sistema simbólico para o qual são igualmente importantes o partido compositivo, a gestualidade corporal e a vestimenta usada para a ocasião. O indivíduo deseja oferecer à objetiva a melhor imagem de si, isto é, uma imagem definida de antemão, a partir de um conjunto de normas, das quais faz parte a percepção do próprio eu social (FABRIS, 2004, p. 36).

Sobre isso, Jaguaribe (2007) no diz que a difusão mundial dos procedimentos técnicos e estéticos dos retratos no formato de cartão de visitas, produzidos num recorte de tempo particular, acabou por resultar em um padrão homogêneo de imagens genéricas, tornando difícil distinguir o país de produção ou mesmo o fotógrafo.

Além de permitir a difusão das imagens pela distribuição de cópias dos retratos para amigos e familiares, os cartões de visita induziam à coleção em álbuns de retratos, onde, junto aos retratos dos familiares, colecionavam-se os retratos de amigos e também de importantes personalidades. Desse modo, “o álbum de carte de visite formava uma espécie de comunidade visível da boa sociedade que, ao mesmo tempo em que nivelava a todos, emprestava a cada um a dignidade que emanava de seus vizinhos de página” (JAGUARIBE, 2007, p.46). Sob essa perspectiva, para Disdéri o objetivo fundamental do retrato não era propriamente reproduzir de modo fiel a aparência, mas revelar as características e semelhanças morais dos indivíduos e, como aponta Jaguaribe (Idem, p.47), “somente a partir de sua semelhança moral é que as diferenças individuais poderiam ser legitimamente expressas na fotografia”.

A popularização da produção dos retratos e a difusão de imagens e representações através de álbuns e do cartão de visita no século XIX e início do XX podem ser consideradas como uma espécie de genealogia dos retratos e autorretratos presentes hoje na internet, da mesma forma como as escritas de si dos diários pessoais o são para os blogs. Talvez o ponto chave de reflexão seja pensar nessas tecnologias enquanto meios de difusão de imagens e de inclusão visual que possibilitam as representações de grupos sociais antes excluídos, embora a aparência visual e o aspecto moral transmitido pelas imagens possam reafirmar a exclusão social dos sujeitos¹³⁸.

Embora os retratos presentes nos álbuns de perfis do orkut, compartilhem uma série códigos sociais, sejam produzidas por técnicas semelhantes e se utilizem das mesmas tecnologias para chegar a serem visualizados no site, se diferenciam, de perfil para perfil, pela percepção social que o indivíduo representado desperta. O que remete mais uma vez à teatralização das identidades sociais e das representações de si – como se articulam as relações entre as poses, as vestimentas e os cenários, por exemplo, além de aspectos referentes à identidade pessoal do sujeito fotografado.

Os álbuns do orkut comportam hoje até 1000 imagens¹³⁹, que não se restringem a retratos, ainda que estes predominem; pode-se publicar ilustrações e imagens vetorizadas, por exemplo. Daí já se pode notar a proporção de imagens que são produzidas e que circulam no

¹³⁸ Aqui é importante ressaltar que quando se fala em aspectos morais, considera-se a cultura dominante, desse modo, retratos pornográficos podem ser vistos e interpretados como imagens outsiders. Assim também, a partir da identificação dos cenários e do mobiliário é possível identificar a classe social a qual o indivíduo fotografado pertence.

¹³⁹ No início eram 12, depois passou para 100. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>

ciberespaço. Para publicar imagens no orkut basta fazer o que se chama de upload¹⁴⁰ das imagens. Os álbuns podem ser subdivididos e tematizados, permitindo legendas das imagens e comentários de seus visitantes.

Pode-se visualizar a seguir (figura 53) o álbum de fotos do perfil pessoal de Bárbara Kysivics, subdividido em quatro temas, cada um com diversos retratos, somando 271. No álbum “Novo Visual”, Bárbara faz um retrospecto de sua aparência, mostrando os diversos cortes e tons diferentes de cabelo, além de chamar atenção para os seus figurinos e enfatizar as mudanças no seu corpo, fazendo comentários a respeito. Os retratos, de modo geral, são representações do seu cotidiano, fazendo quase nenhuma referência ao seu trabalho no mercado sexual.

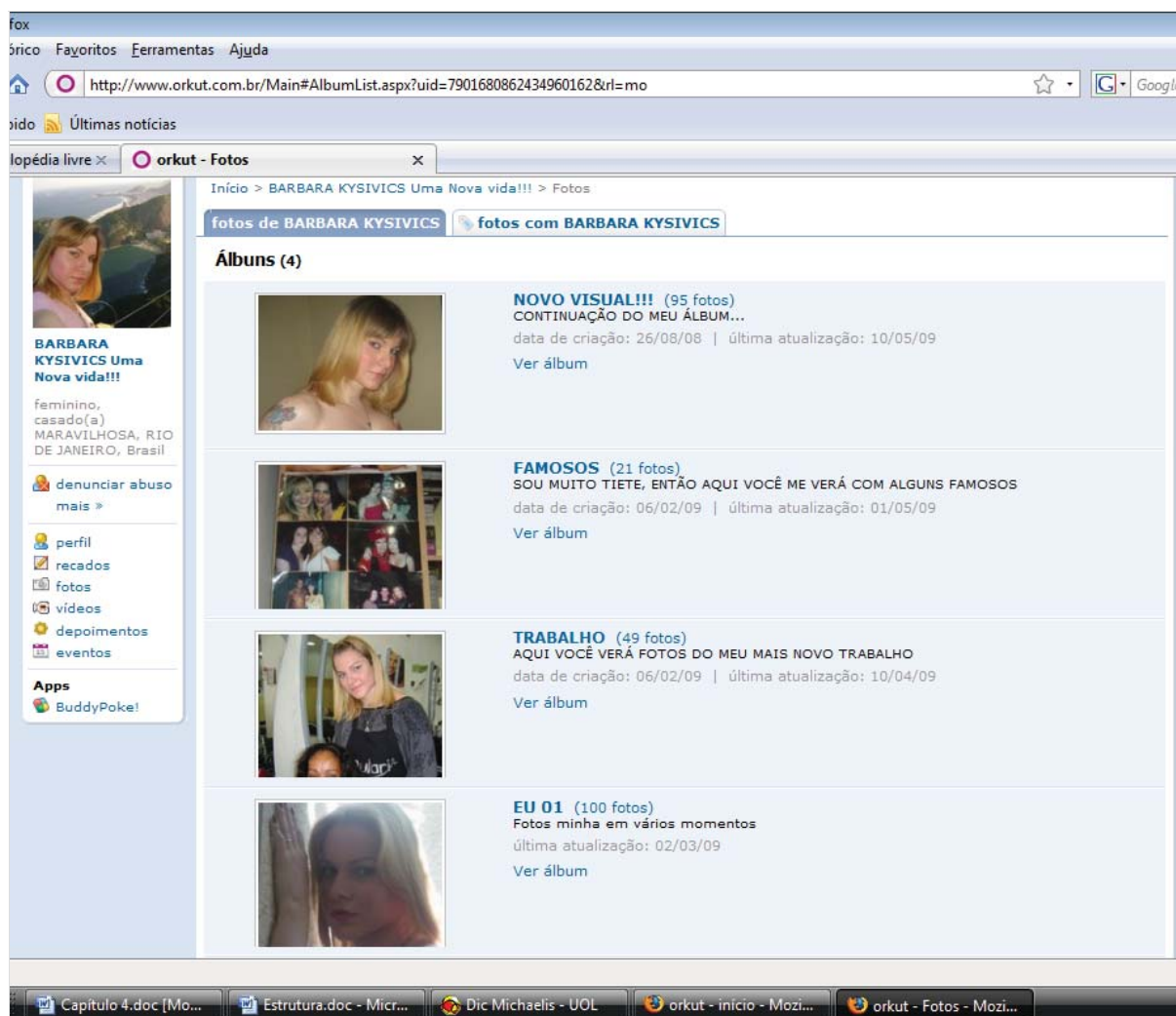


Figura 53. Álbum de Bárbara Kysivics no orkut.

¹⁴⁰ Transferência de dados de um computador local para a rede conectada à internet. É um processo inverso ao download, no qual se transfere dados da rede para o computador local.

No álbum “Famosos” Bárbara aparece ao lado de várias celebridades brasileiras, ela própria aparece ao lado de personalidades, denotando ser uma pessoa que transita em círculos sociais de “prestígio”.

O álbum “Trabalho” explora outra vertente profissional de Bárbara: cabeleireira, o que não significa que Bárbara tenha deixado de ser uma profissional do sexo. No álbum “Eu”, Bárbara publica fotos dela posando em diferentes momentos de sua vida, principalmente em lugares públicos, como restaurantes, parques e praias, mas também publica alguns retratos de seus ensaios fotográficos sensuais¹⁴¹, a propósito, todos realizados pela fotógrafa Simone Moralis.

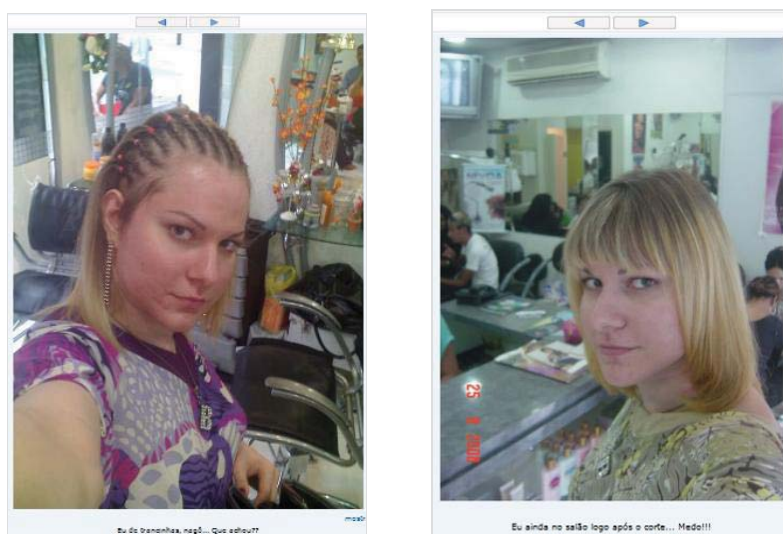


Figura 54. Álbum “Novo Visual”.

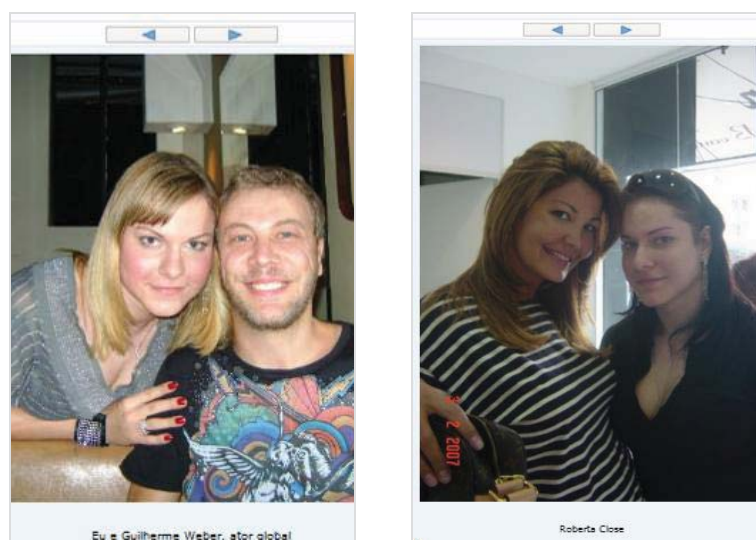


Figura 55. Álbum “Famosos”.

¹⁴¹ Os ensaios sensuais são caracterizados principalmente pelas vestimentas e pelas poses.

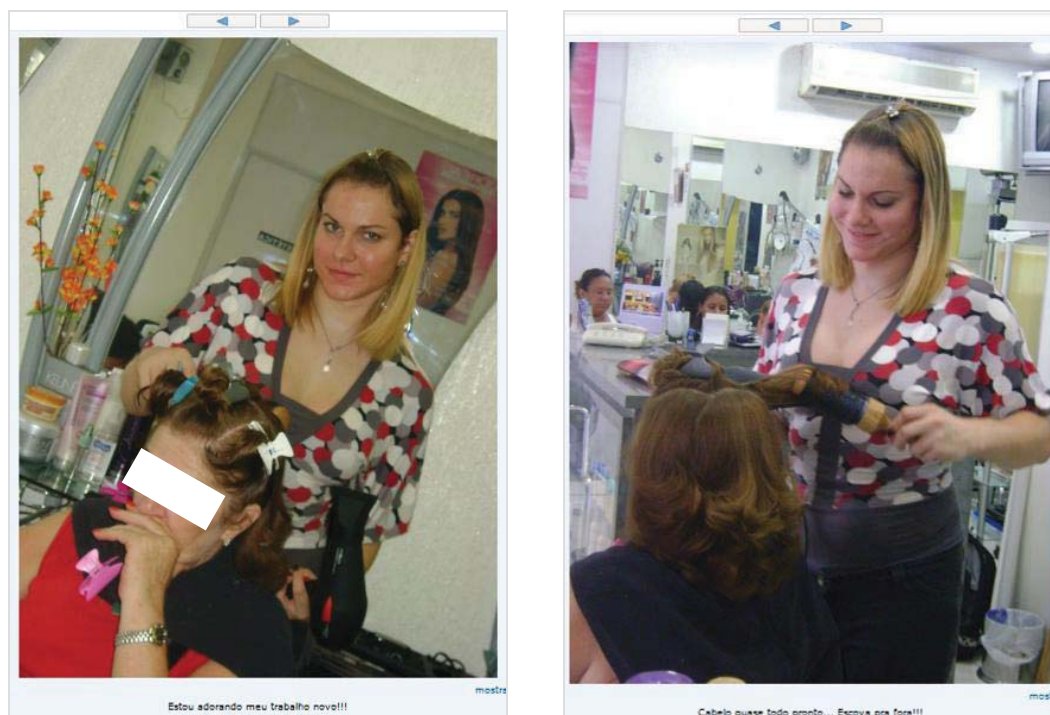


Figura 56. Álbum “Trabalho”.



Figura 57. Álbum “Eu”.

No perfil público de Bárbara, citado anteriormente, os retratos têm uma outra conotação. Nesse espaço ela explora seu sex appeal¹⁴², sem, contudo, exhibir mais do que poses sensuais, em respeito às diretrizes do site. O álbum do orkut serve de “cartão de visita” de seu trabalho como profissional do sexo.

¹⁴² O sex appeal pode ser entendido como um apelo sexual despertado pela aparência, performances, gestualidade, linguagem corporal, expressão da sensualidade e investimento sensual para conquista.

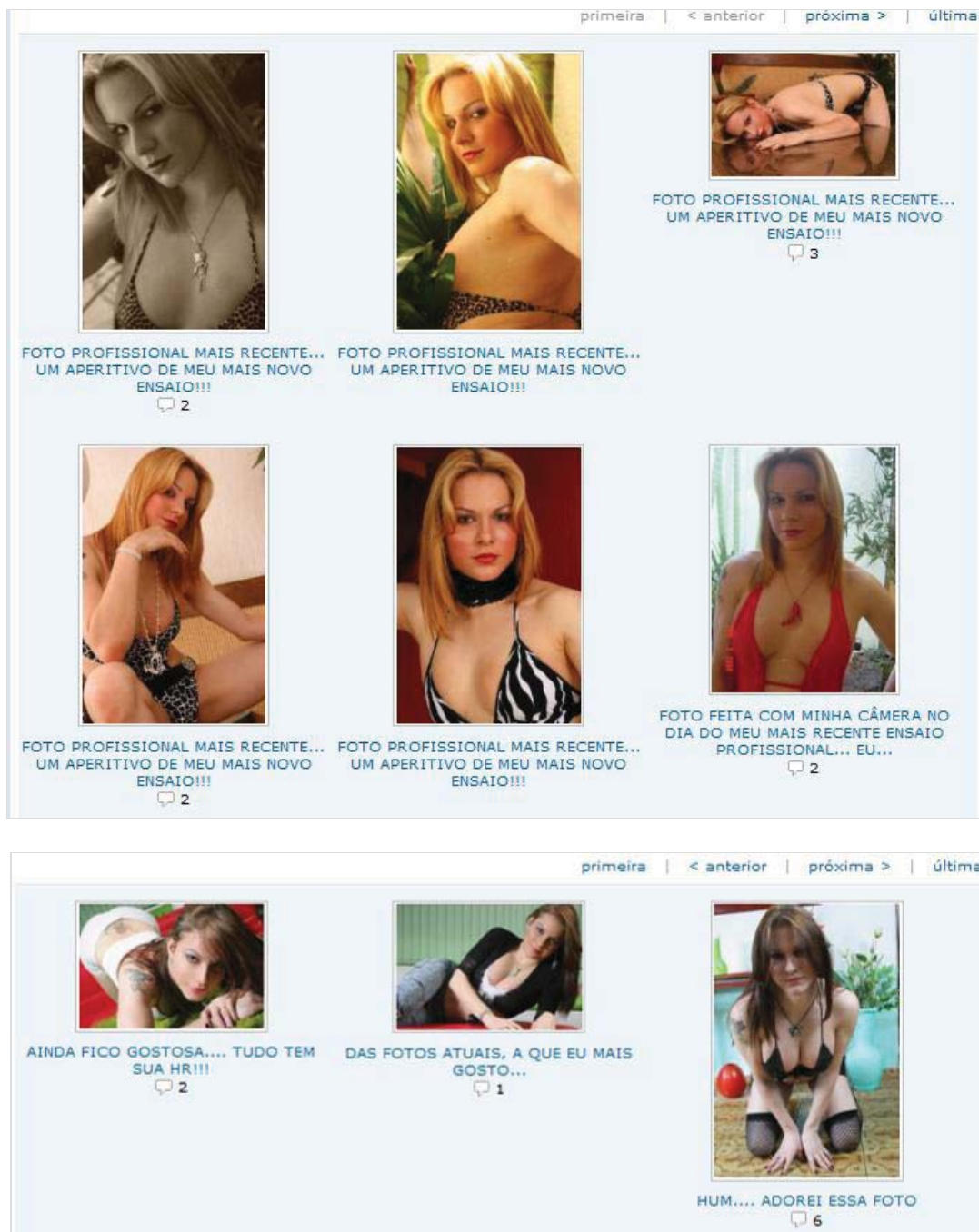


Figura 58. Álbum do perfil público de Bárbara Kysivics, ensaios sensuais.



Figura 59. Comentários do álbum de Bárbara.

A intencionalidade das representações que Bárbara constrói de si em seus perfis no orkut estão cristalizadas nas imagens que ela publica em seus álbuns no site, as imagens se entrelaçam aos demais conteúdos, principalmente aos textos, formando um conjunto coerente que diz sobre quem é Bárbara Kysivics e os seus trânsitos na sociedade. Assim, os retratos presentes em seu perfil pessoal se diferenciam dos retratos de seu perfil público, mas não se contrapõe, e sim constroem uma imagem e uma impressão sobre Bárbara revelando uma identidade de múltiplas facetas.

Os perfis de Bárbara são emblemáticos para essa discussão porque de alguma forma imbricam uma série de questões relativas às travestilidades e às possibilidades de autorrepresentações. Bárbara é uma profissional do sexo e isso ela faz questão de evidenciar em seu blog, em seu perfil público no orkut e até em seu perfil pessoal, mesmo porque o ciberespaço é o principal ambiente de divulgação do seu trabalho. Bárbara não esconde que é uma travesti que “se prostitui” e demonstra, inclusive, sentir orgulho e prazer em sua profissão. Ela não se vitimiza, tampouco parece interiorizar qualquer valor negativo comumente relacionado às travestis socialmente, principalmente às que trabalham no mercado sexual. Entretanto, assumir que gosta de sua profissão não a impede de buscar outras oportunidades profissionais, tanto que Bárbara concluiu o ensino médio e, como relata em seu blog, faz vários cursos profissionalizantes, atua em shows performáticos como drag queen na noite carioca e faz participações em programas de televisão¹⁴³. Ela também não se marginaliza, embora reconheça todo o preconceito e discriminação que uma transex é capaz de sofrer, discorrendo sobre isso de maneira muito racional e consciente em seu blog, como por exemplo, quando fala das dificuldades de se relacionar afetivamente com os t-lovers:

Assim como vejo alguns *T-LOVERS* querendo algo sério com uma tg, vejo uma grande maioria com dificuldade em namorar uma tg. Sei que é complicado, passam muitas coisas na cabeça, medos, conflitos, mas não é como vocês imaginam. A sociedade é tão hipócrita, que se a tg é bonita, feminina, educada, discreta, tipo, passa batido ninguém xinga, mexe, ou fica apontando, pelo contrário, tratam muito bem, e até cantam, agora, quando a tg não é tão feminina, e tem seu corpo fora do padrão brasileiro, aí sim complica mais, mas mesmo assim, não é tão difícil.... Quanto a família e trabalho, não fazemos questão disso, pois, uma parte claro, entendemos que não é tão simples. Mas o que nós queremos mesmo é almoçar juntos, ir ao cinema, ter alguém para ligar e saber como foi o dia, ir á parques, praias, dormir junto, essas coisas, as coisas simples da vida, só isso.... É PEDIR MUITO??? E porque é tão difícil, se a sociedade, num geral, já tem uma

¹⁴³ Nesse ano, Bárbara Kysivics se inscreveu para participar do reality show “Big Brother Brasil 9”, exibido pela Rede Globo de Televisão, e chegou a ser uma das finalistas para participar.

aceitação maior?? E não me venha falar que não é assim, porque é... eu vivo isso (Trecho de post do dia 30/01/2006).

Com aparência bem feminina, Bárbara não se intimida com os olhares do dia, não restringe sua vida e seus espaços às paisagens noturnas; ao contrário, pelo que se vê em seus álbuns tem uma vida social e cultural bastante agitada – como poderá ser visto em seus retratos que serão analisados no próximo tópico.



Figura 60. Comunidade de Bárbara, depoimentos sobre os programas sexuais.

Nesse sentido, Bárbara personaliza deslocamentos identitários diversos que a colocam em trânsito constante¹⁴⁴. Ela se considera “uma mulher que nasceu no corpo errado” e ao cogitar realizar a cirurgia de redesignação sexual atravessa a “fronteira” das transgeneridades se posicionando, em tese, como transexual, já que o desejo de passar por essa cirurgia seria um dos aspectos que demarcariam a transexualidade. Todavia, como já discutido¹⁴⁵, sabe-se que a cirurgia não é um fator decisório para a construção e autopercepção da identidade transexual. Além do mais, Bárbara expressa em seus textos sentir prazer em assumir o papel de ativa nas relações sexuais, não sentindo repulsa pelo seu pênis, o que seria comum à maioria das transexuais. Por outro lado, em seus relacionamentos afetivos, assume prioritariamente o papel de passiva na relação sexual, comportamento também comum à maioria das travestis (KULICK, 2008; PELÚCIO, 2007; BENEDETTI, 2005; HÉLIO, S.; 2007). Por esses indicativos identitários, são distintas as possibilidades de autorrepresentação de Bárbara Kysivics, e por isso seu perfil parece tão instigante.

¹⁴⁴ Para uma discussão sobre os deslocamentos identitários no âmbito da transexualidade, ver Bento (2006).

¹⁴⁵ Ver capítulo 1.

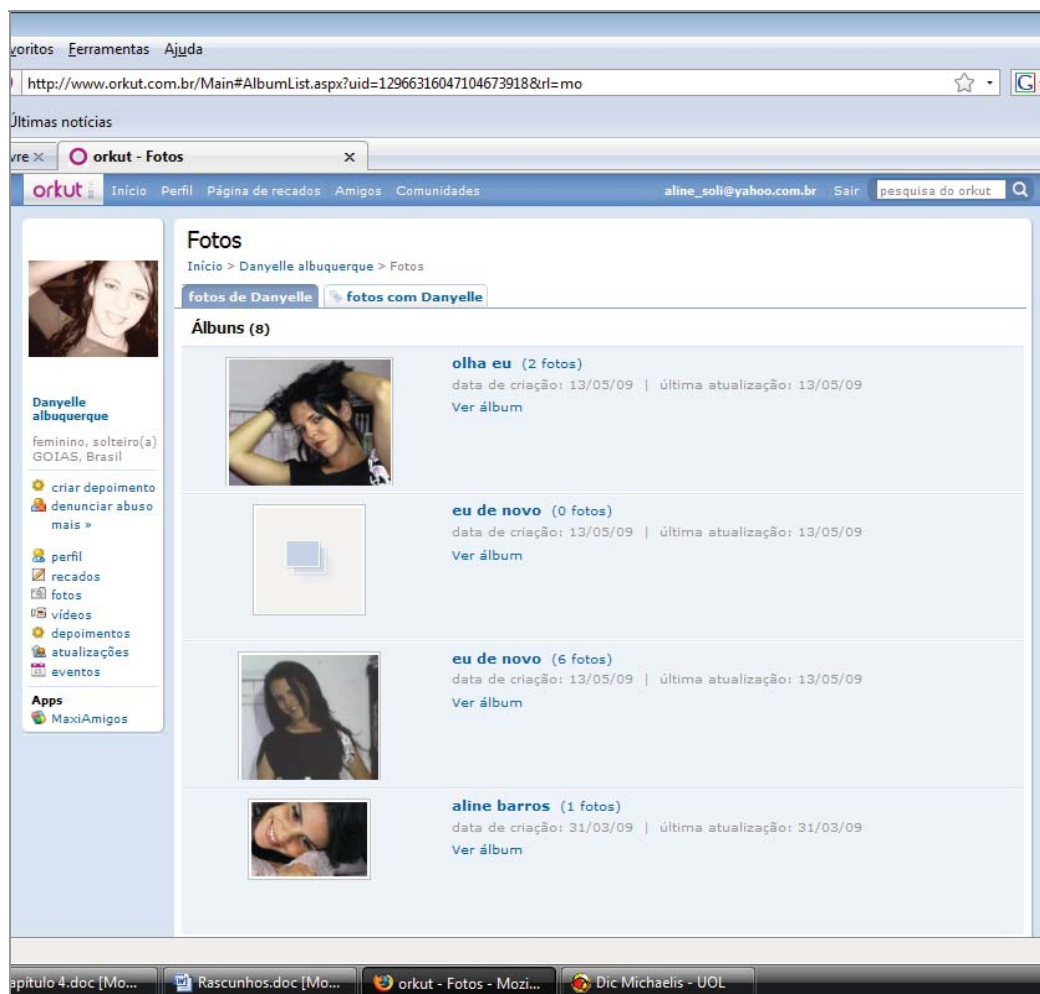


Figura 61. Álbum de Dany.

Dany subdivide seu álbum em oito, somando 50 retratos, sendo que estes têm como principal tema a própria travesti, com exceção de três que trazem retratos de artistas de quem Dany é fã, como as cantoras pop norte-americanas Britney Spears e Beyoncé e a brasileira Sandy. Dany também tem em seu álbum, junto às celebridades femininas, dois retratos de uma personalidade masculina, o cantor sertanejo Eduardo Melo da banda goiana Nechivile, que Dany descreve como “um gato”, para ela um símbolo de beleza masculina.

É interessante observar que em quase todos os retratos Dany aparece sozinha, em ambientes internos, privados, principalmente em salas de estar. Pode-se deduzir que nesses momentos possivelmente ela está acompanhada apenas pela pessoa que a fotografou, posando e produzindo uma representação de si especialmente para o retrato, que nesse contexto é também uma modalidade de autorretrato. Segundo ela,

são amigos mesmo que tiram [as fotos]... São muitas de ocasiões especiais, outras eu já me produzo pra tirar uma foto, se tô indo pra uma festa eu já peço pra tirar pra depois jogar lá na internet, aquela coisa né...

A principal preocupação de Dany em relação aos retratos que publica em seu álbum no orkut é de se distanciar da ideia de prostituição, tão associada às travestis. Nesse sentido, ela diz que quer ser vista como uma “pessoa de família que não precisa de prostituição para viver”. Para ela, as travestis que postam retratos exibindo muito o corpo ou que tenham uma conotação sexual acentuada estão se autodenegrindo, “parece que não leva nada a sério, sei lá... aquela coisa né, triste, porque denigre até a gente que não tem nada a ver...”.

Para construir sua identidade de gênero feminina, Dany se diz influenciada por algumas personalidades famosas, como as cantoras que estão presentes em seu álbum e foram citadas acima. Assim, os retratos dos vizinhos na página ao lado, colecionados no álbum de Dany no orkut, não apenas sinalizam as suas preferências, como apontam para aspectos de sua subjetividade, sobretudo para as referências estéticas que repercutem em sua aparência. Nesse sentido, para ela, são poucas as travestis que lhe servem de referência, citando apenas Roberta Close, pela sua postura e comportamento, e Bianca Soares, pela beleza e feminilidade. A propósito, para Dany, Bianca é hoje a travesti brasileira mais perfeita, ou seja, a que mais se parece com uma mulher, podendo inclusive ser confundida com uma: “a aparência, o físico, gestos, voz, principalmente... nossa, ela passa muito bem por mulher”.

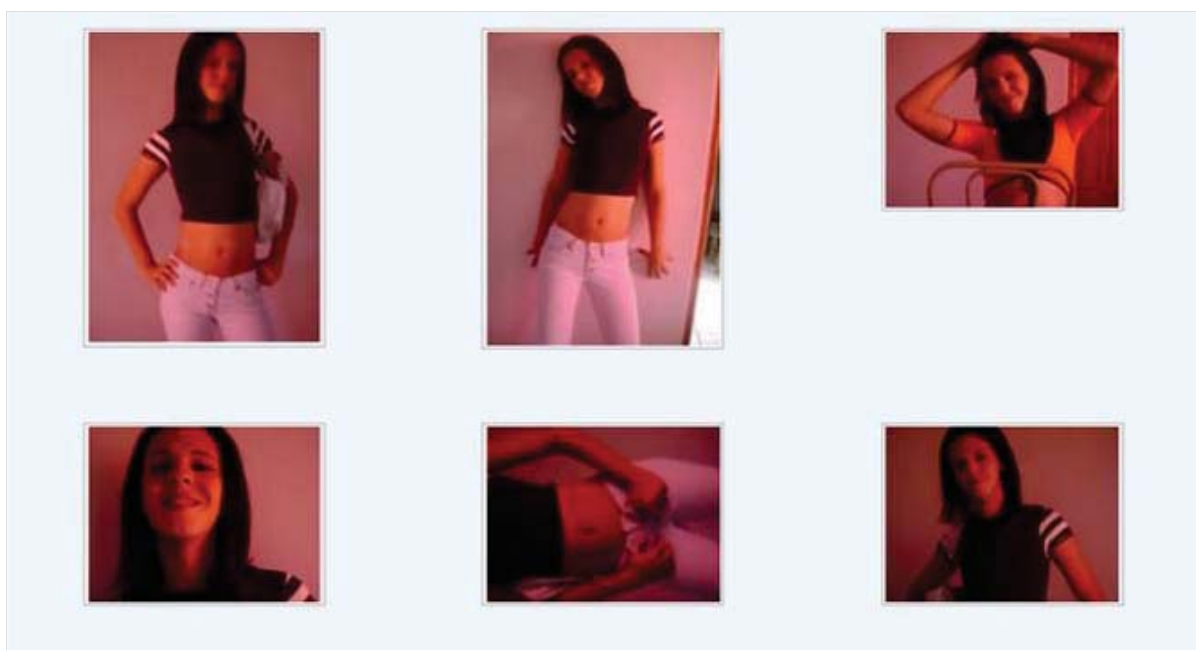


Figura 62. Retratos do álbum de Dany.

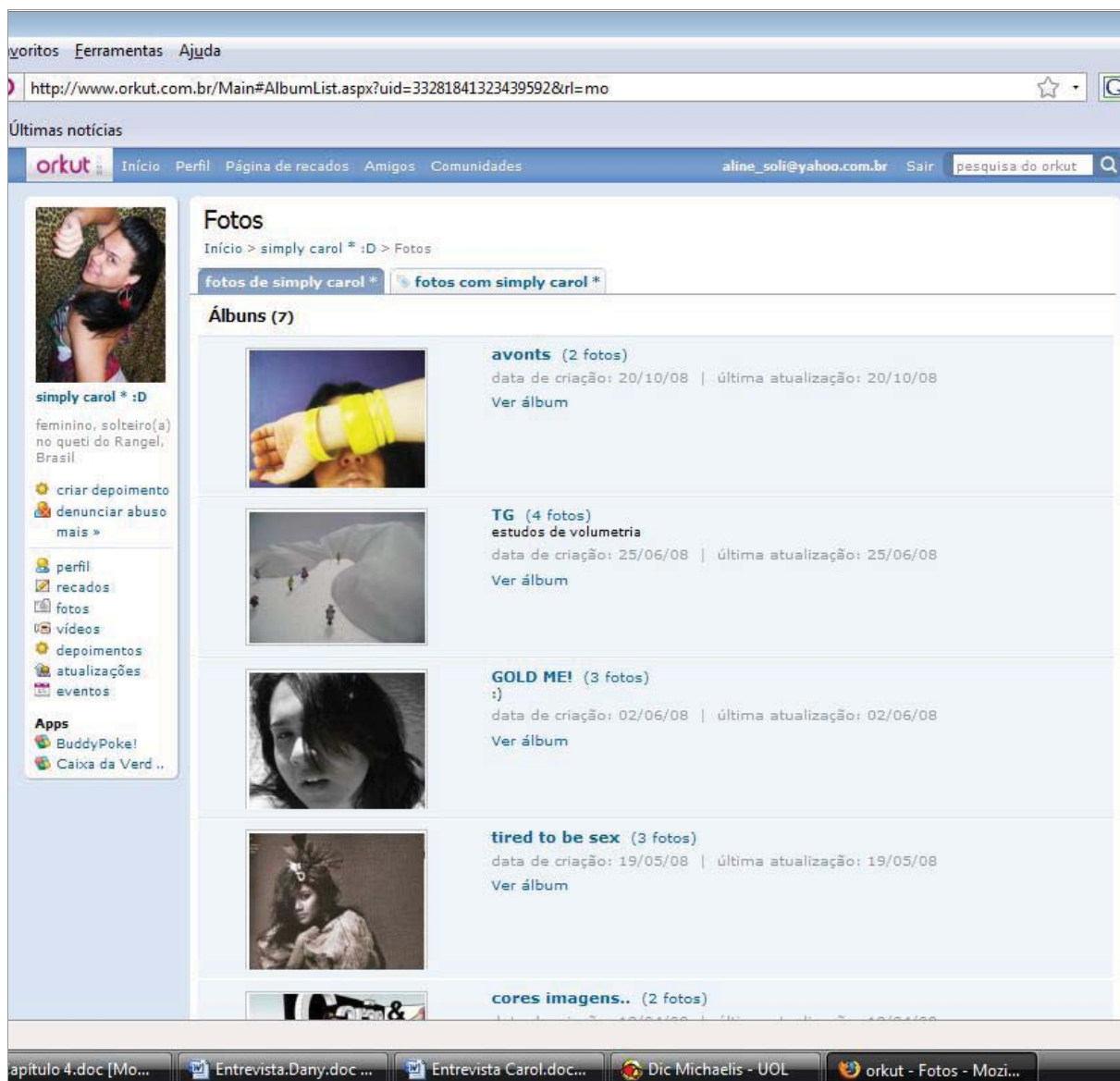


Figura 63. Álbum de Carol.

Em seu álbum Carol diz publicar imagens que estejam o mais próximo possível de quem ela é, buscando estabelecer um *continuum* com a sua vida cotidiana. Carol tem a mesma preocupação de Dany, de se afastar da imagem espetacularizada e erotizada, que é correntemente associada às travestis:

Quero mostrar quem eu sou, a maneira que vivo. Claro que coloco sempre fotos que acho bonitas em momentos legais... o que deve interessar a pessoas que eu conheço no geral. Quero evitar o estereótipo de travesti (marginalizada, segredada, prostituta).

Carol subdivide seu álbum do orkut em sete, não exatamente com temáticas diferentes. Sobre a produção das fotos, Carol diz:

Tenho amigos fotógrafos e amigos amantes de fotografia, eles amam me fotografar porque sou fotogênica, algumas são autorretratos, eu mesma as faço... antes de ter orkut eu tinha um fotolog¹⁴⁶ onde fiquei conhecida por algumas pessoas em sampa¹⁴⁷... amigos que vejo muito pouco mas que gosto muito [...] Claro que adoro fotos bacanas e num vou por no meu perfil coisas muito íntimas para que uma pessoa que eu não conheço possa ver [...] sou fotogênica me acho mais bonita nas fotos que pessoalmente.

Embora reconheça que a imagem não é capaz de dizer tudo sobre quem ela é, Carol diz construir sua autorrepresentação com a intenção de enfatizar que é uma pessoa informada, que gosta muito de moda e de fotografia, que se acha bonita e valoriza seu corpo e a si mesma. O álbum de Carol tem trinta e cinco retratos e, diferentemente do de Dany, há um número razoável de imagens em que ela aparece acompanhada de amigos e em espaços públicos, como festas, praias, bares.

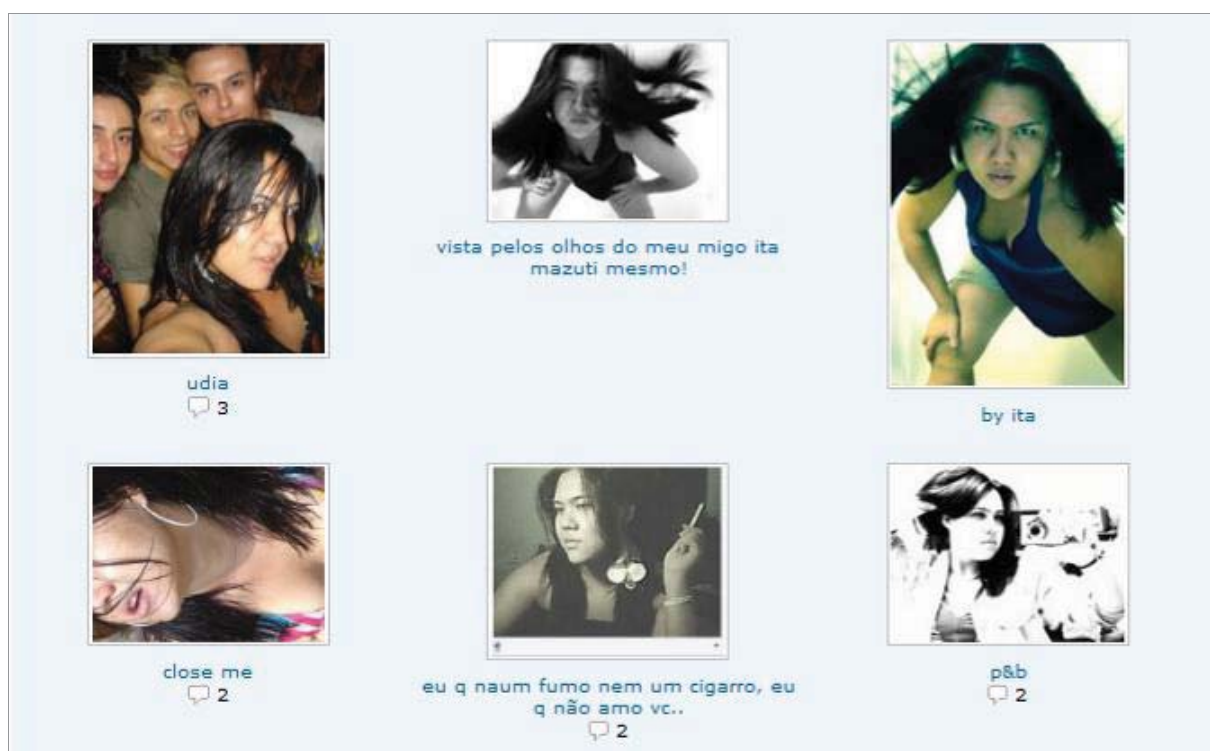


Figura 64. Retratos de Carol.

Carol também tem um álbum com retrato de artistas, trata-se da cantora Lovefoxx, integrante da banda de rock brasileira “Cansei de ser sexy”, que tem traços físicos muito parecidos com os seus, posando para um ensaio fotográfico de moda. Carol coloca-o junto aos seus retratos para brincar com as feições semelhantes.

¹⁴⁶ O fotolog a que Carol se refere será abordado no próximo tópico, quando serão discutidos os retratos dos álbuns.

¹⁴⁷ Referência à cidade de São Paulo.



Figura 65. Lovefoxx, semelhanças físicas com Carol.

Tanto nas falas de Dany quanto de Carol, fica claro a compreensão que elas têm da importância dos retratos e dos elementos visuais e simbólicos que os constituem para a construção de suas autorrepresentações e do modo como serão percebidas pelos outros usuários do orkut. Com isso, conclui-se que o processo de produção e publicação dos retratos no orkut é racionalizado, assim como são formuladas as autorrepresentações a partir de uma determinada intencionalidade e de uma autopercepção.

Retratos e autorretratos: reincidências e representações possíveis

Ao observar os álbuns de retratos das travestis participantes dessa pesquisa, já foi possível sinalizar questões pertinentes e relevantes para a construção de suas autorrepresentações. A contextualização do conjunto dos álbuns é capaz de oferecer uma ideia geral dos posicionamentos de Bárbara, Carol e Dany em relação ao modo como articulam sua autoimagem e as representações de si no orkut, o que nos dois últimos casos pode ser confirmado pelas entrevistas e conversas que se desenrolaram ao longo da pesquisa.

Todavia, um olhar mais atento, dirigido para aspectos específicos que conformam os retratos fotográficos, pode apontar de modo mais preciso para elementos relevantes de suas autorrepresentações. E para sistematizar as observações, o olhar terá como ponto de partida as poses, vestimentas e cenários; se lançando, ainda, de modo mais abrangente, para as reincidências de elementos visuais e aspectos relacionais, através da comparação com retratos de outras travestis publicados no orkut.

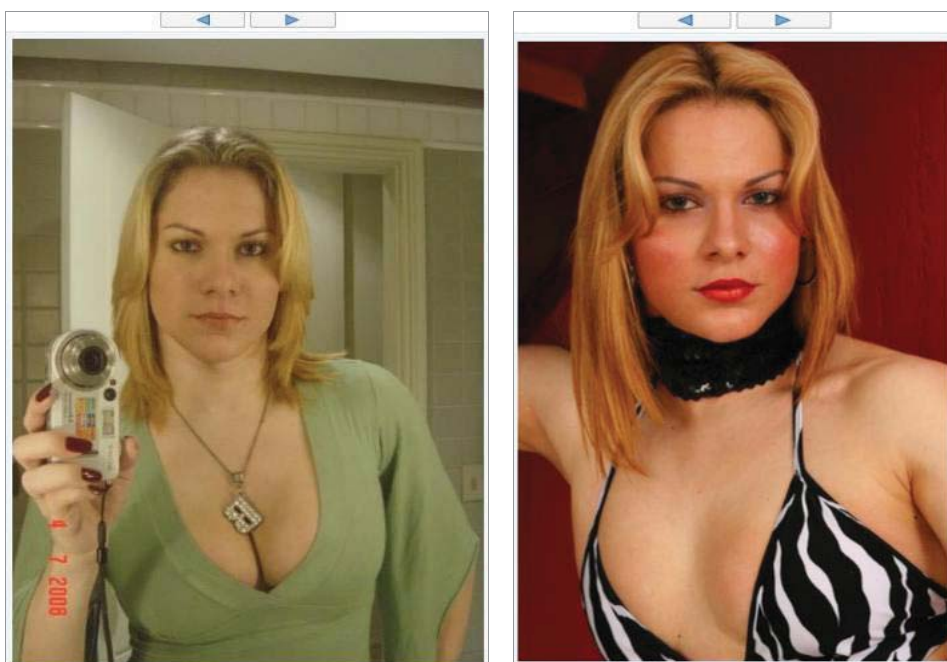


Figura 66. Os retratos de Bárbara Kysivics.

Nos álbuns de Bárbara Kysivics, há uma grande quantidade de retratos e, embora por questões práticas, não seja possível analisar cada um destes, pode-se observar alguns aspectos e elementos reincidentes em seu conjunto.



Figura 67. O meio perfil de Bárbara Kysivics.

Na sequência de autorretratos acima pode-se observar uma das poses mais frequentes de Bárbara: de meio perfil (seu melhor ângulo?) e com um meio sorriso, encara a câmera que muitas das vezes ela mesma manipula. O rosto e o olhar de Bárbara são os focos do retrato, aparecendo sempre em primeiro plano. É possível, a partir destes, conhecer bem os traços do seu rosto e a sua fisionomia, que lança o enigma: quem é Bárbara Kysivics?

Nesse sentido, deve-se ressaltar que a postura corporal e a gestualidade, assim como a vestimenta, são códigos historicamente demarcados e que também se apreendem culturalmente. Como nos diz Fabris (2004, p.57), “a pose permite analisar o retrato fotográfico pelo prisma do artifício, não apenas em termos técnicos, mas também pelo fato de possibilitar a construção de inúmeras máscaras que escamoteiam de vez a existência do sujeito original”.



Figura 68. Retratos do perfil pessoal de Bárbara Kysivics.

Um dos aspectos que mais diferencia os retratos do perfil pessoal e do perfil público de Bárbara são as vestimentas, e é partir da articulação entre pose e vestimenta, utilizados como recursos retóricos, que Bárbara ativa seu sex appeal (figura 69) e explora

distintas possibilidades de autorrepresentação com intencionalidades também distintas¹⁴⁸.

Nessa perspectiva, Fabris escreve:

O ritual inerente ao retrato fotográfico não é diferente do ritual inerente ao vestuário. Vestir-se é ao mesmo tempo estrutura e acontecimento: ao combinar elementos selecionados de acordo com certas regras, num reservatório limitado, o indivíduo declara seu pertencimento a um grupo social e realiza um ato pessoal. Ato de diferenciação, vestir-se é essencialmente um ato de significação, pois afirma e torna visíveis clivagens, hierarquias, solidariedade de acordo com um código estabelecido pela sociedade (2004, p.37).

O estilo das vestimentas do perfil público de Bárbara, com botas e saltos altíssimos, decotes avantajados, transparências, o uso de lingerie, e a saliência da bunda e dos seios destacada pela inclinação de sua postura, além do olhar que seduz junto a um meio sorriso, conformam culturalmente um conjunto de códigos que remetem à sensualidade e criam a imagem da mulher fatal, como nas imagens abaixo.



Figura 69. Retratos do perfil público de Bárbara Kysivics.

Os retratos do orkut são, muitas vezes, contextualizados por legendas. Nestas, os membros descrevem ou comentam o momento em que o retrato foi produzido, o que estavam fazendo, onde estavam, quem estava com eles, ou simplesmente narram suas impressões sobre suas próprias imagens.

Nas legendas dos retratos de Bárbara um assunto recorrente são os cabelos e a feminilidade de seu corpo. Os cuidados com os cabelos fazem parte do investimento contínuo no processo de transformação de gênero das travestis para materializar em seus corpos o feminino, tendo, portanto, um importante valor simbólico e sendo também um fator de diferenciação e hierarquização – uma travesti que usa peruca é ridicularizada pelas demais,

¹⁴⁸ Obviamente, deve-se lembrar das diretrizes do orkut e como isso influencia nas imagens que Bárbara publica no site, muito mais sutis e contidas do que as que aparecem em seu blog.

sua feminilidade não tem autenticidade, por isso atribui-se tanta importância aos cabelos. Deixar os cabelos crescer, assim como iniciar a hormonização sinalizam o início das transformações corporais e a decisão de assumir-se travesti perante a família e a sociedade. Esses investimentos materiais realizados no corpo estão associados à construção de uma subjetividade feminina que abrange o olhar, os gestos, o timbre e textura da voz e as performances.



Figura 70. Bárbara comenta o desgosto com o corte de cabelo.

Para construir uma aparência feminina, afóra deixar os cabelos crescerem e usar hormônios para arredondar as formas do corpo e dar volume aos seios, as travestis depilam os pelos faciais e os excessos de pêlos do corpo, pintam as unhas, usam roupas femininas, algumas aplicam silicone, nem sempre pelos meios adequados da medicina estética, recorrendo ao silicone industrial extremamente ofensivo ao corpo (PELÚCIO, 2007, p.95)¹⁴⁹. E além dos esforços diários para construir e manter uma “aparência de mulher”, as travestis ainda investem num determinado padrão estético de beleza feminina. Nesse sentido, há de se considerar ainda a valorização de um modelo de beleza tipicamente brasileiro, onde a bunda, volumosa, ganha destaque. O corpo, para ser feminino e admirado, precisa ser magro modelado, bem torneado, com curvas definidas, bunda e seios acentuados, e de preferência bronzeado (GOLDENBERG, 2005). Esse modelo de beleza serve também de parâmetro para a reconstrução corporal das travestis. A atenção a esses aspectos relativos à beleza corporal

¹⁴⁹ Pelúcio (2007), em sua tese de doutorado, acompanhou a aplicação de silicone industrial em uma travesti e descreveu os procedimentos. Tal discussão também pode ser acompanhada em Kulick (2008) e Silva, H.(2007).

pode ser percebido em diversos retratos do orkut, em que por vezes o corpo quase desnudo é evidenciado, conferindo destaque principalmente à bunda.

Nota-se, portanto, que a exibição do corpo, com ênfase em partes específicas prestigiadas e admiradas socialmente, é valorizada por muitas travestis e tida como um elemento importante para a construção de suas autorrepresentações nos álbuns de retratos do orkut. Mais do que ao rosto e seus traços físicos, que geralmente facilitam o reconhecimento e a identificação, é ao corpo que se dá maior destaque, é ele que deve chamar a atenção.

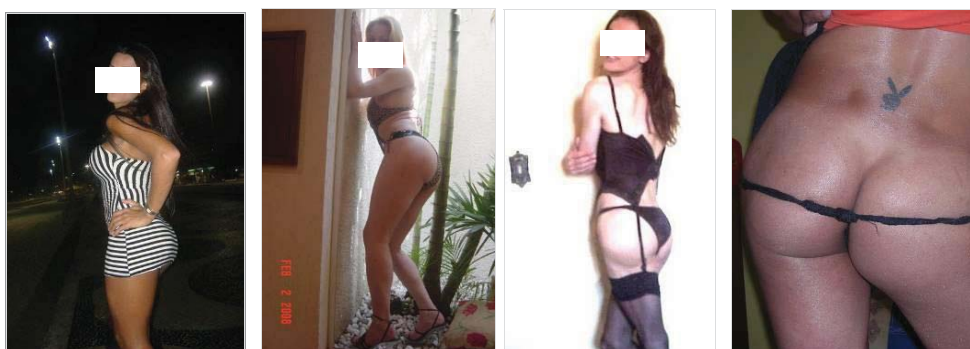


Figura 71. Retratos de travestis no orkut. Destaque para a bunda.

Publicar retratos no orkut e visitar os álbuns de outros membros faz parte de uma dinâmica, muito comum nas redes sociais, que transforma o privado em público com a exposição da intimidade em suas minúcias e banalidades, o que parece ser uma tendência geral contemporânea: “a avidez de bisbilhotar e consumir vidas alheias” (SIBILIA, 2003, p.147), instaurando um duplo movimento – de um lado o narcisismo frente ao jogo de espelhos que a tela do computador se transforma, estimulando o olhar sobre si mesmo, e o voyeurismo com a invasão da vida íntima e privada, agora tornada pública.

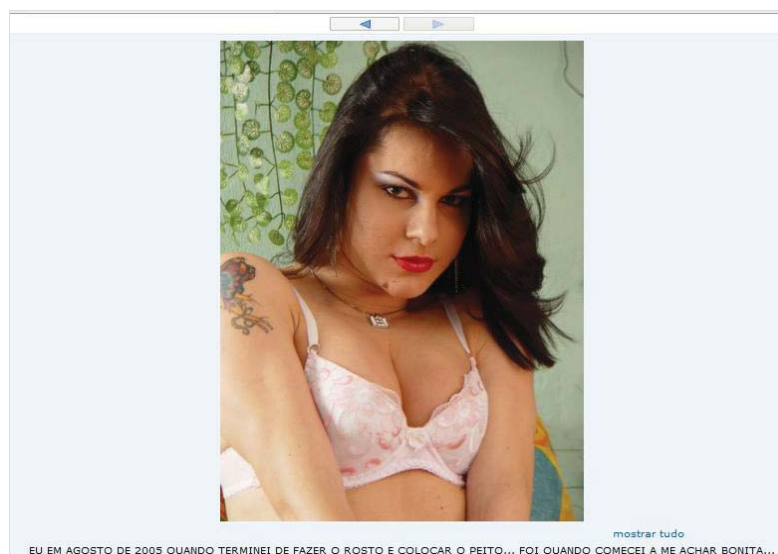


Figura 72. Retrato de Bárbara, socialização dos processos de transformação corporal.

Bárbara socializa algumas das transformações corporais que realiza em seu corpo nos seus álbuns do orkut, fazendo uma espécie de retrospectiva de sua aparência, comentando cada fase de sua transformação e compartilhando assuntos íntimos e suas expectativas com os visitantes, que vez ou outra deixam comentários.



Figura 73. Bárbara Kysivics. A construção da aparência feminina e o desejo de ficar “gostosa”.

O anseio de Bárbara por ficar “gostosa” – comentário realizado em legenda de retrato (figura 73) – alinha-se ao objetivo de ser desejada e “se passar por mulher”, indícios de sucesso no processo de feminização corporal e de todo o investimento para dar visibilidade a atributos associados à feminilidade. Assim, as representações de gênero que permeiam as diversas esferas sociais são reiteradas pelas travestis em suas autorrepresentações, ou seja, elas internalizam a ideia de feminilidade e do que é ser mulher presente nas representações femininas que circulam em diferentes instituições sociais, sobretudo nas mídias.

Assim, as travestis têm como grande preocupação a construção de sua autoimagem a partir da reconstrução corporal, pois além de construir uma aparência feminina, esta deve ser bem sucedida, sem exageros ou traços que denunciem qualquer resquício de masculinidade. Pelúcio (2007, p.110) pontua algumas mudanças nas concepções corporais das travestis que acabam conferindo status à sua imagem e nesse contexto ela contrapõe o estilo “traveção”, citado pelas travestis que participaram de sua pesquisa etnográfica, aos estilos “ninfetinha” e “patricinha”. O “traveção”, como a autora explica, remete a uma estética corporal ultrapassada, típica da década de 1980, em que o exagero era a marca: ancas fartas, muito volume nos seios, boca carnuda, coxas roliças. Nesse sentido, como todo conjunto de

padrões estéticos das travestis, este também está ligado a códigos morais que orientam a conformação da Pessoa travesti. Por exemplo, pode-se ser gayzinho, mas só é tolerado que se tenha um visual andrógino e indefinido no início da transformação. Depois disso, a pessoa passa a ser vista como desleixada, ou mesmo covarde por não ter coragem de ir fundo na transformação (PELÚCIO, 2007, p.110).

Bárbara pode ser considerada uma travesti estilo “patricinha” mais sofisticada, com aparência mais natural, curvas enxutas, sem exageros e seios menores. As “patricinhas”, assim como as ninfetas, adotam as modas e os padrões estéticos difundidos pelas mídias, assim como as adolescentes e jovens heterossexuais, como acentua Pelúcio (2007).

Bárbara forja para si um ar mais sofisticado pelas suas vestimentas, sobretudo por não usar no cotidiano roupas muito curtas, excessivamente decotadas ou espalhafatosas – o inverso dos “traveções”. Invariavelmente bem cuidada, maquiada e bem vestida, Bárbara demonstra seguir as tendências e padrões estéticos legitimados, o que assegura a valorização de sua imagem. Os cabelos lisos, a pele clara e os traços refinados a colocam em conformidade com a estética corporal mais prestigiada no Ocidente, que remete à branquitude, mas de preferência bronzeada de sol. Dessa forma, é comum ver também em outros retratos de travestis no orkut essa adesão aos modismos da mídia e de uma estética branca – cabelos lisos, muitas vezes clareados e tez clara ou levemente bronzeada –, configurando o que Mauss (2003) chama de “imitação prestigiosa” numa busca pela legitimação de sua imagem, ainda que originalmente a cor da pele ou os cabelos não as favoreçam completamente.

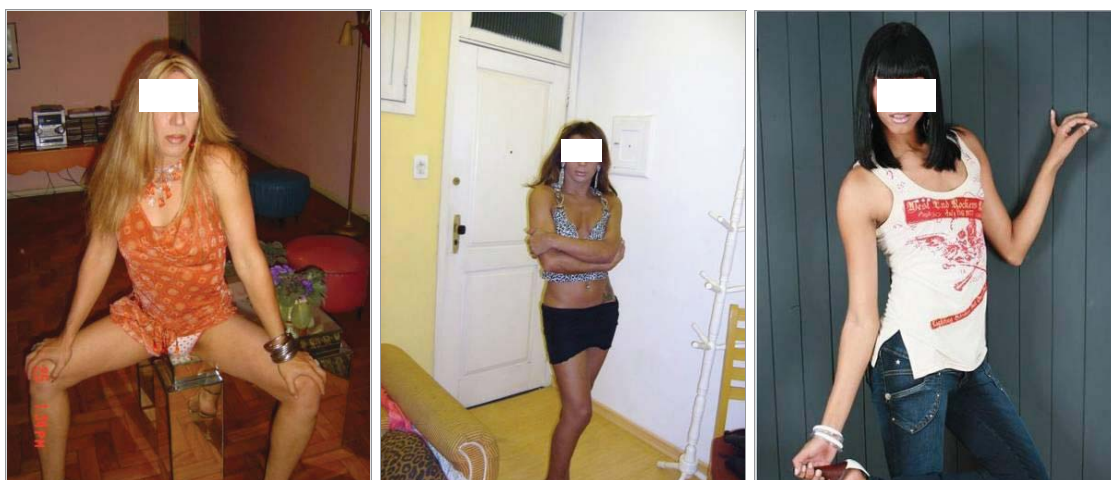


Figura 74. A busca pelos padrões estéticos de beleza feminina.

A imagem sofisticada que Bárbara fabrica é reiterada em seus retratos pelos cenários e paisagens onde é fotografada. Bárbara tem uma sequência considerável de fotos de viagens e faz questão de destacar isso em seus álbuns, o que agrega valor também à sua pessoa, por materializar sua existência em lugares não estigmatizados e marginalizados, espaços que seriam comuns à maioria das travestis que atuam no mercado sexual, além de enfatizar suas preferências e refinamento de gostos.

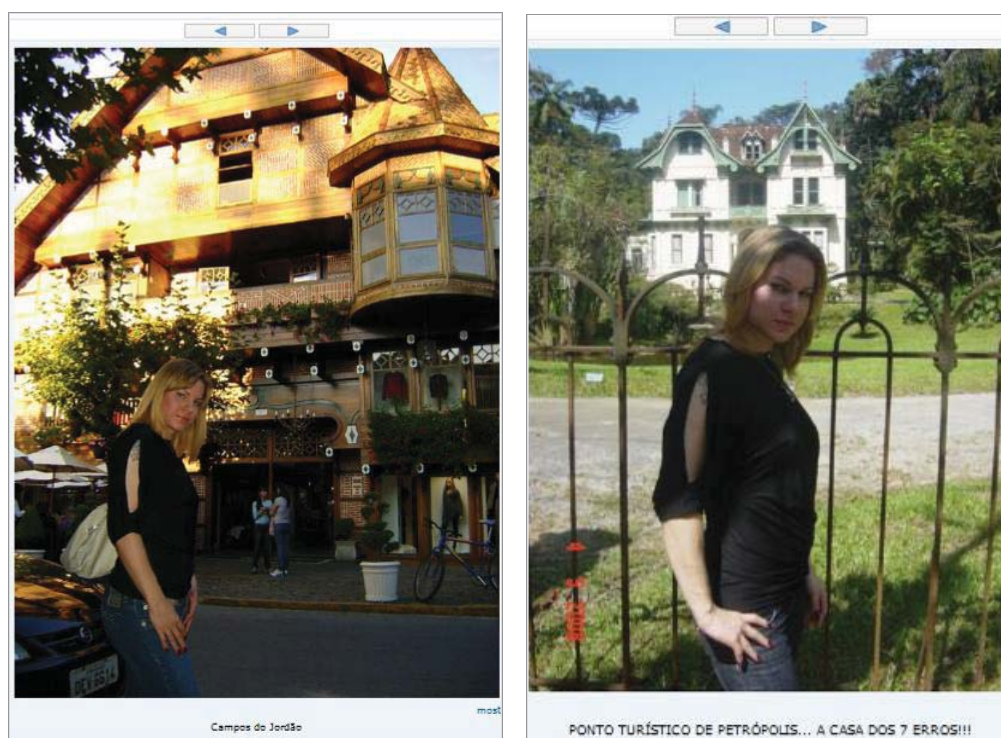


Figura 75. Retratos de viagem: em Campos do Jordão e em Petrópolis.

Assim, a preocupação de Bárbara com os cenários também é um recurso retórico para a construção de uma imagem de prestígio em sua autorrepresentação no orkut. Bárbara parece querer valorizar sua imagem associando-a a atributos sociais admiráveis dos ambientes em que transita. Ambientes estes que pela aparência da arquitetura e da mobília remetem a uma classe social mais abastada, conferindo-lhe status.

Assim, a preocupação de Bárbara com os cenários também é um recurso retórico para a construção de uma imagem de prestígio em sua autorrepresentação no orkut. Bárbara parece querer valorizar sua imagem associando-a a atributos sociais admiráveis dos ambientes em que transita. Ambientes estes que pela aparência da arquitetura e da mobília remetem a uma classe social mais abastada, conferindo-lhe status.



Figura 76. Retratos de ostentação: refinamento à mesa.

Nessa perspectiva, poder-se-ia classificar tais imagens como “retratos de ostentação”, “caracterizados pelo grande formato que permitia retratar o indivíduo de corpo inteiro sobre um fundo suntuoso, adornado com objetos significativos” conforme Fabris (2004, p.31).



Figura 77. Retratos de ostentação: fundos suntuosos.

Ainda sobre os cenários, percebeu-se em vários perfis de travestis no orkut reincidências na ambientação de diversos retratos, assim como a encenação de certas poses. Os retratos em quartos de dormir e sobre as camas, ou deitadas em sofás em trajes por vezes sumários são comumente vistos, por exemplo. O que ressalta o frequente evocar do sex appeal. Além do mais, o quarto e a cama podem ser associados a atividades sexuais, tendo em vista que o sexo, culturalmente encerrado na esfera do privado, tem esses espaços como principais cenários. A recorrente presença de bichinhos de pelúcia (figura 79) sobre as camas nos retratos remete ao universo feminino infantil, e as poses sensuais cercadas ou abraçadas aos bichinhos podem ser compreendidas como uma alusão, ainda que inconsciente, ao apelo sensual da “Lolita”, ou das ninfetas, meninas crianças ou adolescentes com uma “sexualidade precoce”, sendo consideradas sedutoras. O caráter privado, do quarto ou da sala de casa, recorrente em vários retratos e a aparência geral do ambiente, onde geralmente aparecem sozinhas posando para o retrato, remontam a uma classe social popular, o que se contrasta

om os retratos da vida cotidiana de Bárbara, em que aparece com frequência em ambientes públicos, acompanhada por amigos e sempre buscando enfatizar certo status financeiro, sobretudo pelo aspecto dos lugares que frequenta.

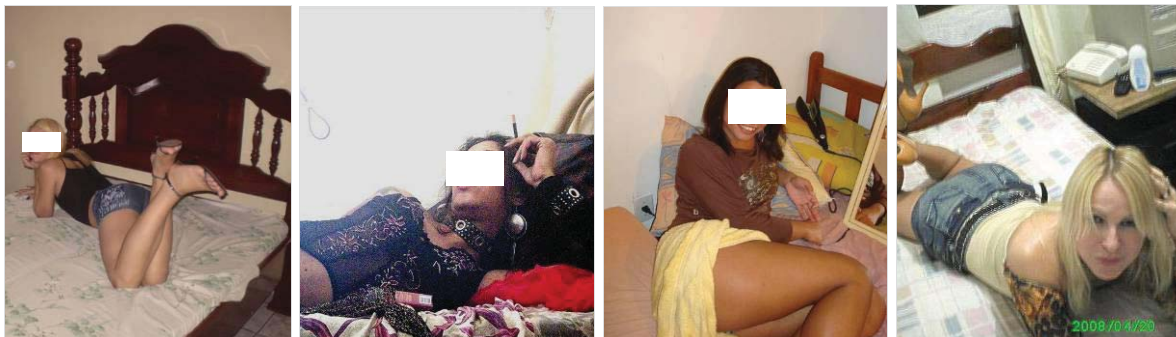


Figura 78. Retratos em quartos de dormir.



Figura 79. Trajes sumários, invocando o *sex appeal*.



Figura 80. Bárbara: vida social agitada.

A manipulação dos retratos fotográficos nos álbuns de Bárbara também sinaliza para uma idealização da autoimagem na construção de sua autorrepresentação, sobretudo em seus ensaios fotográficos sensuais dirigidos aos clientes: sua imagem precisa ser especificamente persuasiva. A imagem fotográfica passa por um processo de tratamento para abrandar aspectos menos agradáveis e retocar “defeitos” da pele e das formas do corpo, objetivando seu embelezamento e a conformidade com uma estética corporal plastificada tão difundida pelo ideal midiático e produzida pelos softwares de manipulação de imagens correntemente utilizados em revistas como a “Playboy”.



Figura 81. Retratos fotográficos profissionais.

Os retratos de Bárbara que passaram por tratamento de imagem são, geralmente, os realizados em ensaios fotográficos profissionais, e divergem dos retratos amadores tirados por ela ou por outras pessoas, sobretudo pela qualidade técnica da imagem e pela produção, assim nos retratos de ensaios profissionais, ela está bem maquiada, com os cabelos impecáveis, com um figurino especial e posa mais para a câmera.



Figura 82. Retratos fotográficos amadores.

A partir de uma série de recursos, materiais e subjetivos, Bárbara constrói sua autorrepresentação articulando elementos capazes de expressar uma determinada ideia sobre quem ela é e de como é sua vida. E nisso há uma intencionalidade que não se materializa apenas pelo que está impresso na imagem, mas também pela própria representação que Bárbara cria de si em diferentes esferas de sua vida cotidiana. E, como sugere Fabris (2004, p.66), “enquanto representação, o sujeito é um simulacro, um artifício em cujo corpo se inscreve a ordem cultural como montagem, ou melhor, como epiderme segunda, feita de imagens das mais diferentes proveniências”.



Figura 83. Os retratos de Dany.

Nos álbuns de Dany, os retratos e autorretratos também se constituem a partir de uma intencionalidade, presente tanto em sua autorrepresentação no orkut quanto em sua vida cotidiana, que busca criar, nas palavras de Dany:

Uma imagem de uma pessoa normal, natural... Jamais associação com prostituição, ou aquela coisa assim, corpo né. Tanto que minhas fotos não passam daquilo, saia, bermuda curta, mas aquelas coisas mais depravadas eu não gosto. Porque interfere, porque tipo assim, a pessoa já olha, já pensa assim, a pessoa já tá pronta pro sexo, já tá com disposição só pro sexo, mas as coisas não são assim. Eu já não gosto, gosto de colocar fotos naturais pra... até aquela pessoa que você tá às vezes convivendo... poxa ela é diferente, né... Não tem nada a ver com prostituição. E depois quando a gente for conversar e ter um contato mais a fundo a pessoa vai perceber, né. Eu já conheci pessoas lá, que já falaram pra mim que eu sou muito diferente, que eu não falo em prostituição...

Como ressaltado anteriormente, em seu álbum Dany aparece sozinha na maioria dos retratos, que têm no seu corpo o principal foco. Ela dá ênfase às suas formas físicas, não necessariamente como apelo sexual, mas como modo de compartilhar a construção e a conquista de sua feminilidade, expressa em suas curvas corporais, vestimentas e poses, que são entendidas como elementos de peso para a configuração de sua autorrepresentação pela importância que têm na construção da sua própria identidade.

Assim como boa parte das travestis no orkut, Dany, em alguns retratos, confere um destaque especial à bunda, embora, como ela diz, não seja de modo “depravado”. Nesse contexto, o depravado para Dany se associa à exibição sexualizada do corpo, onde há uma explicitação da disponibilidade sexual, recurso comum no perfil de travestis que trabalham no mercado sexual.



Figura 84. Retratos de Dany: destaque para a bunda.

Ser bela e desejável é para as travestis, como sugere Pelúcio (2005, p.97), chegar à perfeição, o que significa precisamente “passar por mulher”. Exibir seu corpo no álbum de retrato do orkut é colocar à prova todo o investimento em sua transformação corporal para a construção de uma identidade de gênero feminina, ainda que Dany se autoidentifique como travesti de modo bastante direto em seu perfil. Nessa medida, o “se passar por mulher” não tem uma pretensão de se fingir de mulher, mas chegar num nível de aparência “verossímil”.

Pela sua conformação corporal, poder-se-ia dizer que Dany é uma travesti estilo “patricinha”, pois ela tem uma aparência menos artificial, sem exageros. As transformações corporais de Dany se deram principalmente pelo uso de hormônios – ela nunca fez cirurgia plástica, nem injetou silicone no corpo – e pelas práticas e cuidados corporais reconhecidamente femininos: deixar os cabelos crescerem, pintar as unhas, tirar o excesso de pêlos da sobrancelha, depilar-se, maquiar-se, vestir-se com roupas femininas, usar saltos altos, “acuendar a neca”. Ou seja, pela incorporação de técnicas corporais contínuas para forjar uma aparência legítima de mulher. E isso é ressaltado em seus retratos não somente pela aparência física ou pelas roupas, mas pela gestualidade, pelo olhar e pelas poses que ela encena.



Figura 85. Poses para ressaltar a feminilidade.

A pose “segurando os cabelos” é vista também em outros retratos de travestis no orkut, e parece fazer parte de um repertório feminino de gestualidades, apreendido e reproduzido culturalmente.



Figura 86. Mãos nos cabelos: repertório gestual feminino.

Dany quer se distanciar da imagem estereotipada e marginalizada das travestis que se prostituem, assim sua autorrepresentação se baseia principalmente em atestar sua feminilidade e romper com o estereótipo da travesti prostituta. As roupas, de modo geral, discretas, sem muitos detalhes ou decotes, parecem coerentes com a representação que Dany quer construir para si: “uma moça de família”.



Figura 87. Retratos de Dany: moça de família.

Os retratos de Dany têm uma estética amadora e não passaram por qualquer tratamento de imagem, inclusive têm uma qualidade técnica ruim, que chega a incomodar a visão e embaraçar suas feições e os detalhes de seu rosto e expressões. Os principais recursos de autorrepresentação de Dany são, portanto, suas poses e suas escolhas a respeito de como se

mostrar e do que mostrar de si, e evidenciar o corpo em sua autorrepresentação de alguma forma denota uma satisfação com os resultados de sua transformação, evidenciando também autoestima.

Os cenários dos retratos não se diversificam muito, a maioria das fotografias, como já dito, está ambientada em espaços privados, principalmente na sala de estar da casa, utilizando-se da mobília para compor a cena, ou apenas da parede como fundo, de modo que Dany é a protagonista e o tema de seus retratos. Nesse sentido, o único retrato que parece evocar um sentido a partir do cenário é o que tem como fundo uma estante de livros, remetendo à ideia de Dany como estudante.



Figura 88. Dany, protagonista e tema de seus retratos.

Apesar de seus esforços para construir uma autorrepresentação desvinculada do estigma da prostituição, Dany relata receber com frequência comentários nos retratos e mesmo mensagens em sua página de recados com propostas de sexo. Segundo ela,

porque as pessoas já têm aquela imagem fixa né, acha que todas faz programa, aí eu, assim que eu entro eu já excluo. Eu já fiz perfil deixando claro já, pra não associar minha imagem com prostituição, não deixar esses recados absurdos, mas mesmo assim deixam.

Dany diz não ter em seu círculo social muitas amigas travestis, mas confessa visitar alguns perfis, mesmo de travestis que não conhece, por curiosidade, olhando principalmente os álbuns de retratos e a rede de amigos.

Dany: A gente tem curiosidade, a gente entra assim em perfis de travestis pra ver como que elas se comportam, pra ver como que é a vida delas, a gente pensa assim, será que a vida delas tá melhor que a da gente? E tá nada, é a mesma coisa... são lutas constantes, é muito preconceito.

Perceber as diferentes formas de conformação das identidades travestis, assim como as diversas possibilidades de autorrepresentação, é atentar-se para a multiplicidade de percepções de si e de subjetividades no interior de um grupo social heterogêneo e plural. Nessa perspectiva, entende-se que a construção de sentido das imagens e autorrepresentações se configuram a partir de expectativas e intencionalidades variadas.



Figura 89. O sorriso de Dany.

Assim como Dany, Carol também tem a preocupação de se distanciar do estereótipo de travesti, associado, sobretudo à prostituição. Para tanto, Carol diz que monitora os conteúdos postados pelos visitantes do seu perfil, além disso, não adiciona à sua rede de amigos pessoas que ela não conhece, deleta mensagens pornográficas que vez ou outra aparecem, e não aceita retratos de pessoas nuas, pois para ela é o conjunto do seu perfil no orkut que vai dizer quem é ela, e não apenas os retratos que estão no álbum.



Figura 90. Os retratos de Carol.

Carol diz nunca ter se identificado com nenhum perfil de travesti que viu no orkut, e afirma perceber que boa parte das travestis permanecem no estereótipo – sexualizado, erotizado, marginalizado – o que acaba influenciando para uma percepção social generalizada acerca destas, conformando uma representação coletiva.

Os principais critérios para a escolha dos retratos que vão para o seu álbum no orkut é se sentir bonita e estar acompanhada de pessoas legais em momentos legais, diz Carol. Por isso, talvez haja uma generalidade nas temáticas e estilos de retratos em seu álbum, havendo certa tendência para os retratos encenados e à referência de fotografias de moda, sobretudo pelas poses: mãos na cintura, ombros arqueados para frente, cabelos esvoaçantes, boca semiaberta, olhar direto para câmera.

Carol não se autoidentifica como travesti em seu perfil e, com exceção de suas comunidades, não há nada que dê pistas disso, o que pode significar muito mais para o modo como é percebida pelos visitantes do seu perfil que não a conhecem, do que para a constituição da sua autorrepresentação em si. Nesse sentido, como ela citou, não se trata de querer ocultar ser travesti, ou de querer fingir-se de mulher, mas sim de não considerar o orkut um ambiente adequado para esse tipo de revelação.

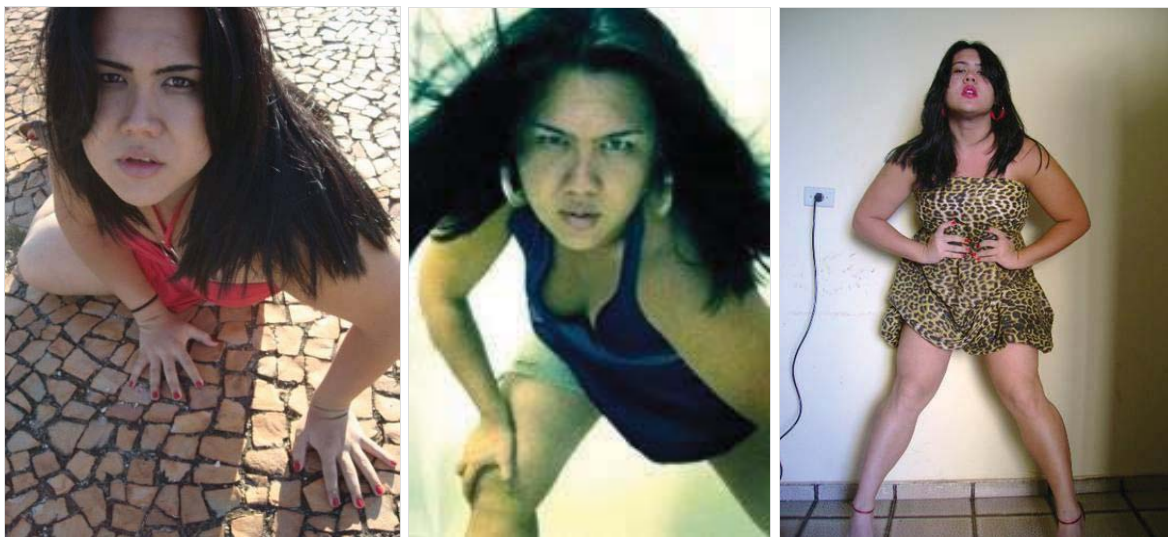


Figura 91. Retratos de Carol: poses encenadas e referências da moda.

Carol se posiciona diante da câmera “como um signo cultural voluntariamente estilizado” (FABRIS, 2004, p.60). Ela dá-se a ver de modo dramatizado, “carão e close”, como ela mesma se refere. De fato, Carol é “closeira”, chama para si atenção pelas poses, pelo olhar e pela personalidade expressa nos retratos. Ela não se deixa fotografar, ela se faz fotografar, dirigindo a cena e criando seu autorretrato. Assim, evidencia-se a idealização de si

em encenações que caracterizam a concepção de um eu como construção imaginária que é revertida em aparência, sobre a qual o olhar paira, sem buscar, contudo, aprofundar-se nos códigos culturais e sociais que o configuram.

O retrato em preto é branco é um recurso estilístico usado, nesse caso, para conferir um efeito mais artístico à fotografia e à cena, brincando com os contrastes e as meias sombras, embora o assunto continue sendo a figura da própria Carol. Da mesma forma, há retratos em preto e branco em que se destaca apenas algum elemento em cores, como uma flor ou o top do biquíni, e variações de ângulos (figuras 92 e 93).



Figura 92. Retratos em preto e branco.

Diferente da maioria dos retratos de travestis no orkut vistos durante essa pesquisa, o foco de boa parte dos retratos de Carol é seu rosto e sua expressão facial. Entretanto, Carol se diz satisfeita com seu corpo “Eu sempre fui muito feminina eu não fiz ainda nenhuma intervenção cirúrgica, tenho vontade, mas não é nada que mude a minha vida, ou que eu me sinta mal por não fazer”. Assim como Dany, os principais recursos de feminização de Carol são os hormônios e as técnicas e cuidados corporais contínuos para criar e manter uma aparência feminina.



Figura 93. Destaque para o rosto.

Os retratos em ambientes públicos, em momentos de socialização, aparecem com destaque no álbum de Carol, principalmente em festas, onde está sempre cercada de amigos. Nestes, Carol também posa diante da câmera, ainda que tais retratos, pelo contexto, apontem para fotos de momentos onde se registra a imagem das pessoas em poses mais espontâneas, às vezes até surpreendidas pelo *flash*.



Figura 94. Retratos de festas.

Carol não cria retratos de ostentação pelos cenários em que a cena se compõe, mas pelo aspecto que a ambientação confere, o clima do retrato é ostentativo: as poses, as caras e bocas, as roupas, alguns efeitos visuais.



Figura 95. Retratos em clima ostentativo.

Muitos dos retratos que estão no álbum de Carol no orkut são os mesmos que estão em seu fotolog¹⁵⁰, mas percebe-se, pela escolha das fotos, que Carol buscou manter no orkut os retratos mais impessoais e que carregam uma maior referência das fotos de moda, em consonância com os demais conteúdos de seu perfil.

Em alguns retratos que estão em seu fotolog o tom dramatizado é acentuado e a teatralização da representação de si evidenciada, como no retrato em que Carol posa vestida de noiva, em traje mais sensual, encenando “desespero” e sugerindo quem sabe a história da

¹⁵⁰ <http://www.fotolog.com.br/caraoeclose/14918905>

noiva abandonada, ou em outro momento em que Carol representa tristeza e desamparo, em pose e situação semelhante, em um dos poucos retratos em que revela mais de seu corpo.

Nestes retratos, mais do que construir uma representação de si, tendo em vista sua imagem pessoal, Carol representa cenas em que o universo sentimental é codificado em expressões faciais e gestualidades, mas com uma abordagem sensual.



Figura 96. Retratos encenados.

A “versão noiva” de Carol se contrasta com outro retrato de travesti com a mesma temática encontrado no orkut. No entanto, são abordagens bem diferentes. O caráter encenado, no segundo, perde lugar para a idealização do sonho de casar-se vestida de noiva, o que remete às questões jurídicas, religiosas e às conjugalidades.

A busca romântica pelo príncipe encantado, ou por “alguém especial” como diz Dany, é uma busca por um relacionamento afetivo que seja assumido publicamente, no qual o cônjuge aceite e assuma sua parceira como ela é perante a sociedade. Além disso, não se pode perder de vista que o desejo de casar de véu e grinalda é um sonho comum a várias mulheres, do mesmo modo como constituir uma família e oficializar a união conjugal com outra pessoa perante as leis civis ou religiosas, fazem parte dos valores heteronormativos que são incorporados também pelas travestis. O mesmo se pode dizer sobre as normas de gênero que baseiam toda a construção da pessoa travesti, com a incorporação de elementos subjetivos e materiais que tem como principal referência as representações de gênero estabelecidas socialmente.



Figura 97. Vestido de noiva.

O que se pode perceber ao visitar e observar diversos perfis de travestis no orkut é a multiplicidade de intencionalidades presentes nas autorrepresentações e a pluralidade de subjetividades existentes. Embora, haja plena consciência de não se ter esgotado as discussões acerca das possibilidades de representações, talvez tenha sido possível sinalizar para o aspecto fundamental de que não se poder falar em uma única identidade travesti ou em uma única representação travesti, e que qualquer tentativa de representação coletiva de um grupo social pode parecer tão arbitrária quanto a fabricação de estereótipos.

Através da investigação das autorrepresentações de travestis nos ambientes virtuais apontamos nesse trabalho que há uma diversidade de existências e representações possíveis. Por meio de escritas e imagens que constituem tais autorrepresentações, conhecemos histórias e posicionamentos distintos de travestis que se percebem e concebem suas identidades de diferentes modos, denotando uma pluralidade de visualidades e visões de mundo, de idealizações para/de si. Desse modo, percebe-se que não se pode falar em uma única identidade travesti, ou em uma representação coletiva que seja capaz de abranger todas as particularidades e especificidades individuais. Assim, reafirma-se a importância das narrativas de si e autorrepresentações para socializar múltiplas experiências de vida e desconstruir identidades hegemônicas, e da mesma forma a relevância de espaços alternativos para a circulação destas.

Como foi possível visualizar, as travestilidades, em suas mais diferentes formas de apresentação e representação, estão presentes no cotidiano social brasileiro. Os produtos culturais midiáticos, sobretudo a televisão, nos trazem com frequência imagens de travestis, de modo geral estereotipadas, marginalizadas, eróticas, risíveis. A reprodução dessas imagens e discursos é capaz de consolidar culturalmente um imaginário sobre as travestilidades, restringindo a percepção e repertório social sobre indivíduos plurais, complexos e heterogêneos em suas construções identitárias. Nesse sentido, o ciberespaço tem se mostrado um ambiente receptivo às mais variadas imagens, narrativas e representações, e por isso mesmo é tão instigante enquanto campo de estudos para as mais diversas áreas do conhecimento.

Desde 2004, o orkut vem se consolidando como uma plataforma de sociabilidade no ciberespaço onde os sujeitos falam sobre si, compartilham experiências e dão vazão a desejos e idealizações. É um ambiente onde as pessoas são quem querem ser e como querem ser, mostram e ocultam o que desejam e sentem-se livres para dizer o que possivelmente em outros espaços não conseguiriam, e é justamente aí que reside o caráter libertário do ciberespaço.

As autorrepresentações presentes no orkut se configuram como um mosaico de identificações que se conforma a partir de fragmentos de textos e imagens que os usuários

publicam e que possibilitam o seu conhecimento e reconhecimento. Responder a pergunta “quem sou eu”, presente no perfil do orkut, é talvez um dos processos mais difíceis de se autorrepresentar no site, pois implica em uma reflexão pessoal acerca de si mesmo e na difícil decisão sobre quem vai se mostrar ali, o que muitas vezes estrutura todo o processo de autorrepresentação.

As imagens, o retrato do perfil e os retratos e autorretratos presentes nos álbuns de travestis no orkut, como procuramos mostrar, não são escolhidos aleatoriamente; há uma justificativa e uma intencionalidade para eles estarem publicados no site. Muitos são posados e encenados com uma intenção específica. Ao querer ser vista como uma moça de família, Dany, por exemplo, publica em seu álbum imagens que para ela são condizentes com essa postura – a sua maior preocupação é que sua imagem não seja associada à prostituição pelo fato de ser travesti, e pode-se dizer que essa posição direciona todo o processo de construção de sua (ciber)identidade e de sua autorrepresentação. Por isso, ela enfatiza em seu perfil no orkut:

Procuro não ser igual, tão pouco ser hipócrita, as pessoas em relação a mim querem ver a vulgaridade, um corpo exposto aos desejos daqueles que procuram aventura, e quando percebem que sou diferente ou riem ou ficam espantados, afinal travesti ainda é sinônimo de vulgaridade ou prostituição e definitivamente cada um escolhe o que quer e vive a vida que quer .

Embora essa seja também uma preocupação de Carol, não fica explícita em suas escritas. Carol não se revela travesti, não acha necessário tampouco oportuno esse tipo de discussão em tal ambiente, e ainda que ambas busquem no site basicamente as mesmas coisas – manter contato com amigos, fazer novas amizades e contatos profissionais – Carol elege outros aspectos para enfatizar. Sua vida social e cultural tem destaque, talvez isso se deva ao fato dela fazer parte de uma classe social mais elevada do que Dany. É possível, portanto, perceber a multiplicidade de possibilidades para a construção das ciberidentidades.

O corpo ganha destaque nas autorrepresentações, pois é de certa forma a materialização de todos os arranjos subjetivos que envolvem o processo de construção identitária e de representar a si mesmo. Sob essa perspectiva, as transformações corporais experienciadas pelas travestis – dentre outros sujeitos transgêneros – revela a maleabilidade do corpo, mas, em contrapartida, demonstra também a rigidez das normas que produzem performativamente o “sexo natural” e o “gênero real” de mulheres e homens, pois a coerência estabelecida historicamente entre corpo/sexo/gênero e desejo é um aspecto chave para a inteligibilidade cultural e para as relações sociais que se desenrolam a partir daí. Por isso,

muitas vezes esta coerência é reiterada inclusive pelos próprios indivíduos que supostamente a subvertem, o que não implica propriamente em dizer que estes se esforçam para seguir “a ordem natural” dos sexos e dos gêneros – vagina, corpo de mulher, feminilidade, desejo por homens –, mas sim para tentar se encaixar nos padrões de masculinidade e feminilidade, por exemplo, no caso das travestis, desejando “se passar por mulher”.

As travestis reconstroem seus corpos tendo por referências materiais os corpos femininos e por referências subjetivas as noções de feminilidade. Assim também as imagens de si se baseiam nas imagens de feminilidade culturalmente dominantes, ou seja, pode-se perceber a partir dos perfis investigados que as autorrepresentações têm como referência as representações de mulheres que circulam principalmente nas mídias, e, desse modo, além da aparência corporal e vestimentas, um universo gestual feminino é incorporado. Da mesma maneira, há aspectos que são especialmente valorizados nos retratos e autorretratos, como a sinuosidade dos seios e da bunda, curvas que revelam a feminilidade, os cabelos e o rosto, onde o olhar ganha destaque. Assim, percebe-se que a representação que as travestis constroem para/de si estão diretamente ligadas à sua imagem corporal, e é nela que concentram seus esforços também para construir suas identidades.



Figura 98. Bárbara, Dany e Carol.

Nesse contexto, pode-se considerar que o desejo das travestis de “se passar por mulher” remete a uma reprodução e incorporação minuciosa da aparência feminina, e à reiteração das representações de gênero dominantes. Assim, parece óbvio afirmar que as travestis, estando expostas aos mesmos valores materiais e subjetivos que a sociedade em geral, valorizem e se utilizem de repertórios semelhantes para construírem seus corpos, suas identidades e também autorrepresentações, enfatizando aspectos valorizados cultural e

socialmente, sem contudo, deixar de lado o repertório apreendido com a experiência da travestilidade, aderindo a técnicas corporais muito específicas.

Em suas autorrepresentações construídas e visibilizadas em diferentes ambientes do ciberespaço é possível finalmente entrar em contato com a imagem que as travestis querem de fato passar de si. A grande questão aqui talvez não seja necessariamente o rompimento com os padrões de representação dominantes, mas principalmente a humanização de suas experiências de vida, o compartilhamento e a visibilidade de distintas histórias e visualidades que demonstram haver uma pluralidade e multiplicidade de existências e representações possíveis para as travestilidades.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, F. de F. & JANELLI, M. *A Princesa: Depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

AMÍCOLA, José. La política y la poética camp. In. *Camp y posvanguardia: Manifestaciones Culturales de um siglo fenecido*. Barcelona: Paidós, 2000, p.49-60.

ARAÚJO JR, José Carlos de. *A Metamorfose Encarnada: Travestimento em Londrina (1970-1980)*. 2006, 159, f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENEDETTI, Marcos. *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.

_____. *Cuerpos que importam: sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

CAMPUZANO, Giuseppe. *Museo Travesti Del Peru*. Peru: Institute of Development Studies, 2008.

COSTA, Marisa Vorraber. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural de identidade. In. *Caminhos Investigativos II*. Editora DP&A, 2002

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIDI-HUBBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FOSCHINI, Ana Carmem. *Coleção conquiste a rede: blog*. São Paulo: Creative Commons Brasil: 2006. Disponível em:

<http://stream.agenciabrasil.gov.br/arquivos/conquiste_a_rede/conquiste_a_rede_blog.pdf>
Acesso em 12 de dezembro de 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.

GOFFMANN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1985.

GOLDENBERG, Miriam. Gênero e corpo na cultura brasileira. In. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro: Vol.17, n.2, p. 65-80, 2005.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200006&lng=en&nrm=iso>

Acesso em 08 de janeiro de 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. 1997.

HERNANDEZ, Fernando. *De qué hablamos cuando hablamos de cultura visual?* Educação & Realidade 30 (2): 9-34, julho-dezembro/2005.

JAGUARIBE, Beatriz. *O choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

JAMESON, Fredric. Transformações da Imagem na Pós-modernidade. In. *A Virada Cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p.171-216.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP, EDUSC, 2001.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 1999.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LEMONS, André; CUNHA, Paulo (orgs). *Olhares sobre a Cibercultura*. Sulina, Porto Alegre, 2003.

_____. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEITE JR, Jorge. *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. O melhor dos dois mundos: sexualidade, entretenimento e pornografia com travestis. In. *Fazendo Gênero 7*, 2006b, Florianópolis.

Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/st_16.html>

Acesso em 21 de setembro de 2008.

_____. *Nossos corpos também mudam: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico*. 2008, 230 f. Tese (Doutorado em Ciências

Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. In. *Revista dos Estudos Feministas*, Vol. 9, nº.2, 2001.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200012&lng=pt&nrm=iso>.

Acesso em: 22 de fevereiro de 2008.

MACEDO, Ana Gabriela. Pós-feminismo. In. *Revista dos Estudos Feministas*, Vol. 14, nº 03, p.813-817, setembro-dezembro/2006.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MALUF, Sônia W. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. In. *Revista dos Estudos Feministas*, Vol. 10, nº 1, p. 143-153, Janeiro/2002.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 401 a 422.

MISKOLSCI, Richard. Do assujeitamento à estética da existência. In. *Revista dos Estudos Feministas*. 14(3); 272, 681-693, setembro-dezembro/2006.

MITCHELL, W. J. T. Mostrando el Ver: Una critica de la cultura visual. In. *Estúdios Visuales* 1. Murcia: Centro de Documentación y Estudios Avanzados de Arte Contemporâneo, Noviembre, p.17-40/2003.

MOTT, Luiz. Pagode português: a subcultura gay em Portugal nos tempos inquisitoriais. In. *Ciência e Cultura*, 40(2); 120-139/1988.

PELÚCIO, Larissa M. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS*. 2007, 313 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade de São Carlos, São Paulo, 2007.

PELUCIO, Larissa. Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos T-lovers. In. *Anais do XII Congresso Brasileiro de Sociologia*, Belo Horizonte, 2005.

PESAVENTO, Sandra J. Mudanças Epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 39-62, 2003.

RITO, Lucia. *Muito prazer, Roberta Close*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para uma teoría radical de la sexualidad. In. VANCE, Carole (Org.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad feminina*. Madrid: Revolución Madrid, 1989, p.113-190.

RUDIGER, Francisco. *Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Jocélio Teles dos. Incorrígíveis, afeminados, desenfreiados: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. In. *Rev. Antropol.* [online]. 1997, v. 40, n. 2, pp. 145-182.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000200005>.

Acesso em: 11 de dezembro de 2008.

SEDWICK, Eve Kosofsky. Epistemologia do armário. In. *Cadernos Pagu* (28), p.19-54. janeiro-junho/2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.16, n2, p.5-22, julho-dezembro/1995.

SIBILIA, Paula. Os *diários íntimos* na internet e a crise da interioridade psicológica. In. *Olhares sobre a cibercultura*. Sulina, Porto Alegre, 2003.

SILVA, Hélio. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In. *Comunicação e cultura das minorias*. BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (Orgs). São Paulo: Paulus, 2005.

SONTAG, Susan. Notas sobre o Camp. In. *Contra a Interpretação*. Porto Alegre: LP&M, 1987, p.381-337.

VENCATO, Anna Paula. Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação. In. *Cadernos Pagu* (24), p.227-247, janeiro-junho/ 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007.

Sites consultados:

orkut: www.orkut.com

http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut#cite_note-1

<http://help.orkut.com/support/bin/answer.py?answer=61746>

Comunidades do orkut:

Travestis do orkut: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=5265404>

Fórum do Hormônio: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=629144>

As mais lindas travestis: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=3784027>

Eu adoro travestis: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=26749976>

Transexuais do Brasil: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=9412002>

Transexuais: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=84789889>

Homens que gostam de travestis: www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=379814

Viciados em Travestis: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=13743645>

Acessos entre janeiro de 2008 e abril de 2009.

Perfis do orkut:

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=7901680862434960162>

<http://www.orkut.com.br/Main#profile.aspx?uid=11276824315992327492>

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?origin=is&uid=12966316047104673918>

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?origin=is&uid=33281841323439592>

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=5705157683944443368>

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=14141909449493695764>

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=7101916177758444867>

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=17124264290273967092>

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=6799226893381898368>

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=14847782778533993869>

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=7901680862434960162>

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=16872113555383448515>

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=7362414793449895183>

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=7362414793449895183>

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=7901680862434960162>

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?origin=is&uid=12966316047104673918>

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?origin=is&uid=33281841323439592>

Acessos entre junho de 2008 e maio de 2009.

Vídeos do youtube: www.youtube.com

Documento especial, Rede Manchete:

<http://br.youtube.com/watch?v=PahHrAzVZeg&feature=PlayList&p=08182DF61F7CBE42&index=18>

Acesso em 21 de dezembro de 2008.

Clube do Bolinha, Quadro Eles e Elas:

<http://www.youtube.com/watch?v=K-81NI-cSck&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=hhlok8SyuK8&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=hhlok8SyuK8>

Acessos entre novembro de dezembro de 2008.

Performance de Laura de Vison:

<http://www.youtube.com/watch?v=QoWvhjzR14M>

Acesso em 01 de dezembro de 2008.

Programa Silvio Santos, Show de Calouros:

<http://www.youtube.com/watch?v=JxN->

[IMox5K0&feature=PlayList&p=A67DAB3773A31DEC&playnext=1&playnext_from=PL&index=31](http://www.youtube.com/watch?v=JxN-IMox5K0&feature=PlayList&p=A67DAB3773A31DEC&playnext=1&playnext_from=PL&index=31)

Acesso em 08 de dezembro de 2008.

Jornal Nacional, crônica de Arnaldo Jabor:

<http://www.youtube.com/watch?v=zgXiAmN2bik>

Acesso em 27 de novembro de 2008.

Site Mix Brasil: www.mixbrasil.uol.com.br

<http://mixbrasil.uol.com.br/cultura/entrevis/entrev/laura/laura.asp>

Acesso em 16 de novembro de 2008.

http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/3_47_53559.shtml

Acesso em 20 de novembro de 2008.

Blogs e Fotologs:

www.bonecaangelicacastro.blogspot.com

Acesso entre novembro de 2008 e fevereiro de 2009.

www.fotolog.com/angelcastro

Acesso em janeiro de 2009.

<http://barbarakysivics.blogspot.com>

Acesso entre setembro de 2008 e fevereiro de 2009.

<http://www.fotolog.com.br/caraoeclose/14918905>

Acesso em abril de 2009.

Site de acompanhantes travestis:

<http://www.bananatrans.com.br>

Acesso entre novembro de 2008 e fevereiro de 2009.

<http://www.travestitotal.com.br>

Acesso em 18 de janeiro de 2009.

<http://www.shemaleglobal.com>

Acesso em janeiro de 2009.

<http://www.brazilianshemalesclub.com/>

Acesso em janeiro de 2009.

Diversos:

www.icarostudios.com.br

Acesso em 06 de outubro de 2008.

http://olhardigital.uol.com.br/digitalnews/noticia.php?id_conteudo=8280

Acesso em 20 de setembro de 2008.

<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML1666417-1740,00.html>

Acesso em 08 de novembro de 2008.

<http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>

Acesso em 22 de setembro de 2008.

http://veja.abril.com.br/070508/p_132.shtml

Acesso em 06 de agosto de 2008.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>

Acesso em 25 de fevereiro de 2009.

<http://www.espacogls.com/noticias/?noticia=450>

Acesso em 17 de março de 2009.

<http://www.mp.go.gov.br/portalweb/conteudo.jsp?page=1&base=1&conteudo=noticia/cb75bedd5c2e38df4b12ba3b0427a1fc.html>

Acesso em 12 de abril de 2009.

<http://memoriaglobo.globo.com/>

Acesso em 16 de janeiro de 2009.

<http://www.blogger.com/terms.g>

Acesso em 01 de maio de 2009.

Depoimentos:

simply carol * : D: Entrevistas realizadas entre novembro de 2008 e janeiro de 2009.

Dany: Entrevistas realizadas entre setembro de 2008 e janeiro de 2009.

Simone Moralis: Entrevistas realizadas entre dezembro de 2008 e fevereiro de 2009.

Acuendar a neca: esconder o pênis (SILVA, 2007).

Boneca: termo utilizado para se referir às travestis, empregado entre elas quanto pelas pessoas que se envolvem sexual e afetivamente (PELÚCIO, 2007).

Chuva de ouro: urinar no parceiro durante a prática sexual (LEITE JR, 2006).

Closeira/ ser closeira: chamar a atenção (PELÚCIO, 2007).

Crossdresser: pessoas que se travestem com roupas do sexo oposto em momentos específicos, sendo compreendido geralmente um fetiche sexual (CAMPUZANO, 2008).

Dote: tamanho do pênis (GLOSSÁRIO MIX BRASIL, disponível em http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/4_61_48431.shtml. Acesso em julho de 2008).

Fake: termo em inglês utilizado nas redes de relacionamento do ciberespaço para designar perfis falsos (SIBÍLIA, 2003).

Fazer carão: fazer pose, esnobar. Outra variação é usar a expressão “ter carão”, como referência a uma pessoa bonita (GLOSSÁRIO MIX BRASIL, disponível em http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/4_61_48431.shtml. Acesso em julho de 2008).

Fazer pista: prática de prostituir-se nas ruas, transitar pelas noites das cidades em busca de programas sexuais (PELÚCIO, 2007).

Fazer programa: trabalhar no mercado sexual, vender sexo (PELÚCIO, 2007).

Fist fuck: penetração do punho na vagina ou ânus (LEITE JR, 2006).

Neca: sinônimo de pênis (GLOSSÁRIO MIX BRASIL, disponível em http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/4_61_48431.shtml. Acesso em julho de 2008).

Nickname: pseudônimo, apelido usado em plataformas virtuais de sociabilidade (LEMOS, 2002).

Sair do armário: assumir perante a sociedade a homossexualidade (SEDWICK, 2007).

Sex appeal: apelo sexual despertado pela aparência, performances, gestualidade, linguagem corporal, expressão da sensualidade e investimento sensual para conquista (GLOSSÁRIO MIX BRASIL, disponível em http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/4_61_48431.shtml. Acesso em julho de 2008).

T-gata: travesti, termo derivado do inglês t-girl (PELÚCIO, 2007).

T-girl: termo proveniente da língua inglesa usado para se referir a travestis (PELÚCIO, 2007).

T-lovers: termo derivado da língua inglesa originado no âmbito da internet que se refere a homens que se relacionam afetiva e sexualmente com travestis (PELÚCIO, 2007).

Transex: termo usado para se referir a travestis e transexuais (GLOSSÁRIO MIX BRASIL, disponível em http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/4_61_48431.shtml. Acesso em julho de 2008).

TS: abreviação de transexuais (ORKUT, comunidade Transexuais do Brasil Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=9412002>). Acesso em maio de 2008).

Tucking: técnica empregada para “acuendar a neça”, bastante usada por travestis, transexuais e crossdressers, e consiste em esconder o pênis por entre as pernas transexuais (GLOSSÁRIO MIX BRASIL, disponível em http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/4_61_48431.shtml. Acesso em julho de 2008).

I. Roteiro de entrevista temática semiestruturada realizada com as travestis donas dos perfis investigados

1. Quando fazemos nosso cadastro no orkut, uma das perguntas que preenchemos em nosso perfil é “quem sou eu?”. Quem é a Carol/ Dany? Você pode contar um pouco da sua história de vida?
2. Quando você se cadastrou no orkut? O que buscava?
3. Com que frequência você entra no orkut e quais são suas expectativas em relação ao site e à interação com outros usuários?
4. Como você quer ser vista no orkut, que imagem quer passar?
5. Como você acha que as pessoas vêem você a partir do orkut?
6. Você acha que as fotos do seu álbum dizem realmente sobre quem é você?
7. O que você quer mostrar ou enfatizar sobre você nas suas fotos?
8. E o que você não quer mostrar? Que imagem você quer evitar que tenham de você?
9. Quais critérios você utiliza pra escolher as fotos que estão no seu álbum?
10. Qual é a repercussão da suas fotos no orkut para a interação com outros usuários... Você percebe se desperta interesse? Há comentários no scrapbook, e se há que tipos de comentários são?
11. Você se vê e se identifica como travesti ou transexual? Em que isso implica na sua vida social e virtual?
12. Você já viu perfis de outras travestis ou transexuais no orkut? O que achou?
13. Você se identificou com algum perfil que já viu?
14. Você se inspira em alguém pra construir sua autoimagem no orkut?
15. Você participa ou já participou de alguma comunidade com temática trans no orkut?
16. Que imagem você tem das travestis de modo geral, as travestis que a gente vê nas ruas e nas mídias?
18. Em algum momento você já se sentiu representada ou já se identificou com alguma trans que apareceu na mídia? Em novelas, filmes, programas de TV...
19. Qual a importância da reconstrução do seu corpo para a construção da sua identidade feminina?
20. O que é ser feminina para você? Como você constrói a sua feminilidade?

21. O que você acha que diz mais sobre você no seu orkut, os textos ou as imagens?

II. Roteiro de entrevista temática semiestruturada realizada com a fotógrafa Simone Moralis

1. Há 8 anos você trabalha fotografando travestis. Você me falou sobre o primeiro trabalho que surgiu... Desde a primeira vez que você fotografou as meninas você já buscou outra abordagem. Qual era a sua proposta?
2. Você falou sobre as produções para sites “gringos”... Que imagem você acha que esses sites passam?
3. Por que você sentiu necessidade de fazer algo diferente, o que mais incomodou você?
4. Que imagem das travestis você quer passar com suas fotos?
5. Quem imagem você acha que elas querem passar com as fotografias?
6. Como é a participação delas na hora da produção? Elas opinam, escolhem o figurino? As roupas e acessórios são delas? Como é esse processo?
7. Qual é o perfil das travestis que fazem ensaios com você? Faixa de idade, classe social... são as tops?
8. Qual o preço para fazer um ensaio?
9. Como era o trabalho com elas antes da internet começar a ser mais usada? Onde as fotos circulavam?
10. O que mudou no seu trabalho depois da internet?
11. Em relação às travestis que fazem programa... O que mudou com a internet?
12. Há quanto tempo existe o “Bananatrans”? Como começou?
13. Você acha que as suas fotos influenciaram os outros sites também?
14. Você acha que o seu trabalho mudou a forma como elas são vistas e tratadas pelos clientes?
15. O que você acha que elas mais gostam no seu trabalho?
16. Você acompanha as transformações do corpo delas... O que elas mais valorizam no corpo?
17. Para elas, o que parece ser mais importante mostrar ou esconder na hora das fotos?
18. E os clientes, o que eles querem ver?
19. Elas fazem transformações e retoques no corpo... e você faz retoques no photoshop?
20. Qual sua preocupação na hora de fazer os retoques?
21. Elas pedem pra corrigir alguma coisa nas fotos ou deixam por sua conta?
22. Qual a diferença do cliente da rua e do cliente que procura as travestis nos sites, o que eles buscam de diferente?

23. Você trabalha só com travestis que fazem programa ou têm outras que atuam em outras áreas?